

Edson Vasconcelos

DE OLHOS BEM FECHADOS

SEXUALIDADE, SUBJETIVIDADES E CONJUGALIDADES NO SWING

**PPGS / UFPB
2015**

Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

Edson Vasconcelos

DE OLHOS BEM FECHADOS
SEXUALIDADE, SUBJETIVIDADES E CONJUGALIDADES NO SWING

Tese de doutorado
submetida ao Programa de
Pós-Graduação em
Sociologia da Universidade
Federal da Paraíba.

Orientador: Adriano Azevedo Gomes de León

João Pessoa
2015

V331d Vasconcelos, Edson.

De olhos bem fechados: sexualidade, subjetividades e
conjugalidades no swing / Edson Vasconcelos.- João Pessoa,
2015.

245f. : il.

Orientador: Adriano Azevedo Gomes de León

Tese (Doutorado) - UFPB/CCHL

1. Sociologia. 2. Estudos sobre sexualidade. 3. Práticas
sexuais. 4. Swing.

UFPB/BC

CDU: 316(043)

Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

DE OLHOS BEM FECHADOS

SEXUALIDADE, SUBJETIVIDADES E CONJUGALIDADES NO SWING

Edson Peixoto de Vasconcellos Neto

Tese submetida, no dia 07/04/2015, ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Doutor em Sociologia.

Aprovada por:

Presidente, Prof. Dr. Adriano Azevedo Gomes de León
(PPGS/UFPB)

Profa. Dra. Mónica Lourdes Franch Gutiérrez
(PPGS/UFPB)

Profa. Dra. Loreley Gomes Garcia
(PPGS/UFPB)

Prof. Dr. Artur Fragoso de Albuquerque Perrusi
(PPGS/UFPB)

Prof. Dr. Benedito Medrado-Dantas
(PPGP/UFPE)

Profa. Dra. Eliana Celia Ismael da Costa
(UFPE)

João Pessoa
2015

Agradecimentos

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia pela oportunidade de ter participado das suas disciplinas e das demais atividades vinculadas ao Doutorado ao longo desses quatro anos de convivência. A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, por ter possibilitado o apoio institucional através da bolsa de Doutorado. Aos docentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, que possibilitaram o aprendizado nas disciplinas. Ao Professor Doutor Adriano de León, pela orientação, pela amizade e pelo apoio em todas as horas. A Professora Doutora Mónica Franch, que me incentivou desde o início a construir essa pesquisa e se tornou a minha co-orientadora.

Obrigado aos docentes que me incentivaram antes do ingresso no Doutorado. Ao Professor Doutor Artur Perrusi, pelas sugestões na formação do projeto e por ter me aceito como aluno especial do Doutorado em Seminários Avançados em Sociologia II e em Saúde e Sexualidade. A Professora Doutora Loreley Garcia pela participação na qualificação. Também agradeço aqueles que sugeriram pontos importantes à pesquisa durante os eventos acadêmicos que pude participar. A Professora Doutora Berenice Bento pelas sugestões durante o XV Congresso Brasileiro de Sociologia, assim como ao Professor Doutor Jorge Leite Junior, pelos comentários durante a IX Reunião de Antropologia do Mercosul.

Gostaria de agradecer às Faculdades de Enfermagem e de Medicina Nova Esperança, que me deram o incentivo docente necessário para que eu pudesse desenvolver as atividades de pesquisa do Doutorado. Da mesma forma, agradeço ao Departamento de Odontologia da Universidade Estadual da Paraíba, campus VIII – Araruna. Também quero agradecer aos participantes dessa pesquisa, aos casais, homens, mulheres e travestis que conversaram comigo ao longo dos quatro anos. Da mesma forma que preciso agradecer aos administradores do Sexlog, que me deram toda a abertura necessária para conhecer a rede social de sexo em seus bastidores, assim como os gestores do Clube Privê Mistura Fina, que me abriram as portas do seu estabelecimento e que contribuíram como informantes dessa pesquisa naquilo que foi possível fazer.

Finalmente, quero agradecer a Géssika Carvalho, pelo apoio de todas as horas.

No swing você pode tudo, mas ninguém é obrigado a nada

Juju MF

Resumo

Esta tese consiste na análise do swing enquanto evento que proporciona um conjunto de desdobramentos relacionados aos processos de subjetivação, às sexualidades e às conjugalidades no mundo contemporâneo. Para fazer isso, tentei entender como são formadas as redes de sexo vinculadas ao swing partindo de dois caminhos específicos: a análise das redes de sexo *on line*, com ênfase no Sexlog (rede social de sexo na internet); e das redes de sexo *off line*, com atenção às festas e aos estabelecimentos dedicados ao tema (casas e clubes). Como um dos pontos principais, parto da categoria "swing" no Brasil como um termo genérico que serve para problematizar um conjunto de práticas sexuais que não se resumem a prática da troca de casais. Isso possui desdobramentos importantes, com relação a como esse momento, o evento de swing, possibilita pensar em outras articulações com relação a categorias relacionadas ao swing como o gênero, a sexualidade e os processos de subjetivação dos sujeitos participantes. Nesse sentido, o swing seria um evento sexual/social específico que possibilitaria a suspensão, ou a diminuição temporária de códigos morais ao mesmo tempo em que permitiria a produção de outros desejos desvinculados à moral vigente, possibilitados através do segredo, da intimidade e do embaralhamento de pontos referentes à sexualidade.

Palavras-chave: Sociologia; Estudos sobre sexualidade; Práticas sexuais; Swing.

Abstract

This work consists in the analysis of swing while an event that provides a set of developments related to the subjectivation processes in sexualities and conjugalities in the contemporary world. To do it, I had tried to understand how linked networks are formed to the swing sex from two specific paths: the analysis of *on-line* sex networks, with a focus on Sexlog (sex social network on the internet); and networks of sex *off line*, with attention to parties and establishments dedicated to the subject (houses and swing clubs). As one of the main points, "swing" category's labor in Brazil as a generic term used to discuss a set of sexual practices that do not summarize the practice of exchanging couples. It has important consequences, in respect to how this time, the swing event, it makes possible to think of other joints in relation to categories related to swing as the gender, sexuality and the subjectivation processes from those who practices them. In this sense, the swing would be a sexual/social event that would make the suspension or the temporary decrease of moral codes at the same time that would allow the emergence of other desires unlinked to morality, possible made through secret, intimacy and the shuffling points concerning sexuality.

Key-words: Sociology; Sexuality studies; Sexual Practices; Swing.

Lista de ilustrações

	Pág.
Figura 1: Página principal do Sexlog	55
Figura 2: Página de edição do perfil do usuário	57
Figura 3: Página de edição do perfil do usuário com o status de interesse	58
Figura 4: Planos de assinatura do Sexlog	60
Figura 5: Página principal do perfil “falandodeswing”	64
Figura 6: Página inicial na internet do Clube Privê Mistura Fina	116
Figura 7: Ilustração da programação semanal do Clube Privê Mistura Fina	117
Figura 8: Cartaz de divulgação de uma das festas no Mistura Fina	118
Figura 9: Outros cartazes do Mistura Fina	120
Figura 10: Cartazes de divulgação do Nefertitti Club	121

SUMÁRIO

	Pág.
1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS	9
1.1. Três olhares do swing	9
1.2. Evento de swing	11
1.3. Configuração inicial da pesquisa	14
1.4. Notas íntimas sobre os percursos de pesquisa	21
1.5. Inserção no campo	28
1.6. Entrevistas, etnografias e roteiros sexuais	31
1.7. O que a literatura e as mídias sociais nos dizem sobre o swing?	35
1.7.1. Questões pertinentes às redes de sexo na contemporaneidade	35
1.7.2. Caminhos sobre a sexualidade: o que dizem as pesquisas sobre o swing?	37
1.8. O início, o fim e o meio: os pressupostos que parto nesta pesquisa	44
2. A REDE DE SEXO ON LINE	48
2.1. Algumas considerações sobre a aproximação dos usuários do Sexlog	48
2.2. Do Fotolog ao Sexlog: uma trajetória da rede social de sexo	53
2.3. Algumas notas sobre a presença do pesquisador e a inclusão no campo	61
2.4. Camus	74
2.5. Pauzudo	76
2.6. Sr Camargo	85
2.7. Casal70	88
2.8. Casal F	96
2.9. Casal HH	106
2.10. Casal md	110
3. A REDE DE SEXO OFF LINE: você pode tudo, mas não é obrigado a nada	112
3.1. Casas de swing no Brasil	112
3.1.1. Entrada na casa	115
3.1.2. Propaganda, divulgação e fluxo da casa	117
3.1.3. Relato da observação de uma casa de swing	127
3.2. Algumas trajetórias da rede de sexo off line	144
3.2.1. Os produtores	144
3.2.1.1. Juju MF	144
3.2.1.2. Casal Paulista 40	149
3.2.2. Os consumidores	153
3.2.2.1. C e K	153
3.2.2.2. Senhorita Mary	156
3.2.2.3. Casal Breno e Brenda	166
3.2.2.4. Casal hedo	170
3.2.2.5. Casal RJ	182
3.2.2.6. Casal 360	190
3.2.2.7. Casal L e L	202
3.2.2.8. Casal V e C	207
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	213
4.1. Conjugalidade e as suas implicações na rede de sexo na qual o swing se articula	213
4.2. O erótico como transgressor	221
4.3. Práticas sexuais e identidades sexuais	225
4.4. Roteiros sexuais e estereótipos	231
4.5. Relação entre mercado e sexo	235
5. REFERÊNCIAS	237
APÊNDICE	243

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Para apresentar o tema dessa pesquisa ressalto três cenas que poderiam ser encontradas em qualquer lugar do Brasil. Elas refletem um pouco do que observei ao longo dos últimos quatro anos e servem como uma apresentação desse trabalho. São três momentos diferentes. Três breves cenas reunidas como visões diferentes sobre o mesmo evento: o swing. Esses três olhares dão uma primeira impressão sobre o que irei apresentar nas próximas páginas, mostrando o que se poderá encontrar com esse texto e as conclusões que podem ser retiradas a partir disso.

1.1. Três olhares do swing

Primeira cena: um rapaz se masturba dentro de seu quarto até ficar com o pênis ereto. O seu objetivo não é o de chegar ao orgasmo, mas o de deixar o pênis ereto, ou, como ele costuma dizer, “em posição de combate”. Ele faz isso na frente do espelho, pois quer aproveitar para ver de outro ângulo que não seja a visão periférica tradicional como está o seu sexo. Aproveita para verificar todos os detalhes: depilação? Em dia. O pênis já se encontra adequadamente ereto? Confere.

Depois da checagem, saca o celular do bolso e rapidamente faz quatro ou cinco fotos do seu sexo em estado de excitação. Duas ou três posições diferentes com e sem o uso do flash da câmera do celular ativado. Ele cuida das fotos com esmero. Para extrair o melhor da cena ele pega e manipula o sexo, segurando em sua base, erguendo o falo para cima; aperta e segura o falo junto com o escroto depilado cuidadosamente, formando um conjunto só dentro de suas mãos, tudo isso em prol de uma imagem que seja diferente da outra e que retrate posições variadas. Essa variação vai proporcionar, dentre outras coisas, uma diversidade de opções futuras, seja pelo cuidado no tratamento com que escolheu as poses e os ângulos, ou na forma como vai tratar as imagens posteriormente, editando as cenas e multiplicando ainda mais as possibilidades de variação em torno de um número limitado de fotos feitas.

Ele pretende com essas imagens criar um perfil em uma rede social de sexo. O seu intuito nesse lugar é o de encontrar mulheres e casais para aventuras sexuais. Até agora nunca teve esse tipo de experiência, mas morre de vontade de realizar, principalmente o sexo com outro casal. Ele criou o perfil e preencheu as informações gerais sobre si, como nome, idade, peso, altura e preferências sexuais. O último ponto para que o perfil pudesse ser criado e visualizado por outros usuários seria a publicação das primeiras fotos. Para a foto principal, a que fica nos sistemas de busca e no topo do perfil do usuário da rede social, ele escolheu a que seria a melhor daquela sessão. Selecionou aquela que aparentemente retrata o seu pênis mais ereto.

Após a publicação da primeira foto ele continuou e no mesmo momento publicou mais uma, onde segurava novamente na base do sexo, apontando para cima, em posição de ascensão do falo na vertical. Posta as duas fotos com ansiedade, esperando que o convite para o sexo surja o mais rápido possível.

Segunda cena: um casal jovem está em frente a webcam do computador de mesa do seu apartamento. Eles estão conversando com um casal que saem para transar com frequência. Depois de algum tempo de conversa ele resolve ficar em pé do lado dela. Ficou excitado com a conversa e quer fazer algo inusitado para esquentar ainda mais o clima entre os quatro. Ela continua sentada, em frente ao computador. Com ela sentada e ele em pé ao seu lado, no foco da câmera pode-se ver somente o ângulo que pega da sua boca, até os seus seios que estão do lado e na altura da pélvis dele. Do outro lado, o casal amigo se acaricia. Eles se beijam de forma ardente e olham para a tela do computador, como se ali houvesse algo de correspondente as suas carícias. Como se as reações dos seus toques tivessem uma ligação com aquelas pessoas que estavam do outro lado da tela.

Desse lado, o casal vai além: ele enfia a mão por dentro da blusa dela, revelando por completo os seus seios e os acariciando sem parar. Em retribuição, ela agarra com firmeza o sexo dele, o acariciando como se estivesse simulando uma masturbação, ainda por cima dos shorts. Rapidamente ela retirou o sexo dele para fora do calção e o abocanhou, o engolindo pela metade. Enquanto isso, o outro casal se masturba. Um tocando o outro, olhando a tela do computador como os cachorros que observam aquelas máquinas de assar frangos em mercearias, a

famosa “televisão de cachorro”. Ambos gozam. Ele, na boca dela e os outros, um na mão do outro.

Terceira cena: ele entrou pela primeira vez naquele lugar. Fora da internet era a sua primeira experiência em lugares especializados em festas de sexo. Ele passa pela penumbra que dificulta a visualização, inclusive de quem está muito perto. Entra em um corredor e observa ao fim três portas. Ele se sente inseguro e ao mesmo tempo curioso. Inseguro, por não saber o que lhe aguarda por trás de nenhuma delas; curioso, porque é justamente o desconhecimento que lhe dá mais vontade de virar qualquer uma daquelas maçanetas.

Depois de escolher uma das portas, adentrou no ambiente e não conseguiu ver quase nada. Observou em meio à penumbra que ali muita gente fazia sexo. A visão dentro do quarto era ainda mais difícil do que nos outros ambientes da casa. Ele só via vultos, fantasmas em cima da cama sendo penetradas; mais outros fantasmas ajoelhados fazendo um movimento de “vai e vem” com as suas cabeças, sempre indo de encontro com a virilha de outros fantasmas. Além disso, ele também conseguia ouvir muitos sons que os fantasmas faziam. Gemidos, tapas, bocas fazendo sons inaudíveis, como se fosse um beijo ou uma lambida. Chegou a escutar alguém que dizia do seu lado sobre o tamanho do sexo de alguém e como ele era diminuto. Esse comentário veio acompanhado pelas gargalhadas que foram abafadas por alguma coisa como a superfície de um torso, que pressionou o seu rosto de quem fez aquele comentário, até tornar a gargalhada cada vez mais distante. Acompanhou tudo isso e guardou na memória como a sua primeira ida a uma casa de swing.

1.2. Evento de swing

Essas três cenas descritas acima estão articuladas a um tópico em comum. Um evento, que reuniria essas pessoas de algum modo. Refiro-me ao swing. Apesar de o swing ser uma fantasia erótica específica (a rigor, reservada à troca de casais e as experiências reservadas a esse tipo de interação) é a partir dele que se agregam as mais variadas experiências. Especificamente no Brasil, a palavra swing abarca uma sopa de letrinhas quando se fala em fantasias eróticas: desde a troca de parceiros, passando pelo voyeurismo e o exibicionismo, agregando mais de uma

pessoa (conhecido como *ménage à trois* e as suas variações masculinas e femininas) chegando até o sexo grupal. Além dessas práticas sexuais, o swing ainda pode dialogar com outros fetiches, como o BDSM, o dogging¹ e o crossdressing.

Portanto, a festa, a rede social ou o encontro de swing provam e proporcionam, entre outros pontos, esse conjunto de possibilidades de ações sexuais para os sujeitos que desejam participar. A visão do “oculto” está relacionada com a ideia de que se parte desse ponto como um *lócus* de realização das mais diversas vontades, onde o tesão, o desejo e a excitação tomariam as subjetividades de assalto ocasionando a partir daí formas variadas de se relacionar consigo e com o outro através desse encontro. Formas essas que podem muito bem dialogar com categorias já conhecidas como o casamento, a moral, a intimidade e a fidelidade.

Nesse sentido, o swing como será analisado aqui irá proporcionar um momento de manifestação de performatividades específicas sobre o seu campo de circulação. Esse é um dos objetivos que busco nesta pesquisa, observar como ocorrem essas interações e quais são as especificidades que fazem com que se possa refletir sobre as formas como lidamos atualmente sobre o desejo e a sua força nas instâncias diversas, tendo sempre como ponto principal o sexo e o desejo do outro como fonte de articulação (ponte).

As trocas, assim como o jogo sexual que estão envoltas as experiências relativas às fantasias sexuais podem ser vislumbradas através do swing. Swing enquanto meio e não como fim. Pois, a finalidade do sujeito que se insere nesse plano não é o de pura e simplesmente praticar o swing (Swing como fim), mas ter o swing como trampolim para uma série de oportunidades relativas ao sexo. Isso vem a calhar, pois anteriormente me referi a palavra swing como algo genérico, e não somente a prática sexual em si. A possibilidade genérica reside justamente aí, enquanto possibilidade de tornar a palavra e todos os seus significados articulados a inerência de outras demandas que possam atender as vontades e os desejos de seus adeptos.

Para entender esses contextos lançarei o meu olhar sobre o swing. Acompanharei as festas, as casas e as redes sociais na internet que os sujeitos

¹ Dogging é um termo em inglês que significa atos sexuais em público ou parcialmente em público, onde outras pessoas possam ver. Geralmente feito por mais de duas pessoas. Sexo grupal, ou mesmo o sexo de uma mulher com vários homens pode ser incluído. A observação é encorajada. O exibicionismo e o voyeurismo geralmente são associados ao dogging.

interessados mais frequentam. Farei aquilo que Bill Harford faz ao desvelar a mansão nas proximidades da cidade de Nova Iorque e descobrir o que há por trás da festa que o pianista Nick, seu antigo colega de faculdade e agora um músico tentando a vida na cidade não sabe muitas informações. Só sabe aquilo que consegue enxergar através da fresta de sua venda, pois toca seu piano vendado nas festas que ocorrem mensalmente, sempre em um lugar diferente. Tais cenas podem ser vistas no filme “De olhos bem fechados” (Kubrick, 1999) no qual o personagem principal adentra a uma dessas festas, mascarado e encapuzado como manda o convite e descobre um culto secreto, com um grupo de pessoas que se reúnem para promoverem encontros regados a sexo, bebidas e drogas.

Farei da curiosidade e ao mesmo tempo do desejo em uma situação fora da rotina pela qual passa Bill Harford ao longo do filme a minha metáfora nessa pesquisa. Adentrarei estes espaços com a curiosidade e o interesse maior em querer conhecê-los. Em desvelá-los em todos os seus detalhes possíveis. Em colocar à prova as minhas próprias convicções e os meus desejos enquanto possibilidades de diálogo com essas relações no campo de pesquisa. Ou seja, observar o outro fazendo esse jogo de espelhos entre eu enquanto autoria/pesquisa e o outro.

O diálogo entre esse percurso é o resultado desse escrito, que nada mais é do que a adequação e acomodação de ambos os lados a uma frequência comum. Se o sujeito já não é mais uma estrutura, ou essência e nada mais do que discursos que o percorrem e o formam, nas relações que podem ser percebidas de alguma maneira, farei aqui o registro de como essas experiências percorreram a mim de algum modo. A pesquisa, na verdade, será o suporte de informação de como me tornei outra coisa ao ser “atravessado” por esses desejos, fantasias e fetiche. O resultado de tudo isso, os fragmentos que foram selecionados por mim, provisoriamente esboçados, formam essa experiência observacional e científica.

1.3. Configuração inicial da pesquisa

Essa tese é o resultado de um esforço de pesquisa organizado nos últimos quatro anos. Esses últimos, só foram a organização formal da proposta que já se planejava desde 2009, e que só pode ser encaminhado a partir de 2011. As

dificuldades foram muitas, principalmente em se falando em uma pesquisa cujo tema girava em torno aos comportamentos relegados ao que costumamos chamar de sexualidade e intimidade.

Naquele momento, a visão sobre swing se referia à troca de casais e outras práticas sexuais que envolvessem pessoas com algum tipo de relacionamento, mas que tem a categoria “swing” como fator de atração. Nisso poderia ser incluído o ménage à trois, masculino e feminino (sexo a três, com dois homens e uma mulher, ou duas mulheres e um homem), o voyeurismo (prazer em observar situações eróticas, que envolvam sexo explícito ou a sua insinuação), exibicionismo, sexo no mesmo ambiente e a troca de casais propriamente dita. Nesse caso, o swing serviria como um guarda chuva que englobaria uma miríade de outras práticas e encenações sexuais reunidas sobre o mesmo nome genérico.

Essa impressão sobre o que se estava querendo trabalhar foi mudando, na medida em que o trabalho de campo foi desenvolvido e o acompanhamento sobre a rotina dessas pessoas foi formando um conjunto de impressões diversificadas sobre o fenômeno em questão. Isso será ressaltado ao longo do trabalho e uma explicação mais detalhada será dada a seguir.

Inicialmente um projeto de pesquisa sobre swing se justificava pelo fato de existirem, no Brasil, poucos estudos nas Ciências Sociais e também por ser um tema que estabelecia diálogos com algumas áreas que me interessavam, como por exemplo, a sexualidade, a conjugalidade e os processos de subjetivação na contemporaneidade. Alguns desafios foram encontrados já na construção da ideia da pesquisa. Nas conversas que mantive de preparação da proposta com o meu orientador, Adriano de León, demonstrei o interesse por uma redefinição da discussão sobre sexualidade como um ponto central no desenvolvimento da pesquisa do doutorado. No início pensava em desdobramentos mais amplos sobre o espectro da sexualidade, pensando em trabalhar inclusive com o BDSM, mas, no fim, por já possuir um esboço sobre o campo, o objeto de estudo passou a ser somente o swing.

Logo de início Adriano de León se mostrou reticente com a ideia de acompanhar praticantes de swing, e me indagou com uma questão simples sobre os procedimentos de coleta de dados em uma futura pesquisa, se esse tema porventura tivesse um prosseguimento: talvez não fosse possível executar essa

pesquisa, pois eu desejava fazer a prospecção de dados que estão na ordem do privado daqueles que seriam os meus informantes e isso prejudicaria, ou mesmo chegaria a inviabilizar a execução completa do campo. Até porque um dos pontos fundamentais do projeto era justamente entrevistar os praticantes e envolvidos nessa rede de sexo estabelecida através do swing.

Buscar os informantes e estabelecer com eles um contato mais próximo passou a ser uma questão fundamental, não só para viabilizar o trabalho em termos éticos e científicos, mas para que a execução do que foi planejado transcorresse a bons termos. Nesse caso, a ideia era a de acompanhar um conjunto de pessoas ligadas ao swing, observando as suas trajetórias ao longo do tempo, do início e das iniciações (das primeiras experiências sexuais, até as suas memórias sobre os primeiros passos nos lugares que frequentam e no relacionamento com os outros participantes).

Quando se fala sobre desafios da pesquisa de campo, um deles é trabalhar com questões ético-morais, relacionadas à intimidade, sigilo e descrição das informações coletadas. Acrescente-se a isso a abordagem sobre sexualidades. As pesquisas desenvolvidas sobre o campo das sexualidades trazem, não só os desafios para esse esquema entre campo/segredo/pesquisa, mas discutem o alcance, os fundamentos e os limites das pesquisas envolvendo seres humanos. Isso é importante de se salientar, pois na maior parte dos estudos pensar em intimidade e sigilo se torna o limite onde o pesquisador não deve ultrapassar. O problema que se coloca reside em como esses limites são construídos e quais são os tipos de limitação aos estudos que estão sendo implicados. Isso mexe e suspende questões muito próximas hoje em dia da ética, das problemáticas no campo da etnografia, na inclusão das metodologias que trabalham com as mídias digitais, bem como com a política biomédica instituída nos comitês de ética em pesquisa Brasil afora.

O que estou dizendo aqui é que a intimidade e o sigilo, que aparentemente são colocados como barreiras naturais para o pesquisador, devem ser problematizados em seus lugares de poder e como legitimadora de discursos e de comportamentos considerados moralmente aceitos e normalizados. O limite da intimidade é a fronteira decidida aleatoriamente como o lugar onde ficam reservados os discursos moralizantes e os discursos éticos. De que formas aquilo que é

considerado “de caráter pessoal” dialoga com aquilo que é considerado “de informação pública”? Como essas coisas estão implicadas? O interesse dessa pesquisa parte desse pressuposto básico para elaborar um conjunto de considerações possíveis que possa alcançar esses pontos.

Dois acontecimentos, no sentido foucaultiano de termo, enquanto aparecimento de uma particularidade única, no espaço e no instante de sua construção, possibilitou a mudança na perspectiva de como seria o trabalho no desenvolvimento do processo de formulação da pesquisa, mas também quais seriam os desafios que poderiam ser vislumbrados na execução de um empreendimento como esse².

Em 2009 houve a possibilidade de participar como colaborador da pesquisa intitulada “Casais soro discordantes no Estado da Paraíba: subjetividade, práticas sexuais e negociação do risco”, financiada pela UNESCO e pelo Ministério da Saúde. Ao atuar junto aos casais soro discordantes como entrevistador questionando e ouvindo todas as suas inquietações, seu percurso até ali, sendo acompanhados periodicamente pelas equipes de saúde especializadas, muita coisa foi sendo confirmada em termos de como poderia conduzir uma pesquisa onde fosse trabalhado uma problemática tão complexa como o HIV/AIDS e ter a possibilidade de, mesmo assim, conseguir dar prosseguimento a pesquisa e ao campo.

Acima de tudo ao obter o êxito necessário em encontrar tantos personagens disposto a falar, apesar de sua condição delicada como sujeitos da pesquisa e das circunstâncias de pesquisa que foram muitas vezes encontradas no campo³. Essa experiência de campo foi capital para que eu pudesse pensar em uma questão fundamental: se eu poderia trabalhar com uma temática dessa envergadura, fazendo um trabalho de campo bem sucedido, também seria possível conseguir trabalhar com a abordagem da sexualidade em outros contextos! Foi o que acabou acontecendo.

² Sobre a noção de acontecimento ver Foucault (1972).

³ Pesquisa desenvolvida no ano de 2009, intitulada “Casais soro discordantes no Estado da Paraíba: subjetividade, práticas sexuais e negociação do risco”, coordenada por Mônica Franch, Artur Perrusi e Fátima. As dificuldades e os desafios encontrados residiam em falar com pessoas cuja condição nem sempre era favorável para uma conversa onde o fator fundamental era o fato de estar em uma situação delicada (um dos membros de díade convivia com o HIV), ao mesmo tempo, essa conversa acontecia nas instalações do próprio hospital.

De outro lado, em paralelo a participação nessa pesquisa, houve a preocupação em iniciar um processo de triagem na construção do campo de desenvolvimento do projeto de doutorado. O primeiro passo foi buscar os sujeitos da pesquisa. Aonde os praticantes de sexo se encontram e têm os seus primeiros contatos? Existem locais específicos para esses encontros? A internet é utilizada para tal intento? Naquela ocasião, a utilização das redes sociais já crescia no Brasil consideravelmente e locais como o Orkut já eram espaços para encontro entre as pessoas que se interessavam por swing e sexo. Ainda em 2009 publiquei um anúncio em algumas comunidades do Orkut sobre a proposta de desenvolver uma pesquisa sobre swing, o que chamou a atenção de muitas pessoas de imediato, que se colocaram à disposição para participar, sendo entrevistados.

As redes sociais foram procuradas inicialmente por perceber, nessa triagem, que a ênfase do trabalho seria voltado para as trajetórias dos sujeitos que vivenciam esses espaços como uma rede de sexo formada através de contatos variados. Há nessas redes de sexo uma variação na procura a nos objetivos dos seus usuários. A pesquisa não objetivava acompanhar só aqueles que se vinculavam de alguma forma com o swing visto da maneira tradicional como a troca de casais. Antes disso, a intenção foi de encontrar pessoas disposta a falar sobre os seus desejos e entendê-los nas suas implicações com os relacionamentos, na vida desses sujeitos e em suas sexualidades. No fim, acabei percebendo que o swing se tornou uma espécie de guarda-chuva de possibilidades e a pesquisa acompanhou a costura e a articulação dessas redes de sexo, seja *on line*, seja *off line*. O uso das redes sociais em um primeiro momento não excluía as outras possibilidades que foram acontecendo, os desdobramentos em torno das redes de sexo na internet ocorreram naturalmente articulando as casas de swing e as festas privadas de pessoas interessadas em sexo.

Rapidamente foi reunido algo em torno de 30 perfis que se dispunham a participar da pesquisa. Digo perfis e não pessoas. Explico: muitos dos perfis pesquisados também reuniam mais de uma pessoa. Muitos deles casais, alguns grupos que utilizavam a rede social para divulgar e marcar festas periodicamente. Esses perfis e os seus contatos foram reunidos e listados partindo da disposição que demonstravam em participar de alguma forma do desenvolvimento do trabalho, o

que foi muito importante nesse primeiro momento de convencimento de todas as partes.

Esse era o plano inicial, dando ênfase em três pontos fundamentais: a configuração conjugal inerente aos casos de sujeitos que participam do swing enquanto casais; o comportamento sexual desses sujeitos e como isso possa ser afetado pela inserção em práticas consideradas dissidentes; e como isso está enredado em um processo de articulação dessas ações na resignificação de atitudes e de comportamentos sociais, de cunho pessoal, relacionados à forma como esses sujeitos se configuram dentro desse fluxo, o que poderíamos chamar provisoriamente como processo de subjetivação dentro do swing. Como essas pessoas que resolvem se inserir espontaneamente em meio a outro tipo de interação sexual/social são modificadas ao interagirem com o meio.

Na verdade, o tema central e a trajetória da pesquisa acabaram sendo adequadas ao longo do tempo. O swing como tema central acabou não contemplando todos os processos sociais e sexuais inseridos na trajetória da pesquisa. Ao contemplar o tema swing nessa pesquisa, percebi que ele reunia em si um conjunto de práticas, fantasias e fetiches relacionados ao sexo que não se encerram com o significado original da palavra swing em muitas outras circunstâncias e configurações territoriais e locais.

O termo acabava sendo uma palavra genérica para se referir a esse conjunto variado de ações associadas ao sexo, sem trazer necessariamente o significado aproximado ao que se queria fazer. Sendo assim, este trabalho, ao pesquisar sobre o swing levará em conta essa característica peculiar da pesquisa. Não será abordado nas próximas páginas pura e simplesmente a troca de casais, mas o conjunto de possibilidades inerentes ao swing e aos significados adquiridos por essa palavra no Brasil a partir dos seus canais de divulgação e de interação.

O segundo é o percurso da pesquisa. Inicialmente, a ênfase do trabalho estava na trajetória dos informantes. Suas histórias e como o swing está inserido em suas vidas. Isso permanece sendo um ponto importante no trabalho, mas outras questões que estão articuladas a essas trajetórias apareceram ao longo da pesquisa de campo e não poderiam ser deixadas de lado. Entre elas, duas tomam destaque: a importância das redes sociais de sexo, com ênfase na mais importante delas, o Sexlog; e a presença nas festas e nos estabelecimentos especializados.

Esses dois pontos não estavam no planejamento inicial da pesquisa e acabaram sendo incorporados justamente durante o trabalho de campo e a visualização de sua importância em ambos os casos. O motivo por não ter incorporado anteriormente é simples: no local onde essa pesquisa começou o seu campo, João Pessoa, capital da Paraíba, ainda não possui até hoje estabelecimentos especializados para o swing. Além disso, eu não havia ainda visualizado a intensidade que as redes sociais de sexo possuem na aproximação entre essas pessoas. Como disse, a aproximação dos primeiros informantes ocorreu por intermédio do Orkut, mas a rede social não era um ambiente voltado para esta prática e pouco tempo depois deixou de ser a rede social mais popular no Brasil, para dar lugar ao Facebook⁴.

Essas impressões mudaram na medida em que adentrei no campo de pesquisa. O contato com as pessoas, observar o caminho no qual havia o fluxo de contatos entre os sujeitos que costumavam adentrar o swing foram questões fundamentais nas definições dos parâmetros básicos do projeto. Nesse caso, as demandas e mudanças reservadas às modificações já relatadas foram dadas pelo próprio campo de pesquisa e não o inverso. Ouvir o campo, observar o que havia em seu interior e ir adentrando cada parte foi o ponto básico. O objetivo não foi o de observar uma determinada realidade e adequá-la aos meus interesses, mas sim o contrário.

O ponto de partida era o swing como prática sexual e o seu impacto nos adeptos. Aquilo que estava esboçado no projeto não foi confirmado em sua totalidade no momento da prospecção dos dados, pois a etnografia sexual que envolveu essa pesquisa acompanhou através dos depoimentos dos informantes, das festas, das casas e das redes de sexo, um conjunto de ações que foram além das expectativas do planejamento que foi realizado há quatro anos. Isso foi importante e demonstrou não só a máxima de que todo o objeto de pesquisa é vivo, e o que se faz no planejamento de pesquisa nada mais é do que uma foto, um fotograma daquilo que se quer investigar, mas como também houve a tentativa de tentar ouvir,

⁴ Inclusive o Orkut não permitia a divulgação de fotos consideradas eróticas ou qualquer tipo de conteúdo nesses moldes. Além disso, não era permitido o uso da ferramenta por menores de 18 anos. Vez por outra, muitos perfis se surpreendiam ao acessarem as suas contas e receberem a fatídica mensagem que nenhum perfil erótico gostaria de receber: o seu perfil foi bloqueado e excluído.

o máximo possível, aquilo que o campo de pesquisa informava, tentando perceber discursos, padrões e comportamentos que permitissem realizar aquilo que estava sob o alcance das possibilidades que o tema dava na execução desse trabalho.

Essa resposta foi a mais importante. Respeitar o campo de pesquisa no sentido de entender as suas nuances, sem querer filtrá-lo por uma teoria ou algum tipo de sistema geral de conceitos que faria com que aquilo que foi observado se encaixasse em uma parte compreensiva de um conjunto de proposições anteriormente criadas e exportadas para o tema em voga. Esse não foi o interesse nesse levantamento e trazer as reflexões sobre o acompanhamento do campo ao longo dos últimos anos é a prioridade deste trabalho.

De fato, não há investigação social sem comparação, paralelos e análises que tragam a relação entre determinados efeitos e a aparição de situações semelhantes nessa pesquisa. Eu não fugi disso. Mas são coisas diferentes, pois os métodos, conceitos e reflexões outras foram utilizadas como a metáfora foucaultiana da caixa de ferramentas. Ou seja, a forma de se fazer pesquisa se dá através da forma como se produz a interpretação sobre os fatos. Esse olhar interpretativo é conduzido a partir da organização científica das ferramentas que vão ser utilizadas nessa investigação. Com ênfase na análise, na interpretação e na problematização dos aspectos relacionados ao tema em voga, o intuito seria o de organizar o conjunto metodológico (ferramentas) mais adequado para se efetuar uma investigação que seja a mais profunda e crítica possível. Esse é o meu interesse enquanto pesquisador das sexualidades com esse trabalho.

1.4. Notas íntimas sobre os percursos de pesquisa

Acompanhar essa circulação na rede de sexo se fez a partir de três caminhos bastante delimitados, todos eles organizados por uma pesquisa etnográfica; 1) fazer uma observação participante nas casas de swing, baladas liberais e festas privadas; 2) acompanhar a trajetória de alguns desses personagens que participam dessa rede de contatos que estão inseridos na internet através de redes como o Sexlog, mas também fora dela, nos contatos estabelecidos nos encontros pessoais; 3) finalmente, efetuar um trabalho de observação das interações em uma rede social de sexo, no caso, o Sexlog. Essas três iniciativas não foram escolhidas

aleatoriamente, mas cada uma delas possui peculiaridades que precisam ser ressaltadas em suas especificidades, sobretudo, nas questões relativas ao swing e suas articulações com a rede de sexo.

Outro ponto importante que pode ser ressaltado sobre as pesquisas sobre sexualidade são os dilemas teóricos, metodológicos e éticos na relação entre o pesquisador e o grupo pesquisado. Alguns pesquisadores já refletiram sobre isso e veem como uma questão interessante a ser trabalhada (PELÚCIO, 2009 e WEID, 2008). Entre esses pontos se pode destacar, em termos éticos, a relação entre o momento do trabalho de campo, com ênfase, na etnografia e nos limites da pesquisa.

Isso leva, inclusive, a uma discussão, muito cara para os antropólogos e sociólogos, que é a do trabalho com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Muitos deles apontam que, apesar de todos os ganhos em torno da utilização do TCLE como estratégia de segurança ética para os sujeitos que participam de uma pesquisa, ele também possui um conjunto de limitações que colocam em xeque a sua utilização em diversas situações. Há quem diga, inclusive, que o TCLE protege mais o pesquisador do que o próprio pesquisado. O fato de ali existir uma questão de autoridade, um documento que está no intermédio de uma relação que se deseja construir é algo que limita e muitas vezes entrava a aproximação. Especialmente em temáticas sensíveis, e quando se envolve práticas em que sujeitos fazem questão de preservar o anonimato.

Isso foi sentido no momento de aproximação durante o trabalho etnográfico. Tanto nas entrevistas através da internet, que foram desenvolvidas em programas de conversa instantânea como o Messenger, até aquelas que foram feitas presencialmente. Em ambos os casos, a presença do TCLE quase sempre foi ignorado pelos entrevistados. Isso é um ponto que se deve refletir ainda mais, pois existe muita resistência dos entrevistados em assinar um documento que autorize a participação na pesquisa. A formalização desse ato foi um ponto que impediu que a relação de confiança que era necessária na aproximação com os informantes acontecesse. A relação de confiança acabou sendo construída mediante a continuidade dos diálogos e o fortalecimento dos laços de amizade.

Como informar para um sujeito de pesquisa que pratica sexo utilizando um perfil público em uma rede social de sexo, com o objetivo de encontrar homens,

mulheres e casais que ele deve assinar um termo autorizando que as informações cedidas por ele não serão utilizadas sem o devido respeito ético/científico? De que forma se pode pensar que todo um conjunto de estratégias, elaboradas quase sempre pelo pesquisador para conseguir informações de seus colaboradores, onde entraria o instrumento que poderia garantir à segurança, de ambas as partes, para o andamento da pesquisa, sem deixar de levar em consideração a proteção das informações coletadas? De que maneiras o documento e outros tipos de estratégias, que tem como fundamento a proteção dos que estão sendo entrevistados, também não interrompe o mais importante em uma pesquisa de sexo, que é a observação e as informações coletadas nas entrevistas?

Essas foram algumas questões enfrentadas no início da pesquisa. Mesmo sabendo dos seus efeitos, os instrumentos normativos recomendados pelos comitês de ética acadêmicos atrapalham na interação, pois quase sempre são estratégias que interrompem a interação, com o objetivo de garantir a segurança das informações. Pode-se colocar como uma interrupção necessária, mas no caso dessa pesquisa, uma interrupção que poderia custar uma informação importante, ou mesmo a perda de um contato que possibilite a continuidade de uma observação mais consistente do tema em questão.

Nesse caso, a proximidade com os sujeitos foi ocorrendo aos poucos e na medida em que as conversas foram acontecendo e a sua disposição foi ocorrendo, pude ter mais acesso as suas trajetórias, ao ponto de ser autorizado a utilizar dessas informações nessa pesquisa. No entanto, tomo a precaução de não usar os apelidos dos informantes nesse trabalho. Isso porque, na maioria dos casos, muitas das informações que foram dadas passaram por um crivo crítico que talvez, ao lerem esse texto, muitos não se sintam satisfeitos com determinados comentários; no mesmo caminho, outros comentários foram além do que podia ser dito, por exemplo, quando um casal que foi acompanhado por mim e em determinado momento da nossa interação, um dos cônjuges declarou algo que não chegou nem a dizer ao ser parceiro(a). Por esse motivo, a estratégia de mudar os nomes dos perfis foi importante.

O contato off line também foi matéria de interesse, o que fazia do contato pessoal algo ainda mais imprescindível, pois em alguns momentos ele variou do *off* e se manteve *on line*. Essa variação aconteceu e tive a oportunidade de perceber a

circulação entre um e outro. A descrição sobre essa trajetória será detalhada nas próximas partes do trabalho. Nesse sentido, vale perguntar, até que ponto os termos de consentimento livre e esclarecido podem ser realmente considerados como um processo de negociação das condições de pesquisa, pautado pelos aspectos associados às relações de respeito e confiança que se estabelecem pesquisador e os pesquisados, culminando na assinatura do termo? Acima de tudo, como fica implicado quando se aborda isso em pesquisas etnográficas sobre o sexo? Cabe destacar que o respeito e a confiança não estão restritos nem ratificados no momento da assinatura do termo e sim, leva em conta uma série de variantes, como demonstra Pelúcio em suas discussões sobre os limites da pesquisa em sua investigação sobre os travestis que trabalham com prostituição em São Paulo (Ibidem).

Outro desafio interessante, nessa relação entre o pesquisador e o seu campo de pesquisa foi o de trabalhar com temas considerados estigmatizados, considerados “menores” em termos científicos. O sexo ainda é considerado um tema delicado de se abordar. Ao mesmo tempo, abordá-lo se torna sempre motivo de interesse. Sempre lembro que, mesmo com algumas resistências (e é importante perceber não só os temas que são estigmatizados, mas a própria estigmatização dos temas, feita, muitas vezes, pela área acadêmica na qual a pesquisa se vincula. Isso será abordado nos próximos trechos desse início). Em todas as rodas, entre os professores, nas salas de aula, sempre que utilizava de exemplos sobre esta pesquisa, bem como quando mencionava o tipo de investigação que empreendia no momento, o silêncio atento reinava nesses meios.

Um silêncio que precedia um olhar e um conjunto de perguntas cujos contornos sempre eram de muita curiosidade sobre o tema, quase sempre atrelados ao posicionamento dos que ouviam essas conversas, sem nem mesmo haver nenhum tipo de coação, essas pessoas se colocavam diante do tema sexo e swing, uma mistura de curiosidade atrelada a uma necessidade de se posicionar. Muitos brincavam que gostariam de ir até o campo comigo trabalhar como auxiliares na pesquisa; outros confessavam esporadicamente os seus desejos que, no mais das vezes, estava relacionado a fetiches próximos do que estava sendo estudado. Houve ainda experiências de pessoas que reagiram com hostilidade à temática, sentindo-se visivelmente incomodados pelas práticas por mim apresentadas.

Não existem só temas estigmatizados, isso porque são colocados em termos sociais como tabu, ou que determinados temas, principalmente aqueles relacionados à sexualidade são considerados abjetos, mas também existe outro lado, da estigmatização de temas de pesquisa. Esse movimento, o de colocar como abjeto determinados temas considerados como estigmatizados, pode ser visualizados de uma forma ainda superficial, mas ela se mostra em muitas faces, ao longo dos espaços universitários brasileiros (WEID, 2008).

A preocupação desse trabalho é poder pensar como o conjunto de discursos que criam, regulam e dialogam com a sexualidade estão implicados na relação com os participantes de redes de sexo vinculadas ao swing. De que maneiras personagens que são considerados como sendo praticantes de uma experiência sexual fora do comum, que se associa às relações conjugais, por exemplo, podem ser acompanhados na interação com esse conjunto de técnicas articuladas aos discursos sobre a sexualidade. Será que a prática sexual que vai além da relação entre duas pessoas significa estar à margem desses discursos?

Afinal de contas, não estou falando aqui de uma comunidade secreta, nem muito menos de personagens desconhecidos e sim de personagens no dia a dia que se relacionam, em determinados momentos de sua rotina, em regimes de interação com redes de sexo com o objetivo de realizar os seus desejos – como fica então o desejo entre homens e mulheres. Há diferenças sobre isso? Quem leva quem para criar um perfil erótico, ou a sair para uma casa de swing? Qual é o interesse entre homens e mulheres em procurar sexo nesses espaços? É possível falar em algum tipo de risco? Existem diferenças que demarquem a forma como homens e mulheres interagem usando as ferramentas disponíveis nesses ambientes?

Sendo assim, a título de ponto de análise neste trabalho, muitas das categorizações comumente aceitas na produção do conhecimento, bem como pelo ativismo político do presente vão ser também questionadas e colocadas à prova. Como se configura, por exemplo, nessas circunstâncias aqui colocadas, o trinômio analisado por Butler (2013) entre gênero/sexo/desejo? Como o evento do swing, enquanto um espaço determinado que se relaciona ao conjunto de circunstâncias sociológicas relacionadas anteriormente na rede de sexo, provoca um embaralhamento entre esses três aspectos?

Adentrar nesse ambiente onde não se está adaptado faz com que haja algo importante nessa primeira apreensão na pesquisa. Isso fica relacionado às implicações entre o pesquisador, geralmente um *outsider* e a relação com integrantes do grupo estudado. Esse primeiro momento, a aproximação é algo que traz uma série de preocupações. Eu serei aceito? Como serão esses sujeitos? Será que eu vou aguentar? Como será a minha aproximação? Sempre disse aos mais próximos que talvez três reações possíveis sempre possam ser imaginadas: uma é se assustar ao passar, por exemplo, uma noite inteira dentro de uma casa de swing. Isso pensando justamente nesse discurso do sexo como tabu. Ver o outro fazendo sexo para todos os presentes assistirem talvez trouxesse a reação de escárnio e susto. A segunda reação seria o outro oposto, a excitação. Da mesma forma que as problematizações acerca do TCLE, também há uma preocupação se o pesquisador deve se envolver a tal ponto com a pesquisa ou se isso implicaria em um impedimento ético, o que também faz com que outro ponto seja levantado que é a relação entre a produção do conhecimento e o ativismo político atrelado aos temas que articulam sexo e gênero.

Um dos pontos interessantes de se trabalhar na reflexão sobre temáticas como o swing é perceber a inserção em um terreno fértil e que vem sendo bem trabalhado nos últimos anos por pesquisadores em todo o Brasil. Essa fertilidade se coloca em vários contextos, entre eles a própria chance de se observar que estudar sobre sexualidade faz colocar nos holofotes a relação acadêmica entre objeto e sujeito. Quando se pensa na ciência moderna, essa relação se mostrava distante e geralmente regulada pelo rigor do método enquanto figura de inflexão, mas, acima de tudo, como filtro das subjetividades sobre o objeto do conhecimento. Atualmente, cada vez mais, essas fronteiras se tornam ainda mais finas fazendo com que o enfrentamento e a aproximação entre esses dois pontos seja percebida a olhos vistos (FERREIRA et al, 2002).

Essa reflexão está na ordem do dia. Na forma de problematizar a sexualidade temos um conjunto de autores que refletiram sobre a sexualidade, colocando as suas preocupações acerca do tema sob uma análise do presente, muitas vezes até de sua própria sexualidade, por assim dizer. Citaria aqui Beatriz Preciado (2002) como uma autora que se posiciona, ela mesma, sob o seu corpo, como um campo de provas de experimentações. Ou seja, enquanto posição autoral relativa, a filósofa

faz de si mesma, e do seu corpo, território de experiências que dialogam com as suas reflexões sobre corpo, gênero e a emergência das subjetividades enquanto um campo político relevante.

Um segundo exemplo é Kinsey. Nesse segundo caso, segundo Meinerz (2007, 129), o pesquisador também se preocupa em efetuar a investigação na sua própria sexualidade, sendo Kinsey uma referência com relação a isso, respondendo assim mais a questões pessoais e do engajamento político do que a discussões científicas diretamente. Em terceiro temos Foucault e a investigação contemporânea sobre os dispositivos articulados à sexualidade. O autor, a partir de uma escrita autoral instigante tenta fazer da sua crítica um campo de reflexões sobre as técnicas que colocam a sexualidade como figura de proa das instituições de controle na contemporaneidade. Por último Gagnon e a sua teoria dos roteiros sexuais, tentando analisar como os fatores sociais, culturais e psicológicos se inserem no interior das relações subjetivas. A minha análise se dá em torno da problematização da rede de sexo enquanto chave de entendimento sobre a compreensão dos discursos sobre a sexualidade, e as problemáticas sociais inseridas nos roteiros sexuais, assim como das possibilidades de interferência, enquanto resistência aos dispositivos e técnicas que tentam configurar o sexo em torno das possibilidades normalizadoras.

Nesse sentido, da mesma forma como existe uma questão sobre o pesquisador e o seu campo, também existem as implicações do campo para com o pesquisador. Como estão implicadas essas duas instâncias, que se articulam. Qual a influência da presença do pesquisador em campo em temas que tocam em sexo e como esse ambiente afeta o pesquisador? Quais são as implicações da presença do pesquisador nos estudos sobre a sexualidade? Como isso pode ser verificado nos recentes estudos utilizando as mídias digitais e as redes sociais na internet? Por exemplo, se o pesquisador que trabalha com sexualidade está ali para se inserir naquela comunidade e assim por diante. Alguém que ainda não se inseriu fornece, talvez, um lugar de legitimidade no ordenamento das relações sociais, como nos alerta Meinerz (Idem, 130). Isso também pode ser dimensionado também em outros objetos de estudo, como o caso da religião.

Ainda sobre a inserção do pesquisador no seu campo de pesquisa possibilita pensar sobre questões como o papel da autoridade do pesquisador sobre o campo. Essa autoridade pode ser um empecilho também. Falar que está desenvolvendo

uma pesquisa junto aos informantes, ou mesmo dizer que é professor universitário traz uma implicação sobre autoridade para o campo. Algumas vezes fui apresentado pelos meus informantes como o pesquisador que está desenvolvendo pesquisa sobre o swing no doutorado. Desenvolver a pesquisa sobre o swing, além de tudo fazer isso como uma pesquisa de doutoramento traz implicações interessantes para se refletir sobre esse lugar do especialista e como isso modifica as relações no campo fazendo emergir não só a ideia, do ponto de vista científico da legitimação do discurso, por meio da inserção do sujeito em um campo que não era comumente o seu, mas também a maneira como os sujeitos no campo veem o pesquisador.

Outro ponto a ser destacado da pesquisa de Meinerz é pensar a pesquisa científica como experiência moral (Idem, 143). Para ela, o trabalho em pesquisa sobre sexo também serviria para refletir sobre conceitos, ideias e teorias a partir de um conjunto de razões teóricas, históricas e políticas, contextualizando a sexualidade como um *lócus* de conhecimento e sobre si e sobre os outros. Refletir sobre a própria abordagem da sexualidade enquanto construção social, sob a qual não cabe estabelecer certezas e verdades, em termos éticos e morais, fazer com que o pesquisador se questione sobre a essencialidade e a fixidez de sua própria orientação sexual.

Para abordar a tema da rede de sexo e as suas vinculações ao evento swing é preciso pensar na afirmação de Bozon, cuja ideia de trabalhar no campo de pesquisa com sexualidade tem como peculiaridade observar aquilo que é considerado inobservável (Bozon, 2003, p. 145). Pensar sobre isso é operar na inversão dessa questão, tentando verificar até que ponto isso que Bozon chama de inobservável não pode ser considerado como sintomático, enquanto estrutura heteronormativa, onde questões como sexo estão ligadas a pontos como a intimidade e o segredo. Problematizar, portanto, não a ideia de inobservância, bastante vinculada a códigos morais e normas sociais, mas sim, como essa moral sexual foi pensada e vinculada a um comportamento considerado adequado e, por assim dizer, normativo.

Falar sobre sexo, mesmo sendo dentro de um grupo cuja prática sexual é o ponto básico, significa para os outros, inclusive os que partilham do mesmo grupo, uma razão sexual (Idem, 146). Mesmo que o pesquisador esteja fazendo um trabalho de pesquisa, a razão sexual está ali. Com razão sexual se quer dizer o

conjunto de fatores que se relacionam à gestão do sexo entre os sujeitos. Como pensam o papel do sexo em suas vidas e como administram os seus desdobramentos. Entre outros fatores exemplificaria questões como reprodução, prazer, intimidade, fantasias e outros pontos que envolvem a forma como os sujeitos se preocupam com o seu sexo. Até mesmo o papel que o sexo tem na vida das pessoas passa a ser algo problematizado em torno da gestão desses pontos.

1.5. Inserção no campo

A entrada no campo se deu através da internet. Mais especificamente, pelo bate papo do UOL e pelo Orkut. No bate papo criei um avatar intitulado “pensando sobre swing” que tentava manter contato com pessoas que usavam essas ferramentas para manter contatos sexuais. O mesmo foi feito no Orkut, com uma diferença: no Orkut utilizava o meu próprio perfil para acessar as comunidades de encontros sexuais e manter contatos com os participantes. Essa diferença é importante de ser apreciada, pois demonstra uma diferença entre o lugar do pesquisador e o lugar do sujeito que está pesquisando. Na medida em que eu me inseria no bate papo com um avatar especialmente criado para buscar sujeitos para a pesquisa, o meu lugar estava sendo modificado, pois a minha identificação demonstrava isso. E era reafirmada na medida em que o contato com as pessoas acontecia ao longo do tempo; na rede social não, a interação ocorria mediante o contato com alguém que tinha um perfil como outro qualquer. Com foto, nome próprio, parentes, amigos e comunidade, que refletiam os seus hobbies e as suas preferências.

Essa diferença, entre o perfil do pesquisador e o perfil do sujeito está em constante relação com aqueles que estão participando da pesquisa. A forma como se relacionam também vai ser definida a partir de como há a observação desse meio de diálogo chamado perfil, ou avatar nas redes sociais. A criação do perfil na rede social mantém reunidos em si o conjunto de características que sintetizam a subjetividade daquela pessoa. Essa subjetividade está em constante contato com outras subjetividades, modificando e sendo modificada por elas. Na medida em que

se criam formalmente essas duas instâncias, o perfil do pesquisador⁵ e o perfil do sujeito que pretende pesquisar⁶ são duas formas de apreensão daquilo que está sendo observado.

Tanto no Orkut como no bate papo do UOL a forma de apresentação foi a mesma: era um pesquisador e pretendia conhecer pessoas que estão dispostas a estarem nesses ambientes em busca de sexo. Saber um pouco do seu cotidiano e como o fato de buscarem sexo usando esses meios está na sua vida. Especificamente no Orkut busquei comunidades que aglutinavam pessoas com esse objetivo. Comunidades como “Swing Br”, “sexo sem compromisso”, entre outras. As respostas inicialmente foram um balde de água fria. Boa parte das pessoas que se manifestaram usava o espaço da comunidade para fazer piada do que eu havia escrito. Diziam, entre outras coisas, que eu era um pervertido, que queria me aproveitar daquele espaço e conseguir o contato de algum desavisado. Que esse tipo de pesquisa não tinha sentido, pois estranhavam o fato de trabalhar pesquisando sexo. Um perfil seguido do outro publicava comentários que depreciavam o fato de estar ali convidando pessoas para participarem de um projeto que soava estranho e aventureiro.

Em contrapartida existia o bate papo. Os que foram contatados através do bate papo foram bem mais abertos para conversar. Isso não significa que muitos deles também não acharam que havia algo de estranho no fato de alguém pesquisar a sexualidade alheia na internet, mas a maioria foi bem mais aberta ao fato de haver ali alguém disposto a conversar sobre sexo e encontros sexuais. A partir desse ponto, foi reunido um conjunto de 40 sujeitos que se dispuseram a conversar sobre a sua inserção nas redes de sexo. Desses 40, foram reunidos mais 15 através do Orkut. Esses 15 foram encontrados em buscas individuais em perfis que tinham uma frequência maior de postagens, ou que tinham peculiaridades nos objetivos buscados na rede social, como foi o caso do Casal RJ, que criou um perfil para selecionar homens para passar as férias com eles.

⁵ Vale salientar que ainda em fase inicial, já que essa será uma tentativa efetuada no início da pesquisa para entrar em contato com as pessoas por meio de alguns meios existentes. Isso será verticalizado um pouco mais pra frente, quando um perfil mais completo, com fotos, textos e uma rotina de publicações acontecerem em outras redes sociais.

⁶ Dois momentos, em um só sujeito.

As dificuldades foram sendo contornadas na medida em que o projeto foi sendo executado. Isso foi resolvido a partir de três estratégias: de um lado, a criação de um perfil no Sexlog, maior rede social de sexo e swing do Brasil na internet, além da visita há algumas festas e casas voltadas às festas de sexo, de encontros pessoais (face a face) com pessoas que buscavam, principalmente na internet, por sexo. Essas três estratégias foram aquelas que fizeram parte da construção da etnografia da pesquisa.

A observação participante foi parte fundamental desse trabalho. Foi através dela que foi possível acompanhar durante dois anos o cotidiano, as histórias de vida e a circulação das pessoas na rede de sexo, seja nas festas de sexo ou no Sexlog o cotidiano dos personagens que fizeram parte dessa pesquisa. Sobre a observação participante, trago a ponderação sintetizada por Meinerz para justificar a escolha dessa ferramenta como uma das técnicas utilizadas nesse trabalho. Segundo a autora, por que se escolheria trabalhar com a observação participante? Talvez seja porque fazendo parte desses jogos eróticos poderia aprender mais sobre eles. Partir das interações e relações interpessoais de caráter subjetivo se produza elementos objetivos sobre a configuração que está sendo estudada (MEINERZ, 2007, p. 149).

As conversas com essas pessoas e o acompanhamento delas no campo sempre foi algo feito de forma muito tranquila. Conversava com as pessoas normalmente, contando a rotina do que estava fazendo ali e como tudo aquilo estava me chamando atenção. Essas conversas, até certo ponto comuns, seja em uma boate “convencional”, em um bar, ou mesmo em uma festa de swing foram bem corriqueiras e se repetiram outras vezes. Em pesquisas sobre a sexualidade, a brincadeira serve como uma metáfora para se falar sobre sexo; brincar com o outro pode ser caracterizado como flerte. A visão de que se trata de uma paquera acaba refletindo na forma como essa aproximação acontece. O entrevistado quer conquistar você. Trazê-lo para perto. Fazer com que você se sinta bem e confortável. Isso ocorreu comigo algumas vezes e os resultados desses momentos estão inseridos neste trabalho.

1.6. Entrevistas, etnografias e roteiros sexuais

A técnica da entrevista foi utilizada em articulação com a observação

etnográfica. Para a entrevista foi organizado um roteiro de questões (APENDICE) que contava com perguntas que variavam entre dados demográficos, a inserção na rede de sexo, indo até as preferências sexuais dos entrevistados. Durante esse período fiz entrevistas individuais e, em algumas situações, no caso dos casais entrevistados, o interesse em ser entrevistados em duplas. Utilizei essa técnica, pois havia a necessidade de se trabalhar com a observação da interação entre esses sujeitos, mas também deveria existir um momento onde se pudesse detalhar um pouco mais as suas opiniões através de uma conversa formal, onde se pudesse questionar, desde pontos mais amplos, como a sua configuração subjetiva através dos dados demográficos, até a sua inserção nas redes de sexo e como eles interagiam em seu interior.

No caso específico dos casais, tendo como objetivo a contribuição que os seus relacionamentos pode oferecer para a reflexão sobre novos e velhos modelos de conjugalidade. Portanto, a partir de um estudo sobre a prática sexual, procurei compreender as mudanças e/ou permanências nos ideais de conjugalidade presentes hoje. Nesse caso, a vinculação entre modelos da conjugalidades e a Sociologia.

Pensar a conjugalidade remete a se refletir sobre conceituações como as de sociedade, cultura, comunidade, união e indivíduo. Todas elas se interligam através do vínculo duplo comum entre individual e coletivo, entre público e privado, entre intimidade e exposição. As configurações sociais/comunais emergentes e a articulação de performatividade articuladas à subjetivação, o sexo e práticas como o swing.

O que motiva a entrada desses personagens nas redes é o desejo de se mostrar e de ser visto. Sendo assim, de usar isso ao seu favor no sentido de encontrar outras pessoas para interagir. A infidelidade estaria naquilo que não seria visto ou estabelecido como um acordo entre os envolvidos na interação sexual. A fidelidade importa, desde que seja atendida e articulada mediante os códigos sociais estabelecidos pelo casal junto aos outros participantes. Ela é um elemento importante ou não, e como ela se configura? Será que não existe infidelidade para eles? Ou o que seria ser infiel para estas pessoas? Existiria maior abertura moral em seus relacionamentos? Como as diferenças de gênero se envolvem no interior dessa prática? Relacionamento igualitário ou reafirmação das desigualdades de

gênero? Por fim, a vinculação ao swing representa um novo tipo de modelo de conjugalidade?

Tentar identificar, portanto, os elementos que compõem a conjugalidade dos sujeitos que estão inseridas na rede de sexo, buscando compreender suas dinâmicas internas e o lugar que essas práticas sexuais ocupam na sua configuração conjugal. Analisar de que modo se processam as relações de gênero nessas conjugalidades, tentando atentar para possíveis mudanças e continuidades em relação ao padrão dominante de dominação masculina, se isso for identificado (BOURDIEU, 2003). Mapear o tipo de práticas sexuais desenvolvidas na rede, buscando identificar os diversos roteiros e trajetórias presentes na interação nesses espaços.

Nas entrevistas tentei acompanhar se há algum tipo de organização, ou mesmo de roteiro a ser seguido por esses sujeitos. Algo como um passo-a-passo na aproximação, um conjunto de pontos a serem discutidos mesmo antes de se conhecer ou de interagir com o outro? Existe alguma espécie de “código de ética” nas redes de sexo? Há diferenças naqueles que são considerados os mais experientes e os iniciantes?

Analisar a etnografia relatada inspirado sob a abordagem dos roteiros proposta por Gagnon (2006) permite juntar três elementos que são indispensáveis para compreender os sentidos dessas práticas sexuais – o “externo” (cultural), o “interno”, intrapsíquico, isto é, as fantasias individuais, que são imprescindíveis para a prática como o swing, por exemplo; e o “relacional” que residiriam nas interações entre os vários sujeitos na hora H. A análise dos possíveis roteiros aplicados é possibilidade relevante no trabalho analítico desenvolvido durante esta pesquisa.

Na parte 2 se buscou trabalhar com uma rede social de sexo. O Sexlog, rede social de sexo e swing brasileira foi à escolhida da pesquisa. Isso porque, de todas as redes de sexo que existem atualmente à disposição, o Sexlog é aquela que não só agrega um número considerável de pessoas (e, sendo assim, as possibilidades mais amplas das sociabilidades), mas também o fato de ser uma das redes sociais que havia o melhor acesso do pesquisador. Isso quer dizer que nas demais, como a capital Real Swingers (CRS) não são permitidos pessoas solteiras, mas os casais, que sejam convidados e comprovadamente confirmados como sendo um casal real e não um “fake”. A relação entre o casal real e um fake se configura na certificação

de que o casal, para ser considerado como um casal real deve comprovar que há realmente por trás daquele perfil na rede um casal que possa ser confirmado como real.

E quais são esses tipos de comprovação? A rigor, a aprovação de um casal real é a prova de que eles realmente mantêm uma relação entre si. Nesse sentido, manter uma relação estável, ou serem casados é a maior forma de certificar os demais membros da rede de que ali há um casal real. Então os casais considerados reais já inseridos na rede podem comprovar e dar certificação de que aquele casal pode estar ali. A contraparte é o casal fake, geralmente caracterizado por casais "montados" ou, por pessoas sozinhas, na maioria das vezes por homens.

No Sexlog foi criado o perfil "falando sobre o swing", onde se manteve contatos com mais de 200 perfis cadastrados na rede. Nessa rede houve uma aceitação maior do meu perfil, em contrapartida ao Orkut, que foi uma rede usada na triagem da proposta. Essa diferença se dá na forma como se deu a minha inserção na rede e a estratégia em utilizar um perfil que mostrasse o rosto e demonstrasse sinceridade nos propósitos do que estava fazendo ali. Essas diferenças poderão ser mais bem trabalhadas na parte específica da tese sobre o Sexlog.

Os perfis acompanhados se caracterizavam entre homens, mulheres e travestis solteiras, além de casais autodeclarados heterossexuais, gays ou lésbicos. O acompanhamento desses perfis se deu no período entre os anos de 2011 e 2013. Essa etnografia será elaborada na segunda parte intitulada *A rede de sexo on line*.

Eu visitei casas, festas e baladas em cidades como Recife, João Pessoa e São Paulo. A escolha pela diversificação de eventos se dá também pela multiplicidade de possibilidades que a rede de sexo coloca à disposição no Brasil. Em muitos outros municípios, por exemplo, não há estabelecimentos dedicados ao sexo e ao swing. Nesse sentido, muita gente que já possui uma rede de contatos se organiza em festas, que são realizadas em apartamentos, suítes de motel, chácaras e fazendas. Eu participei de alguns desses encontros. Em determinados momentos foi possível conversar com os frequentadores. O registro do que foi observado e as experiências desses personagens estão na parte 3 da tese intitulada *A rede de sexo off line*.

Acompanhar esses personagens e trazer tudo o que foi observado, destacando pontos que chamaram atenção no momento dessa coleta de dados.

Histórias e experiências de vida acompanhadas nos últimos três anos. Esse método de acompanhamento resulta na observação junto a esses sujeitos, nas festas, estabelecimentos e nas entrevistas feitas ao longo desse período.

Muitas vezes o contato perdurou durante os três anos. Alguns informantes acompanham a pesquisa até hoje. Outros tiveram uma convivência efêmera, dando somente o seu depoimento. Esses registros foram fundamentais para se visualizar o processo de subjetivação desses personagens atrelados ao swing. Um conjunto de trajetórias que vão trazer informações desses personagens, como figuras fundamentais que reúnem, em um contexto geral, a maior quantidade de informações e discursos que possam suscitar uma discussão reveladora para o objetivo dessa pesquisa.

No total foram acompanhadas mais de trinta histórias que sintetizaram ao longo desses três anos entrevistas, idas as festas e o acompanhamento desses sujeitos ao longo de sua rotina. Muitos deles com o registro de mais de um encontro em duas, três entrevistas. Com vários e-mails trocados. Nesse ínterim, muitos permaneceram próximos, outros se distanciaram. Alguns se separaram e constituíram outros relacionamentos que também se vincularam à rede de sexo. O compartilhamento das informações dessa pesquisa foi muito peculiar. Muitas vezes, as nossas conversas esporádicas se desenvolveram entre um chope e outro, em uma entrada rápida no MSN. Num momento de relaxamento depois do sexo ou no fim da festa na noite do sábado. Essas conversas incomuns, informais em sua constituição, revelaram pontos fundamentais através de opiniões, afetos e desejos desses personagens. Mais uma vez fica o agradecimento aos informantes que contribuíram com esse trabalho.

1.7. O que a literatura e as mídias sociais nos dizem sobre o swing?

1.7.1. Questões pertinentes às redes de sexo na contemporaneidade

O desenvolvimento da mídia e de novas tecnologias vem contribuindo para a maior divulgação de práticas como o swing, o ménage e o voyeurismo na sociedade atual, além de facilitar o contato entre os adeptos. A Internet tornou mais fácil o acesso aos seus praticantes e o celular é garantia de privacidade e sigilo. O assunto

com frequência é tema de reportagens em jornais e revistas de grande circulação. Nos dias de hoje qualquer indivíduo é capaz de saber de informações básicas sobre prática de “sexo liberal” e os principais lugares onde se realiza em pouco tempo, bastando o rápido acesso a um site de buscas ou uma leitura atenta a estas matérias. Durante este trabalho analisarei o termo rede de sexo que reúne em si homens, mulheres, casais, produtores, promoters e gerentes de festas e de casas de swing; assim como as casas de swing e as redes sociais de sexo. Parto da ideia de que, para entender as ações envolvidas no swing, se faz necessário perceber a sua articulação com outros caminhos da rede de sexo, e para as formas como os sujeitos circulam por variadas nuances da rede.

Essa circulação permite que se observem questões sociológicas, éticas e morais nas redes de sexo, trazendo a trajetória dos sujeitos que se inseriram das mais variadas formas no swing. Nesse caso, a presença de pessoas com um relacionamento estável é um ponto que não pode ser desconsiderado. A investigação dos aspectos conjugais que colocam um casal diante dessas questões propõe um estudo detido nas diversas nuances que configuram esses personagens enquanto seres dentro de uma relação conjugal. Será preciso também, portanto, empreender um estudo sobre os aspectos relativos à conjugalidade e o ponto em comum que cria as condições necessárias de uma atitude que cruze os regimes de possibilidade de se relacionar com essas redes de sexo.

Para tal, se faz necessário investigar os deslocamentos que ocorrem em torno desse referencial. Ao se inserirem enquanto sujeitos que buscam encontros para sexo, *on* e *off line*, até que ponto o sujeito se propõe a subverter determinados cânones da vida em sociedade? Principalmente, se forem levados em conta os pressupostos sociais que se referem ao que é entendido socialmente, por exemplo, como uma relação conjugal entre homens e mulheres. Princípios como os de exclusividade sexual, infidelidade, ética conjugal e a própria relação entre os prazeres e a forma de lidar com eles estariam sendo suspensos e colocados em outros termos.

Adeptos de uma prática considerada incomum, o comportamento e os gestos desses sujeitos possibilita a reflexão sobre a construção dos homens e das mulheres na sociedade brasileira. Além disso, se pode questionar como se constroem as relações sobre a convivência desses participantes. Em configurações

sociais como as que são vivenciadas no Brasil nas duas primeiras décadas do século XXI, onde classificações como família, os papéis de pai e de mãe e a noção de sexualidade podem desafiar as fronteiras de gênero, é inevitável indagar o que é ser homem e ser mulher dentro de uma relação, em um mundo em que se diz que, conforme o lema de uma das casas de swing estudadas, “você pode tudo, mas não é obrigado a nada”. Será mesmo?

É preciso discutir a noção de conjugalidade como é interpretada na Sociologia nos últimos tempos. A necessidade de se pensar o papel da família, a organização individual no âmbito da sexualidade e das identidades. Tais questões se inserem no debate sociológico sobre os cenários em que se desenrolam as experiências afetivo-sexuais na contemporaneidade.

Nos últimos anos, o significado social da conjugalidade mudou expressivamente. Tal fato tem acarretado transformações práticas em relação à vivência do cotidiano conjugal. Transformações nas relações familiares e a ressignificação dos papéis de gênero no interior da relação conjugal alteraram a vivência subjetiva e social da conjugalidade. Segundo Singly (2007) pode-se dizer que a experiência da conjugalidade vem se deslocando da ideia de família como instituição, para a ideia de família como interação, onde a relação afetivo-sexual estaria muito mais próxima da fluidez e da relação com o outro. A questão é se esse tipo de vivência pode ser observada nas interações dos personagens que estão inseridos nas redes de sexo estudadas nessa pesquisa. Até que ponto esse deslocamento ocorre na prática e vem sendo articulado a um modo diferente de interagir, onde os vínculos conjugais estão organizados na forma e no efeito de manifestar os afetos através da afirmação dos desejos subjetivos.

Há hoje mais relacionamentos entre pessoas que se sentem à vontade de se pronunciarem sobre os seus desejos ao parceiro (a); de outro, tais relações têm possibilidades para a realização plena das expectativas de cada um, ampliando seu espectro sob o relacionamento amoroso baseado na união por interesses mútuos. Nesse sentido, porque os “indivíduos” que compõem uma dada díade são sexuados, existindo possíveis desigualdades. A análise das práticas sexuais organizadas através do sexo *on* e *off line* permitiu discutir isso do ponto de vista empírico – são dois indivíduos que resolvem procurar e praticar o swing? Ou um é que “puxa” o outro, que cede a essa demanda para não “perder” o parceiro (a)?

1.7.2. Caminhos sobre a sexualidade: o que dizem as pesquisas sobre o swing?

Se as práticas que giram em torno do swing se colocam como ponto principal deste trabalho talvez seja interessante fazer um levantamento provisório sobre o que se fala e como se abordou a temática nas ciências sociais nos últimos tempos. O tema swing não está sendo abordado aqui pela sua excentricidade, nem por conta de uma mera curiosidade subjetiva, nem muito menos por achar que seria algo pouco abordado. O tema em si mesmo e a proposta de efetuar esse levantamento através da sua literatura tem a ver com a forma como os estudos sobre o sexo se desenvolvem, seu estatuto na Sociologia e qual seria a visão e o posicionamento sobre temas como o swing, que incorporam as peculiaridades de uma pesquisa de campo vinculada a um campo de pesquisas específico, mas também a sua relação com os demais temas de sexo já abordados pelos mais variados pesquisadores, especialmente em Sociologia e Antropologia.

Quando se fala em swing nas Ciências Sociais, se pode fazer uma separação entre dois campos bastante diferentes, em termos de abordagens, qualidade e quantidade de estudos, além dos tipos e possibilidades de abordagens sobre o tema. Esses dois tópicos se dividem entre as abordagens efetuadas no Brasil e os estudos sobre o swing feitos fora do Brasil, principalmente nos Estados Unidos. Aparentemente parece ser uma divisão comum, feita como na maior parte dos levantamentos sobre literatura científica, mas nesse caso vale essa máxima. Isso porque, guardadas todas as particularidades, há diferenças nas abordagens de pesquisa feitas no swing nos EUA e no Brasil. Sendo assim, se faz necessário pontuar quais são essas especificidades para que eu possa não só construir um território de discussão acerca do tema, mas também traçar quais são as contribuições possíveis que trabalhos como esses podem oferecer.

Jenks (1998) faz um levantamento interessante sobre a literatura acerca do swing nos Estados Unidos. Ele traz, a partir dos primeiros estudos nos anos 1970 até o início dos anos 2000, não só um quantitativo sobre o swing, mas tenta analisar como discorreram essas interpretações efetuadas nas últimas quatro décadas. Assim, o pesquisador reúne um material considerável sobre pesquisadores do swing e como isso foi abordado em termos quantitativos.

Através de amostras variáveis e de abordagens diferentes, entre revistas científicas e publicações de livros em língua inglesa, entre os anos de 1970, até os anos 2000 podem ser listados algo em torno de quinze estudos ao longo de três décadas sobre swing (Idem). Entre eles se destacam os estudos sobre sexo em grupo realizados por Bartell (1970) e (1971), dois dos primeiros levantamentos sobre sexo e swing através de uma pesquisa etnográfica feita entre famílias de classe média norte-americana. O próprio Jenks, que entre trabalhos quantitativos e qualitativos, já fez um levantamento significativo tendo o swing como ponto básico, investigando as suas nuances no interior da cultura sexual dos Estados Unidos. Seus trabalhos vão de estudos comparativos entre praticantes e não praticantes de swing (1985), até a relação entre os praticantes de swing e a AIDS, através do medo em contrair a doença (1992).

Nesse levantamento, alguns pontos podem ser ressaltados, auxiliado pelas interpretações de outros pesquisadores sobre o tema, que o autor chama de “teoria”. Essas teorias levariam em conta um conjunto de considerações acerca de interpretações sobre o swing em estudos de outros pesquisadores. Entre essas interpretações Jenks destaca quatro delas. Essas quatro visões tentam trazer as informações sobre como se pode explicar o swing. Se isso for possível, já que o objetivo do autor parece pretencioso, para que ele possa formular um conjunto de outras considerações sobre o swing e as perspectivas de estudos que podem ser lançadas sobre a temática.

Entre as quatro teorias ressalte-se a contribuição de Walshok (1971) que tenta explicar o swing na relação entre variáveis sociais e o que ele chama de “marginalização na classe média” na década de 1970. Outro ponto destacado seria a autonomia para algumas instituições sociais como a família no sentido de uma abertura para interações sexuais para além do núcleo conjugal como o swing (GILMARTIN, 1974). As duas outras interpretações dão ênfase a economia como fator relevante na decisão para o swing (PALSON & PALSON, 1972), além da sociabilidade masculina crescente em torno das suas fantasias sexuais e o compartilhamento com as suas parceiras (BARTELL, 1970). Para o autor, essas visões pecam ao não conseguirem contemplar as pessoas marginalizadas, as autônomas, entre outros grupos que não estão incluídos nas investigações dos pesquisadores listados.

Na verdade, a maior parte dos estudos se baseia, em investigações de grupos sociais norte-americanos de classe média e que vivem em grandes cidades. Segundo Jenks, isso faz com que essas interpretações relatadas não consigam perceber por que esses outros sujeitos não estão no swing. Isso não quer dizer que pessoas de outras classes sociais além da classe média não pratiquem o swing, mas que essas investigações já relatadas não conseguem perceber a multiplicidade de sujeitos que possam ter o interesse em se inserir no swing, no sexo grupal, no sadomasoquismo, ou em qualquer outra modalidade que envolva o sexo.

A partir dessas considerações, Jenks tenta criar uma espécie de modelo compreensivo, baseado na psicologia social, para compreender o swing. Ele reúne um conjunto de ponderações de caráter comportamental em torno dos hábitos e de como os sujeitos se relacionam com o swing. Para isso separa esses movimentos relativos ao comportamento em cinco etapas. Os passos são os seguintes: no primeiro passo está a relação que as pessoas mantêm com o swing através de um forte envolvimento com a prática, ou mesmo com o sexo de maneira geral; o segundo passo tenta reunir características pessoais que possibilitem uma abertura para o swing, como uma orientação sexual considerada liberal, ou um baixo nível de ciúme; terceiro tópico caracterizado por uma fase passiva onde há uma busca por leituras e conversas sobre swing, além de pensamentos sobre uma possível participação; uma fase ativa, caracterizada pelo contato com participantes do swing. Nesse quarto tópico ainda há possibilidades de afastamento do sujeito que está se aproximando do swing; o quinto e último é um passo de comprometimento, onde há envolvimento ativo, socialização com o swing e o desenvolvimento de um conjunto de fatores intitulado pelo autor como uma racionalização para o swing (JENKS, 1998).

Ter a possibilidade de reunir um conjunto de particularidade sobre o swing através de características atreladas a comportamentos, gestos e ações do cotidiano é um mérito do autor, sem dúvida nenhuma. No entanto é importante considerar também o fato de existirem nesse exemplo alguns pontos críticos que talvez funcionem muito bem enquanto material compreensivo que tenta modular comportamentos sociais sob tipologias, categorizações ou mediações hierárquicas.

Isso é importante de ser destacado, pois mostra a variação de estudos e formas de interpretar um tema tão controverso como o swing, no entanto, essas

considerações devem ser problematizadas enquanto possibilidades que talvez funcionem, no interior de uma compreensão bastante limitada, em torno, sobretudo, de ações arquetípicas e de caráter generalizante, além de tentar condensar práticas, comportamentos e gestos de contornos subjetivos a modelos teóricos fechados que, ao mesmo tempo em que tentam estabelecer basicamente um passo a passo de inserção no swing, acaba também reproduzindo aquilo que tanto teme: o fato de muitos sujeitos não estarem inseridos nas suas pretensões universais de gerar uma interpretação que seja o mais ampla possível. Esses são alguns pontos que podem ser levantados acerca desse modelo compreensivo que Jenks tenta formular no sentido de uma espécie de “teoria geral de iniciação no swing”.

No primeiro ponto o sujeito tem um interesse pelo swing. Mas não seria um interesse qualquer, mas um forte interesse. Afinal de contas, só um forte interesse seria o suficiente para se buscar o swing. O interesse demanda muito tempo e energia e só quem teria um forte interesse é que se manteria interessado em buscar mais informações e o contato com a prática. No segundo tópico, o comportamento definiria o interesse muito mais do que a atitude do sujeito que procura o swing (Ibidem). Utilizando-se dos referenciais das teorias de auto percepção, o autor expõe que algumas pessoas que tem um comportamento específico e que nunca tiveram uma atitude proativa para determinadas coisas, podem desenvolver uma postura, onde as suas atitudes mudam ou se desenvolvem em semelhança ao seu comportamento ulterior. Nesse sentido, o envolvimento muito cedo com o sexo seria crucial na construção do interesse sexual pelo swing.

As propostas lançadas por Jenks são ousadas e demonstram uma maturação importante sobre a temática. A sua pesquisa e a forma como associa estudos de outros autores, bem como as várias modalidades de pesquisa é louvável. Mas, no caso desta pesquisa, e de uma maneira geral, as formas como utiliza os resultados dessas investigações está muito mais no campo de uma conclusão que se torna hermeticamente fechada do que das formas localizadas que devem ser percebidos esses movimentos. Ou seja, o objetivo de formular essas ilações se associa a formular uma espécie de teoria geral sobre o swing, especialmente nos Estados Unidos.

Formular uma espécie de teoria geral do swing é um projeto audacioso. Reunir um conjunto de pesquisas ao longo de três décadas sobre o tema e

conseguir um efeito geral acerca de como podem ser reunidas as suas questões mais generalizantes. Universalizar as características mais gerais sobre o tema é de fácil assimilação e também traz um conteúdo interessante em termos didáticos e pedagógicos. No entanto, ainda em termos científicos, no sentido de uma análise dos estudos de sexo, estabelecer uma teoria geral ou um comportamento padrão sobre sexo não gera as informações que podem trazer o combustível necessário para uma problematização das práticas, das relações de poder e dos discursos sobre o sexo mais amplos e inerentes a esses contextos.

Na análise qualitativa feita por Jenks, alguns dados quantitativos sobre o swing na sociedade norte-americana são importantes. Segundo o levantamento feito por ele, 1% dos casais já admitiram ter feito swing. Já em termos de gênero, 2% de homens e mulheres já admitiram ter participado do swing. É importante salientar que essa estimativa está restrita a publicação desses estudos, que é do ano de 1998. Além das particularidades relativas aos dados demográficos e a presença da temática swing, algumas outras características são ressaltadas pelo autor. Entre elas, a educativa. Segundo o autor, boa parte das pessoas que foram entrevistadas tem um bom nível educacional. Boa parte delas já frequentou a universidade. Além disso, nos países anglo-saxões, grande parte dos swingers são brancos (algo em torno de noventa por cento).

Em termos de posicionamento político e partidário, há um equilíbrio entre as porcentagens de entrevistados conservadores, liberais e moderados. Sobre a sexualidade, grande parte deles se considera liberais em assuntos como a pornografia, o divórcio, a homossexualidade e o aborto. A maioria, cerca de 60%, são o que se pode chamar de religiosos que não tem o hábito de frequentar os lugares onde são professadas as denominações religiosas da qual fazem parte. Segundo a literatura, há um contracenso nesses dados, pois, apesar de grande parte da população americana se declarar religiosa – cerca de noventa por cento, enquanto 4% que se declara sem religião – boa parte dessa maioria não pratica efetivamente a sua crença, se colocando afastados de boa parte dos eventos relacionados a ela. Também são de classe média, com idade média de 30 anos.

A percepção dos swingers está relacionada ao consumo de substâncias como a maconha, o álcool e outros tipos de drogas. Nesse sentido, a partir dessa conclusão chegada através do levantamento feito junto aos grupos que praticam

swing nos Estados Unidos, chama atenção o fato de haver a correlação entre comportamentos sexuais considerados não usuais e a sua vinculação com algum tipo de permissividade diante de algumas coisas, como o consumo de drogas lícitas ou ilícitas. Essa percepção não está só localizada nesse tipo de estudo, mas está presente por sob outros temas que relacionam sexo e comportamentos conhecidos por serem inapropriados. Em boa parte desses estudos é comum relacionar comportamentos sexuais a hábitos, como o consumo de álcool e a outras drogas a um comportamento de risco. Isso é muito comum nos estudos de Psicologia Social e na Psiquiatria, bem como nos trabalhos sobre o HIV/AIDS (BRITO e BERQUÓ, 2000; FONSECA, 1997).

Seu posicionamento político também envolveria uma postura relacionada ao seu comportamento. Ou seja, os swingers norte-americanos teriam uma vinculação às ideias dos democratas, ou dos liberais americanos por exemplo. Nesse caso, swing não seria só uma prática desviante exclusivamente por se tratar da troca de parceiros, ou do sexo liberal entre pessoas solteiras, mas também, por se tratar de um desvio mais amplo, com a postura relacionada ao desvio ampliada para outros âmbitos além do swing, como o acesso as drogas, o tráfico e o aborto.

No Brasil, não se tem muitos estudos sobre o swing. Ao contrário de outros temas como a pornografia (LEITE JR, 2005 e 2006; DIÁZ-BENITÉZ, 2009), ou os clubes de sexo para homens (BRAZ, 2010), passando pelo BDSM e pelo Sadomasoquismo no Brasil (FACCHINI, 2013), os clubes de swing não são espaços que passaram por investigações enquanto territórios aonde a sexualidade e as práticas articuladas a ela também se manifestam e podem ser problematizadas pelos pesquisadores. Apesar disso, o swing sempre foi citado de forma paralela e com cortes superficiais, tendo em vista particularidades que outros estudos oferecem através de uma análise localizada sobre temas variados. Essas ilações são importantes, mas não abordam de maneira aprofundada as particularidades que o tema precisa e merece, por todos os pontos já ressaltados.

Nos últimos cinco anos, algumas pesquisas vêm sendo elaboradas e mostram alguns dados sobre o swing no Brasil. Partindo de campos variados do saber – Psicologia, Antropologia e Sociologia – pesquisadores em várias regiões do país vêm investigando diferentes nuances sobre o swing: das relações entre fidelidade, amor, afetos e casamento através de um estudo etnográfico em clubes e casas de

swing cariocas (WEID, 2008); uma reflexão sobre gênero, com ênfase nas relações entre “feminilidades swingers” e uma forte influência da heteronormatividade premente, além da sexualidade, a partir das festas e casas de swing (VIEIRA, 2013); por outro lado, uma investigação sobre as intersubjetividades no swing, com atenção especial as questões de gênero e o papel feminino em torno das práticas e interações propostas por meio do swing (SILVEIRA, 2013); por fim, uma investigação sobre as práticas sexuais e o swing, com atenção aos processos discursivos articulados à subjetivação e as conjugalidades (VASCONCELOS, 2012).

Os quatro exemplos acima colocados demonstram a multiplicidade de interpretações dadas nos últimos anos sobre o swing e as suas facetas. Os exemplos trazidos só demonstram o quanto ainda há para ser percebido em torno do swing, a partir dos seus diversos contextos, discursividades e interpretações que podem ser feitas, com a articulação dos mais recentes e já estabelecidos estudos sobre sexo, gênero e sexualidades no Brasil.

1.8. O início, o fim e o meio: os pressupostos que parto nesta pesquisa

A tese que eu sustento ao longo desse trabalho é que existem determinados comportamentos que só podem ser percebidos em eventos como o que será analisado aqui: a prática sexual no swing, como qualquer regime de atuação supostamente fechado, que preserva códigos mínimos morais, discursivos e sociais, configura um ambiente que propicia a reconfiguração ou a reinvenção de códigos morais e de práticas sexuais, que comumente não seriam realizadas plenamente no interior de relações sociais fixas e bem estabelecidas. Essa é a premissa básica desse trabalho.

O elemento básico dessas ideias reside nos gestos e nas ações dos sujeitos participantes desse trabalho, assim como no territorial de suas articulações sociais de propósito sexual-social, levando em conta a suposição de que o ato sexual propriamente dito pode ser algo também considerado de cunho social, ou relacionado às sociabilidades.

Relação sexual como relação social. Quando me refiro a essa menção de um termo para o outro estou tentando observar o que há de aspectos em comum entre o que é vislumbrado em determinadas ações sociais e o conjunto de atitudes que estão relacionadas ao sexo entre pessoas que compartilham de fantasias eróticas. O enfoque dessa ideia parte da consideração de que existe esse conjunto de relações que aproximam ou que separam os sujeitos diante das expectativas em torno do sexo. Esse interesse se perfaz através das ações percebidas no campo sobre como o sexo se torna um conjunto complexo e discursivo que gera positivities, subjetivações e ações sociais diversificadas.

Os gestos, as palavras e os discursos empreendidos diante das relações eróticas e sexuais percebidas em eventos como o de swing, trazem à tona a forma e o efeito de como essas sociabilidades sexuais ocorrem. Elas funcionam se utilizando de ações, gestos, palavras e discursos já percebidos em outros contextos, mas que tomam outros contornos na medida em que são resignificados diante do interesse e do objetivo. No caso, o sexo. Quando me refiro ao sexo como algo social estou querendo dizer diretamente que a observação das interações entre os sujeitos está para as relações sociais, assim como as interações sociais estão para o sexo. Acompanhar as interações desses sujeitos, em frente ao computador, com as *webcams* ligadas, nos bares, nas festas e em cima da cama, mantinham um nível interativo específico, só percebido no interior desse tipo de relação. Se as relações sociais são elos, liames de ligação e de distanciamento e fazem com que haja aquilo que há de mais básico entre os sujeitos e suas ações, como disse Weber (2000) o sexo sim, também pode ser considerado algo oriundo das sociabilidades. No contexto de observação desta pesquisa isso fica claro, pois o sexo se torna figura de troca e de diálogo, em torno do qual, casais de todas as nuances, homens e mulheres solteiros se aproximam e se distanciam a partir daquilo que lhes interessa: os seus desejos em comum. Isso é o que os toca e isso é o que os distancia.

As relações em torno da consumação do sexo. Ela se utiliza de discursos já conhecidos como a imagem erótica nas redes sociais, o diálogo e a conquista já percebidas nos relacionamentos amorosos, assim como as socializações construídas através dos encontros, nas saídas a lugares públicos, dentre outras. Esses fatores trazem ao significado de relações sociais outro ponto articulado a um aspecto em comum a todos e que faz com que esse modo em comum partilhado

seja reorganizado por sob o seu aspecto mais normativo, o que faz com que se perceba que há formas outras de se relacionar com os sujeitos através do sexo. E o sexo como meio de diálogo em torno dessas sociabilidades, que se tornam sexualizadas através de uma discursividade que se utiliza de conteúdo e de forma vinculadas ao sexo. É um discurso erótico/erotizado, tendo o sexo como o centro da cena (FOUCAULT, 2003).

O foco dessas interações e desses discursos que percorrem os sujeitos é o sexo, mas é um sexo performático. Hipertrofiado por um conjunto de características que muitas vezes o fazem mais próximos do sexo visto nos filmes pornográficos do que o sexo feito em casa. Isso não significa que o sexo feito em casa também não possa ser performático, muito pelo contrário. Há um diálogo entre o que é feito pela indústria pornográfica e o seu público consumidor, mas é importante considerar que no mundo swinger há uma aproximação perceptível com esse tipo de discurso, muitas vezes percebido com mais força ou menos intensidade.

Além de pensar as relações sexuais como relações sociais, a segunda proposta é de considerar o swing como um evento. As configurações sociais intrincadas no interior das ações correspondentes ao que no meu caso chamo de “swing” levam a crer que ao se configurar nessa condição, a “condição swinger”, se estabelece tanto uma relação de reafirmação de preconceitos, fronteiras morais e sexuais, assim como desestabiliza, borram e relativizam as mesmas. É como se pudéssemos ver, na mesma cena, dois extremos de um mesmo aspecto convivendo, da mesma forma que se observa como isso em determinados momentos se torna borrado e cinza. Essa é a parte que pesquisas como essa nos deixam a impressão: as coisas são muito mais complexas do que inicialmente imaginamos.

É nessa faixa, nessa frequência que esse estudo se debruça. Como isso se constitui? Como esse evento se configura de forma a causar todo esse movimento brevemente relatado aqui? Como esses sujeitos correspondem e são correspondidos por esse momento tão importante para si em termos sociais-sexuais? Quero dizer que esse trabalho é uma etnografia conduzida por esses pontos mais importantes. Como se a partir desses depoimentos e da minha observação a respeito dos contextos que tive oportunidade de acompanhar nesse

meio tempo, pudesse retirar uma síntese de como momentos como esses refletem nesses grupos, em suas falas e em seus comportamentos.

Trazer isso nada mais é do que destacar o conteúdo básico desta tese, que tem como objetivo contribuir com os estudos etnográficos sobre sexualidade que são realizados no Brasil pelas Ciências Sociais nos últimos quarenta anos. Essa é mais uma contribuição para esse conjunto de reflexões importantes que podem ser vislumbradas em várias temáticas diferentes e por sob os mais diversos vieses. A escolha do swing é mais uma entre as tantas investigadas e que tive a oportunidade de conhecer e de dialogar através desse trabalho, seja de maneira direta ou indireta.

Essas breves notas demonstram um pouco do que foi o início da formulação dessa pesquisa. Partindo delas, com o intuito de não esquecer-las é que se iniciou esta tese. Aqui não há pretensões de abranger todos os espectros e camadas do tema, na tentativa de esgotá-lo, ao mesmo tempo em que não se quer ser hermético nem superficial na abordagem que começa aos poucos a ser feita. Acima de tudo, a intenção maior aqui é de fazer com que as páginas que já começam a tomar tamanho possam trazer o fotograma de alguém que quis conhecer este campo e que voltou dele com mais questões do que entrou. Essas serão algumas notas íntimas de um campo que se mostra cativante e instigante nas suas reverberações analíticas.

2. A REDE DE SEXO ON LINE

2.1. Algumas considerações sobre a aproximação dos usuários do Sexlog

Para conhecer alguns desses perfis, necessitei de uma aproximação através do convite para amizade. Isso aconteceu, pois nesses casos não houve a procura do meu perfil por essas pessoas e sim o contrário. Na maioria das vezes, a interação iniciou no momento em que o meu perfil foi criado. Ao anunciar que estava ali para conhecer pessoas interessadas em participar da pesquisa, no primeiro momento aguardei a procura das pessoas em participar do trabalho. Foi isso que ocorreu. Todos os usuários deram entrevistas espontaneamente, no sentido de que não houve uma procura para que o contato ocorresse em nenhum momento. Os que se dispuseram a participar, na maioria das vezes confirmando a participação através de mensagens, horário e lugar, conversaram abertamente sobre as suas trajetórias, dentro e fora da rede social.

A maioria se aproximou pela curiosidade. Por que alguém se associaria em uma rede social de sexo, criando um perfil e mostrando o rosto só para conversar com pessoas? Esse estranhamento conduziu a aproximação. A curiosidade levou ao questionamento acerca do que eu fazia ali. Isso foi um aspecto a ser ressaltado e no entendimento sobre o meu papel como pesquisador presente naquela rede.

Esse início não foi fácil. A negação foi uma postura que acompanhei. Acostumei a ser levado como piada nos grupos e nos perfis da rede social pesquisada. Quando não havia essa galhofa, havia a negação antecipada, ao não aceitar inclusive o convite feito. Por me identificar como homem no perfil que foi publicado, existe alguns dispositivos no perfil de cada usuário para limitar o acesso a determinados tipos de categorização, que ficam organizados através de características de sexo e de gênero. Neste caso, alguns perfis, por exemplo, barram o contato e, assim, o acesso aos convites para usuários que se configuram como homens solteiros e assim por diante.

Portanto, nos dois casos, tanto nas situações em que havia a piada e a dúvida de que a minha presença ali não passava de uma brincadeira de mau gosto, mas também na negação de qualquer tipo de contato com determinados usuários pré-selecionados, não houve a aproximação e o impedimento foi deixado claro em

todos os sentidos. Isso foi respeitado e segui adiante, buscando outros perfis que se dispusessem a participar. Na mesma intensidade que ocorreu o bloqueio de alguns perfis, também aconteceu a abertura para o acesso irrestrito para outros, que contribuíram largamente para a realização desse levantamento no Sexlog.

Essa variação se deu muitos mais pela opção de cada perfil. Não houve em nenhum momento alguma atitude da minha parte que tivesse como objetivo fazer com que os sujeitos falassem comigo. A aceitação em participar das conversas foi realizada de forma cordata, com uma aproximação simples sobre o perfil. A não ser os casos onde o perfil entrou em contato comigo solicitando a amizade e depois a conversa pelo bate-papo, os outros foram chamados através de solicitação de convite ou de contatos realizados com o envio de mensagens encaminhadas pelo perfil e a partir daí houve a espera, para que tudo convergisse para uma conversa proveitosa. Esse foi um procedimento que se repetiu algumas vezes no Sexlog.

Quase sempre as solicitações enviadas aos perfis foram aceitas. As poucas vezes em que o convite foi negado a explicação encontrada reside em motivações muito comuns em se tratando de uma rede social de sexo e em uma pesquisa cuja investigação gira em torno desse tema. Como já disse, alguns perfis já são taxativos desde a solicitação de amizade, filtrando até na própria solicitação de aceite o tipo de interesse que buscam na rede. Portanto, muitos não aceitaram o convite por se tratar de um perfil que se configurava como masculino, pois não querem se relacionar com homens solteiros. Mesmo que o perfil criado não tivesse esse intuito, ele já seria barrado antes mesmo de haver algum contato mais próximo.

Tendo em vista isso e o fato de que inicialmente não havia nenhum parâmetro específico para a escolha dos perfis, aqueles que demonstravam essa restrição não foram procurados; o outro caso é o mais comum e está relacionado à falta de interesse de muitos em contribuir com as pesquisas desse tipo. O que foi visto com bastante tranquilidade, tendo em vista que muitas pessoas que participam dessas redes estão ali pelo sexo e preferem não participar de entrevistas. Ou, como disse um dos informantes, de serem “ratinhos de laboratório”.

Os que se dispuseram a falar ofereceram importantes contribuições para a pesquisa. O diálogo entre os conteúdos coletadas nas entrevistas, as informações já reunidas de outras de redes como o Orkut, bem como de programas de mensagens instantâneas como o Messenger, conjuntamente com as entrevistas realizadas

presencialmente, ofereceram um conjunto sem igual de ideias para a execução e o bom prosseguimento da pesquisa. Como já disse, a aproximação e os primeiros questionamentos giravam em torno do por que da pesquisa no Sexlog e como isso servia como estratégia para que o pesquisador pudesse utilizar esse questionamento curioso e instigante para iniciar uma conversa, que quase sempre culminou em uma entrevista. Sabemos do histórico de pesquisas sobre sexo realizadas. Uma tradição de pesquisadores que trabalham nas Ciências Sociais a etnografia da observação direta de práticas sexuais, notadamente Laud Humphreys (1970) e Gilbert Bartell (1971), entre outros. Todas elas mencionam a dificuldade em se trabalhar com pessoas e grupos por conta da precaução dos sujeitos sobre sigilo e privacidade.

Pesquisas sobre sexo trazem um ponto de vista muito peculiar sobre a pesquisa etnográfica hoje e revela a importância de um relato que não só vai a outra realidade diferente da sua e retorna para descrever o que foi testemunhado, mas que, no caso das redes sociais de sexo, faz aquilo que Gagnon pontua sobre o trabalho com a sexualidade⁷. O olhar do pesquisador no cenário da pesquisa sobre a sexualidade vai além de uma observação participante tradicional. Para Gagnon, o pesquisador que trabalha com as sexualidades faz aquilo que ele chama de observar o inobservável, trazendo à tona questões talvez sentidas, mas poucas vezes descritas com requintes de detalhes pelo especialista (GAGNON, 2006).

Nessa pesquisa sobre o Sexlog, isso não foi diferente. Dificuldades foram encontradas antes e durante o trabalho etnográfico. Apesar da aparente liberação dos corpos e a abertura para registrar e pronunciar os seus desejos, boa parte dos sujeitos que estão inseridos no Sexlog preferem fazer isso com muita discrição. Nesse sentido, discrição irá significar, acima de tudo, a proteção de suas identidades e tudo o que pode caracterizar o sujeito que está fora da rede do sexo. Ele se comunica utilizando-se de uma linguagem bastante conhecida, a da pornografia. Mas utiliza a pornografia dando um novo significado quando a articula aos seus interesses imediatos na rede.

As pessoas que postam os seus perfis na rede são caracterizados por alguns pontos que os aproximam: a utilização estratégica das estéticas erótica e

⁷ Notadamente o papel do pesquisador no estudo da sexualidade pode ser visto em Meinerz (2007).

pornográfica na composição de seus avatares. Geralmente utiliza-se de discrição e da ocultação da identidade por meio de pseudônimos. Na grande maioria dos casos o que se identificam nas fotos são corpos; nas mulheres, lingerie ou partes do corpo, de preferência partes anatômicas como a bunda ou dos seios; nos homens o pênis. Algo a ser destacado fica reservado à descrição que é inclusa nos perfis, que na maioria das vezes se caracterizam por um detalhamento das preferências que o participante possui sobre os tipos de fetiches, o perfil de casais ou pessoas solteiras que os casais pretendem conhecer; se possuem o que chamam normalmente de vícios (fumo, álcool, drogas ilícitas).

Tendo em vista uma observação sobre os perfis em redes sociais e os endereços eletrônicos dedicados à publicação de fotos dos perfis de sexo, se vê que a associação entre o swing e a pornografia não é forçosa. Eles se aproximam bastante. Visões de corpos, partes de corpos; partes que servem para fazer às vezes de fonte de sedução para o espectador que está do outro lado da tela. As imagens fazem o serviço de cartão de boas-vindas e de janela dialógica com os que acessam seus endereços. Essas fotos transmitem uma mensagem. Na maior parte das vezes a mensagem de sedução e de segredo, quase sempre ressaltados por corpos estabelecidos comumente pelos atuais parâmetros físicos e de beleza como “sarados”, bronzeados, utilizando-se de brinquedos eróticos ou em paisagens consideradas “paradisíacas”. No fim das contas o intento é seduzir.

Nesse sentido, a utilização estética para o sexo se coloca articulada a pornografia como é percebida de uma maneira geral: enquanto a pornografia pretende fazer com que o telespectador consuma e tenha prazer ao observar as imagens, a utilização desses recursos na rede social de sexo mantém um diálogo contínuo com essa estética. A intenção é que a pornografia sirva como fonte/canal de diálogo e de consumo entre as pessoas que interagem. Sejam fotos ou vídeos, o material que é encontrado nesses endereços atenderia a indústria pornográfica como um todo: do ponto de vista estético, mas também de consumo do material.

Em geral, a pornografia não segue uma regulação, um código restrito e estabelece uma relação intensa com o risível e com o que está de fora. Segundo Leite Junior (2006), esta íntima relação entre prazeres perversos, brincadeiras e pornografia como elementos perigosos e potencialmente destrutivos da

ordem social seria algo acompanhado desde os idos tempos e tomará ênfase do século dezenove de nossa época para cá.

Os desejos e as possibilidades de mencioná-lo nas redes sociais encontram barreiras na medida em que esbarram no risco que coloca em jogo a relação entre segredo/identificação em um ponto, e desejo/sexo/fantasias em outro. Cabe ressaltar que o ponto intimidade não está sendo ressaltado aqui. As redes sociais são pródigas de uma superexposição do sujeito. Exposição que passa pelo compartilhamento público daquilo que o autor deseja que os outros vejam. Essa divulgação nas redes sociais de sexo – e, no caso do Sexlog – se faz por força de signos que estão articulados às imagens e aos textos. Ambos pronunciam aquilo que os sujeitos querem e procuram na rede: falar de si, mostrar um pouco de si mesmos, em imagens e textuais, e produzir um regime de afetamentos que podem gerar, em última instância, a realização dos desejos e do sexo, muito além dos discursos sobre sexo inscritos nos seus perfis.

O papel da intermediação do Sexlog se encerra, na medida em que a mediação dos atores através dos seus perfis toma importância e rouba a cena. Ao usar os seus perfis, esses sujeitos tomam a cena. Recriam-se, a partir da busca pela realização dos seus fetiches. Usam para isso o suporte da rede, que serve como porta e como canal. Canal que também se alongará na medida em que homens, mulheres, casais, travestis e transexuais e todos os demais personagens utilizarem também de outros meios com objetivos de realização sexual.

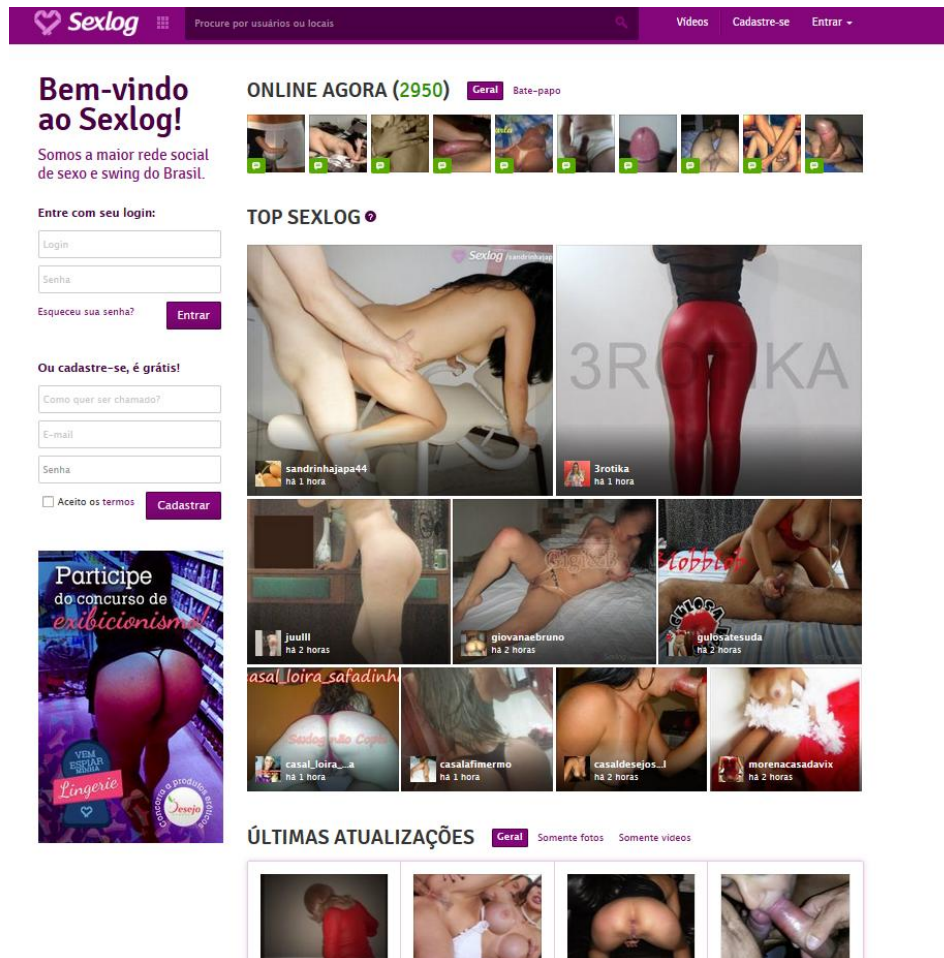
A rede social de sexo é só mais um dos seus nós. A cartografia desses encontros irá levar o pesquisador da sexualidade a muitos outros espaços possíveis de afetos entre os muitos personagens. As salas de bate-papo, os programas de troca instantânea de mensagens, as redes sociais de sexo, além dos lugares de encontros pessoais desses personagens, como as casas de swing, as saunas, os hotéis, os bares e as festas privativas. Essa outra parte do percurso será discutido na próxima parte da tese.

2.2. Do Fotolog ao Sexlog: uma trajetória da rede social de sexo

O Sexlog, rede social de sexo e swing, existe no Brasil há mais de dez anos na internet. Em sua página de apresentação, se auto intitula como “a maior rede social de sexo e swing do Brasil”⁸. Segundo a descrição do próprio site e a partir de algumas conversas que tive com os administradores, atualmente o Sexlog reúne mais de quatro milhões de usuários cadastrados. São pessoas das mais variadas classe e faixas etárias que mantêm perfis na rede. Nela compartilham fotos, vídeos, áudio e textos. Informações que são publicadas pelos proprietários de cada perfil, acessível aos seus amigos e contatos (Figura 1).

⁸ Informações retiradas do seguinte link: <https://accounts.sexlog.com/sobre-sexlog> (Acessado em 28/06/2013, às 20 horas).

Figura 1: Página principal do Sexlog



Fonte: Sexlog.com.br

Inicialmente com uma estrutura voltada para a postagem de fotos, o Sexlog começou os seus serviços com a construção de perfis que se associavam ao site para postarem fotos que sempre eram acompanhadas de uma legenda. Ainda não possuíam o nome nem o conceito do Sexlog, com o objetivo de ser uma rede de sexo ou de trabalhar com conteúdo erótico. Segundo os proprietários que possuem uma empresa para administração da rede, a plataforma utilizada no início foi o Fotolog, uma espécie de diário eletrônico de postagem de fotos nos anos 2000 na internet, onde os usuários se utilizavam de fotos para contar o seu dia a dia. No entanto, muitos perfis começaram a usar a sua conta para publicar fotos sem roupa, o que não era permitido. No começo a administração do site tinha muito trabalho em mediar a publicação dessas imagens e isso foi tomando uma proporção tão grande que eles resolveram criar um espaço específico para a publicação de fotos e conteúdos eróticos. Foi aí que surgiu o Sexlog.

Outros perfis também podiam acessar essas fotos e incluir comentários. Muita coisa mudou ao longo desses dez anos. De uma rede baseada no compartilhamento de fotos, com um público em sua maioria constituído por casais, o Sexlog hoje congrega um conjunto de ferramentas que tem como particularidade o conteúdo erótico de seus produtos. Segundo a descrição do site, a rede tomou proporções consideráveis e diversificou os seus serviços. Além do sexo e do swing, outras oportunidades são possibilitadas a partir dessas ferramentas:

(..) o Sexlog também tem espaço para pessoas que querem apenas se exibir ou ter acesso ao maior conteúdo adulto amador da internet brasileira, com fotos, vídeos e contos. Nosso principal objetivo no Sexlog é garantir a nossos assinantes sucesso na formação de relacionamentos e meios de obter entretenimento real. Temos equipes exclusivas trabalhando diariamente para trazer novos recursos, funcionalidades e iniciativas que ajudem os sexlogers a se divertirem cada vez mais.

Hoje em nosso portfólio, além do Sexlog, temos a Revista Sexlog (com conteúdo inédito de assuntos relacionados a sexo, consumo e estilo de vida, além de fotos com modelos nuas em ensaios sensuais), o SexlogX (com vídeos pornôfs de grandes gravadoras, atualizado diariamente e de acesso exclusivo para assinantes) e o Clube Sexlog (que oferece descontos e facilidades aos assinantes que possuem o cartão do Clube em estabelecimentos parceiros). (<https://accounts.sexlog.com/sobre-sexlog>).

Sobre o que eles chamam de “conteúdo adulto amador na internet” se explica toda e qualquer tipo de produção imagética feita pelos usuários do Sexlog. O significado da palavra “amador” nesse contexto não é a sua adjetivação, ou seja, a qualificação de que aquilo que é publicado nos perfis é um conteúdo “amador”, o que aproximaria de algo sem produção ou estrutura mínima, tendo como oposto a produção “profissional”, que possuiria de uma produção e estrutura maior e com outro patamar de qualidade. Não é isso. A palavra “amador” está articulada a fonte de produção e não a sua adjetivação. No caso, os usuários da rede, que periodicamente contribuem com fotos e vídeos nos seus perfis.

Apesar de ser o foco principal da equipe do Sexlog, os outros produtos que foram criados nesses últimos dez anos aos poucos adquirem importância na relação do Sexlog com os seus clientes. Na opinião dos administradores, isso multiplicaria as possibilidades de relacionamento na rede, já que as pessoas que transitam ali têm outras opções que podem ser agregadas ao seu dia a dia como consumidores

de produtos e conteúdos eróticos. Os administradores sempre fazem questão de ressaltar que o foco deles é o Sexlog, mas que as ferramentas que já foram criadas até aqui agregariam funções e valores importantes aos usuários da rede.

Atualmente, a empresa que cuida do Sexlog oferece seis produtos diferentes aos seus usuários: o Sexlog como a ferramenta principal, a Revista Sexlog, que publica mensalmente ensaios eróticos de modelos contratadas, além de uma seção dedicada à publicação de ensaios com mulheres que mantêm perfis na rede. Elas passam por uma eleição que ocorre mensalmente na rede social, onde são votadas no concurso “Garota Sexlog”. A escolhida faz um ensaio erótico para a revista, com o mesmo aparato que geralmente se vê em revistas eróticas ou sites especializados no tema.

O terceiro produto é o SexlogX, plataforma de visualização de filmes e cenas pornográficas. O SexlogX mantém uma parceria com o Grupo Palms, proprietário da produtora de filmes pornográficos Brasileirinhas. Periodicamente são publicados filmes completos e cenas diversas produzidos pela Brasileirinhas, que podem ser assistidos pelos usuários que mantêm perfis no Sexlog. O quarto serviço é o Clube Sexlog, que congrega um conjunto de oportunidades de descontos e promoções em estabelecimentos como hotéis, pousadas, bares e boates. O quinto produto é um sex shop, que funciona como uma loja virtual de produtos e acessórios eróticos. Por último, o produto mais recente do grupo, um bate papo que está à disposição dos perfis no Sexlog.

Como espaço dedicado a interação entre pessoas, com um conjunto de ferramentas voltado para o contato entre os seus usuários, com o objetivo de aproximá-los pelas imagens, vídeos, mensagens e bate-papo, o Sexlog representa atualmente uma das mais acessadas e importantes redes sociais de sexo na internet brasileira. Isso não só porque possui um número considerável de assinantes (mais de quatro milhões, como já foi dito), mas por ter um volume importante de material erótico produzido por esses usuários, além do fato de ser um espaço de socialização (socialização sobre e para o sexo) cujo conteúdo é específico (erotizado, com uma estética que circula, entre o erótico e o pornográfico).

A forma de se integrar ao Sexlog começa por um cadastro. Nele, o usuário registra os seus dados básicos como nome, idade e endereço. Após o preenchimento dos dados básicos, o cliente deve incluir algumas informações

específicas para o seu cadastro, que toma os contornos de uma rede social de sexo, cujo formato básico é o encontro, o compartilhamento e o contato com outras pessoas para o sexo. O formulário pede ao usuário que se cadastra respostas como “quais são os seus interesses no Sexlog?”; “quem você é?”; formulário que também requisita dados sobre a biografia e finaliza com a postagem inicial do cadastrado, da foto na qual quer ser identificado na rede, além da possibilidade de poder compartilhar as suas primeiras fotos, comentários, vídeos, entre outras informações, como pode se ver na tela abaixo (Figura 2), que reproduz o passo-a-passo do cadastramento:

Figura 2: Página de edição do perfil do usuário

Sexlog Procure por usuários ou locais

falandodeswing
✕ Editar meu perfil
✕ Popularidade

Explorar (Página inicial)
Novidades
Mensagens
Minhas fotos
Amigos e favoritos
Eventos e encontros
Grupos
Bate-papo
Vídeos
Configurações
Minha assinatura

Editar perfil

Conte mais sobre você e ajude mais pessoas interessantes a encontrarem seu perfil.

Geral Edson Interesses

Quem é você: Homem

Estado civil: » Selecione

Avatar (foto do perfil):
Trocar foto

Login: falandodeswing

Localização: Brasil, Paraíba, João Pessoa - Trocar

Resumo do perfil:

Sobre mim: Pessoal: este perfil faz parte de uma pesquisa efetuada aqui no Sexlog sobre o swing. Gostaria de contar com a participação de casais, homens, mulheres e trans para conversarmos sobre o tema. Prezo pelo sigilo e a discrição nas informações. Vamos conversar. Peço a oportunidade de poder contar com vocês nesse projeto!

Sua página de entrada: Perfil

Minhas redes:
MSN edsonpxt@yahoo.com.br ✕
facebook.com/ edson.vasconcelos2 ✕
twitter.com/ falandodeswing ✕
Skype +

84% do perfil completo

Faltam 8 itens

- Relacionamentos
- Resumo do perfil
- Estado civil
- Olhos (1º perfil)
- Peso (1º perfil)
- Profissão (1º perfil)
- Fantasia sexual
- Outros interesses

Meu Sexlog Visualizar

Atualizado em 05/08/2013

2
Editar fotos ou vídeos

Enviar foto ou vídeo...
Selecione...
ou arraste um arquivo aqui para enviá-lo!

Salvar alterações

Fonte: sexlog.com.br/falandodeswing

Nessas mudanças ocorridas ao longo desses dez anos, algumas ficam por conta da forma como os perfis no Sexlog são construídos. No ato do cadastro com as informações demográficas do assinante, existiam as seguintes opções: homem, mulher, casal. A inclusão no cadastro de opções das categorias de “transex” e casais do mesmo sexo marca uma mudança considerável para a construção das subjetividades e das relações conjugais nessa rede social. Uma relativa abertura para grupos que, antes da mudança, não podiam se identificar de maneira clara ao preencherem os espaços reservados às suas características biográficas, a não ser que tentassem explicar a sua condição em seu perfil biográfico, em lugares pouco adequados, ou mesmo com um apelido que trouxesse o significado do seu lugar e pronunciasse assim a sua identidade. No caso dos perfis pertencentes a travestis, o mais comum antes das mudanças biográficas era encontrar apelidos que se articulassem com o prefixo “trans”. Por exemplo, “transloirinha”, “Anatrans” ou “bonecatrans”. Da mesma forma, casais do mesmo sexo utilizavam em seus perfis apelidos como “casal ele/ele”, “casaldenamoradas”, “ela/elaprocura”, dentre outras formas de se identificar (Figura 3).

Figura 3: Página de edição do perfil do usuário com o status de interesse

Editar perfil
Conte mais sobre você e ajude mais pessoas interessantes a encontrarem seu perfil.

Interesses

Interesse por:

- ☒ Homem
- ☒ Mulher
- ☒ Casal (Ele/Ela)
- ☒ Casal (Ele/Ele)
- ☒ Casal (Ela/Ela)
- ☒ Transex

Relacionamentos:

- ☐ Exibicionismo
- ☐ Romântico
- ☐ Em grupo (3 ou mais)
- ☐ Sexo rápido
- ☐ Relacionamento discreto
- ☐ Apenas amizade
- ☐ Sexo a dois
- ☐ Sexo casual
- ☐ Entre casais
- ☐ Chat / E-mail / Telefone
- ☐ Outras atividades

Interesse em conhecer:

Pessoas que utilizam o Sexlog e que queiram conversar sobre sexo e sobre as suas experiências aqui na rede.

Fantasias sexuais:

Outros interesses:

84% do perfil completo

Faltam 8 itens

- Relacionamentos
- Resumo do perfil
- Estado civil
- Olhos (1º perfil)
- Peso (1º perfil)
- Profissão (1º perfil)
- Fantasias sexuais
- Outros interesses

Meu Sexlog Visualizar

Atualizado em 05/08/2013

2

Editar fotos ou vídeos

Enviar foto ou vídeo...

Selecione...

ou arraste um arquivo aqui para enviá-lo!

Salvar alterações

Mesmo depois da mudança, até hoje ainda perdura a relação que existe entre a representação, através dos apelidos, da identidade dos usuários e o que buscam no Sexlog. A relação entre os “nicknames” dos assinantes e os seus desejos, aquilo que objetivam na utilização da rede de sexo, ainda é uma particularidade que perdura no Sexlog. É muito comum ainda hoje encontrar exemplos de apelidos que identificam, mais ao mesmo tempo revelam os desejos dos usuários. É o caso de “Casalambosbi”, “transsexlorinha” e “gatabdsm”.

A diferença se coloca no fato de que essa particularidade, quando da inclusão dos dados dos casais do mesmo sexo e travestis, em espaços apropriados para isso, reservados no momento do preenchimento dos dados biográficos, não só demonstra uma modificação importante e o reconhecimento de outras subjetividades no que se refere às sexualidades, mas também, confere a essa mudança à possibilidade de usar o significado do nickname, que é de nomear e antecipar “dicas” sobre o perfil, pura e simplesmente para isso. Sem essas modificações, o nickname no Sexlog não só serviria para dar significado ao usuário da rede de sexo, mas para reproduzir somente a restrição de status do perfil de sexo a homens, mulheres e casais heterossexuais.

As fotos, os vídeos e os relatos que podem ser publicados na rede, assim como a sua frequência, tudo isso vai depender de que tipo de assinante você é. Existem duas modalidades de assinante: aquele que pode acessar a rede de maneira gratuita e um segundo tipo, que é o assinante que paga por uma modalidade de plano de assinatura, que pode iniciar com uma vigência mensal, chegando até um plano semestral. Em ambos os casos, o usuário pode publicar seus arquivos na rede, mas a frequência e as formas de interagir através desse material com os demais usuários é o ponto que define as diferenças entre o perfil gratuito e o perfil que assina um dos pacotes de utilização do Sexlog. No primeiro tipo de assinatura, a postagem de fotos fica resumida a uma postagem por dia. Da mesma forma ocorre com a postagem de vídeos. O comentário em perfis de outros assinantes também se torna limitado, além do envio de mensagens. Restringindo-se a mandar mensagens abertas, onde qualquer usuário pode visualizar as informações que são trocadas (Figura 4).

Figura 4: Planos de assinatura do Sexlog

The screenshot displays the 'Minha assinatura' (My subscription) page on the Sexlog website. On the left, a sidebar contains links for 'Minha conta', 'Minha assinatura', 'Presentes', 'Segurança e privacidade', 'Bloquear / Excluir conta', 'Central de ajuda', and 'Denúncia'. Below these is a section for 'Último acesso em' (Last access on) showing the date and time of the last login.

The main content area is titled 'Minha assinatura' and includes a sub-header 'Você ainda não é assinante, conheça as vantagens e assine agora mesmo!'. Below this, a section titled 'Vantagens de ser assinante!' (Benefits of being a subscriber!) lists several perks: 'Consiga encontros reais' (Get real encounters), 'Assista aos vídeos em HD' (Watch videos in HD), 'Bate-papo ao vivo' (Live chat), 'Descubra de quem você é favorito' (Discover who your favorite is), 'Envie vídeos em HD' (Send videos in HD), and 'Mais fotos todos os dias' (More photos every day). A link to 'ver todas as vantagens detalhadas' (view all detailed benefits) is also present.

The main section is titled 'Assine agora!' (Subscribe now!) and includes the text 'São apenas duas etapas. Assine e aproveite as vantagens!' (It's only two steps. Subscribe and enjoy the benefits!). Below this, there are two tabs: 'Escolha o plano ideal pra você' (Choose the ideal plan for you) and 'Escolha a forma de pagamento' (Choose the payment method).

The 'Escolha o plano ideal pra você' tab is active, showing three subscription options:

- Trimestral** (3 months): Labeled 'MELHOR OPÇÃO' (Best option) and 'R\$ 30 Desconto' (R\$ 30 discount). The price is R\$ 39⁹⁰/mês. The 'ASSINAR' button is highlighted. Below the button, it states 'pagamento único R\$119,70' (one-time payment R\$119,70) and 'Assinatura válida por 90 dias' (subscription valid for 90 days).
- Gratuito** (Free): Labeled 'Acesso ilimitado' (Unlimited access). The 'ASSINAR' button is highlighted. Below the button, it states 'Saiba como funciona' (Learn how it works) and 'Assinatura válida por 3 dias' (subscription valid for 3 days).
- Mensal** (Monthly): Labeled 'R\$ 49⁹⁰/mês'. The 'ASSINAR' button is highlighted. Below the button, it states 'Assinatura válida por 30 dias' (subscription valid for 30 days).
- Semestral** (6 months): Labeled 'R\$ 120 Desconto' (R\$ 120 discount). The price is R\$ 29⁹⁰/mês. The 'ASSINAR' button is highlighted. Below the button, it states 'pagamento único R\$179,40' (one-time payment R\$179,40) and 'Assinatura válida por 180 dias' (subscription valid for 180 days).

Fonte: Sexlog.com.br

No segundo caso, nos planos de assinatura paga, as possibilidades de utilização da rede se ampliam, em comparação com o plano gratuito, justamente porque não há nenhum tipo de restrição na navegação do usuário. A postagem de todo e qualquer material é ilimitada, como também o envio de mensagens, que

podem ser abertas, mas permite a opção e a visualização de mensagens privadas. Parece que a relação entre os dois tipos de usuários não só se resume em pagar ou não pelo serviço, mas na intensidade e na frequência de acesso com que há a possibilidade dos sujeitos interagirem entre si através das ferramentas oferecidas pela rede.

Para os usuários que partilham da rede social de sexo, a interação com outros usuários é um dos principais objetivos para se manter um perfil ativo. Com manter um perfil se quer dizer a forma como se gere periodicamente a sua conta na rede social, acessando e atualizando o seu perfil com o maior número de informações no menor período de tempo. Atualizando não só com textos, mas com imagens, vídeos e legendas que possam cativar aqueles que tenham acesso a ele.

Se o objetivo é o de conhecer pessoas, manter o perfil atualizado é um dos quesitos. Ter acesso aos outros perfis também é outra parte importante. Frequentar acessando outros perfis, tentar um contato; comentar as fotos e atualizações de outros usuários também faz com que se consiga algum tipo de aproximação. Mensagens, privativas ou abertas para outros usuários também fazem parte do conjunto de ações no sentido de uma maior interação entre as pessoas.

À medida que se postam fotos e outros tipos de arquivos, se estabelece o ritmo com que se conduz a periodicidade de acessos e de interações. Como toda rede social na internet, ser mais ou mesmo popular lhe define não só pelo que se produz em termos de conteúdo, mas no quantitativo e na continuidade de acesso. Aqueles que acessam pouco, ou que publicam e interagem menos na rede, consequentemente tem menos chances de encontrar o que grande parte dos usuários do Sexlog deseja: sexo. O plano de criar novos produtos anunciado pela empresa que gerencia o Sexlog já conduz a esse conceito básico de lidar com o sexo na internet. O público assinante deseja consumir mais e mais conteúdo erótico e pornográfico. Consumir das formas mais variadas e não só para busca de outras pessoas que queiram encontros sexuais, com demanda, portanto, na diversificação dos produtos.

2.3. Algumas notas sobre a presença do pesquisador e a inclusão no campo

Tornei-me assinante do Sexlog em 2011. Antes disso, houve todo o processo de ingresso no Doutorado, onde se localiza a pesquisa mais ampla intitulada *De olhos bem fechados: práticas sexuais, conjugalidades e subjetividades no swing*. A proposta de pesquisa no doutorado tem como uma das fontes de coleta de informações justamente o Sexlog, por ser uma rede social relevante de contatos para o sexo e o swing. Naquele momento, ainda em 2011, a entrada nas redes sociais foi feita de forma tímida, inicialmente através do contexto de redes como o Orkut, já que muitos contatos estabelecidos para a pesquisa foram reunidos um pouco antes de 2011, no período de formulação do projeto e da triagem das fontes. Além do Orkut, o programa de mensagens instantâneas Messenger (MSN) também foi usado, e, apesar de já saber da existência do Sexlog, a criação do perfil não foi concretizada. Isso porque ainda havia um longo caminho pela frente no sentido da consolidação da pesquisa formalmente no Doutorado, além de faltar mais um tempo para que o trabalho de campo pudesse ser iniciado.

A partir da consolidação da pesquisa e a entrada em campo, além das entrevistas que já estavam acontecendo houve o ingresso efetivo no Sexlog. Devo destacar dois motivos para essa entrada: O Sexlog é um espaço privilegiado de contatos para o sexo. Além de ser uma das maiores redes sociais de sexo na internet brasileira, o conjunto dos seus usuários perfaz uma variação de interesses e de desejos quando o assunto é sexo. A rede proporciona ao seu usuário uma interface intuitiva no uso das suas ferramentas com preços acessíveis. Lá se encontra todo o tipo de pessoa, com o objetivo de realizar as suas fantasias no contato com outros sujeitos através da rede. Isso é feito seguindo o roteiro tradicional que pode ser acompanhado em outras redes sociais, inclusive aquelas que não são segmentadas como Sexlog: a interação com outros usuários a partir da sua inclusão nas listas de amigos e o compartilhamento de fotos, vídeos e textos através do seu perfil.

A impressão inicial era de que as pessoas estavam livres para ver e se verem e assim realizarem os seus fetiches, seja o de observar ou ser observado, ou mesmo usarem o espaço para ter encontros sexuais; o segundo motivo de ingresso e de utilização do Sexlog na pesquisa de doutorado se relaciona ao contato com

esses personagens que fazem parte da rede social de sexo. Aproximar-se dessas pessoas e tentar conversar com elas sobre os seus usos e os significados da rede em suas vidas se colocou como um ponto fundamental aos rumos daquilo que planejava para a pesquisa.

Esses significados estão relacionados à forma como essas pessoas vivenciam esse espaço. Para isso, há a percepção de relacionar a intimidade com a construção de personagens nas redes. Ao se exporem, esses sujeitos mostram os seus desejos, as suas fantasias e, inclusive os seus corpos. Não um corpo qualquer, mas as partes do corpo que possam ser mais erotizada e que ao mesmo tempo possa preservar a sua identidade. Identidade enquanto visualização da subjetividade sobre o rosto do usuário. A essa discrição caberá demonstrar ao público observador dos perfis os seus interesses, sem necessariamente apresentá-lo sobre todos os seus aspectos.

Essa relação entre intimidade, discrição e sexo virtual mantém um vínculo curioso, pois ao associar esses pontos acaba flertando com um sexo real que passa a ser o objeto primordial de muitas dessas relações. Ou seja, ao criar aproximação entre os três pontos, as redes de sexo tornam o sexo real muito mais próximo, fazendo inclusive com que essa relação entre “virtual” e “real” seja borrada provisoriamente. Se hoje já se considera que não há uma fronteira muito clara entre o que é considerado “virtual” e “real” em torno do sexo, essa relação de coisas só nos faz revelar que ao facilitar esses pontos a forma de pensar a sexualidade como sendo “real” ou virtual” só se torna premente enquanto figura de linguagem, mas que algo que inicialmente aparenta ser um paradoxo acaba se tornando resultado de uma relação que, sim, é um paradoxo, mas que acaba sendo estabelecido dentro de um paradoxo que confirma como a performatividade e a relação entre os sujeitos em rede pode fazer com que, na prática, haja essas redefinições de categorias e ao mesmo tempo nos faça pensar que essas “indefinições teóricas” ou indefinições metodológicas” só podem e só devem ser definidas mediante a resposta dada pela prática. É essa resposta que deve ser percebida a priori.

No início de 2011 houve a inscrição na rede através do perfil intitulado “falando de swing” (Figura 5). Escolhi um nome para o perfil que pudesse caracterizar qual era o meu objetivo ali naquele espaço. Nele coloquei, periodicamente, fotos e relatos sobre a pesquisa que estava sendo executada

(conforme tela ilustrativa abaixo). O objetivo sempre foi o de encontrar pessoas dispostas para conversar sobre sexo e os seus propósitos em utilizar aquele ambiente. Ao longo dos últimos três anos de permanência e de participação do perfil no Sexlog, já há um total de 200 contatos com perfis de pessoas que ficam configuradas entre casais (homo/hétero), homens e mulheres solteiras, além de alguns travestis. Esses 200 contatos se configuram como meus “amigos” na rede social. Todos adicionados através de convites pessoais feitos em suas páginas de perfil. Fora os duzentos contatos, mais cinco perfis foram acompanhados no Sexlog e contribuíram com depoimentos.

Figura 5: Página principal do perfil “falandodeswing”

The screenshot shows the profile page of 'falandodeswing' on the Sexlog website. The page is divided into several sections:

- Header:** Includes the Sexlog logo, a search bar, and navigation icons.
- Profile Info:**
 - Avatar:** A photo of a man with glasses.
 - Username:** falandodeswing
 - Location:** Homem, João Pessoa - Paraíba, Brasil
 - Subscription:** Assinante (Subscriber)
- Navigation Tabs:** Novidades, Fotos (19), Vídeos (0), Grupos, Agenda, Sobre.
- Sobre mim (About me):**

Pessoal: este perfil faz parte de uma pesquisa efetuada aqui no Sexlog sobre o swing. Gostaria de contar com a participação de casais, homens, mulheres e trans para conversarmos sobre o tema. Prezo pelo sigilo e a discrição nas informações. Vamos conversar. Peço a oportunidade de poder contar com vocês nesse projeto!
- Informações pessoais (Personal Information):**

Nome	Edson Vasconcelos
Idade	33 (09/05/1981)
Signo	Touro
Etnia	Branco
Cabelos	Castanhos - Curto
Altura e peso	1,80m
Fuma	Não
Bebe	Ocasionalmente
- Interesses e intimidades (Interests and Intimacies):**

Interesse por	Homem Mulher Casal (Ele/Ela) Casal (Ele/Ele) Casal (Ela/Ela) Transex
Interesse em conhecer	Homens, mulheres e casais que queiram conversar sobre sexo e sobre as suas experiências no swing.
- Estatísticas (Statistics):**

Usuário desde	13/03/2012
Último acesso	16/09/2014 às 18:21
Comentários feitos	6
Comentários recebidos	18
Visitas recebidas	2843
- Contatos (Contacts):**

E-mail: falandosobreswing@yahoo.com.br
- Redes sociais (Social Networks):**

MSN: edsonpxt@yahoo.com.br
Facebook: edson.vasconcelos2
Twitter: falandodeswing
- Amigos (Friends):**

Amigos (208) Favoritos

 - casalnitroi: 640188 visitas
 - amanteslatin...0: 209123 visitas
 - lobabandidamt: 25115 visitas
 - sandrinhajapa44: 1528832 visitas

Fonte:sexlog.com.br/falandodeswing

As primeiras impressões que trazem o impacto inicial do acesso a esse tipo de endereço na internet residem no fato de não ser uma rede social qualquer. É uma rede de sexo. Lá as pessoas publicam conteúdo erótico/pornô através dos seus perfis cotidianamente. Trocam mensagens e publicam fotos e vídeos. A interface de interação é muito semelhante e de uma rede social usual, o que muda realmente é o seu conteúdo. Na rede social de sexo, as pessoas falam sobre as suas fantasias. Falam e publicam as suas fantasias. A mulher que deseja sexo com dois homens (ménage masculino), ou, sexo entre duas mulheres e um homem (ménage feminino); a procura dos casais por experiências com pessoas do mesmo sexo; o desejo do marido em observar a sua esposa com outro homem na cama; o exibicionismo puro e simples de fotos de nu em lugares públicos e em situações inusitadas, como o sexo com desconhecidos na rua, ou, o sexo em lugares públicos com desconhecidos observando, prática conhecida nos últimos tempos como o “dogging”.

Eu não só acompanhei toda a interação que havia entre os perfis associados à rede, mas também interagi com eles. Através do perfil cadastrado no Sexlog eu pude me aproximar de outros perfis, o que foi acontecendo gradativamente. Destacando que isso não aconteceu de uma maneira unilateral, com a minha participação enviando mensagens aos perfis me apresentando, ou mesmo solicitando amizade com o envio de convites eletrônicos. Também ocorreu a aproximação de muitos perfis, com convites de amizade e mensagens, quase sempre com a mesma curiosidade: para quê e por que alguém deseja fazer uma pesquisa de doutorado no Sexlog? Esse questionamento apareceu várias vezes e se tornou não só o momento da primeira aproximação entre eu e os informantes, mas também serviu como estratégia para a utilização desse instante como um meio que pudesse se converter em algum tipo de informação para a pesquisa.

Quase sempre essa aproximação ocorreu de duas formas, ou enviando mensagens privativas aos perfis que eu escolhi, ou, enviando diretamente solicitações de amizade, sem passar pela triagem que as mensagens privativas permitem⁹. Esse segundo tipo de estratégia de aproximação também foi utilizada, pois, como em outras redes sociais, sejam elas de sexo ou não, o acesso completo

⁹O plano de assinatura do perfil de pesquisa ao longo desses três anos foi semestral e abrangeu o acesso a todas as ferramentas oferecidas pela rede.

as informações do perfil de cada usuário, só pode ser feito mediante a aceitação da solicitação de amizade. Vale salientar que a escolha dos perfis ocorreu de maneira aleatória inicialmente. Depois de algumas conversas e da repetição de certos perfis de usuários (casais hétero, homens sozinhos) resolvi diversificar a lista dos perfis, incluindo entrevistas com perfis de travestis, mulheres solteiras e casais de gays e de lésbicas. Portanto, variando a quantidade de usuários entrevistados, assim como a configuração dos seus perfis na rede.

Essa escolha foi precedida da disponibilidade em ouvir os perfis que se dispusessem a participar do trabalho. Partindo dessa abertura inicialmente mais ampla em receber quem quisesse falar, também tentei escolher dentro dessa pré-seleção dos perfis, alguns que me chamassem a atenção por alguma característica que considerasse peculiar. Especialmente, algum tipo de particularidade que, na interação entre a etnografia da rede social e as conversas entre os perfis, pudesse revelar padrões incomuns de ação e de comportamento dos perfis na rede. Nesse caso, algumas características me chamaram a verificar certos comportamentos de maneira especial.

A primeira escolha foi para os perfis que se caracterizaram por não omitirem imagens dos rostos dos seus integrantes. Como isso não é comum nas redes de sexo eu resolvi procurar alguns desses perfis para conversar, entre outras coisas, sobre o fato de terem tomado a decisão de mostrar o rosto, ao invés de investirem na descrição das suas identidades através do ocultamento dessa parte do corpo. É importante salientar que grande parte dos sujeitos que possuem perfis sexuais em rede sociais como essa não tem o hábito de mostrar os seus rostos e que em boa parte dos casos as imagens retratam partes de corpos, como o torso, por exemplo.

A identidade, quase sempre é representada nas redes sociais pela identificação com o seu rosto. O rosto como representação da identidade e os olhos como “janela da alma” quase sempre se referem à forma como diferenciamos alguém, seja pelos afetos, se está falando a verdade ou se está mentindo, tudo isso residiria, segundo o senso comum, ao se olhar o rosto de alguém. Portanto, em nossa sociedade, há uma supervalorização da face, enquanto parte do corpo que representa a identidade do sujeito, assim como expositor de sensações e emoções do sujeito.

A maneira como esses perfis são formados mantém um diálogo permanente com o que desejam provocar nos seus espectadores. Da mesma forma, o que mostram nas suas publicações dialoga com o que buscam em outros perfis vinculados ao Sexlog. Portanto, muitas vezes aquilo que se vê também pode ser representado naquilo que quer ser buscado nas redes sociais de sexo. Um exemplo sobre isso são as publicações nos perfis dos usuários. Quase sempre essa comunicação é feita pela postagem de fotos. Também há postagens de vídeos, mas ela ainda é uma parte reduzida das postagens realizadas diariamente pelos usuários. A maioria prefere utilizar a foto. Mas não é qualquer foto. A foto que é publicada é sempre uma imagem que represente dois pontos: a inibição da identidade e a representação da sexualidade através dos corpos erotizados.

O corpo é o espaço que precisa ser encoberto, ou ser estimulado a representar determinadas ações, como a sensualidade, o profissionalismo, entre outros valores que possam ser representados em termos corporais e que são inscritos a partir de contextos e discursos vinculados a moda, o consumo e a sexualidade, só para resumir em três exemplos. Essa valorização da face enquanto área de comunicação e de identidade subjetiva é interdita nas redes de sexo. Isso tem uma explicação óbvia: por ser tratado socialmente assim, o rosto se torna uma forma de identificar quem não quer ser identificado. Ou mesmo de revelar, algo que naquele momento não quer ser revelado, isso porque em muitas dessas relações estabelecidas na rede, o rosto só tem o seu valor revelado aqueles que mantêm uma interação estreita, e merecem a confiança do usuário para ser mostrado. É como se a identidade por completo só pudesse ser desvelada quando se associa a isso uma relação de confiança que vá além de um mero contato na rede. Portanto, o rosto passa a ter não só o valor de ser o espaço reservado para a identidade do usuário, mas o lugar que só será revelado a quem merecer tal intento. Gesto de intimidade.

Essa parte quase sempre é negada nas redes sociais. O que resta são os sujeitos se mostrarem a partir de outros “predicados” que não o rosto. Até porque, muito além do fato do rosto ser considerado como instância significativa de tantas representações, tudo isso se resume que é através do rosto, entre outros aspectos como sinais, cicatrizes e outros pontos relativos à anatomia de cada sujeito, que se identifica quem somos nós. É o que muitas pessoas não se têm o interesse de fazer

nesses ambientes. Pelo menos em um primeiro momento, que seria o de apresentação. Isso não significa que ao passar para um contato mais próximo esses sujeitos ainda mantenham esse tipo de restrição. Significa que para a sua apresentação e aproximação para com o outro o que importa são as outras partes do corpo, e o rosto ficaria reservado para um segundo momento, onde a aproximação entre os interessados já foi estabelecida.

O corpo se mantém como figura representativa. Não é qualquer corpo. Nos homens, boa parte das imagens retrata o seu pênis. Nas mulheres, os seios, a bunda e a sua vagina. Não é incomum encontrar no Sexlog perfis onde o avatar do perfil – ou seja, a foto principal do usuário – é um pênis ou uma bunda. O pênis ou a bunda passam a ser uma região chave na compreensão da sexualidade desses perfis. Os homens-pênis e as mulheres-bunda são matrizes de um ramo comum: a elevação do sexual ao nível subjetivo, enquanto erotização da identidade e supervalorização do sexual e de tudo que pode ser vinculado a ele, ou seja, as fantasias, os desejos e as práticas que orbitam nesse meio.

Tive oportunidade de conversar sobre isso com uma pessoa, que informou que agia com naturalidade com relação a mostrar o seu rosto em um perfil no Sexlog. No caso dessa informante “BBousada”, além de mostrar o seu rosto, ela não só o mostra isoladamente, como a imagem de algum documento, como uma foto “3X4”, mas o rosto inserido em uma situação sexual. Ou seja, ao mostrar o seu corpo em poses sensuais, ela não elimina o seu rosto da cena, fazendo isso através de programas de edição de imagens e aplicativos desse gênero. Ao se questionada sobre o porquê agir assim em um ambiente onde boa parte das pessoas não mostra a sua identificação ela respondeu com outra indagação: por que não?

Além de manter o perfil do Sexlog, onde procura homens para o sexo, ela também mantém um blog onde periodicamente publica poesias e crônicas, baseadas em suas fantasias e nos encontros com outros usuários da rede. Ela diz que não tem vergonha do seu corpo e nunca teve nenhum tipo de questionamento sobre não ter pudores em mostrar o rosto. Ao contrário, os encontros parecem que acontecem de forma mais rápida e com uma aproximação mais hábil. Perguntei se era por causa disso, no que ela me confirmou, dizendo que o fato de se mostrar sem nenhum tipo de impedimento sobre a sua imagem, talvez traga um tipo de segurança para quem se aproxima. Isso também vale para os homens que se

aproximam dela. Ao ver o seu perfil, eles se sentem mais seguros para se mostrarem como um todo, sem as precauções iniciais com a identidade, por exemplo.

Aparentemente a “BBousada” mantém uma postura provocativa diante dessas circunstâncias. Pela análise das suas imagens e das legendas postadas por ela, a sensação é de que sempre há um clima de provocação. Não só por estar mostrando o rosto, mas as suas poses sempre envolvem posições provocativas, como ficar de quatro, com closes para o seu genital e a sua bunda. Essa imagem, por exemplo, tinha a seguinte legenda: *Oi meus amores. Vocês estão servidos?*

Outra coisa que chama atenção das suas postagens com o rosto sempre à mostra é o fato de que, apesar de sua face nunca ser cortada das fotos, nem haver nenhum tipo de edição esfumando, ou mesmo descaracterizando a região da face, sempre há algum acessório que dificulte o reconhecimento dela. Geralmente aparece de óculos de sol, em modelos no formato “máscara”, que possuem dimensões um pouco maiores, que fazem com que o rosto seja coberto parcialmente, ou em posições que não mostram o rosto completamente, o que caracteriza que mesmo que ela ressalte que não há nenhuma ressalva em esconder o rosto, há, no mínimo, a intenção de retratar em suas fotos um ar de mistério em torno da sua identidade, articulado a uma postura provocativa. Isso fica claro pelo uso dos óculos, sempre escondendo os seus olhos e as posições ligadas às legendas que sempre são publicadas com o objetivo de instigar o leitor.

O segundo perfil que mantinha a peculiaridade de publicar fotos mostrando o rosto foi o de um casal. O “Casalal” reside no interior de São Paulo. Eles tinham mais de 200 fotos publicadas em seu perfil no Sexlog ao longo dos últimos dois anos de funcionamento da sua conta. Por lá, já haviam mantido vários contatos que surtiram em alguns encontros, principalmente com homens solteiros. Ao contrário do perfil da “BBousada” nas fotos que eles publicam, não há nenhum tipo de filtro em seus rostos. Em todas as imagens o casal aparece com o rosto, sem nenhum acessório que possa omitir a sua identificação a partir da face.

No caso específico eles fazem fotos juntos e separados. Na maioria delas eles aparecem em situações do seu cotidiano pelados, sem muitas poses sensuais, juntos e separados. Nas fotos que vi aparentavam uma naturalidade interessante, pois a forma como as fotos eram construídas aparentava que elas podiam ser feitas

com eles nus ou vestidos. Isso porque, além de não haver retoques na edição das fotos, como a adição de filtros, também não havia a inclusão de acessórios, como lingerie, brinquedos eróticos, ou mesmo o casal em situações que simulasse o sexo. Quase sempre as fotos mostravam ambos em posições de relaxamento, como deitados ou sentados; em outros momentos, um do lado do outro em pé e de mãos dadas. Nas legendas nenhuma provocação. Algumas vezes colocavam os seus contatos de e-mail e telefônico.

Perguntei por que eles publicavam a foto sem cortes dos rostos e eles explicaram que não faziam nenhum tipo de restrição a mostrar o rosto no Sexlog. Isso nunca havia atrapalhado e que ficar nus e com o rosto descoberto faz parte do seu cotidiano. Eles se diziam naturistas e cumprem a sua rotina dentro de casa sem roupas e quando podem frequentam espaços que permitam que isso possa ser feito também, como praias e clubes específicos para a prática. Não gostam de usar nenhum acessório, pelo menos nas fotos, mas abrem exceções para o momento em que estão fazendo sexo. Açam que as fotos devem representar como eles interagem com o seu corpo sem roupas e ratificaram que a intenção ao fazerem as imagens não é a de seduzir o observador agindo de forma sensual, mas chamar a sua atenção agindo de maneira natural, como faz parte do cotidiano de ambos em sua casa.

A aparente caracterização nas fotos e em suas atitudes ao serem instados a responder sobre o seu perfil demonstra que o casal possui noções e aplicações superficiais de alguns dos ideais básicos do naturismo. Mesmo que não se considerem efetivos naturistas foi possível perceber, em suas falas e na observação do seu perfil, que há uma inspiração naturista, mesmo que ela seja superficial. Isso fica marcado, sobretudo, no fato de lidarem com o nu de forma mais natural possível, tanto no seu cotidiano, mas também na rede social de sexo. Nesse caso, a busca por pessoas interessadas em sexo no Sexlog coincide com o fato de encararem o nu de forma comum em suas vidas.

A presença do nu, assim como o fato de se registrarem de corpo inteiro tenta mostrar o despojamento com o corpo que eles possuiriam. Em parte isso seria verdadeiro, mas não se deve esquecer as potencialidades que estão inerentes nas imagens do corpo e como o corpo nu, mesmo que seja em situações ou posições que transmitam sinais de erotismos ou de sensualidade, pode trazer para o público

que observa. Aparentemente o casal também tem conhecimento disso. Afinal de contas, se não tivesse, não necessitaria fazer a publicação de fotos dos dois nus. Muito pelo contrário, eles usam isso a seu favor e tornam o seu hábito corriqueiro de andarem nus dentro de casa em uma ação que possibilite o convite de pessoas ao seu encontro. Para ele seria como “unir o útil ao agradável”, em um só momento.

Outro tipo de perfil que me chamou atenção eram aqueles que se utilizavam da rede de sexo só para o exibicionismo. Tive oportunidade de conversar com um perfil e de observar mais uma dúzia de outros que não quiseram participar da pesquisa. Muitos desses perfis já deixam claro em suas descrições que não desejam nenhum contato com ninguém. Que querem publicar as suas fotos e observar os comentários e querem fazer o mesmo com outros perfis. Não há nenhum tipo de interesse em entrar em contato com as pessoas, nem ultrapassar isso e transar com ninguém. A realização é olhar e ser observado.

O perfil que conversei era de uma moça da Bahia. O nome dela era Márcia e mantinha um perfil há um ano no Sexlog com o objetivo de se exibir em fotos. Costumava publicar de duas a quatro fotos por dia e sempre gostava de acompanhar os comentários que os usuários colocavam nas fotos. Disse que sentia excitação em saber que outras pessoas se excitavam com as imagens e como a preparação em produzir aquelas cenas a deixava com tesão. Também atendia aos pedidos dos usuários, postando imagens temáticas com acessórios, como vibradores, lingerie e até frutas e canetas. Chegou a postar uma sequência de imagens em que praticava fisting¹⁰.

Gostar de observar e ser observado faz parte da fantasia de muitas pessoas. Nos últimos anos isso foi potencializado pelas ferramentas que a conexão em rede disponibiliza. Inicialmente através dos bate-papos, depois, com o incremento das redes sociais, ver e ser visto se tornou um fetiche praticado por muitos. A potencialização para o sexo foi rápida, com aplicativos, sites de conversa *on line* e redes sociais especialmente dedicadas aos observadores. Atualmente, ver e ser visto não é só um fetiche, e um fetiche apoiado em motivações sexuais, mas uma prática imanente das redes sociais que se multiplicam pela internet.

¹⁰ Prática que consiste na inserção, em algum orifício, da mão, até a altura do punho.

As mesmas particularidades encontradas no perfil da baiana Márcia também foram encontradas em outros perfis que observei. Seja para mais ou para menos, eles mantinham um contato com outros usuários só através das imagens e naquilo que os outros comentavam sobre essas imagens. Não havia comprometimento. Só o fato de poder colocar ali aquilo que gostaria que outras pessoas vissem. Da mesma forma se deleitam vendo os outros. Márcia disse que mantém o mesmo nível de interação com outros usuários que tem perfis com a mesma configuração que o dela. Quando muito, comenta nas fotos que gostou em outros perfis o que gostaria de ver publicado nas próximas vezes que esses usuários publicarem material novo. Isso alimenta as suas fantasias e faz com que ela crie situações das mais diversas, o que a inspira não só a produzir imagens diferentes no que vê na rede, mas também em se excitar no dia a dia.

Isso é mais comum do que imaginamos. Muitos perfis nas redes sociais só servem para seguir ou observar pessoas. A prática do stalking¹¹ é muito comum. Construir perfis só para seguir ou acompanhar amigos, colegas ou pessoas próximas pode chegar ao exagero quando esses mesmos usuários chegam ao ponto de fazer disso uma obsessão, pois em alguns casos o observador começa a interferir na vida de quem ele observa. Aqui a minha atenção reside no usuário comum: o que publica informações com o intuito de ser observado e o que usa as redes (no caso, as redes de sexo) para observar o outro. No entanto, é preciso salientar que há todo esse espectro de comportamentos quando o assunto é ser voyeur na interação com o outro. Há aqueles perfis mais quietos, que produzem e consomem material erótico, assim como os que chegam as vias de seguir o outro ao ponto de prejudicá-lo de alguma forma.

Um terceiro tipo de perfil que pude acompanhar são aqueles usuários que estão nas redes sociais e usam o espaço para trabalho com prostituição. Muitos perfis são dedicados a casais, homens, mulheres e trans que criam uma conta para intermediar encontros. Nas ferramentas de busca é muito comum encontrar apelidos e descrições de perfis deixando claro qual é o seu objetivo no Sexlog. Conversei com um desses perfis, a “Dear”. Ela já utilizava o Sexlog para serviços pagos de

¹¹ Palavra em inglês que representa a obsessão de algumas pessoas em seguir ou observar a vida de outras pessoas nas redes sociais.

sexo há um ano e gostava muito de fazer isso. Disse que apesar de ser proibido o uso da rede para prostituição não se sentia inibida em fazer isso.

Tive oportunidade de conversar com os administradores da rede sobre o assunto. Para eles regular isso é muito trabalhoso e a rede social muitas vezes funciona através de denúncias. Como muitos usuários não se incomodam com isso, seja porque usufruem ou por não se sentirem coagidos ou insultados pelos perfis que se prostituem, não há muitos problemas com eles. Quando são encontrados são sumariamente excluídos, com a justificativa de não terem atendido as normas contidas no contrato de utilização do Sexlog, que proíbe o uso de suas ferramentas para prostituição.

“Dear” conta que basicamente só trabalha com clientes conhecidos no Sexlog. Ela reside em João Pessoa, tem 26 anos e é uma travesti que já trabalha como garota de programa há cinco anos. No Sexlog ela trabalha há dois anos. Já utilizava antes disso para encontros, sem pretensão de cobrar por isso, mas depois resolveu incluir aos encontros sexuais que já mantinha a cobrança do sexo. Ela não tem restrições. Seu público é formado por homens, mulheres e casais. Para todos, ela cobra um valor fixo: R\$ 200,00. Não tem restrições para o sexo, fazendo sexo oral e anal, além de fazer o papel de ativa em muitos encontros, tanto com homens, quanto com mulheres. Apesar de cobrar pelos encontros, abre algumas exceções quando sente que o sexo foi bom, o que faz com que não exija o dinheiro da transa. Como se fosse uma premiação para o “cliente”, ela desiste do pagamento em favor do prazer do sexo.

Essas três categorizações (a prostituição, o rosto descoberto e os voyeurs) sintetizam alguns perfis peculiares encontrados nas buscas de usuários do Sexlog. Eles não são os únicos, mas são alguns exemplos interessantes para se refletir sobre a diversidade de interesses e de desejos que estão fora, assim como no interior de redes sociais de sexo. Essa relação reside na articulação das redes como catalisadoras e representantes do microcosmo de desejos e interesses que os sujeitos possuem comumente. Isso está fora e dentro da rede, como mais um espaço de formação de subjetividades nos tempos atuais.

A partir de agora trago outras trajetórias de usuários que foram entrevistados através do Sexlog. A maioria deles demonstra como agem e usam as ferramentas da rede social para viabilizar encontros e fazer com que os seus desejos sejam

realizados. Tentei trazer não só a trajetória pessoal de cada usuário, mas também, como os seus perfis estão organizados no Sexlog. A articulação desses mecanismos com os desejos desses sujeitos forma esse mosaico que é a rede de sexo através e viabilizada pelo swing.

2.4. Camus

Camus mora em João Pessoa e na época das nossas conversas informou que tinha 26 anos e que trabalhava no ramo da web, como freelancer. Fazia alguns trabalhos em design de páginas da internet em casa para algumas empresas. Estava solteiro e informou que não tinha filhos. Ele mantém um perfil no Sexlog há mais de dois anos tendo acessado a rede social algumas vezes antes disso, com passagens bem rápidas, já que estava mantendo um relacionamento amoroso nesse mesmo momento. Ele relatou que namorar durante o período em que acessou a rede pela primeira vez não deu para manter um perfil no Sexlog. Portanto, o seu conhecimento ficou mais no campo da curiosidade, que veio a se estreitar depois com o ingresso na rede e a criação de um perfil.

Apesar disso, curioso foi perceber que ele estava namorando no momento das nossas conversas e que isso não justifica pela segunda vez estar ou não com um perfil de sexo no Sexlog, pois em ambos os casos nenhuma das namoradas pensavam em manter algum tipo de vínculo com práticas eróticas como as quais ele buscava ter através da rede social de sexo, nem tinham conhecimento de tal fato.

A inscrição de homens solteiros procurando uma fantasia fora do seu relacionamento é algo que aparece com certa frequência em redes sociais de sexo como o Sexlog. Já existe um número considerável de ferramentas *on line* de relacionamento cujo objetivo é o de dar uma “puladinha de cerca”. Com um número considerável de adeptos, já virou fonte de reflexão de muitos pesquisadores, inclusive no Brasil. Sejam aquelas redes que tem como objetivo principal o encontro sexual homoerótico (ZAGO, 2013), ou mesmo as redes sociais de encontros para pessoas comprometidas (PELÚCIO, 2013). Ambos têm um mesmo conceito: conectar pessoas que desejem encontros fortuitos, quase sempre sem a anuência de seus cônjuges e com a intenção de consumir sexo sem compromisso.

Camus se considera heterossexual e criou o perfil no Sexlog para provar fantasias que tinha curiosidade, como o ménage masculino e feminino, além de ter interesse no exibicionismo e no voyeurismo. Ele me informou que nenhuma dessas fantasias até hoje aconteceu em virtude de possuir um perfil na rede de sexo. Todas as fantasias realizadas por ele até hoje foram feitas e organizadas fora do Sexlog. Uma das que o marcou e ele fez questão de ressaltar foi o sexo a quatro onde ele participou com mais um amigo e duas garotas.

Já que até então ele ainda não havia tido nenhum encontro mediado através do Sexlog resolvi questioná-lo por que então ele achava que isso não tinha acontecido, já que aquele lugar fomenta esse tipo de objetivo e era comum que homens encontrassem casais com interesse em ménage. A culpa seria o receio de ambos os lados. Ele, por estar namorando, e dos casais, por insegurança, já que se tratava de um homem solteiro.

Isso é muito comum entre os homens que procuram casais para ménage em redes onde o encontro sexual a três é um dos objetivos. Principalmente para perfis cuja constituição é o casal. Pessoas solteiras, ou que se configuram na rede como solteiras, principalmente homens, tem maiores dificuldades para encontrar casais disponíveis e que se permitam ao contato. Isso pode ser visto de outro lado, se o objetivo do casal também seja o de manter contato com homens solteiros e, nesse sentido, o ménage masculino como interesse maior. Entre outros fatores, essa resistência se deve ao fato da insegurança reservada ao contato solteiro masculino, considerado em muitos casos como um aventureiro, e o simples fato de não ter um relacionamento fixo, além de não ter algo “a mais” do que a si mesmo no jogo de interações entre as várias partes no jogo sexual. O algo a mais seria a inserção de uma segunda pessoa. Geralmente, uma amiga ou mesmo a mulher que mantém um relacionamento estável. Isso faria parte do jogo de trocas em que a aproximação entre os sujeitos acontece e a reciprocidade dos interesses sexuais precisa ser feita para que ocorra algo além de uma conversa superficial por meio do bate-papo do Sexlog.

Outro ponto que o influencia em continuar é a aventura e a vontade de concretizar as fantasias a partir desse lugar onde mantém o seu perfil na internet. A rede de sexo teria algo de cômodo para todos que fazem parte dela. Para ele, sexo hoje não seria algo difícil de conseguir, basta “uma saída à noite, uma boate, uma

casa de show, não faltariam mulheres ‘assanhadas’... tentativa de encurtar o caminho”, nas palavras de Camus. Mesmo assim ele acha que, apesar das supostas facilidades sexuais nos tempos de hoje, as fantasias postas no Sexlog tem muita resistência de serem realizadas em circunstâncias como essas. Talvez se levasse mais tempo, ressalta, pois, “difícilmente se chega a alguém na ‘balada’ e sugere um ménage, por exemplo... (...) no Sexlog já se colocam os interesses, como um modo de filtragem”.

Sobre isso, Camus também disse que uma das situações chatas envolvendo ele ocorridas no Sexlog foi justamente que algumas pessoas, que colocam em seus perfis o interesse por homens e que, depois do contato, acabam informando que não vão mais sair. Do ponto de vista de alguns casais e da procura de sujeitos solteiros por casais que queriam manter contatos, a condição de homem solteiro nessas redes é bem delicada, apesar de existirem muitos casais que gostam do ménage masculino, mas sempre há um pé atrás. Até então ele não havia conseguido nenhum encontro pelo Sexlog, mas mantinha o seu perfil atualizado, postando periodicamente informações, alimentando seu perfil com fotos cujo conteúdo tem como objetivo convidar casais para sexo a três.

Mesmo com a maior dificuldade encontrada no geral por homens com o perfil solteiro e que buscam contatos com casais no Sexlog, parece que no caso do informante há algum tipo de obstáculo extra para que esses encontros não se consolidem.

2.5. Puzudo

Puzudo é o apelido de mais um sujeito que teve a oportunidade de conversar no Sexlog. O seu perfil se configura na rede como o de um homem solteiro, que procura mulheres e casais para encontros casuais. Diz ser morador de uma cidade no interior da Paraíba e que percorre todo o estado trabalhando com serviços na construção civil, aproveitando essas viagens para encontros casuais com essas pessoas. Casado e divorciado, paga duas pensões para os filhos do outro casamento, o que lhe faz ter que trabalhar muito para sustentá-los. Sua renda mensal gira em torno de R\$ 1.300,00 a R\$ 1.800,00.

Os seus contatos para sexo são todos feitos pelo Sexlog. Começou na rede social há oito meses, mas já marca encontros pela internet há mais de um ano. Antes do Sexlog usava bate-papo e aplicativos como o MSN. Segundo ele, isso faz com que as coisas aconteçam de forma mais fácil, prática e com muito sigilo, o que ele prefere, já que é casado e não pretende que a esposa saiba das suas relações fora do casamento. Por ser casado e não ter mencionado no perfil se a esposa participava dos encontros perguntei sobre a sua participação. Ele disse que ela não tem interesse. Isso porque, segundo ele, ela não gosta de sexo em contrapartida a ele, que sempre gostou muito e não abre mão de uma variedade de casos extraconjugais e o acesso a um fluxo elevado de aventuras com outras mulheres e casais.

Mas será que ela realmente não gosta de sexo, ou desse tipo de sexo que ele prefere? Isso não fica entendido na conversa com ele, pois o papel da esposa só é mencionado nesse momento, e não há nenhum outro tipo de referência ao seu relacionamento, mas a justificativa dela não querer ou não poder participar, seja porque não quer se envolver com outras pessoas além do cônjuge, ou mesmo pela falta de participação dela, por ele não querer envolvê-la nos casos.

A todo o momento dessa conversa, ele fez questão de ressaltar o desinteresse da atual esposa sobre o sexo, ao contrário dele, que gosta de sexo, de todas as formas e posições possíveis. A justificativa da falta de interesse da esposa de um lado e o fato dele se colocar como um homem com muito interesse em sexo pareceu uma motivação pessoal para o fato de criar um perfil em uma rede social de sexo procurando casais e mulheres para aventuras sexuais. Isso foi registrado mais de uma vez em diferentes momentos das conversas estabelecidas através do bate-papo do Sexlog.

Ou seja, o foco no sexo definiria a criação do perfil. De um lado, o desinteresse ou o desejo exacerbado para tentar outros afetos fora do casamento; do outro, a facilidade de entrar em contato na internet na procura de outros usuários que estejam dispostos a encontrar homens sozinhos. Em ambos os casos há a associação entre a “fome e a vontade de comer”. O que chama a atenção são os detalhes que levam a isso, pois no caso do Pauzudo a sua atitude fica justificada pela resposta de sua companheira e a negação seria a sua autorização compulsória a “pulada de cerca”, como se não houvesse nenhum contrato conjugal entre eles, ou

mesmo o que nós chamamos popularmente como fidelidade entre os casais. Isso não é mencionado em nenhum momento por ele e a possibilidade de dialogar com ela sobre isso também não é colocada.

Pauzudo costuma sair com muitos casais. A rigor, os casais o convidam para sair para que ele possa transar com a esposa, enquanto o marido registra e observa. Quase sempre o marido também participa, tanto com a esposa, quanto com ele. A todo o momento ele fez questão de contar as suas aventuras com casais, como se, ao contar, tudo aquilo fosse revivido, reencenado e isso pudesse excitá-lo novamente. Falou sobre o assunto com muita ênfase nas palavras e no detalhamento das situações. As perguntas e as respostas dele sempre eram entrecortadas por alguns dados descritos em detalhes de situações que envolviam sexo entre homens, mulheres e ele como o participante que foi escolhido pelo casal.

Ele não fez nenhuma questão de omitir o fato de também se envolver com outros homens. Ressalto que isso ocorre através de uma dinâmica própria, que tenta afastar a sexualização homoafetiva da cena, enfatizando que isso aconteceria como algo recorrente da relação com outra mulher. Esse afastamento se daria, pois, segundo o entrevistado, a sua relação com os maridos se dá diante da mediação que ocorre sempre entre ele, a esposa e o marido. A justificção disso tenta afastar definitivamente a possibilidade de haver algum tipo de relação que se configure como homo, na medida em que se colocam o maior número de elementos (discursivos, sexuais e morais) que julguem que há um espaço relativo entre os dois homens. Essa tentativa feita a todo o momento por Pauzudo durante as conversas tentava afastá-lo do rótulo de “gay”. Como se o fato da consumação com a inclusão e anuência de uma terceira pessoa – no caso, a esposa – oferecesse, entre outros fatores, os pontos necessários para que ele concluísse que ali não haveria nada que fuja do “centro” aonde pretende se manter. No caso, a condição de homem “ativo” e heterossexual (FRY, 1982).

Essa relativização percebida em Pauzudo também está relacionada a algo que muitas pessoas que estão inseridas no swing relatam, pois o envolvimento com outros homens, o que eles categorizam como o bi masculino, ainda seria um tabu. Muitos deles acabam ressaltando isso até como sendo um impedimento para que alguns encontros acabem sendo construídos. Muitos casais ou homens que tem

esse comportamento sexual são vistos com outros olhos, sendo quase sempre evitados.

Sobre isso acabei perguntando então se ele se considerava bissexual o que ele rebateu que não. Que não costumava sair com homens nem com travestis, mas que, ao ver que as esposas ficavam excitadas quando, de algum modo, ele se envolvia com os seus maridos, aquilo o tomava de uma forma avassaladora. Ele disse que jamais saiu com homens sozinhos, mas que já havia feito de tudo entre quatro paredes com casais que havia saído ao longo desse tempo de convivência no meio do sexo liberal. Ou seja, mais uma vez a presença de uma mulher e o fato realizar as fantasias dela com o seu marido anulariam o dado de que existe ali o envolvimento sexual entre dois homens.

O fato de condicionar as carícias com outros homens a partir do desejo das esposas se relaciona com essa relativização colocada anteriormente. É como se isso organizasse, moralmente, para ele, a possibilidade de tudo isso acontecer, entre dois homens que se consideram heterossexuais, sem a punição inter ou extrasubjetiva, do julgamento sobre as suas sexualidades. Nesse caso, a reorganização discursiva do desejo moldaria provisoriamente o sexo, com a ratificação moral através da performatividade entre homens e mulheres. É como se o desejo enquanto, supostamente, uma “terra de ninguém” pudesse autorizar moralmente a manifestação livre e sem pudores da sexualidade do outro. Vale salientar que isso acontece em termos provisórios e se restringe a performatividade sexual em si. Território movediço de abertura e fechamento dessas comportas desejantes

Apesar dos rótulos, das posições e das categorias pré-estabelecidas, tudo isso está ao sabor da ação dos sujeitos. Sendo assim, não são as categorizações que “roubam” os sujeitos, como se o fato delas existirem inibissem as ações variadas muitas vezes em sentidos contrários ao que o gênero ou a identidade sexual vinculada a ele permitissem em um determinado momento. Muito pelo contrário. Mesmo que existam os discursos moralizadores e um amplo conjunto de técnicas e discursos que tentam capturar e multiplicar o ideal da heteronormatizados, são nas fendas das sexualidades dos sujeitos que se pode observar onde residem os desvios. O desmonte, aonde a moralidade não alcança e aonde podem ser exercidos os seus desejos, sem a necessidade de rotulações.

Nesse sentido, a performatividade delineada no swing, e a formulação de uma rede de sexo on e off line modulada por essa ampla base, podem proporcionar algo desse tipo.

O exemplo do Pauzudo demonstra que esses deslocamentos podem ser percebidos: não é porque ele transou com outro homem que ele é gay. O que o leva a fazer isso envolve vários aspectos além das categorizações comumente conjugadas no fato de ser gay ou não. Inclusive, a própria classificação que configura e tenta estabelecer se ele é gay ou não mantém um diálogo muito próximo com o outro lado da moeda: o inverso de ser gay. Ou seja, homem não poderia penetrar outro homem, pois isso é um comportamento sexual relegado a sujeitos que preferem o sexo semelhante. Percebam como é o jogo de palavras. Mas e se o homem quiser penetrar um homem e uma mulher, isso faz dele um gay? Não só um gay, mas um bissexual. No fim, essa categorização não esgota as múltiplas variações com que o sujeito pode se identificar ao longo da sua vida e não resume a sua performance sexual. É só através dos discursos desses sujeitos que podemos perceber como há uma multiplicidade de pontos que vão além de qualquer identificação e tipificação tradicional. Dialogam com a heteronormatividade, tentando também transitar abaixo dela da sua frequência de captura.

Além de casais, Pauzudo também sai com mulheres solteiras. Disse que costuma sair bastante com mulheres casadas, indo até as suas casas quando o marido e os filhos não estão presentes. Destacou que faz isso por vários motivos, dentre eles, o fato que aparenta ser o mais importante, que é a fantasia em si de estar na casa de uma mulher casada, transando com ela enquanto o seu marido está fora, quase sempre a trabalho, além do segundo motivo que é o econômico. Disse que se fosse para pagar suítes em hotéis em todas as ocasiões onde saiu com mulheres, não teria dinheiro para se sustentar. Além do mais, a possibilidade de fazer isso com frequência o excita e faz com que repita mais e mais vezes.

A fantasia do Ricardão, do homem dentro do armário povoou boa parte do imaginário sexual masculino. A começar por Casanova, o homem irresistível, que deixa para trás um rastro de mulheres, casadas e solteiras aos seus pés, sempre foi algo comentado e também desejado por muitos homens. Ser desejado não bastaria. É importante que o desejo seja realizado, não importa como. Realizar as fantasias das mulheres casadas seria o seu dever. Levá-las ao êxtase passaria por adentrar

em suas casas e consumir o sexo nos lugares da casa onde a família e não só a esposa e o marido se encontram. O foco não seria só a cama do casal, mas todo o lugar onde a família se constitui enquanto tal. A cama também partilha disso, isso porque ali é o lugar onde a família se configura, enquanto instância dos costumes, reprodutiva e afetiva. A alcova é o lugar em si mesmo de reprodução e da reafirmação das famílias, que o homem que se relaciona sexualmente com a mulher casada vêm a interromper.

O seu desejo e sua voracidade sexual irrompe o ideal de romance, carinho e amor enredado na ideia de amor romântico que dá esteio ao ideal de família burguês. Nesse sentido, o Ricardão seria o nó do discurso burguês contemporâneo, pois ele não só tenta cortar a lógica cotidiana da família, colocando-a em xeque, mas também traz para esse lugar o imperativo do prazer e da frivolidade das relações. Nesse sentido ele surge como o personagem que incorpora a economia do desejo e do prazer no seio da família, ao mostrar que não só de afazeres de casa, dos filhos e da TV vive a mulher, mas também de fantasias, de sexo e de muito prazer. Prazer esse que fica provado que não está só reservado ao cônjuge, desvinculando desejo e prazer da necessidade premente de fidelidade. Além do mais, a fantasia do Ricardão também tem a ver com o fato de romper a honra de outro homem, quebrando de certo modo sua relação estrita com a esposa.

Outro ponto que deve ser destacado sobre o Pauzudo é a sua desinibição em falar abertamente sobre as suas relações mantidas com os casais – indistintamente do homem ou da mulher – que conhece através do Sexlog. Não foram poucos os momentos da entrevista onde ele não só fez questão de expor esse fato, como também, de contá-lo com riqueza de detalhes. Como já ressaltai antes, essas experiências sempre recortavam as conversas. Abaixo há a transcrição de um desses trechos como ilustração:

Pauzudo: (...) então ela pega no meu pau e manda ele sentar em cima após isso eu peço pra ela sentar na minha cara e ficar se esfregando com a buceta.

Eu: eles fantasiam bastante então?

P: sim, fico muito safado. Mesmo o homem nunca ter dado (...) ficam com vontade de ao menos chupar meu pau, as vezes o cara lambe meu cú também. Rapaz, o proibido é bom demais.

E: você parece que também curte muito.

P: tem um casal em Campina Grande que já saí duas vezes com eles e o marido sempre querendo que eu o coma, mas ele é muito

apertado. Mas vendo ela se excitando eu peço pra ela abrir a bunda dele e meto a pica (...) rapaz, aquilo me deixa com um baita tesão.

E: muitos casais pedem isso a você?

P: sim quase todos que já saí.

E: por que você acha que eles te pedem isso?

P: mesmo eu enfiando na esposa eles observam e ficam passando a mão nas minhas bolas e metendo o dedo no cú dela (...) se excitam (Entrevista realizada com Pauzudo através do Bate-papo do Sexlog, em onze de fevereiro de 2013).

Vale a pena analisar um pouco mais a forma como o informante trata o assunto. Isso porque três pontos estão subjacentes ao fato puro e simples dele manter relações com ambos os membros da díade, o que ficaria superficialmente caracterizado como uma relação bissexual. As palavras trazidas por Pauzudo e todos os seus significados devem ser entendidas além do recorte de sexual. Isso, o recorte de sexo não pode ser a única explicação, mas uma delas, pois os nossos desejos não são resumidos a identificação entre a psique e o órgão genital. Existem outros fatores que envolvem o nosso meio social e a maneira como, subjetivamente, criamos os nossos referenciais de ser no mundo e os vínculos afetivo-sexuais que construímos durante a nossa existência. Aquilo que sempre resumimos em orientação sexual seria algo que estaria vinculado a isso, mas não se restringiria ao sexo biológico em si mesmo, ou, a forma como os sujeitos agem em termos da sua identidade enquanto indivíduos. A coisa pode ser muito mais complexa e embaralhada do que parece. Vamos aos outros pontos.

Ter os contatos para o swing na rede de sexo faz com que Pauzudo não só possa realizar as suas fantasias como Ricardão, mas como o sujeito desejado por homens e mulheres. Esse evento, a rede do sexo e o encontro com os casais, faz com que ele possa fugir das limitações sexuais dentro de casa, da vida difícil trabalhando na construção civil, pulando de cidade em cidade e possa se imaginar como um homem que tem uma centralidade nas relações sexuais desses usuários com que faz uso da cama com frequência. O momento da “swingueira” é o *lócus* de atuação de uma performatividade sexual oposta da sua vida ordinária. Ele se torna outro ao mergulhar em três camadas da nossa sexualidade: foge do seu casamento, procurando o sexo fora dele; faz às vezes de amante de mulheres casadas, indo até suas casas e consumando as suas fantasias; e, finalmente, sendo o objeto de desejo dos casais que o procuram para se aproveitar do seu desempenho sexual. Esse é o momento que se cria o Pauzudo e que sai de cena o sujeito comum que

trabalha na construção civil. É no evento do swing que um personagem sai de cena, dando lugar ao outro.

Da mesma forma que a fantasia de ser o homem que transa nos lençóis da mulher que trai chama a atenção do Pauzudo, ser o homem desejado por outros homens e mulheres também. Nem se conta ser desejado por outro casal! Ter seu membro cobiçado por ambos os sexos parece o fascinar, em toda a sua fala. Ser o centro das atenções, pelo menos nesse momento é algo bastante significativo. Isso ultrapassaria as supostas barreiras de sexo. Parece que o que se torna válido para ele é ser desejado e se colocar à disposição do desejo dos outros. Isso é mais forte do que qualquer limitação sexual ou de gênero. Por isso, ao ser instado a falar sobre si, jamais menciona que seria gay, ou mesmo bissexual, mas que adora as mulheres e fica excitado ao ver os casais desejando o seu membro em conjunto. Ou seja, homens e mulheres dentro de uma relação que desejam o seu sexo.

Ele não se configura enquanto sendo vinculado a uma orientação sexual bissexual, mas se sente seduzido e excitado ao ser visto como uma figura desejada por homens e por mulheres, participando, das fantasias daquele casal com o seu falo que penetra em ambos. Ou seja, em sua atuação sexual ele deseja homens e mulheres e esse conjunto de valores agregados (sobretudo, prazer e excitação) configuraria uma situação específica na qual se vincula a uma sexualidade considerada homoerótica ou bissexual. Como já disse, isso faria parte dessa brecha que se abre ao compartilhar da mesma cama com outras pessoas. A atuação dessas pessoas daria a autorização necessária que eles precisam para seguirem adiante.

O evento swing proporcionaria certos tipos de performances sexuais variadas em torno de determinadas fantasias. A performatividade se dá com o elo entre o desejo e a excitação sexual com o ato propriamente dito. No caso, o ménage à trois estaria configurado sob os seguintes trajetos: o personagem do sujeito desejado pelo casal “heterossexual” – entre aspas, para demonstrar a perenidade dessa categorização em uma circunstância como a que estou relatando aqui – se constrói, na medida em que há a mulher desejante pelo sexo com dois homens, ao mesmo tempo em que existe o interesse do segundo homem, e do casal, por assim dizer, de não só fazer do corpo feminino capital de trocas e mediações do comportamento

sexual do trio, mas o próprio corpo masculino enquanto território mediador do desejo do casal em si.

Corpo que nessa circunstância está em uma situação privilegiada, pois é a figura a ser desejada. Aquele que penetrará a esposa, assim como o marido; que será acariciado por ambos. O seu posicionamento ganha um status particular justamente por ser o objeto de desejo, mas mais que isso. Ele precisa ser visto de maneira panorâmica, pois há particularidades que precisam ser apreciadas, como, por exemplo, o posicionamento sexual de homens e mulheres sozinhos dentro de um ménage. Será que a mulher sozinha teria o mesmo status sexual sendo uma figura historicamente submissa; ou mesmo um homem cuja performance sexual seria mais passiva do que ativa? Será que ele desempenharia um papel tão ativo como o Pauzudo? A essas perguntas não valem respostas simples e objetivas. Talvez tudo dependa da configuração e das circunstâncias percebíveis no interior desses arranjos. No caso que analiso aqui parece que há um desenvolvimento no caminho de uma posição privilegiada desse terceiro personagem, mas sei que nem sempre é assim e que muitas vezes essas condições não são seguidas dessa forma.

Sendo assim, o ménage não seria algo apenas mediado pelo sexo oposto e pela hegemonia do sexo oposto como o lugar de articulação entre dois homens e duas mulheres, mas também, como uma prática sexual que pode ser imaginada como espaço de experimentação e reunião de outros desejos, não restringidos pela orientação sexual, ou pela identidade de gênero.

2.6. Sr Camargo

O *Sr Camargo* tem 24 anos. Morador de João Pessoa tem formação superior e fez MBA. Assim que descobriu o Sexlog criou um perfil e se considera um viciado em utilizar a rede de sexo. O vício estaria no fato de que a associação à rede faria com que o acesso às ferramentas abrisse a possibilidade de ver, ouvir e fazer com que os sujeitos pudessem se sentir excitados através da quantidade de material disponível ao usuário frequentador da rede.

No geral, a linguagem da internet possibilita isso. A plataforma montada através do que se chama popularmente de hiperlinks, ou seja, informações

montadas e conectadas sob um conjunto de outras informações, formando assim um emaranhado de ligações e, por assim dizer, uma rede. Rede de referências e endereços, mas também de interações e de subjetividades. Essa forma de montagem das informações e de interações modifica as sociabilidades, o mundo do trabalho, a economia, a política, dentre outros aspectos sociais que atualmente estão inseridos na vivência da rede. Dentre outros fatores, essas modificações podem ser percebidas em articulação com outros pontos que foram observados em consonância com o desenvolvimento tecnológico, assim como a presença cada vez maior da internet na vida das pessoas. A diminuição da relação entre tempo e espaço, as questões relativas à forma de se relacionar com as redes sociais e a ideia de segurança, além da modificação proporcionada por essas ferramentas na vivência afetiva e relacional entre os sujeitos são alguns dos efeitos importantes já listados por autores das Ciências Sociais¹².

Sr. Camargo possui um perfil no Sexlog há dois anos. Nesse meio tempo me informou que já teve mais de quatro contatos que redundaram em sexo. Ele resolveu entrar no Sexlog para sair da rotina e do sexo tradicional. O que ele chama de “sexo tradicional” parece estar atrelado à forma de interação e os resultados obtidos, que parecem ter uma dinâmica diferente das sociabilidades sexuais dentro de um relacionamento estável. A diferença reside no detalhe de poder pensar em outras possibilidades de sexo fora do relacionamento e das interações realizadas no meio comum de um relacionamento estável, por exemplo. Em como conduzir relações sexuais e as fantasias conectadas a ele de forma diferenciada, com a presença das redes sociais e das sociabilidades inerentes a ela.

Nesse meio tempo já saiu com mais de quatro casais. Sob dois pontos ele vê no Sexlog uma mudança considerável nos últimos tempos: o número de mulheres solteiras que se associaram a essas redes e o número de casais que vem aceitando manter contatos com homens solteiros. Segundo ele, as mulheres ultimamente estão começando a gostar. “Antes não se viam mulheres da Paraíba no Sexlog (...) os casais, *a priori*, não curtiam sair com homens, agora também estão começando a gostar” (entrevista concedida por Sr. Camargo).

É preciso relativizar um pouco essas palavras. Sobretudo, aquilo que for mais decisivo e que tenha um teor mais superficial. Isso fica a cargo das duas afirmações

¹² Leiam-se as contribuições de CASTELLS (1999) e BAUMAN (2004).

feitas por Camargo. O fato de haver um crescimento da procura e da construção de perfis cuja configuração é de mulheres solteiras é um dado importante e deve ser levado em consideração. No entanto, isso não significa que elas não procurassem e nem tivessem este tipo de fetiche antes e não tivessem a oportunidade de buscar em outros lugares pela realização dos seus desejos. Da mesma forma que pode ser ressaltado o fato dos casais agora procurarem mais homens solteiros. Há um crescimento efetivo dessa procura, o que não exclui o detalhe disso já existir, e existir na mesma rede de sexo referida, só que, talvez, em menor número.

Como ilustração, dos milhares de usuários listados na rede, a partir de uma pesquisa avançada onde se ponderou a quantidade total de usuários e a busca por mulheres solteiras, por exemplo, se chega a um número considerável de perfis que procuram mulheres. Isso também pode ser percebido se a seleção se restringir aos casais (ele/ela, ele/ele e ela/ela). Em números totais e relativos, o número de perfis que se interessam por mulheres é alto e hoje pode ser comparado com o número de perfis que buscam homens solteiros. A quantidade exata não pode ser informada por dois motivos, um técnico e outro ético: o primeiro é que há uma limitação técnica no sistema de busca avançada do Sexlog e informações geradas acima do milhar não revelam números exatos; a justificativa ética reside no fato de que esses números exatos também não são divulgados pela administração da rede. Conforme explicação dada posteriormente a mim por alguns informantes que trabalham na empresa proprietária da rede, por uma questão ética contida nas normas contratuais da rede, esse detalhamento sobre os perfis não é revelado, mas todos confirmaram que há realmente um aumento importante na procura de mulheres solteiras através da criação de perfis, assim como a busca por homens solteiros por outros perfis.

Em sua primeira experiência, o Sr. Camargo ainda não tinha tanta desenvoltura. Contou que ficou muito nervoso e que não sabia o que fazer. Nesse sentido, imagina que o casal que ele saiu não gostou dessa primeira ocasião. Essa primeira vez aconteceu no carro do casal, um ménage à trois entre a esposa, o marido e o Sr. Camargo. Não chegaram a ir a um motel, consumando o sexo dentro do carro mesmo. Apesar da inexperiência, no geral, ele gostou. Principalmente por ser algo que considerou como diferente da rotina naquele momento.

Geralmente, os primeiros contatos dessas pessoas surgem pela internet. Muita conversa pelo aplicativo de mensagens instantâneas MSN, ou mesmo pelo

Sexlog, que possui uma ferramenta que possibilita o bate-papo. A partir desses primeiros contatos, tudo pode acontecer. Se a conversa for boa e houver aproximação entre as partes, um encontro pessoal é sempre bem-vindo. Muitas vezes esses encontros acabam terminando em um motel. Em algumas situações, Sr. Camargo foi da conversa na internet direto para o motel, sem a intermediação de um encontro pessoal em um lugar público que antecederesse o momento do sexo.

Eu o questionei sobre se teve alguma experiência com outro homem, o que respondeu que não curtia, mas que alguns casais já chegaram a perguntá-lo sobre isso, o que ele responde rapidamente sobre as suas fantasias. O que não incluía nada relacionado ao envolvimento com pessoas do mesmo sexo. Isso faz parte desses primeiros contatos. Esclarecer até onde cada um pode ir com o outro, uma espécie de etiqueta. Saber de todas as questões que cercam o outro, antes mesmo do primeiro contato. Nesse sentido, o contato inicial geralmente se configura no momento das perguntas mais comuns sobre as informações gerais de cada sujeito (idade, onde mora, o que faz, descrições sobre o corpo), até perguntas mais detalhadas, como qual é o objetivo na rede de sexo, o que curte ali, se já tem experiência com outros usuários. Isso não só serve para esse primeiro momento aproximativo, como também para o estabelecimento dos limites e das fronteiras onde todos devem circular a partir de então.

Para ele, idade não importa. O que importa é um corpo legal, que as pessoas com quem ele fala na internet sejam inteligentes e que a conversa seja agradável. O resto vem com o tempo. Ele mantém até hoje o seu perfil no Sexlog. Sendo assim, apesar do dado cronológico não pesar tanto, essa informação vem logo em seguida articulada ao fato de que, mesmo que a faixa etária não seja traço de empatia em um primeiro momento, aparenta que agrega a isso outros traços que revelem no sujeito que deseja conhecer uma série de outras características que colocariam a idade como uma questão secundária, tendo em vista que ter um “corpo legal”, ou seja, atender o que socialmente é considerado como uma forma esteticamente desejada, seja um dado que ultrapasse a faixa etária, mas não deixa de ser uma condicionante para que o primeiro ponto se torne provisoriamente irrelevante. A inteligência e a simpatia seriam outras características agregadas. No entanto, em uma sociedade como a nossa, onde as aparências realmente importam e que o fenômeno das redes sociais está aí para reafirmar estereótipos e muitas vezes

preconceitos, questões como essas colocadas pelo Sr Camargo nos servem para refletir justamente em como isso está instalado de maneira presente no imaginário das pessoas e se torna questão fundamental na aproximação e nos relacionamentos entre os sujeitos.

2.7. Casal70

O *Casal70* reside em Belo Horizonte. H possui 38 anos e a K, 40 anos. São casados há onze anos e possuem uma filha, com seis anos de idade. Ambos possuem formação superior, com K tendo pós-graduação em nível de Mestrado na área de línguas. São empresários de uma marca bem sucedida no Brasil. Particularmente, H confidenciou que a esposa é mais dedicada aos estudos, já ele se considera mais operacional e prático.

Sempre tiveram uma afinidade sexual muito forte desde mais jovens. Pontuaram que quando eram namorados já tinham uma empatia sexual e quando casaram tudo continuou sempre muito quente. Passaram a gostar de filmes pornográficos. Foi quando H percebeu que K ficava muito excitada quando via filmes que envolvia dupla penetração e sempre que pegava filmes deste gênero, transavam de uma maneira mais forte, mais excitante. Foi aí que teve a iniciativa de comprar um vibrador para penetrá-la enquanto transavam. Ele considera que foram os melhores orgasmos daquela época. Depois começaram a falar sobre outro homem enquanto transavam o que fez com que ela fantasiasse muito com isso, o que fazia com que ela gozasse ainda mais. Chegou um momento que ele começou a pensar em encontrar alguém para tentar realizar esse desejo.

A primeira dúvida surgiu em como procurar. Nunca haviam feito algo desse tipo e a primeira tentativa foi ir a uma sala de bate-papo, mas nunca sentiam firmeza ao conversarem com as pessoas, o que acabou fazendo com que desistissem de procurar por lá. Entre idas e vindas, eles conheceram uma pessoa que os indicou o Sexlog. Mesmo assim, K não estava certa da decisão. Apesar disso, autorizou que H fizesse um perfil, com o objetivo apenas de postar fotos. Eles já possuem perfil no Sexlog há seis anos. Durante esse período passaram os primeiros três anos só postando fotos, pois sempre viajavam muito e acabavam associando a frequência

de viagens e a facilidade de produzir imagens e isso sempre foi algo que gostavam desde a época de namorados.

Eu os questioneei sobre se a preferência do casal sempre foi o ménage masculino. Na verdade não era, mas o que aconteceu foi que, depois de um ano no Sexlog sem sair com ninguém, K ficou grávida e eles não fizeram mais fotos. Além disso, a gravidez era de risco e eles foram proibidos de transar durante cinco meses. A masturbação tornou-se um hábito do casal. K masturbava H quase todo dia e numa dessas brincadeiras ela começou a acariciar o seu períneo. H confessou que no início se assustou, pois nunca tinha pensado nisso, mas achou gostoso. Foi aí que durante os quatro meses restantes brincaram de todas as formas possíveis e ela confessou que tinha esse fetiche em penetrar outro homem.

E foi assim que começaram as brincadeiras de inversão de papéis entre o casal. Isso faz parte da vida deles até hoje. Quando sua filha fez um ano, eles voltaram a publicar fotos no Sexlog e o sexo aos poucos foi voltando ao normal do que era vivenciado antes da gravidez. Pelo que foi afirmado pelo casal, quando se referem ao sexo ter voltado ao normal significa que eles voltaram a manter relações sem envolver nenhum tipo de incômodo de ambas as partes, principalmente no caso da K e toda a sua recuperação pós-parto.

Esse aspecto pode ser percebido não só nesse caso, bem como em muitos outros casais que passam por experiências semelhantes. A concepção e logo depois o fato de ter que cuidar do filho nos primeiros meses de vida, faz com que muitos casais tenham a sua rotina sexual comprometida e muitas vezes anulada pelas modificações causadas pelo cuidado com o filho. Alguns chegam a ficar um longo período sem manter nenhum tipo de proximidade afetivo-sexual por conta disso. Outros se queixam da rotina de cuidar dos filhos, ressaltando a falta de confiança das mulheres em não querer ter contato, pois seu corpo se transformou após os nove meses de gestação.

Mas no caso da K e do H, após o período da gravidez, eles ficaram no exibicionismo? Eles chegaram a marcar com alguns casais e homens, mas K sempre desmarcava na hora de sair. Dizia que não queria e que não estava preparada. Ainda demorou um pouco, até que um dia um amigo que acompanhava o perfil deles desde o início deixou uma mensagem dizendo que estava em Belo Horizonte e aí resolveram ir conhecê-lo sem a obrigação de transar, com a ideia de

que, não haveria problemas se acontecesse o sexo. No fim, foi onde o encontro acabou culminando.

O encontro foi bom, entre outros motivos, pois K realizou a sonhada dupla penetração. Mas este encontro também serviu para quebrar alguns preconceitos que ela tinha quanto a isso. Entre eles, o de achar que no swing só tinha tarado e doente. Que não havia pessoas legais e que se era obrigada a fazer de tudo. Aparentemente havia muita complicação nesse início, o que H também esperava que fosse, mas K foi bem desenvolta e se soltou bastante. A desenvoltura comentada por H aconteceu já no primeiro encontro.

A partir daí os encontros se tornaram frequentes acontecendo de dois em dois meses, às vezes mais, às vezes menos, mas a média seria de dois meses de intervalo. As saídas se iniciaram com uma terceira pessoa, mas foram ampliadas para festas com 10 ou 12 casais. A rigor sem preferências, o casal também informou que dá prioridades a homens e casais em que ambos se envolvem sexualmente com o mesmo sexo. Perguntei se a escolha incluiria lésbicas solteiras, mas eles nunca saíram com nenhuma, porque a K nunca curtiu, mas nos últimos tempos tem crescido o desejo por esta fantasia.

Dizem que o que mais os chama atenção de alguém para sair é primeiramente a beleza e a simpatia. Depois, outros aspectos podem ser destacados. No fim, quem bate o martelo é K. Há concordância de ambos quando da escolha de alguém, mas quem faz esse filtro é ela, se gostou ou não das pessoas que estão conversando naquele momento e define quem vai ou não com eles para a cama. Segundo H ele quase nunca nega sair com ninguém e que isso parte, quase sempre, de K. Ele justifica isso definindo que isso “faz parte da natureza masculina não ter restrições sobre com quem vai sair e fazer sexo”.

É muito comum comparar a sexualidade humana a interpretações biologistas e/ou essencialistas. Os discursos que se contrapunham ao feminismo no início do século XX já faziam isso. Os pequenos e os novos preconceitos sejam eles de raça, gênero ou classe, ainda se ancoram em justificativas que demarcam as mais diversas diferenças entre os sujeitos por definições quase sempre de cunho biológico. Isso não é feito aleatoriamente e tem intenções muito claras.

Expor que comportamentos possam ser oriundos de informações que não estejam atreladas ao ambiente onde os indivíduos estão convivendo passa pela justificativa de que determinados comportamentos não são condicionados por questões aleatórias do ponto de vista das relações sociais como a cultura, o desejo e a forma de se relacionar com outras pessoas, mas sim de características genéticas que definem como o indivíduo vai agir e como o seu comportamento passa a ser implicado por esses pontos.

No caso do Casal70, a explicação dada por H passa pelo ponto de que os homens teriam um comportamento voltado para o sexo, independente de quem seja a pessoa. Denota de que não haveria, a priori, escolhas muito complexas em se optar por alguém para o sexo. Ou seja, o homem, nesse raciocínio, optaria pela quantidade e pela variedade de oportunidades para o sexo. Não tendo um senso mínimo nas escolhas. O ditado do “quanto mais, melhor”, se torna válido através dos discursos masculinos que tentam articular o homem enquanto devorador sexual nato.

Pois bem, o papel de seletista caberia então à esposa, que, entre outros fatores, ordena a relação, ao mesmo tempo em que viabiliza o sexo e a realização dos fetiches, tendo em vista a responsabilidade de escolher, aqueles que estarão com o casal na cama. Isso não é pouca coisa, haja vista as responsabilidades que tal posição implica. As expectativas criadas, além do nível de decepções que ficam relacionadas ao que as pessoas mantêm sobre essas fantasias são pontos consideráveis e que não podem ser deixados de lado.

Nesse caso, K já negou sair algumas vezes. Segundo H, a maioria que ela recusou foi por causa da chatice de pessoas insistentes. Para eles a conquista para o sexo funciona assim: sempre marcam encontros em bares, nunca direto em motéis, exceto quando já conhecem, então se não acontece nada, K dá uma desculpa e eles vão embora. Em festas quando ela não quer, ela não deixa acontecer o sexo.

Duas situações engraçadas marcaram essas festas, um dançarino de boate que conheceram dançando numa casa de swing que fez todo o serviço em um minuto; e um “amigo hétero” que conheceram que, no fim das contas, eles é que tiveram que “comer” ele. Com um detalhe peculiar: ele usava a lingerie da K. De outro lado, sobre o detalhe de terem presenciado situações desagradáveis, em certa

ocasião, eles viram um marido forçando a mulher a fazer sexo; e outro caso, que quase na hora que iniciavam as carícias com um casal, o marido maltratou a companheira, o que fez com que H e K desistissem e fossem embora. Não chegaram a testemunhar homens sendo forçados ou maltratados pelas esposas durante o sexo

Questionei o casal sobre o fato de também buscarem homens adeptos do sexo com outros homens e se isso já trouxe algum tipo de problema para eles. Eles foram categóricos em responder que sim. H explicou que as pessoas confundem bi com homo. Segundo ele,

(...) já teve mulheres que acharam que o marido ia ter que comer nós três e que eu não dava conta; outras que achavam que eu ia sair agarrando os maridos nas festas; teve aqueles que nos excluíram dos perfis nas redes sociais; teve outros que nos desconvidaram de festas; outros que quando souberam que íamos às festas se desconvidaram e por aí vai. (Entrevista com Casal70 realizada no dia 07/08/2012).

Esse depoimento do casal é bastante significativo em como os demais sujeitos veem a performatividade bissexual, e a performatividade bissexual masculina nesse meio. H sentia prazer na inversão e numa das vezes K pediu a um amigo para penetrá-lo. Ele fez, gostou e continua fazendo. Faz questão de ressaltar que a excitação com outro homem está concentrada no membro. Nas suas palavras: “(...) não sou afeminado, não curto pegação e beijos com homens. Curto o pau, apenas o pau”.

K adora, sente prazer e incentiva os desejos do marido. Da rede de casais que eles mantêm contato com frequência, dois deles são “ambos bi”, forma de nomear os casais em que ambos também se envolvem com pessoas do mesmo sexo e que procuram pessoas que possam partilhar desejos semelhantes.

A reação do casal é de deixar para lá e continuar procurando pessoas que queiram sair com eles. Julgam-se um casal bonito, “bem acima da média dos que tem por aqui”, nas palavras dos mesmos. A postura é a de deixar para lá e não pensar em nenhum tipo de envolvimento sexual com essas pessoas. Para eles, isso é uma falta de personalidade da parte dos casais.

O casal ressaltou que mantém um círculo de amizades no meio. O que facilita muito as coisas. Seriam três ou quatro casais que viraram amigos pessoais de frequentar as casas uns dos outros. De conhecer os filhos e a família. Viajam e saem juntos mantendo um vínculo forte com essas pessoas. A proximidade iniciou-se com os contatos para o sexo, mas ela acabou se desdobrando, para alguns, em algo que foi, além disso, uma amizade que estreitou os vínculos, envolvendo as famílias e outros aspectos das sociabilidades que vinculam os grupos quase nunca relacionados no envolvimento costumeiro desses sujeitos, com aproximações que sejam mais complexas e que perdurem para além da suíte do motel.

Nesse caso, há superficialmente um envolvimento estreito em termos coletivos que configure uma espécie de “lifestyle” ao redor do sexo entre casais, pois, ao se inserirem em relações mais complexas, parece que o sexo deixa de ser o ponto prioritário para que a interação entre os casais ocorra, o que muitas vezes faz com que ele ocorra com menos frequência e com mais qualidade em termos de intensidade e de planejamento. Todos já se conhecem e sabem o que querem e o que podem oferecer aos demais. É como se vivessem um novo momento desse vínculo social proporcionado em grande medida pelo sexo, mas que agora não se resume mais só a ele.

Talvez o marcador sexual não seja mais o único dado que deve ser levado em conta no sentido dos pontos a serem pesados na interação entre os sujeitos que fazem parte do ciclo de amizades. Eles são parceiros sexuais e se tornam também amigos e confidentes. Isso representa uma mudança no nível das relações, mas também em como os pontos que essa relação será construída passem por adequações necessárias. O sexo enquanto um aspecto social inerente à relação entre esses sujeitos seja talvez um ponto a ser rediscutido, enquanto a sua importância, prioridade e lugar naquele novo regime afetivo que esse grupo começa a formar. Será que no casal 70 começa a se vislumbrar aquilo que chamei do swing como um estilo de vida? Aparentemente o casal parece ir além das saídas esporádicas e do fluxo de pessoas diferentes com quem compartilham a sua cama e optam por parcerias mais duradouras, com outros vínculos além dos sexuais.

Muitos casais afirmam que é difícil conseguir estabelecer amizades no meio swing e que o contato é mais sexual. Para efeitos ilustrativos, o casal 70 (H e K) já conheceu mais de 150 pessoas, entre casais, homens e mulheres, mas apenas três

ou quatro casais, no máximo, são amigos pessoais e mantêm proximidade com eles até hoje.

O casal viaja bastante e são nessas viagens que muitas vezes chegam a frequentar casas de swing, além de saírem com pessoas que eles mantêm contato em todo o Brasil. Principalmente em São Paulo, onde já possuem um círculo de amizades considerável. Geralmente mantém contato com pessoas através de redes sociais de sexo como o Sexlog e o Capital Real Swingers. O grande problema nessas redes, como já foi identificado em outros momentos, em conversas com outros informantes, são as pessoas com perfis considerados “fakes”. O casal considera que são aqueles usuários que não tem um propósito sério na rede. Que só querem brincar, enganar os outros.

O swing para H e K é algo onde podem ser eles mesmos sem fingir. Sentir prazer sem as hipocrisias do dia a dia. Perguntei se viveriam sem o swing hoje, no que responderam que sim, pois estão bem mais seletivos que antes, além de ter trazido muitas coisas boas para eles. Cumplicidade, a possibilidade de imaginar, uma liberdade sexual entre o casal e muito prazer são alguns dos pontos que eles consideram importantes na sua vivência dos últimos anos. A relação entre esses pontos e o fato de terem ficado mais seletivos é algo que chama a atenção. Segundo o casal, se explica, pois, “no começo nós queríamos viver tudo e, no fim, você acaba sendo menos seletivo. Com o tempo você se torna mais experiente e não é qualquer coisa que agrada, aí você começa a escolher mais” (Ibidem).

Para eles, o swing é uma “evolução entre os casais” e é algo que salva o casamento de muitas pessoas. Eles exemplificaram com o caso da cunhada de H, que possui um casamento conflituoso. Segundo H, ela e o marido estão em conflito, quase se separando depois de 12 anos de união. Disse que o marido é muito fechado e a mulher muito fogosa. Talvez se descobrissem o swing poderiam se descobrir. Existem várias esposas no swing que fazem o que o homem quer, isso porque são dependentes economicamente, apaixonadas. Existiriam aqueles outros casais que os homens não “dariam mais no couro” – expressão de H – e levam suas esposas para brincarem de forma consentida. Existem aqueles que têm cumplicidade, estão juntos. Portanto, o ponto de vista de cada um deles é diferente. Vê-se isso todos os dias. Ao mesmo tempo em que o swing também pode ser apenas uma “válvula de escape”.

Essas variações nas opiniões sobre os limites do swing são muito comuns entre os vários informantes que entrevistei. Cada um dá a sua versão, a sua interpretação de como vê a relação de si com a rede de sexo na qual está inserido. Dependência, obrigação, voyeurismo, “válvula de escape”, paixão, desejo. São muitos os nomes e os interesses envolvidos em experiências como essas. Todas elas devem ser respeitadas e entendidas na medida em que se colocam como formas de se viver e experimentar possibilidades de desejos sexuais.

Entender esses pontos tão diversos faz com que se possa ter uma visão ampla sobre tais desejos e isso dê possibilidades de se fazer uma crítica apurada sobre pontos comuns na vivência nas sociedades ocidentais contemporâneas, levando em conta questões vinculadas a temas como o sexo, a norma, o casamento, as sexualidades, os desejos, os preconceitos e as resistências em torno das opiniões dos outros que não pensam de maneira semelhante à maioria das pessoas.

Pensar junto com esses tópicos destacados ajuda a entender como estão configurados os sujeitos nos tempos atuais e como o processo de formação desses personagens passa pelos temas já destacados aqui. Como esse processo de subjetivação é aleatório. Quando se fala sobre sexo, isso fica marcado por tópicos que seguem um caminho bastante definido. O caminho da normatização dos comportamentos e como esses gestos precisam atender a um conjunto de demandas externas, discursivas e reguladoras. Ou seja, perceber esses processos é mostrar que essa suposta aleatoriedade dos gestos e dos comportamentos subjetivados só podem ser afirmados, mediante a revelação de que atendem uma sequência de técnicas que não são nenhum pouco aleatórias e sim, regulatórias, organizadas e retílineas. Esses melindres do processo de subjetivação revelam como todos nós somos regulados, em nossos corpos, mentes e almas. Como se está, a todo o momento, respondendo a algo externo a nós, fora de nós.

2.8. Casal F

O *Casal F* é formado por N e O. Eles têm 29 e 33 anos, respectivamente. Vivem no estado de Santa Catarina, mais especificamente, em Camboriú, no litoral

catarinense. Eu os acompanhei ao longo de dois anos. Eles são empresários e trabalhavam no ramo do comércio. Na época em que conversamos eles estavam começando no ramo da construção civil em Camboriú. São casados há mais de onze anos e o interesse no sexo fora do casamento com o consentimento de ambos iniciou ainda na época em que namoravam. Segundo N,

(...) ainda namorávamos quando o Otávio veio com a ideia. No início me mostrou um programa parecido com o Skype, acredito que isso foi há uns sete anos (...) nos exibimos por cam, sem mostrar os rostos e ele percebeu que eu gostei de me exibir. Certo dia me mostrou o site de uma casa de swing, nós ensaiamos algumas vezes sem ter coragem para ir conhecer até que um dia, passamos umas cinco vezes de carro em frente ao local até que paramos e entramos. Fomos recebidos pelos donos do clube. Um deles nos perguntou se já conhecíamos. Como éramos novatos, nos levou para conhecer toda a casa e nos explicou algumas regras do meio. Fiquei bastante assustada, mas muito envolvida com toda aquela novidade (Entrevista realizada com o Casal F).

Muitas vezes as primeiras experiências em lugares para o sexo se dá na forma descrita acima. Muitos começam consultando a internet, nos endereços desses locais para pegarem informações como telefones e localização. A ida até o local marca não só a atitude de tomar coragem para ir até esses clubes, mas a estratégia de conhecer o lugar, no sentido de rastrear, entre outras coisas, se o lugar é discreto – se pode ser acessado sem que os que frequentam possam passar por algum constrangimento e se é caracterizado como um lugar aberto, em região de grande fluxo – e se ele realmente existe. O outro momento passa pelo sujeito ultrapassar as inibições e adentrar até o recinto.

A ida aos clubes começou há sete anos. Nesta época, o casal foi duas vezes a este clube de swing, mas não se consideravam preparados. Na verdade O foi quem deu o pontapé inicial e levou N ao meio, mas não estava preparado para estar com a esposa junto com outro homem. Acabou ficando abalado ao vê-la com outro homem pela primeira vez. Foi então que decidiram sair do meio, ficando fora até final de 2011, quando mais maduros resolveram voltar.

O acompanhamento das trajetórias desses personagens mostra algo em comum entre muitos deles: o fato de apontarem dificuldades iniciais no contato com essas aventuras referentes ao sexo. A pergunta básica é quem está preparado a

não ser na medida em que se depara com as atitudes práticas na aproximação e interação com o outro? Não basta só o planejamento, muita conversa como alguns dos informantes ressaltam, mas, sempre a postura será colocada à prova na medida em que ambos se mostram disponíveis e abertos para aquilo que não conhecem.

Apesar de ter dado o pontapé inicial e não ter se sentido à vontade com a situação prática do sexo com um segundo homem, na verdade, como contou N, o objetivo do casal era de encontrar outra mulher e a troca acabou acontecendo naturalmente, sem combinações. Antes mesmo da relação com um segundo homem, a situação que quebrou o gelo e fez com que eles tivessem o impulso necessário para iniciar o sexo foi a aproximação com outra mulher, que, aparentemente, conheceu N e O com o seu companheiro.

Apesar dessas ponderações, não fica claro se é realmente do casal que parte essas demandas ou se é algo direcionado do marido ou da esposa. Pode-se pensar nessas situações a partir do que se coloca e se vivencia para as relações de gênero e para a identidade sexual, pois saber dessas escolhas pode trazer muitas revelações sobre esses contextos.

Foi entre elas que tudo começou. Segundo N, o sexo entre as mulheres seria a forma mais sutil de apimentar o sexo entre os casais envolvidos. Ela declarou que, assim como várias outras mulheres que conhece no meio, o sexo com outras mulheres serve como forma de “apimentar” o seu relacionamento. O destaque disso é ver e sentir seu marido tendo prazer ao observá-las. Satisfazer a fantasia sexual dos seus parceiros. O sexo entre mulheres seria algo performativo, onde a ação estabelecida corresponderia a uma atitude sexual localizada e que só pode ser analisada localmente, dentro das circunstâncias que envolvem a interação.

A esposa declarou que nunca viu nenhum estudo sobre o tema, mas imagina que a maioria das mulheres que praticam o swing, não teriam relações com outras mulheres sozinhas. Ou seja, não manteriam encontros somente com outra mulher. Declarar algo assim sempre é arriscado, tendo em vista que a declaração da informante engloba a opinião e as atitudes de outras pessoas. Nesse sentido, não se pode encarar esse apontamento como uma conclusão definitiva sobre o tema, nem mesmo encarar como um posicionamento comum a todos que tem comportamentos considerados bissexuais e são casados e sim uma informação específica da entrevistada e que só pode configurar a sua situação e não a de

outras mulheres em situação semelhante a sua. O máximo em que se pode inferir é fazer ilações sobre o exemplo dado por N e até que medida ele pode ser ampliado para outros casos semelhantes. Sendo assim, essas atitudes são variáveis e só podem ser analisadas circunstancialmente.

Em muitas conversas se constatou, por exemplo, o fato de que muitas mulheres, antes de terem experiências com a troca de parceiros, ou mesmo o sexo com uma terceira pessoa em seus relacionamentos, declararam que já tinham tido outras experiências com mulheres. Muitas já haviam se relacionado esporadicamente com mulheres próximas, como amigas de escola, primas e vizinhas.

Outra particularidade exposta pela esposa é o fato de gostar de satisfazer as fantasias do seu companheiro. Em vários momentos N contou que se sente realizada em dar prazer para O, sendo com isso também satisfeita. Quando fala sobre isso parece que, para ela, isso é estranho, incomum, pois em todas elas a sua ideia é a de que parece que não corresponderia como prazer. O fato de se satisfazer dando prazer ao outro não corresponderia como uma forma de sentir prazer também. O sexo penetrativo, de preferência, do pênis que penetra a vagina se representa novamente. A lógica de que fora disso não há fetiches e de que a sexualidade só se manifesta em situações como essa são demonstradas nesse tipo de depoimento. É como se nada do que acontecesse fora desse duplo se tornasse dado ao desejo e ao sexo.

Nesse raciocínio, tudo aquilo que é do campo das carícias, do toque, da língua, da pele, da contemplação e dos sentidos ficaria reservado a atitudes que giram em torno de alguns fatores curiosos. Ou seja, como se tudo isso ficasse reservado ao momento anterior ao próprio desenvolvimento da relação sexual em si, ou seja, ao ato penetrativo. Nesse sentido, carícias, toques e lambidas ficariam deslocados ao que popularmente se conhece no conjunto de conhecimentos sobre a sexualidade como preliminares. O conjunto de práticas e movimentos que antecederiam o sexo propriamente dito.

Ora, mas o que é o sexo? Posso resumir a relação sexual ao ato penetrativo do falo no encontro da vagina? E todas as outras ações, ficam condicionadas ao sexo penetrativo? Como pensar o sexo entre mulheres fora desse roteiro? Esses são pontos que merecem uma reflexão mais atenta sobre a análise do sexo hoje,

pois isso passa por colocar em pauta questões como o sexo e as interações com a internet e todas as relações que estão fora e além da heteronormatividade. Exemplos como esse, trazidos pela atitude de N proporciona refletir um pouco sobre esses limites e a respeito dessas práticas.

Ela disse que também gosta de ter relações com outros homens, mas também jamais teria coragem de trair o marido. Já fez com outros homens com o consentimento dele, da mesma forma que aceita a mesma situação com ele, mas não aceitaria que ele tenha relação com outra mulher sozinha sem a sua presença, então nem cogita a possibilidade de fazer isso sozinha. O trato entre eles é fazer tudo juntos para não precisar fazer escondido de ninguém.

Perguntei se mudou muita coisa entre as primeiras experiências sete anos atrás para o retorno em 2011? Segundo ele, o primeiro foi a maturidade, pois da primeira vez foram no embalo da novidade.

(...) foi no impulso nada estudado, nada pensado. Não tínhamos noção do que acarretaria emocionalmente. Quando retornamos já sabíamos como funcionava, sabíamos a forma de nos portar, sabíamos exatamente o que buscávamos. Sabemos hoje o que agrada e o que desagrade cada um. Tivemos tempo de discutir nossas próprias regras (Entrevista com N).

O também pensa como N. Depois desse tempo em que retornaram em busca de outras pessoas para o sexo com o casal, eles julgam que se conhecem melhor e confiam mais um no outro. E como foi esse retorno, após tanto tempo desligados dos contatos e dos canais de sexo? Voltaram de imediato para as redes sociais de sexo? Começaram a frequentar novamente os clubes de swing? Quem falou sobre isso foi N, que relatou o que ocorreu nesse intervalo entre as duas experiências e como foi redescobrir o interesse em retornar a busca de realização dos seus desejos junto com o seu companheiro.

A vida sexual do casal estava “de morna para fria”, segundo N. Ela estava tendo acompanhamento de um psicólogo para resolver assuntos diversos, mas o que mais parecia lhe incomodar era a questão da sexualidade. Incomodava muito não ter uma vida sexual ativa apesar de ter um parceiro “disponível”. Um dia, com incentivo do terapeuta, resolveu ter mais uma conversa franca com O. Falou que sentia muita falta de sexo, de estímulos sexuais de uma forma geral. Ressaltou que

eles têm canais de sexo livre na TV, mas tinham vergonha de assistir juntos. Queria quebrar essa barreira e ver filmes eróticos com ele. Não queria mais sentir vergonha depois de muito conversar a respeito.

Em uma dessas ocasiões, no meio da conversa, ela colocou em um dos canais de sexo, onde duas mulheres protagonizavam cenas quentes e foi nessa ideia, de mais uma vez vê-la com outra mulher que começaram a redescobrir o swing. Primeiro iniciaram buscando um contato de uma mulher em bate papo, até que ele descobriu o Sexlog. Como ela não se considera como uma mulher bissexual, não conseguia se empolgar com a ideia de se encontrar apenas com outra mulher. Por mais que o seu companheiro falasse que não fazia questão de participar, que queria apenas observar, N só se sentia estimulada com a possibilidade de saírem com um casal, porque o que lhe atrai de fato é o sexo oposto.

Mas todos esses pontos destacados não significariam que, quando o casal está com outro casal, N não se relaciona com a outra mulher e não tem prazer. Sim, ela tem, mas muito mais por saber que estão as duas, deixando dois homens loucos com aquilo tudo. Nas palavras dela,

(...) podemos assumir posições sem precisar sair do nosso território, pois é possível termos papéis que podem ser assumidos em determinados momentos sem ser algo fixo, por fantasia, desejo, fetiche ou que resulte em algum tipo de interesse em comum. Particularmente acho que encaro muito bem todo tipo de situação. Nesse meio não tenho pré-conceitos, ou pré-julgamentos. Acredito que swing seja um jogo de sedução (...) é uma forma de resgatar questões de conquista, sedução (...) manter um pouco de mistério, coisas que se costuma fazer quando se é solteiro. Resgatar a questão do flerte, isso faz muita falta depois que nos casamos porque é muito fácil, o marido está ali para a esposa e a esposa para o marido (...) é muito fácil, muito previsível e quando estamos no meio do swing as relações voltam a ser imprevisíveis. Voltamos a sentir o frio na barriga antes de um encontro, existe todo um ritual. Quando marcamos um encontro... Falo eu, como mulher começamos a preparar nosso corpo, a pele; queremos estar com a pele macia, cheirosa, lisinha. As unhas, o cabelo, depois escolher a lingerie, a roupa, o perfume. Queremos nos sentir desejadas sem o peso do pecado em estar traindo porque queremos ser desejadas, e queremos desejar, mas tudo com consentimento (Ibidem).

Analisar a fala de N é estabelecer um conjunto de considerações importantes sobre as suas interpretações sobre o swing, o sexo e a conquista dentro e fora do casamento. A esposa tem uma postura diversa e sua atitude diante das questões sobre sexo é considerada sem preconceitos ou pré-julgamentos. Considera-se alguém aberto às possibilidades possíveis no swing, se dispondo àquilo que for pensado em conjunto com o seu companheiro no intuito da realização de si e do outro. Também associa o fato de estar no swing a questões da conquista e do flerte. Como se a oportunidade colocada pela situação de estar descobrindo e conhecendo outras pessoas abrisse outros caminhos possíveis e ao mesmo tempo levasse à ressignificação de velhos códigos já um pouco perdidos em meio à rotina do casamento.

O detalhe em ressaltar o flerte e a conquista com atitudes práticas de caráter pessoal como o simples fato de se preparar para os encontros e para o sexo mostra um pouco disso. Parece que trazer alguém ou algumas pessoas diferentes para dentro do seu casamento, para experimentarem, pelo menos por alguns momentos daquilo que o seu relacionamento pode oferecer, é algo que move de maneira diferente esses personagens.

Seu cuidado com os gestos e com cada aspecto pessoal desse encontro se assemelha ao primeiro encontro do casal. O momento das primeiras palavras e das perguntas mais básicas sobre a vida, os gostos e as sensações do ato de conquista. Essas pessoas vivenciam isso outra vez. Só que dessa vez por outros meios, na medida em que a conquista está entre mais de duas pessoas. Não há um encontro tradicional aqui, onde duas pessoas se encontram e compartilham de palavras, flertes e carícias e sim, um conjunto de significados que estão sendo trocados entre um número maior de sujeitos.

O flerte serviria nesse sentido para os novos enlaces e como esse novo reflete e resignifica o flerte já existente. Como se a descoberta do flerte em pessoas diferentes que estão fora da relação conjugal refletisse e resignificasse o flerte anterior, do casal. A expressão relacionamento velho é inoportuna. Isso porque, na medida em que o relacionamento já existente passa por essa modificação, ele não é mais igual ao outro, se deslocando para outro lugar diferente ao que ocupava. Da mesma forma, a(s) nova(s) conquista(s) também irão habitar outro lugar. Lugar esse onde coabitará com o redesenho dessa relação antiga, passando por uma

readequação dos desejos e de como eles se expressam na relação entre os seus vários personagens existentes.

Eles relatam que nunca aconteceu nada desagradável até hoje. Na verdade o que vem ocorrendo é de ter casais com quem tiveram mais “química”¹³ e outros que acabou não acontecendo uma proximidade tão grande. Para eles isso é normal, pois se o relacionamento entre duas pessoas nem sempre sai como se espera, quando no caso de quatro pessoas, fica ainda mais difícil. No casal, por exemplo, às vezes o homem agrada e a mulher não. Outras vezes acontece o contrário e assim por diante.

Mas como decidir se vai acontecer alguma coisa além de um bom papo ou não? Existe um limite. Tem um ponto onde existe a possibilidade de desistir, mas depois que, por exemplo, já se deslocarem para o motel e o clima acabou esquentando entre o grupo, o que tem que se fazer é deixar se levar porque às vezes o clima pode até esquentar e parecer que tudo vai ser bom, daí vem um cheiro, ou uma palavra, ou um gesto que tira toda a excitação. Mas isso parece ser comum para eles.

Essa inserção no swing teria mudado algo na vida do casal? Aparentemente não mudou muita coisa. Isso em termos de rotina entre eles. Eles já gostavam muito de sexo, ao ponto de se considerarem, ambos, “ninfomaníacos”, no dia a dia não mudou nada. Eles dizem que a sua rotina é igual a de qualquer pessoa, com trabalho, amigos, família, vizinhos, cachorro. No entanto, na relação sexual, as mudanças estão em vários aspectos. Eles se sentem mais estimulados, tendo mais liberdade um com o outro, mais confiança entre si e mais ferramentas para proporcionar clima entre o casal.

O casal nunca convidou outros casais do seu círculo de amizades para as suas aventuras sexuais. Apesar de que, ao verem muitos amigos em um relacionamento que está se tornando monótono, muitas vezes já passou pelas suas cabeças o interesse em propor algo que talvez traga um fôlego para a relação. N até já chegou a recomendar uma ida até uma casa de swing para suas amigas: “acho ótimo, vão mesmo, vale a pena, é bom, porém me avisem quando forem, pois não

¹³ Expressão utilizada pelos sujeitos dessa pesquisa para demonstrar empatia física e sexual pelo outro com quem se está relacionando.

quero ver vocês dando para os maridos de vocês, nem quero que vocês me vejam dando paro o meu”. Segundo palavras dela, muitas de suas amigas não sabem que eles fazem troca de casais, apenas acham que frequentam as casas para ver outras pessoas fazendo sexo.

Não sei até que ponto ir até uma casa e ver os outros fazendo sexo e ir até a casa e fazer sexo tem uma diferença para o casal. Só sei que quando eles se pronunciam para os mais próximos sempre dizem que frequentam casas de swing, sem nunca ter “participado” de nada. Como se a participação fosse só o fato de estar ativo no sexo e que a interação também não pudesse ser feita através da observação, das palavras e dos gestos.

Para eles o Sexlog seria mais uma ferramenta para exibicionismo, com o intuito de receber comentários, alguns elogios, ou até propostas. Tudo isso os excita e estimula a continuar, sendo uma ferramenta importante para conhecer outros casais. Como neste meio eles não procuram se apaixonar por ninguém que eles se encontram e sim apenas ter prazer sexual, é natural haver uma seleção e ela começar por uma imagem, avaliando o tipo físico. Ver o que lhe causa interesse visual. Essa avaliação pelo conteúdo da rede social através dos perfis participantes, levando em consideração as fotos que são publicadas periodicamente, acaba sendo um tanto discriminatória nesse sentido, porque não se dá a oportunidade de conhecer as pessoas sob outros aspectos a não ser a estética. Segundo N e O, nos clubes, também existe a questão física, pois o contato visual é o primeiro, mas há a aproximação, que sempre gera a conversa, o que não limitaria a aparência das pessoas.

Essa dificuldade apresentada pelo casal quase sempre é encontrada em outras trajetórias. Não necessariamente como um empecilho, já que o casal destaca como sendo algo delicado, pois apontam isso ao fazerem uma análise crítica do momento em que há a aproximação com outras pessoas. No entanto, não significa que eles também não partilhem disso e a análise dos dotes físicos dos participantes das redes sociais de sexo não seja uma prática comum entre os sujeitos. Ao problematizarem esse aspecto, o casal demonstra os limites que a interação para o sexo pode trazer e o que de fato acontece. Demonstra uma sensibilidade em perceber que as suas atitudes talvez limitem os seus propósitos na rede que é, entre

outras coisas, o de conhecer pessoas e poder se relacionar com elas através do sexo.

Apesar dessas ponderações, o ato de avaliar pela aparência é comum em redes sociais de sexo como o Sexlog. Esse ponto ganhou ainda mais projeção com o advento da internet e a utilização cada vez maior das redes sociais pelo público em geral. As redes sociais de sexo também partilham dessas mesmas características, não sendo imune a elas, pois, também estão inseridas como atuantes em torno das interações estabelecidas entre todos os sujeitos que mantém contatos através do serviço. Tornar esse tipo de possibilidade como algo comum e bastante utilizado como estratégia de interação entre os sujeitos não tem como objetivo limitar a apreensão sobre os problemas que porventura isso proporcione.

O fato de ser uma atitude comum só revela o quanto é preciso identificar os pontos que mais chama a atenção e problematizá-los, no sentido de como esse processo interativo é construído e o que reserva a análise das aparências e o conteúdo requerido para que um perfil passe da repulsa até a aceitação daquele que o observa do outro lado da tela. Essa é uma questão essencial não só para compreender como há a interação entre os sujeitos nas redes de sexo, mas também, como isso pode trazer alguma revelação de como isso funciona nos demais aspectos da vida desses sujeitos e nas suas aproximações comuns, fora ou dentro da rede.

Para ilustrar a questão que o casal levantou entre aparência e um maior conhecimento das pessoas que conhecem, eles exemplificaram um caso que aconteceu em uma casa de swing. Eles estavam na casa, procurando alguém para conversar e acabaram se deparando com um casal. Por conhecerem um casal, onde o homem jamais atrairia N fisicamente, a esposa era muito bonita, mas os dois casais estavam cara a cara. O clima esquentou e o cara, apesar de mais velho e fisicamente muito distante do que é desejável sexualmente por ela, se mostrou um excelente amante. Foi muito bom para ela, agradável e chegaram até a repetir a dose.

Também houve a curiosidade de saber se esses contatos perduram. Se haviam o estreitamento dos vínculos com aquelas pessoas que eles tinham oportunidade de conhecer. Se o casal já teve algum tipo de experiência parecida com essa. Mesmo com pouco tempo no meio, existem casais onde a afinidade é

mútua e geralmente estes permanecem em contato e dependendo da distância, ainda se encontram outras vezes. Quando não é tão agradável, ou quando não houve uma proximidade tão grande para que o vínculo entre eles perdurasse aos poucos o contato foi diminuindo, até que se perdeu.

Perguntei se há aquele costume de chegar ao ponto de virarem amigos, de sair pra tomar cerveja juntos? Dividir segredos e etc? Eles não chegaram a esse ponto. Só existe um casal que eles mantêm bastante afinidade. Já se encontraram duas vezes e marcaram um terceiro encontro. Eles seriam o tipo de gente que facilmente poderiam fazer parte do círculo de amigos do casal. Já que não há nenhum tipo de impedimento ou receio de estreitar os laços, porque isso acaba não acontecendo? Muitas vezes a única afinidade que os casais encontram é na hora do sexo. Essa seria a medida, à proporção que definiria tudo.

É como um relacionamento entre duas pessoas solteiras, às vezes o homem gosta de uma mulher somente para o sexo. Eles se dão bem e fazem o melhor sexo do mundo, porém, na hora de bater papo o negócio não flui. Às vezes você se relaciona com uma mulher carinhosa, amorosa, delicada, mas na cama, na hora do sexo, não há sintonia, então até que se encontre afinidade a ponto de se tornarem amigos é um conjunto de fatores que faz com que isso ocorra. (Casal F)

Isso também se reflete na falta de experiência que o casal possui. Eles saíram com cerca de seis a sete casais. Dentre eles, dois são considerados como bons amigos para momentos além do sexo, pois sair com alguém tem uma diferença enorme em achar que aquela pessoa será a sua amiga. Esse ponto é convergente entre os dois, pois ambos concordam que da mesma forma que querem preservar as suas aventuras em segredo, também não acham que, a cada saída, a cada contato no swing, haverá uma amizade reservada para si.

2.9. Casal HH

O Casal HH possui um perfil no Sexlog. Eles se constituem como um casal de dois homens que mantêm um relacionamento estável. No Sexlog, o casal busca um relacionamento com outras pessoas, sem distinção entre homens ou mulheres. Uma questão marcante na conversa com o casal foi o fato de que, no momento em que

foi perguntado como deveria chamá-los, fora da indicação genérica de “Casal HH”, eles se autodenominaram como Passivo e Ativo.

Esse estabelecimento de posições sexuais se assemelha e alude ao posicionamento estabelecido nas relações heterossexuais. O que coloca a reprodução dessas posições em casais do mesmo sexo como reprodução do ideal normativo que se relaciona aos modelos heterossexuais. Ou seja, a reprodução dos comportamentos normativos sexuais, afetivos em casais do mesmo sexo estaria relacionada à aproximação desses casais ao ideal de heteronormatividade.

Eles já estão juntos há oito anos, com a ressalva de que, metade desse período eles se relacionavam através da internet e só depois é que mantiveram um relacionamento pessoal. Nesses primeiros quatro anos eles costumavam conversar pelo MSN e, às vezes, estabelecendo uma conexão pela câmera. Nesse período, nunca se encontraram pessoalmente e era uma relação exclusivamente virtual. Depois de algum tempo resolveram ter um primeiro encontro presencial – em setembro de 2008 – e partir daí acabaram ficando juntos até hoje.

Eles não moram juntos, nem, tampouco, se consideram casados. Ambos tentam fugir dos estereótipos¹⁴ dizendo que são apenas e tão somente, felizes. Segundo o Passivo, “não é o casamento que, por si só, é suficiente para fazer alguém feliz. Eu saí de uma relação de nove anos que me fazia infeliz e naquela relação eu me sentia casado e castrado. Castrado na liberdade, no prazer e na verdade”. O ciúme na relação foi questionado e se ele tinha a ver com a ideia de castração, o que ele confirmou dizendo o seguinte:

(...) o ciúme como posse cerceia a liberdade, principalmente quando a gente se entrega, mas não é somente ciúme, mas a mentira, a hipocrisia e os desajustes subjetivos... (...) era uma ideia de amor judaico-cristão, que reproduzia uma relação hétero, inclusive nos problemas. A ideia de fidelidade era suprema (entrevista realizada com o Casal HH).

Apesar das ressalvas sobre a castração e sobre ter vivido uma relação baseada em alguns pressupostos heterossexuais, as relações possíveis com

¹⁴ Fogem dos estereótipos de forma relativa, pois, a própria nomenclatura de ambos na rede já reafirma alguns desses perfis (no caso, Passivo e Ativo).

modelos e referenciais heteronormativos não fica reservado só ao tipo de relação estabelecida com o Casal HH. Esse fato é muito mais microscópico e escorregadio. Como se pode ver no início da trajetória do casal, a construção da condição dos nomes e a própria identificação e posicionamento na relação conjugal entre Passivo e Ativo mostra que a condição e as correspondências com um posicionamento heterocentrado talvez não sejam tão fáceis de ultrapassar. Apesar de fazer a crítica, Passivo se centra no fato desse aspecto ter sido danoso para o seu relacionamento e no impacto que isso causou em si e na forma com que visualizou tudo aquilo que foi vivenciado. No entanto, os outros pontos ainda estão em voga e percorrem este outro relacionamento que mantém há quase uma década.

Passivo tem trinta e sete anos e o Ativo, quarenta e três. O casal tem formação superior, respectivamente, em Direito e em Educação. Eles julgam que não tem uma relação onde a fidelidade é uma questão básica, muito pelo contrário. Segundo Ativo, a fidelidade não existe e eles não falam sobre isso. Para eles, fidelidade seria uma construção do poder vigente, especificamente da tradição religiosa, que impõe uma cultura do certo e do errado para o amor e o prazer. O Passivo sempre alimentou o fetiche de ver e/ou participar de momentos de prazer com mais de duas pessoas, fazendo sexo mais para o outro. Condição que em sua relação anterior parecia um tremendo pecado. Não sei se a configuração do nome tem alguma relação com a forma como exerce a sua sexualidade, mas parece que sim, pois a todo o momento ele se associou a querer mais observar, ou de exercer um papel de dedicação ao outro.

Eu o questionei sobre a existência de algum tipo de acordo entre eles. Eles disseram que existia e era lealdade e não fidelidade. Não entendi muito bem a diferença que para ele existia entre os dois significados, mas essa relação entre os dois ideais – lealdade e não fidelidade – soou como uma associação à herança da revolução sexual, onde havia essa aproximação entre ideal libertário e não igualitário. Também marcou a sensação de tentarem adaptar novas palavras ao exercício relacional muitas vezes semelhante, como no caso da fidelidade, da definição em serem um “casal feliz” e em como exercem a sua sexualidade na convivência em lugares separados.

Anteriormente, Ativo já tinha o interesse por fetiches que envolvessem outras pessoas, inclusive, já havia tido experiências do gênero. O Passivo também já tinha

ficado com dois homens ao mesmo tempo. Experiência que teve, há muito tempo atrás, quando ainda era adolescente. Ele contou que foi seduzido por um homem mais novo para a sua casa e o viu transar com o seu parceiro. Ele adorou ter observado. O Ativo já havia feito sexo em grupo com homens, mas ainda não tinha experiências com casal H&M (casais constituídos por um homem e uma mulher), ele é divorciado e também gosta de se relacionar com mulheres. Ele alimenta o fetiche de ficar com um casal H&M e quer levar o seu parceiro junto.

No perfil do casal no Sexlog, há uma foto de um homem fazendo sexo com uma mulher. Passivo explicou que essa é uma foto de seu companheiro com uma mulher e que ela foi feita antes deles se conhecerem. Depois que eles se conheceram ele ainda não ficou com uma mulher, embora eles tenham procurado bastante fazer com que essa ocasião aconteça. O Passivo contou que fica excitado em pensar nele com uma mulher e que adoraria se ele arrumasse uma namorada e que ela aceitasse a sua relação com ele.

Isso não existe desde o início do relacionamento. Os fetiches foram surgindo aos poucos. Eles tiveram que se adaptar ao jeito um do outro. Principalmente o Passivo, que vinha de outra relação complicada, onde era muito discurso e pouca ação, segundo ele. Onde escutava milhares de vezes "eu te amo", mas as atitudes eram contrárias ao discurso. Era um relacionamento morno. No relacionamento com o Ativo é diferente. Ele é bem mais comedido no que diz e não solta um "eu te amo", no "varejo", como disse o Passivo querendo ressaltar o fato do atual companheiro não demonstrar deliberadamente os seus sentimentos. No entanto, as ações parecem ser mais concretas e ele se sente não somente desejado, mas também muito amado.

O interesse em envolver outros casais ocorreu naturalmente. Passivo sempre desejou e disse que ia conseguir alguém pra ficar a três, o que acabou acontecendo naturalmente. Eles estavam no motel e entraram no bate-papo da página do próprio motel. Era uma suíte grande, de três pisos e ali ficaram por um bom tempo. Nesse dia, eles entraram no site do motel e viram que eles tinham esse serviço. Tinha um homem que começou a falar com eles. Dizia que estava sozinho em uma suíte e que era seu fetiche ir sozinho para o motel e ficar se masturbando. Estavam em suítes vizinhas e ele veio até a suíte do casal. Eles conversaram e acabou acontecendo o sexo.

Passivo destacou a cara de excitação do seu companheiro vendo ele daquela forma. Isso o excitou de uma maneira especial. Ele confessa que quando aconteceu esse episódio, com o homem no motel, que foi a primeira vez, teve muito ciúme, até porque foi inesperado, mas depois ele se preparou para esse tipo de situação e o ciúme passou, ou pelo menos ele conseguiu controlá-lo para que de outras vezes ele desfrutasse da situação de maneira plena.

Eles já fizeram isso algumas vezes, embora não fazem disso a sua conduta ou a rotina do seu relacionamento. Ambos já falaram para alguns amigos que procuram pessoas para realizar os seus fetiches. Já pensaram em frequentar alguns lugares, como um clube ou casa de swing, mas o Passivo nunca aceitou. Se no lugar aonde residem é difícil – eles trabalham e vivem em João Pessoa – também fica difícil ser fora da cidade ou em outro Estado.

2.10. Casal md

O *Casal md* é constituído por A e Z, eles têm vinte anos de casados, com filhos, naturais de Rio Grande do Sul. As suas principais fantasias são o ménage, principalmente o masculino. Segundo Z, o motivo da escolha do ménage é por ser uma prática que não separaria o casal. Não sei exatamente o que eles quiseram dizer com a associação entre ménage e reforço da união entre o casal. Especulo que teria a ver com a representação de que no ménage, assim como no swing, haveria a possibilidade de se exercer aquilo que alguns pesquisadores chamam de “traição consentida” no interior dessas formações sexuais¹⁵. Mas essa ideia de proximidade também tem haver com o espaço, pois ficar juntos em uma prática que não separaria o casal está ligado ao compartilhamento do espaço sexual do swing em suas ações.

Eles fizeram uma escolha, que seria “ela ser puta enquanto eu escolhi ser corno” (Entrevista Casal md). A autodenominação de adjetivos, quase sempre depreciativos, aparentemente faz parte da fantasia do casal. Utilizar-se do termo “puta”, não como a mulher que tem o sexo como o seu trabalho; da mesma forma o

¹⁵ Sobre a tese de traição consentida ou infidelidade consentida ver (WEID, 2008).

termo “corno” que significa quase sempre o marido traído, torna a fantasia ainda mais lúdica. O ponto, ao que parece, é o de utilizar termos depreciativos, que são investidos dentro de práticas consideradas não usuais, para reencaixá-las a partir de serem, todas elas, sob a égide da autorização e da condescendência de ambas as partes.

Ou seja, ele é corno e ela se considera puta porque querem. Eles inserem o estatuto da mulher que trai e do homem que é traído e reintroduzem isso no interior de um fetiche. Nesse sentido, os dois termos são uma dupla de sentidos, estabelecida na cultura sexual brasileira e também muito comum no Sexlog. Apesar disso, observando o contexto do ponto de vista externo, a mesma circunstância seria percebida e classificada através dos mesmos termos, com uma diferença: isso não seria regulado pelo casal e sim, pelo olhar externo que não só nomeia, mas dá um conjunto de significados – por sinal, moralmente depreciativos – diferentes a mesma circunstância analisada.

Eles já experimentaram a troca de casais também, mas preferem o ménage masculino. Já faz dez anos que eles participam, indo a casas especializadas e mantendo um perfil em uma rede social de sexo. O interesse partiu da A, que sempre teve o desejo de se relacionar com outros homens enquanto o companheiro participa ou observa. Ele adorou a ideia, amadurecendo aos poucos o interesse em ver a esposa com outros homens, o que ele vai chamar de tempo de maturação para se tornar corno. Ele adora vê-la sendo penetrada por outros homens e também gosta de contar o que fazem com ela em seu perfil no Sexlog.

Esse lado exibicionista do casal e especialmente de voyeur do marido, marca a forma do diálogo com ele e como o seu perfil nas redes sociais foi constituído. A todo o momento da nossa conversa, o diálogo foi entrecortado por provocações de todo gênero. Sempre que tinha um espaço lançava mão de alguma provocação que sempre me envolvia junto com a sua companheira. Perguntas como: você está excitado? O que você curte? O que acha da minha esposa? Sempre apareciam diante do diálogo que estabeleci com Z. Ao mesmo tempo havia o perfil no Sexlog e as fotos publicadas pelo casal ao longo desses dez anos. Em torno delas, a imagem da esposa, quase sempre registrada pelo marido, em poses sensuais ou em situações que envolviam um ou mais homens ao seu redor.

A leitura da imagem vinha envolvida de um enunciado muito claro e tinha muito a ver com os seus fetiches sobre traição e sexo liberal. Quero exhibir minha esposa para os espectadores dessa rede e quero que você participe de tudo isso a penetrando e realizando toda sorte de fantasias que der na telha, estava escrito no enunciado do perfil.

A organização de uma tripla relação de cumplicidade se dá, na medida em que se aproximam o corno, a puta e o homem que será escolhido pelo casal para praticar o ménage à trois. Ele também se converterá no amante do casal. Ou, no Ricardão autorizado a trair o marido-corno, penetrando e fazendo tudo aquilo que a esposa-puta assim desejar.

3. A REDE DE SEXO OFF LINE: você pode tudo, mas não é obrigado a nada

Durante o processo de etnografia desse trabalho eu acompanhei os meus informantes em festa durante um total de cinco anos, em que se organizou por três anos de atividades já como aluno regular do Doutorado e antes, mais dois anos, para a preparação da proposta, na organização de como seria a condução da observação *in loco*. Do ano de 2009 para cá foram observadas casas de swing, festas privadas e encontros de pessoas interessadas em sexo. Essas observações serão trazidas nas próximas páginas e perscrutadas por análises que tentarão dialogar com outros estudos e algumas noções que possam facilitar no entendimento de determinados processos observados durante o tempo em que fiquei no campo de pesquisa.

3.1. Casas de swing no Brasil

Nos últimos anos vem crescendo a procura pelo swing. Nas redes sociais, bem como em termos comerciais, o swing tem sido um tema bastante procurado. É só abrir as redes sociais mais populares nos últimos anos como o Orkut que se terá a dimensão de como a prática se multiplicou através da quantidade de pessoas que criam perfis e se associam a comunidades vinculadas ao tema na internet. No Orkut, por exemplo, em um intervalo de um ano, registrei a multiplicação de comunidades de swing, sexo sem compromisso e etc. No caso do swing no início desse levantamento havia o registro de aproximadamente vinte comunidades que tinham como temática o swing. Um ano depois eles chegavam à casa das novecentas. Depois que o Orkut deixou de ser uma rede tão popular, outras redes sociais cresceram na mesma intensidade, no vácuo da rede do Google. Sexlog, CRS, entre outras que não só foram criadas, mas se desenvolveram bastante nos últimos três ou quatro anos¹⁶.

Da mesma forma, tamanho desenvolvimento foi percebido nos estabelecimentos e nas festas dedicadas ao tema no Brasil. Desde o início da

¹⁶ Nesse levantamento não foi levado em contato o Facebook, pois a rede social possui ferramentas para não permitir a proliferação de conteúdo adulto em perfis ou em comunidades. Isso fez com que o levantamento em mídias digitais ficasse restrito ao Orkut e logo depois às redes sociais de sexo propriamente dito.

construção da proposta que se consolidou nesta tese, em muitas cidades, principalmente nas capitais, o número de casas e de clubes de swing aumentou como é o caso de cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba, Recife e Belo Horizonte. Em cidades como Recife, por exemplo, nos últimos anos aumentou a quantidade de casas dedicadas ao swing, chegando ao número de três. Isso só na capital de Pernambuco. Vale salientar que as casas de swing merecem um destaque especial quando se fala em encontros sexuais, tendo em vista que elas servem como um local de interação entre as pessoas interessadas pelo tema e, sendo assim, atraem pessoas das regiões que ficam próximas de onde fica localizado o estabelecimento.

Nesse caso, esse tipo de espaço se torna um satélite, que atrai o público ao redor, seja para os municípios próximos, seja para os estados. Isso faz com que muitas pessoas, de várias regiões do país, criem o hábito de se deslocarem para outras cidades, e até, para outros estados, para frequentarem essas casas. Vale salientar que isso não é algo extraordinário e sim bem comum e muitos sujeitos fazem esse trajeto, se deslocando das suas cidades e dos seus estados para a casa ou para a festa sexual mais próxima.

Em cidades como Curitiba, muitas pessoas das cidades circunvizinhas fazem o deslocamento, semanalmente, para frequentar suas festas, que a rigor, acontecem nas quintas, sextas e sábados. Em uma casa em Curitiba, em qualquer noite são identificadas pessoas de Florianópolis, de São Paulo; muita gente de Estados mais distantes que estão de passagem na cidade, além de pessoas das cidades que formam a região metropolitana de Curitiba, como São José dos Pinhais. Já em Recife, as casas que funcionam na capital e na região metropolitana recebem público da própria cidade, como também da Grande Recife, além das principais cidades dos estados vizinhos, como João Pessoa, Maceió, Natal e Fortaleza, como também a presença de muitos turistas que frequentem a capital de Pernambuco durante todo o ano.

Esse público frequentador das casas viaja periodicamente para frequentá-las. Muitas pessoas se juntam em grupos durante os fins de semana para viajar e aproveitar a noite nas casas. Em Recife, por exemplo, uma das maiores casas do ramo, a Mistura Fina, chega a receber uma média de duzentas pessoas por noite durante o fim de semana. A maior parte dessas pessoas faz parte de grupos que

vem de outras cidades, muitos deles oriundos de fora do estado. Segundo a proprietária e o promotor da casa, esse deslocamento não só se deve ao fato de nas cidades de origem dessas pessoas não existirem estabelecimentos semelhantes, mas também há o detalhe de que esse deslocamento para outro lugar longe de onde se habita, trás a segurança que muitos querem para exercer plenamente os seus desejos. Ou seja, as partes se deslocam para ser conhecidas. O deslocamento mantém um diálogo entre a visibilidade dos sujeitos. Dialoga no sentido de fazer ocultar ou revelar essas pessoas através do seu distanciamento do lugar tradicional de convivência. Quanto mais distante maior seria a segurança e a possibilidade de se tornar visível e sendo assim conhecido do outro. O mesmo vale para o oposto. Quanto mais perto do lugar de convivência maior a insegurança e a possibilidade de se tornar menos visível e de não haver a interação.

Esse dado foi constatado durante a observação dos sujeitos dessa pesquisa. Muitos deles confirmaram essa máxima, de que ali, fora do seu lugar de origem, podiam ficar despreocupados, principalmente em correr o risco de encontrar alguém que seja conhecido. Vale salientar que o afastamento do lugar de origem tem a ver com a desvinculação das práticas sexuais do território onde o sujeito mora, trabalha, cria os seus filhos e mantém as suas atividades diárias. Seriam dois mundos.

Apesar disso, essa preocupação não foi verificada em todos os entrevistados. Muitos deles não se preocupavam necessariamente com isso, e viam à ida a uma casa de swing longe do seu lugar de morada como uma forma de lazer e de se afastar, não só em termos de consciência, mas também fisicamente, dos problemas da rotina semanal. Alguns brincavam que se porventura encontrassem alguém conhecido ali na casa não teriam preocupação nenhuma. Afinal de contas, todos estavam “no mesmo barco”. O risco maior seria de acabarem ficando todos juntos e o sexo acabar acontecendo com os conhecidos, o que soava estranho para muitos deles.

Em Recife, uma das casas que mais se destaca, pelo tempo de atividade e por congregar o maior número de pessoas e de clientes fiéis ao longo dos anos é o Clube Privê Mistura Fina. É sobre essa casa de swing que a pesquisa pode se debruçar durante um maior período de tempo e a partir de agora faço um relato pormenorizado do que foi observado durante o período descrito no início dessa parte.

3.1.1. Entrada na casa

A casa de swing Mistura Fina existe há mais de dez anos. Localizada na região metropolitana de Recife, a casa congrega pessoas de toda a região interessadas nos encontros sexuais e no swing. Fruto do projeto de uma empresária ousada e de colaboradores sempre presentes, o estabelecimento abre, semanalmente, de quinta a sábado, a partir das vinte e duas horas e continua funcionando até o último cliente ir embora, como costuma dizer a proprietária¹⁷.

Muitos se perguntam por que essa casa, como a maioria das casas de swing no Brasil, só abre entre a quinta e o domingo. Segundo as informações coletadas no Mistura Fina, assim como em outras casas em outras regiões do Brasil, dois motivos podem ser destacados para explicar essa rotina: o primeiro seria a relação entre uma demanda mais alta de pessoas nesse período e a proximidade do final de semana. Questionei os proprietários sobre isso. Eles disseram que já tiveram oportunidades de abrir em outros dias além dos dias próximos do final da semana. O fluxo de clientes foi muito menor e isso não foi interessante para eles. Muitos dizem que segundas, terças e quartas-feiras não são dias interessantes para o público do swing, justamente pelas características desse público. Pessoas que trabalham a semana toda e só resta o momento de descanso e lazer próximo do fim da semana. O outro motivo é por não ser rentável abrir um estabelecimento sabendo que isso vai gerar mais prejuízos do que lucro.

Portanto, o ponto alto da frequência desses lugares é o final da semana. Quintas, sextas e sábados e, em algumas ocasiões especiais, o domingo. O ápice de público acontece aos sábados, onde há uma maior concentração de pessoas e é onde as casas planejam o maior número de atividades, promoções e surpresas para o estabelecimento.

A propaganda é feita no próprio endereço eletrônico da casa na internet (Figura 6). Através de seu *site* a Mistura Fina publica, semanalmente, a sua programação, trazendo não só os dias que irá funcionar naquela semana, mas quais

¹⁷ Juju Mistura Fina. Algumas informações que utilizo nesse trecho são baseadas em muitos registros retirados de conversas com dela. De maneira mais aprofundada ela será abordada ainda nesta parte da tese.

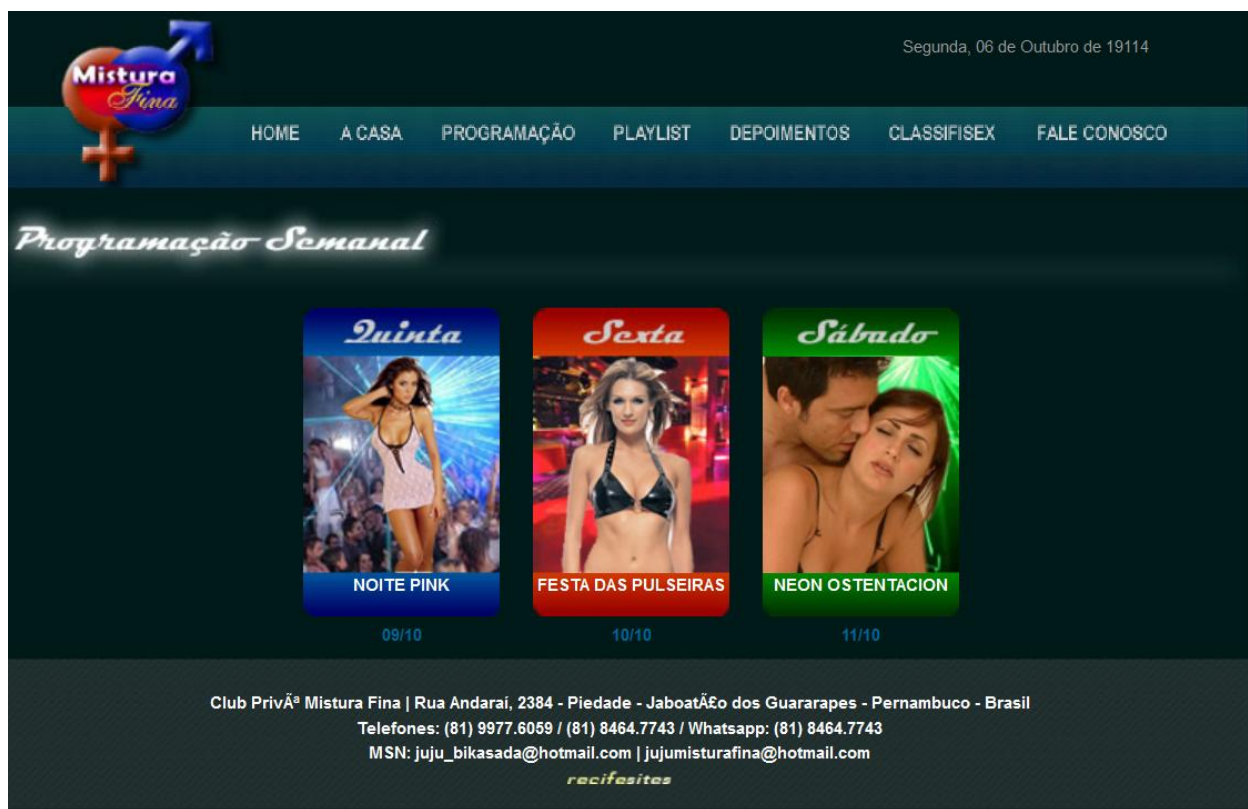
serão as atrações em cada um dos dias, os preços das entradas e a forma como esse acesso será conduzido, como, por exemplo, quem será o público permitido para cada dia e assim por diante (Figura 7).

Figura 6: página inicial na internet do Clube Privê Mistura Fina



Fonte: www.clubprivemisturafina.com.br/

Figura 7: ilustração da programação semanal do Clube Privê Mistura Fina



Fonte: <http://www.clubprivemisturafina.com.br/programacao>

3.1.2. Propaganda, divulgação e fluxo da casa

A propaganda é feita por meio de cartazes publicados no endereço eletrônico da casa. Geralmente, esses cartazes possuem uma forma que chama atenção de quem o vê: a rigor, o espaço é ocupado por uma mulher em pose sensual, com pouca roupa, de preferência, de roupa justa ou, decotada. Muitas vezes com as duas coisas juntas; lingerie ou mesmo nua. Essa modelo é o objeto central da cena, ao estar configurada de forma destacada, no centro do cartaz. Quando não é a imagem de alguma modelo desconhecida ou simplesmente de uma mulher que ilustre o cartaz, algumas vezes também se encontram fotos de mulheres que irão estar presentes na casa naquele dia, como uma das protagonistas das festas daquela semana. Logo abaixo, trago o registro ilustrativo sobre esse detalhe (Figura 8):

Figura 8: Cartaz de divulgação de uma das festas no Mistura Fina



Fonte: <http://www.clubprivemisturafina.com.br/programacao>

Para além da modelo se encontra, ao redor da sua imagem, todas as informações necessárias sobre as atrações daquela semana. Cada cartaz descreve um dia e cada dia possui uma programação específica. Além do dia da semana, o cartaz trás o horário em que a festa se inicia. Geralmente o funcionamento ocorre após as vinte e duas horas, apesar de que o fluxo chega ao seu ápice à meia noite. Segundo a proprietária do Mistura Fina e o seu promotor, para trazer os frequentadores para um horário próximo às vinte e duas horas, a casa mantém promoções que são atreladas ao preço do acesso ao estabelecimento.

Por exemplo: um ingresso para uma noite de sexta-feira custa, em média, cinquenta reais. Se o sujeito chegar, até às onze horas da noite, ele tem os cinquenta reais revertidos em consumo até à meia noite. Isso muitas vezes atrai o público que, como os proprietários de outras casas já perceberam, tinham o costume de fazer o que eles chamam de “esquentar” em outro lugar – uma espécie de *happy*

hour que acontece bem mais tarde. Faz às vezes de parada em um bar ou mesmo em casa, para tomar uma bebida e comer alguma coisa, antes de ir à casa de swing ou para um show de qualquer espécie. Comportamento muito comum entre grupos antes de irem se divertir em uma noite no fim de semana.

Além do horário, no cartaz também se apresentam as atrações da semana, que podem ser modelos que farão shows de strip-tease e danças que envolvem performances sensuais e de simulação de sexo entre uma ou mais pessoas. Para isso são contratados homens e mulheres, que se apresentam geralmente no ápice da festa, quando a casa esta com a sua lotação máxima. Além das atrações, na imagem do cartaz são colocadas duas informações interessantes: o valor das entradas e o público que é permitido em cada dia da semana. A cada um desses pontos cabem algumas considerações sobre o caráter sexual e de gênero e como essas questões se refletem no interior de um estabelecimento como esse.

O primeiro é sobre o preço das entradas. Ela varia de grupo para grupo. Geralmente, os ingressos reservados para homens solteiros são os mais caros, variando entre setenta a duzentos e cinquenta reais, em algumas casas de São Paulo e Curitiba. No outro ponto, o ingresso com o preço mais baixo é o das mulheres, que varia entre valores simbólicos (dez reais), até promocionais, como o exemplo seguinte: o casal que trazer uma amiga, a amiga tem entrada livre e o casal ganha a entrada revertida em consumação; ou, dias em que a mulher que vai à casa de swing sozinha têm acesso livre, sem precisar efetuar nenhum tipo de pagamento. Além dessas duas formas de acesso, ainda há o ingresso para casais. Eles custam um valor intermediário, que, ao depender do dia, pode variar entre valores que vão entre trinta reais, em dias cujo fluxo é mais baixo (quinta-feira), a cem reais, aos sábados. Como informei, muitas vezes esse valor é revertido em brindes, como a consumação, ou em descontos, no valor do ingresso em outros dias da semana.

Três exemplos de cartazes e a ilustração das diferenciações de valores de ingresso por segmento e por dia em uma mesma semana. Destaque também para as atrações e brincadeiras reservadas para cada dia. Os três são amostras do Clube Privê Mistura Fina (Figura 9) e do Nefertitti Club (Figura 10):

Figura 9: Outros cartazes do Mistura Fina



Fonte: <http://www.clubprivemisturafina.com.br/programacao>

Figura 10: Cartazes de divulgação do Nefertitti Club



Fonte: www.nefertitti.com.br/programacao

Essa diferenciação no valor das entradas entre grupos diferentes não é aleatória. A variedade de ingressos de homens e mulheres sozinhos, além dos casais atende a configuração daquilo que o público que frequenta e consome o sexo nas casas e nos clubes de swing demandam. Segundo a proprietária do Mistura Fina, assim como alguns de seus membros, o público que frequenta as casas é composto em sua maioria por casais. Casais esses que tem como maior interesse nesses espaços a troca de parceiros, o sexo no mesmo ambiente com outros casais, bem como a inclusão de uma terceira pessoa em sua relação, no caso, uma mulher sozinha.

O público masculino é menos cobiçado nas casas do que as mulheres sozinhas. Pelo menos aparentemente. Os valores mais altos no ingresso é uma forma de colocar dificuldades na entrada do público masculino. Entre outras razões, segundo os frequentadores, a presença de um grupo indesejável, causa desconforto e faz com que haja inibição entre as pessoas que estão no estabelecimento para se divertir, brincar e fazer sexo.

Essa visão comercial, mas também uma percepção obtida junto a alguns entrevistados demonstra um pouco como o universo onde as casas estão inseridas

não é tão diverso ou fora do comum quanto parece. O fato de se ter uma procurar muito maior de mulheres do que de homens é um dado importante a se verificar o porquê dessa diferenciação. O que os homens têm que mulheres e outros casais, são excluídos dessa engenharia que fomenta a sua menor participação nos eventos das casas? Por outro lado, o que há de interessante no público feminino que chama a atenção de boa parte do público frequentador das casas, o que faz os empresários envolvidos explorarem este nicho de mercado tão cobiçado?

Esses valores também estão associados à forma como esses grupos podem ou não acessar a casa durante os dias disponíveis na programação semanal. Geralmente homens sozinhos não podem acessar a casa durante todos os dias do seu funcionamento. Geralmente as quintas, o primeiro dia de funcionamento da casa na semana, os homens sozinhos pagam uma taxa um pouco maior em comparação aos casais e mulheres sozinhas para ter acesso às atrações e aos serviços.

Nas sextas e sábados não há essa possibilidade. Quando ela existe, eles pagam um valor muito maior, o que implica na forma de evitar a presença de muitos homens durante as festas. Nas sextas e sábados o público que pode ter acesso e é estimulado a marcar presença geralmente é formado por mulheres sozinhas e casais. As mulheres solteiras pagam um valor simbólico e os casais, um valor mediano, em comparação entre o grupo de homens, em um extremo, e o grupo de mulheres, no outro.

Aparentemente essa decisão reverbera um pouco daquilo que os empresários do swing sentem do público que frequenta as casas. Nas quintas, quando as casas costumam iniciar os seus trabalhos durante a semana, todo o tipo de grupo é bem-vindo. Algumas casas fazem promoções e costumam abrir até um pouco mais cedo para atrair o maior número de pessoas possível. Ao observar comparando o fluxo de frequentadores na casa entre uma quinta e uma sexta-feira, você encontra uma diferença marcante no público e nas interações entre eles. Durante as quintas, a casa de swing toma uma forma diferenciada. Ela costuma atrair um público mais jovem, universitário, que chega em grupos para se divertir, tomar uns drinques, dançar e tentar transar com alguém. Esse tipo de evento costuma ser chamado como “balada liberal” pelos frequentadores.

Diferente do swing, mas nem tanto, a balada liberal mantém uma diferença entre o seu público e os objetivos. Nesses eventos, a quantidade de casais é baixa,

e a constituição de casais “fakes” (casais montados para acessar a casa, sem necessariamente nenhum vínculo afetivo entre si) é maior. Essa “ruptura no sistema” faz com que a casa de swing durante as quintas fique repleta de universitários solteiros, em busca de sexo sem compromisso, coisa que afasta o público cativo de swing. Os seus objetivos são os de aproveitar a noite, e fazer do espaço da casa um território onde eles possam aproveitar todos os seus desejos. Entre si e entre as pessoas que estiverem disponíveis. Isso faz com que muitos torçam o nariz para essas “baladas liberais”, em contrapartida as “baladas swingers”. É uma ação recente e que precisa ser vista com cuidado, pois as suas ações são pouco diferentes daquilo que eles consideram como swing. Seja pelo tipo de interação, seja pela forma como essas interações se desenrolam no tocante ao envolvimento afetivo, relacional e sexual.

Em uma coisa fica muito clara a diferença do público entre as quintas e os demais dias de funcionamento das casas. A frequência de pessoas que estão frequentando os quartos. Entre outros cômodos, as casas de swing geralmente mantêm muitos quartos em sua estrutura¹⁸. Às quintas frequenta um público que, geralmente, faz menos sexo. Ao contrário das sextas e sábados, onde os quartos ficam lotados, com pessoas transando das mais diferentes formas. A explicação talvez resida na quantidade de pessoas sozinhas que geralmente estão presentes nas festas promovidas às quintas-feiras. A questão é que nem todos os solteiros que estão ali se disponibilizam a fazer sexo com alguém que conheceu ali mesmo na festa, mesmo com todos os estímulos que a casa disponibiliza em sua estrutura, serviços e atrações semanais. No fim, para um observador atento, as quintas são feitas para observar as diferenças entre os públicos, mas as sextas e sábados mantêm certa peculiaridade por receber a maior parte do seu público frequentador assíduo e que acabam desfrutando de tudo que o estabelecimento coloca ao seu desfrute, inclusive, as possibilidades sexuais.

Da mesma forma que o público das quintas-feiras é formado por universitários solteiros em busca de divertimento, e que para isso burlam o sistema das casas “montando casais fake” para acessar o ambiente, também existem aqueles homens sozinhos, que não estão envolvidos com o grupo de universitários em busca de diversão, mas que também montam as suas estratégias para acessar a casa e, de

¹⁸ A descrição da casa será feita mais a frente, na próxima seção desta parte da tese.

alguma forma, receber vantagens com isso. Esses homens são aqueles que contratam o serviço de alguma profissional do sexo, que faz às vezes de sua “esposa” no ingresso à casa de swing.

Segundo a proprietária e muitas pessoas que conversei, esse tipo de estratégia é perceptível. Segundo eles, o homem não daria à mesma atenção a suposta “esposa fake”, que dá a “esposa oficial”, pois isso fica claro na observação do casal montado dentro da casa. Outra peculiaridade é o fato de, ao adentrar a casa, o homem não permanece junto a sua suposta esposa, e tenta de todas as formas entrar nos recintos da casa, sem a necessidade de estar com ela do seu lado. Algumas casas criam formas de burlar essa circulação considerada ilegal, restringindo a entrada em determinados recintos somente acompanhado(a) do seu(ua) respectivo(a) parceiro(a). No Clube Privê Mistura Fina, por exemplo, a pessoa só pode entrar nos quartos acompanhado(a). Segundo a empresária proprietária da casa, isso faz com que a quantidade de “casais fake” que acessem a casa seja menor. Pelo menos a inibição em entrar nas suítes, aonde acontece boa parte da ação na casa. Ação aqui está relacionada à consumação das relações estabelecidas antes ou durante a estadia dos sujeitos na casa através do sexo.

Durante os dias em que tive a oportunidade de fazer observação nessa casa de swing, em duas ocasiões, tanto os responsáveis pelo lugar, assim como alguns clientes tiveram oportunidade de mostrar alguns casais que, em suas opiniões, seria aquele tipo de formação considerada “fake”. Foram observados dois casais, em dois dias diferentes. No primeiro dia havia um homem e uma mulher que, vez ou outra, apareciam juntos e separados. Nos momentos em que estavam separados, quase sempre a sua suposta esposa estava fazendo sexo com alguém. Primeiro foi com outra mulher, depois com dois homens. Enquanto isso o suposto marido circulava entre os cômodos, observando o que estava acontecendo nos quartos que a casa dispõe. Na segunda situação, o “marido” sempre estava sozinho dentro dos quartos, enquanto a “esposa” ficava a maioria do tempo no bar, ou no espaço da boate.

Nos dois casos não observei nenhum tipo de intervenção de nenhum funcionário da casa, ou nenhuma forma de repreensão do público que estava ali. Inclusive, os dois homens acessaram os cômodos que são permitidos para pessoas acompanhadas, sem necessariamente estarem com as suas acompanhantes. O que faz crer que esse tipo de regra funciona por duas vias: ou pela repreensão dos

funcionários, ou por denúncia dos frequentadores. Isso fica menos forte, por ser um lugar com o fluxo alto de pessoas, onde quase sempre a luz é muito baixa, a música é muito alta e o clima é de tentar passar o máximo de conforto para a paquera e o sexo. Nesse sentido, qualquer tipo de vigilância fica menos criteriosa.

O homem solteiro faz parte de um grupo que em geral não é tão procurado nas casas de swing e tem a sua passagem coibida a partir de instrumentos publicitários, econômicos, ou mesmo sociais e de gênero. Para tentar ultrapassar as dificuldades produzem as suas próprias estratégias para tentar burlá-las. O mesmo não é visto nos grupos de mulheres. Elas são um público bastante cobiçado pelos frequentadores da casa. A sua presença chama a atenção de quase todos que estão dentro do recinto. Ao verem uma mulher sozinha, outros homens e mulheres ficam sempre de olho, acompanhando cada gesto, como aves ao encontrarem a sua presa.

Esse desejo pela presença feminina é uma demanda do público frequentador bastante explorado pelas casas, como já foi exemplificado em vários casos aqui. A sua procura não está restrita às casas de swing, mas também pode ser percebida em outros âmbitos, onde há a interação para o sexo, como as redes sociais. Na observação feita nas redes sociais de sexo, com atenção especial ao Sexlog, isso não foi tão claro como foi nas casas de swing. Pelo menos inicialmente não há nenhum valor mais caro ou mais barato em manter um perfil na rede. Seja homem, mulher, casal, travesti, transexual, todos pagam o mesmo valor para a manutenção da sua conta. Da mesma forma, se contabiliza a presença nas comunidades mantidas nas redes sociais. No entanto, o que muda, são os objetivos em quem busca algo na rede além dos contatos mais superficiais para um bate-papo ou a troca de imagens e vídeos. Nesse sentido, as coisas são equilibradas e não se nota nenhum tipo de repreensão intensa a presença de homens desacompanhados, resguardadas algumas exceções.

As mulheres efetivamente são cobiçadas. Talvez por serem do desejo masculino e isso ser reproduzido como também um desejo do casal. As motivações para o envolvimento de uma segunda mulher são variadas e poderão ser aprofundados nos depoimentos e na análise dos informantes¹⁹. A priori, o que se

¹⁹ Isso pode ser vislumbrado nas segunda e terceira partes da tese, ao longo das reflexões acerca dos personagens que foram acompanhados ao longo dessa pesquisa.

pode considerar superficialmente é que há uma relação muito forte entre um conjunto de desejos de ambas as partes (quando se compõe de um casal, seja de homem e homem, ou homem e mulher, ou mulher e mulher), de incluir a essa relação uma terceira pessoa, que muitas vezes é uma mulher.

Outro motivo se dá na forma muito comum, em termos comportamentais e sexuais, de uma performatividade cuja característica básica seria de um “relacionamento entre mulheres” ser apreciado e ter mais aceitação. Provavelmente, pelo fato de já haver uma discursividade que compõe as mulheres como mais próximas desde crianças. Percebê-las fazendo sexo entre si não envolveria questões muito complicadas em termos morais, pois a sensualização das mulheres nos discursos para o sexo, remeteria a uma melhor assimilação da sua sexualidade enquanto um campo onde uma “visada moralizadora” teria um foco menor, o que não proibiria, nem muito menos permitiria abertamente, o carinho, o afeto e o sexo entre elas.

Isso pode ficar no nível das fantasias, nos desejos e nas consciências coletivas e não no campo das práticas de visualização das subjetividades de gênero, pois ao se tornar clara como a luz do sol, essa discursividade sobre o feminino, libera a subjetivação das mulheres das discursividades moralizantes condensadas sobre a forma de conduzir o próprio discurso sobre as consciências dos sujeitos. É possível permitir, desde que seja de forma a não afetar o que há de mais fundante em torno daquilo que se possa considerar como de mais comum, saudável e moralizante (FOUCAULT, 1999a). O meu intuito aqui é o de demonstrar como de fato os desejos podem ser instrumentalizados e realizados sem necessariamente afetar ou mesmo arranhar aquilo que socialmente é considerado como normal. O que não deixa de ser algo curioso e relevante, pois a configuração dessas subjetividades que não são visualizadas guarda uma trama que a observação das sexualidades invisíveis pode revelar.

3.1.3. Relato da observação de uma casa de swing

O Clube Privê Mistura Fina fica localizado na região metropolitana de Recife. O estabelecimento funciona no mesmo local há quinze anos, em uma propriedade ampla e sem identificação de que é uma casa de swing em sua fachada. Para um

transeunte qualquer aquele lugar passa por uma residência em uma rua discreta em um município na grande Recife. O local possui um amplo espaço para o seu público frequentador. É dividido entre vários ambientes, cuja organização remete as múltiplas possibilidades que o sujeito que frequenta pode encontrar durante a sua estada naquele lugar.

Após o acesso a casa, o cliente visualiza, a sua esquerda, uma piscina. Essa parte da casa é reservada para determinados eventos especiais, principalmente aos domingos, quando o lugar abre em horários diurnos, oferecendo atrações específicas como uma feijoada acompanhada de muito pagode e drinques variados. Em geral, o público que frequenta não costuma utilizar a piscina durante o turno da noite, o que faz com que, em boa parte do tempo, essa parte da casa fique fechada, a não ser nas festas especiais onde essa é a principal área e o lugar onde acontece a maior parte das interações.

Após a área da piscina se encontra um corredor que dá acesso a duas áreas do estabelecimento. A primeira área é o que se chama em espaços dedicados ao sexo como “glory hole”. Os glory holes ou cabines de sexo são áreas que existem em vários estabelecimentos de sexo, cuja arquitetura se caracteriza por ser um ambiente onde há espaço para o sexo, geralmente muito pequeno, com lugar para duas ou três pessoas, com a particularidade de possuir, em suas paredes, buracos em regiões estratégicas para os participantes que estão fora e dentro do “glory hole”. O seu formato é de uma cabine e o posicionamento das aberturas na estrutura de suas paredes se localizado justamente nas regiões cuja representação comumente está vinculada ao sexo, bem como as zonas erógenas mais conhecidas, como bunda, seios, pênis e vagina. No “glory hole”, quem está fora da cabine tem oportunidade de interagir através dos buracos com quem está dentro, já que o espaço interno só comporta, no máximo, três pessoas. Na casa existe um cômodo, que se localiza logo na entrada, que possui algumas cabines de glory hole. Cabines que comportam no máximo duas pessoas e outras para, no máximo, três pessoas.

Refiro-me sempre a variação da quantidade máxima das cabines, pois isso vai depender dos sujeitos que ocupam o espaço interno. Dependendo da proporção dos corpos, mais ou menos pessoas podem caber ali. Tudo vai depender dessa proporção, já que cada cabine pode se conectar a um maior número de pessoas. Isso acontece, pois se trata de uma estrutura que faz com que quem está dentro não

consiga identificar quem está fora e vice-versa, tendo em vista que a única ligação entre o fora e o dentro são as aberturas já referidas que estimulam as carícias e outros atos sexuais entre os envolvidos. O objetivo é que ajam as carícias e penetrações, por exemplo, e que isso seja feito às cegas.

A segunda entrada dá acesso à parte principal da casa, aonde se localiza boa parte dos cômodos onde acontece a maioria da interação entre os frequentadores que acessam o estabelecimento semanalmente. Nessa segunda parte, logo à direita, está situado outro cômodo chamado de “corredor escuro”. Consiste em um grande e largo corredor, onde os proprietários o construíram de forma a não possuir entradas de luz de nenhuma forma, o que faz com que não se consiga enxergar nada ao estar no seu interior. O objetivo é de fazer com que quem esteja dentro do corredor escuro, possa interagir com outras pessoas que também estejam lá, sem no caso conseguir identificar quem é essa outra pessoa.

O mais comum é que, em ambientes como esse, seja estimulada a experiência sensorial dos sujeitos e, ao mesmo tempo, a impossibilidade de identificar quem está do lado, o que traria a abertura para que ocorram as carícias, penetrações ou qualquer outro tipo de atitude que os que estão inseridos nesse cômodo sintam vontade de fazer. Nos dias em que eu estava presente na casa, tanto o “corredor escuro”, como o “glory hole” não estavam ocupados. A frequência de participantes se dá dependendo das festas e do público do momento em que há um fluxo considerável de pessoas. Isso varia de evento para evento e não demonstra que esses cômodos são menos ou mais frequentados e a intensidade dessas interações.

O que há de mais importante é a forma como esses lugares proporcionam níveis e formas de aproximação entre os sujeitos. Nos dois lugares, há uma particularidade que os aproxima: a interação com quem não se vê e não se identifica e que só pode ser tocado. Nos dois recintos, não se vê com quem está se relacionando, pelo menos com parte de quem está ali. Mesmo que a interação não se resuma ao que se vê, ou ao que se fala nos dois lugares essa relação com o que se vê, ou que se ouve não se faz da mesma forma. De um lado, o “glory hole” possibilita uma interação sexual por sob uma fresta. As aberturas, os buracos são o meio de contato entre quem está fora e dentro da cabine.

A brincadeira é não saber quem está de ambos os lados e fazer com que isso fomente e povoe as fantasias dos envolvidos na prática. No corredor, a experiência sensorial é o que há de mais importante. Não podendo utilizar-se da visão, os usuários ficam resumidos ao tato, na maioria dos casos, além da audição e do palato, quando a situação permitir esses níveis de contato. O mais importante é que não se veja nada, o que faz com que o contato seja feito inicialmente pela audição, pelo cheiro e pelo toque, do corpo e das mãos quase sempre. Isso faz da indefinição dos contatos e de como isso possa ser feito dentro de um espaço onde o indivíduo se resume a sentidos utilizados de maneira secundarizada, em comparação a visão, acima de tudo nos contextos sexuais, onde a visualização se dá como sentido prioritário nas fantasias.

Esses dois lugares só são o início desse estabelecimento. A porta de entrada, pois muitas outras coisas ainda serão acessadas. Outros lugares ainda vão ser observados. Tendo como ponto inicial o corredor escuro, que é o primeiro ponto da parte principal da casa, agora é importante uma descrição dos demais cômodos que estão na área mais frequentada do estabelecimento.

Ao sair do corredor encontram-se os banheiros que ficam disponíveis para quem utiliza a boate. São banheiros simples, sem nenhuma particularidade a ser destacada. Ao se direcionar para esquerda, se percebe uma área aberta, onde se destaca um pé direito muito alto, onde esse corredor termina, dando acesso às múltiplas áreas da casa. Dentre elas se destaca a porta da boate de um lado, e o andar de cima, onde ficam localizadas as suítes.

Nesse lugar que dá acesso às duas áreas observei dois pontos interessantes: um balcão onde funciona um pequeno sexshop que serve de comércio de acessórios eróticos para quem tem acesso a parte principal da casa, como também, servindo como uma espécie de caixa do estabelecimento, onde se pagam os ingressos e todo e qualquer tipo de serviço consumido na casa, como petiscos e bebidas. Ele fica localizado no meio do caminho entre as entradas da boate e da escadaria que dá acesso aos quartos; outro aspecto que me chamou a atenção nessa espécie de hall de entrada foi um conjunto de pôsteres, de homens, mulheres e casais. Esses pôsteres são de pessoas que frequentam a casa e são considerados como clientes assíduos. É uma espécie de homenagem aos personagens que mais colaboram com a manutenção da casa nos últimos anos e

com as atividades desenvolvidas ali semanalmente. Não tem como não estar naquele espaço e não olhar as imagens que estão dispostas nas paredes, pois são grandes adesivos, muitos deles em tamanho natural, de pessoas em poses sensuais, com uma pequena identificação dos seus nomes em algum lugar da imagem. Da mesma forma que os anúncios em revistas especializadas, ou mesmo nos perfis das redes sociais de sexo, nenhum deles mostra o rosto e só podem ser identificado através do apelido fixado próximo a sua imagem.

Em todos os recintos que tive oportunidade de circular e saliento que circulei em todos os que a casa tem à disposição dos seus frequentadores, a intenção é de tentar sempre “quebrar o gelo” para o que está por vir ao longo da noite. Isso faz com que a pretensa restrição que alguém possua por estar dentro de uma casa de swing, aos poucos seja minada durante as interações proporcionadas nas atividades contidas dentro da casa. Com atenção especial aos cômodos que dão as boas-vindas a quem está frequentando o ambiente e pretende passar a noite naquele lugar.

Ao passar pelo final do corredor do pé direito, primeiro acessei a boate da casa. Fiz isso tentando seguir um pouco do trajeto que boa parte dos frequentadores fazem ao longo da noite. Ali ocorrem as primeiras aproximações, as primeiras brincadeiras e, se for possível, o prolongamento disso nas suítes. Tentei entender isso e seguir esse roteiro. Ao abrir a porta grande e pesada, o sujeito descobre um ambiente amplo e repleto de mesas. Lá, duas coisas marcam o lugar: a luz baixa e as mesas que ladeiam um amplo espaço para interação e dança. A boate é constituída por um amplo salão, onde há um conjunto de mesas que ficam nas bordas, encostadas na parede. Um conjunto de mesas, organizadas entre lugares acolchoados, semelhantes a um grande e extenso sofá, que acaba unindo todas as mesas e lugares separados por mesas e cadeiras individuais. Esses espaços cercam o salão principal, onde não há nenhum tipo de obstáculo, a não ser uma espécie de tablado, com uma barra de ferro no meio, onde acontecem os shows durante a noite. O conhecido como “queijo” é o único ponto que interrompe o espaço aberto onde se organiza a boate da casa.

Além das mesas e do “queijo” no meio da boate, mais duas coisas são identificáveis no recinto: o bar, que dá apoio aos pedidos feitos pelos clientes, todos atendidos por garçonetes trajadas com fantasias, quase sempre justas e decotadas,

além de um espaço dedicado aos aparelhos que dão apoio à sonoridade da boate, que geralmente é feita por DJs convidados. Em ambos os casos eles se localizam um em cada extremidade da boate. Ficando a entrada da boate conectada diretamente a mesa do DJ, logo depois o espaço das mesas, com o tablado (queijo) e o poste no meio e, por fim, o bar, que fica na extremidade oposta à mesa do DJ e a entrada da boate.

O DJ começa a tocar na hora em que a casa abre. Em geral, às dez da noite. O seu objetivo é de escolher um conjunto de músicas que mantenha o astral dos clientes sempre para cima, com músicas dançantes na maioria das vezes. Digo a maioria das vezes, pois dependendo do momento, o gênero musical pode mudar. Principalmente quando começam os shows de “strip” e as brincadeiras. Na maior parte do tempo o gênero musical prevalente é o eletrônico e a sua lista se compõe por canções conhecidas do grande público. Músicas eletrônicas, que são acompanhadas por luzes e raios lazeres que modificam a atmosfera daquela local, já com pouca luz desde o início da festa.

As luzes desse ambiente são bem baixas e só permitem que você identifique quem está bastante próximo. O objetivo é o de fazer com que a pouca luz permita que o contato com a outra pessoa possa ser feito às escuras, sem que a luz permita qualquer tipo de acanhamento. Ao reduzir as luzes, a proposta é de não haver a identificação de quem se está falando e isso faça com que o contato não só possa ser feito de maneira mais próxima, mas que a falta de luz ou a presença da penumbra iniba restrições estéticas ou anatômicas que possam ser identificadas comumente com a luminosidade de um ambiente comum por exemplo.

É nesse ambiente da boate onde a maior parte das interações acontece. Principalmente, aquelas interações que ocorrem antes do sexo em si, seja na casa, nos lugares que o estabelecimento dispõe para que isso ocorra de uma maneira mais confortável, ou mesmo fora dali, quando a noite termina na casa de alguém ou em uma suíte de motel nas cercanias. Ao chegar a casa, a maioria dos clientes são direcionados para esse lugar. Ali se instalam, sentando nas mesas que ficam ao redor do espaço de dança ou próximos ao bar. A partir daí é que a festa começa a se desenvolver ao longo da noite.

Os administradores costumam recepcionar todos os frequentadores da casa no horário do seu funcionamento. Eles dão às boas-vindas e fazem questão de

apresentar, para aqueles que vão para a casa pela primeira vez, todo o estabelecimento. Quem já conhece o lugar vai à boate e se instala para começar a noite na casa de swing. A noite inicia com drinques e cervejas, acompanhadas por música alta. As pessoas começam a chegar após às dez horas da noite. Após as onze e trinta, a casa e a boate já tem um público considerável, com quase todas as mesas ocupadas e um grupo de pessoas que já se aglomera no espaço reservado para dança. Inclusive em cima do queijo, onde homens e mulheres já fazem performances utilizando o poste que fica localizado bem no meio desse tablado. A música só será interrompida perto da meia noite quando as principais atrações da festa na casa começam a se apresentar de fato, além das brincadeiras, sorteios e dinâmicas, que servem para “quebrar o gelo”.

Entre essas brincadeiras estão os jogos eróticos, como dinâmicas entre os participantes. Durante a observação na casa percebi algumas dinâmicas, entre elas duas que mais me chamaram a atenção: na primeira ida a casa, o promotor do estabelecimento convidou um homem que parecia ser conhecido da maioria do público que estava na boate naquele dia. Para que a brincadeira pudesse acontecer foi pedido que a música tivesse o volume diminuído e o promotor iniciou a descrição da brincadeira através do microfone. Ao convidar o rapaz perguntou se ele podia fazer uma espécie de dança, no tablado no centro da boate.

Depois da dança, que foi acompanhada de música eletrônica, o apresentador da dinâmica perguntou ao público que observava qual era a cor da cueca do rapaz. A promessa é que quem acertasse poderia dançar com ele em cima do queijo. Vale salientar que a pergunta só foi feita as mulheres. Três delas acertaram a cor da cueca e foram dançar junto com o rapaz em cima do queijo. A dança avançou para um strip tease, feito pelas mulheres que acertaram a brincadeira.

A segunda atração foi liderada por um convidado, que fez uma apresentação artística, onde dançava de forma a ir retirando, vagarosamente, peças de roupa. Ele estava caracterizado de policial e retirava cada peça de roupa se insinuando para as mulheres sentadas nas mesas. Ao finalizar a sua apresentação, o convidado trouxe para o centro da boate uma das mulheres que observava a dança. Junto com o rapaz, ela também ficou sem a sua roupa. Ao longo do strip tease foi percorrendo as mesas e sendo acariciada pelas outras pessoas que observavam a cena. Ambos foram até as mesas. O corpo da mulher, seminua, era colocado próximo das pessoas

para que elas pudessem acariciá-lo. Ela estava bem à vontade. Todos que também se sentissem à vontade poderiam tocá-la e não havia nenhum tipo de obrigação em participar dessa dinâmica. A maioria participou, acariciando o corpo do homem e da mulher que, depois desse momento, simularam uma penetração do homem na mulher. Tudo isso seguidos pelo olhar de aprovação do companheiro dela. Logo depois que tudo terminou, ela se aproximou do marido e vestiu a sua roupa, continuando a conversa.

As dinâmicas consistem em ser uma ação que integre as pessoas que estão na casa. Ao fazer com que haja a interação entre as pessoas, sejam elas iniciantes ou iniciadas, com a primeira vez naquele lugar, ou mesmo quem já é frequentador habitual, o intuito é de fazer com que as restrições iniciais comecem a ficar menos nítidas. Que a distância aparente do início, quando da entrada na casa, possa ser diminuída, pelo jogo do toque e das carícias, mesmo que sejam em forma de brincadeira. A ação faz com que todos fiquem mais soltos e percam um pouco da timidez inicial. Nesse caso, as dinâmicas se integram a outro conjunto de estratégias para que a interação entre os sujeitos ocorra. A elas se somam, a luz baixa, a temperatura agradável (a casa é toda climatizada), as músicas, a disponibilidade de bebidas e de outras ações da administração durante algumas festas, como a conversão do valor da entrada em drinks à escolha do cliente.

Geralmente, após essas dinâmicas, há um show especial em cada noite. Duplas de homens, de mulheres, ou de casais de um homem e uma mulher, ou mesmo em apresentações individuais, mas sempre há um número de dança que é feito por profissionais, que se dedica a demonstrar, através dos seus gestos, sensualidade que se insinua através dos seus corpos e das roupas, quase sempre justas e decotadas, que se somam a música, que é mais lenta e tende a ser uma canção considerada “romântica” ou “sensual” e uma iluminação que favoreça esse clima. A quantidade de luzes e raios que acompanha o ritmo da música eletrônica é modificada diante do ritmo dado por uma música com uma dinâmica mais lenta, que tenta reproduzir isso através de uma voz que demonstre tranquilidade, que fale de sentimentos como o amor, com arranjos menos eletrônicos e menos intensos em seus graves e agudos.

Tenta-se criar uma atmosfera onde se destaque a performance de quem está ali tirando a roupa. Esses shows tem a duração de trinta a cinquenta minutos e

podem, eventualmente, contar com a participação dos espectadores, que interagem com os dançarinos em atitudes muito semelhantes às dinâmicas acompanhadas no início das atividades noturnas da casa. O diferencial seria que esse último show é feito justamente quando a casa de swing está com a sua lotação máxima, com o horário da meia noite batendo às portas e muitas pessoas circulando ainda dentro da boate, pois o fluxo nesse momento ainda está direcionado na boate. Isso muda, na medida em que as horas avançam e o show que acontece na boate termina.

Uma coisa chamou atenção após o término dos shows na boate da casa: o fato de que esse ambiente começou a ficar mais vago. Parecia que todo mundo estava indo embora, logo quando o ambiente estava com a sua lotação máxima. Essa impressão de esvaziamento da casa foi modificada na medida em que houve a tentativa de variar um pouco a observação sobre o lugar, saindo do espaço da boate e indo até os outros cômodos. Como já disse, a casa possui o espaço das suítes que pode ser acessado pelo hall onde estão localizados os pôsteres de clientes da casa. Com uma escada que dá acesso ao primeiro andar da casa, lá se localizam três grandes suítes.

Na entrada das suítes observei a presença de um pequeno espaço, com um sofá que fica posicionado em frente a um aparelho de televisão que transmite filmes pornográficos a noite toda. Esse lugar serve como um espaço de diálogo que se comunica com as suítes. Sendo assim, quem usa o sofá geralmente está descansando um pouco da boate ou do que já foi feito nas suítes; ou, está em alguma conversa com as pessoas que ainda não entraram nas suítes. Ele é um cômodo de apoio ao espaço principal das três suítes que sempre é frequentado por quem circula por ali. Foi então que eu entendi que a ausência marcante do público na boate depois do show e o esvaziamento dessa área caracterizava a ida dos frequentadores para o andar de cima.

Esses três cômodos possuem um espaço amplo. Na entrada de cada um, na porta principal, existe uma abertura com um vidro na altura da cabeça para se observar. Ao abri essa porta ao lado se vê outra porta que faz a comunicação com um banheiro em cada suíte. Ao adentrar nos quartos, se visualiza, entre outros objetos móveis, camas, sofás, e estruturas específicas para o sexo. A composição desses espaços varia: um dos quartos possui uma grande cama. Construída em uma altura relativamente baixa. Ela é feita de alvenaria, com um colchão fixado bem

no meio do quarto. Ao redor dela fica um espaço livre para que as pessoas possam circular; o segundo espaço é muito semelhante a esse, guardadas as devidas dimensões do cômodo. Talvez o segundo quarto seja um pouco menor que o primeiro; o terceiro quarto tem as mesmas dimensões do segundo, o que muda é a movelaria que está à disposição do público. Lá se localiza uma cama bem menor do que as duas últimas, além de sofás e uma espécie de “cadeira erótica”, que possui uma estrutura parecida com uma mesa ginecológica, com duas hastes que elevam e separam as pernas, em uma abertura suficiente para que as zonas erógenas abaixo da cintura possam ser acessadas. Segundo o promotor da casa, a organização desses três espaços varia periodicamente e mudanças acontecem na sua caracterização, bem como na sua movelaria e em como ela fica disposta ao público.

Outra particularidade dos quartos é a sua iluminação. O ambiente consegue ser ainda mais escuro do que em outros espaços como a boate. Muito semelhante ao corredor escuro do início da descrição da casa. O ambiente é climatizado, com uma luz mínima, para que as pessoas possam circular sem haver nenhum dano. No maior desses quartos foi presenciado, em uma noite movimentada de sábado, aproximadamente quarenta pessoas, que observavam quem estava em cima da cama e também interagiam entre si, seja em cima da grande cama disponível, ou mesmo em pé.

Para quem observa de fora do espaço dos quartos, pouco se vê e se ouve. Seja porque realmente há a ausência de luz no interior, ou mesmo os que estão ali não falam ou estão ocupados para falar. Ao abrir as portas do quarto, há um barulho incomum. Em alguns momentos gemidos baixos e barulhos incompreensíveis como o estalar de um beijo ou o mexer de um colchão. O barulho proporcionado pelo sexo oral em alguém e a penetração pode ser percebida. Poucas conversas são percebidas.

O fluxo de pessoas circulando nesses quartos ocorre durante toda a noite. Principalmente depois que o show termina na boate, boa parte do pessoal sobe e fica nesses cômodos. Os mais comedidos olham, ao mesmo tempo em que andam pelos quartos, circulando e observando a ação das outras pessoas. Os mais ousados, que se dispõem a se expor sexualmente na frente dos que observam, tem a oportunidade de fazer o que bem entendem entre si. Eles estão levando o lema da casa em consideração. Afinal de contas, segundo o endereço eletrônico da casa,

assim como a informação trazida pelos gestores do estabelecimento, nada é proibido pela casa, desde que seja autorizado. Ou seja, o sujeito pode fazer de tudo, desde que o outro permita que isso aconteça.

A possibilidade de acontecer ou não algum contato sexual dentro da casa vai depender da disposição das pessoas que estão envolvidas. Alguns mais desinibidos se soltam e fazem sexo, se acariciam, flertam, tudo isso durante a sua presença ali. Outros fazem isso mais vagarosamente, esperando que o fluxo de pessoas diminua, ou mesmo marcam para sair para transar fora da casa, em suítes de hotéis próximos.

Realmente a forma como estão dispostos os cômodos e os serviços disponibilizados pela casa fomentam o desejo das pessoas, dando opções variadas que permitem a possibilidade do sujeito se soltar e fazer aquilo que tem vontade. O sexo é o objetivo. Ao circular por todos os cômodos da casa, fica marcado o comprometimento dos gestores em criar um clima para que a aproximação ocorra entre as pessoas. Mesmo que não aconteça efetivamente carícias, penetrações, beijos e outros comportamentos que redundam no sexo, mas há sempre um clima e a sensação de que alguma coisa poderá acontecer a qualquer momento em algum lugar do estabelecimento. Talvez seja por isso que há um fluxo tão elevado de pessoas que entram e saem dos quartos com tanta frequência. Aqueles que não estão com “a mão na massa” circulam, na eminência de presenciar uma situação mais quente, que gere excitação em quem observa. Isso foi presenciado em mais de uma situação, ao que se registra aqui a partir de agora.

As situações aqui registradas têm a ver com esse fluxo de sujeitos e as suas tentativas de vivenciar, de algum modo, seja de maneira direta ou indireta, as performances sexuais daqueles que se disponibilizam a isso no interior da casa. Isso também corresponde a um número considerável de pessoas que frequentam esses lugares. Isso mostra um pouco da diversidade de subjetividades inerentes a esses lugares e que caracterizam o comportamento desses sujeitos das maneiras mais diversas. Como essas subjetividades interagem diante de todos esses estímulos e da perspectiva inerente do sexo, estimulado e permitido? Observei três exemplos através das trajetórias de sujeitos que estavam frequentando a casa durante a observação participante.

Acompanhei um trio de amigos que foram pela primeira vez em uma casa de swing. Nenhum deles havia conhecido uma casa como aquela e ninguém tinha a perspectiva inicial de que alguma coisa acontecesse nesse primeiro momento. Ao chegarem, formaram um casal que levava uma amiga para a casa (um homem e duas mulheres compunham o trio). Ao adquirirem o ingresso tiveram os seus nomes anotados na frequência da casa. Dois informaram que formavam um casal que trazia outra mulher para aquele ambiente. Ficaram observando durante boa parte da noite. Uma das mulheres participou de um das dinâmicas de adivinhar qual era a cor da cueca do stripper. Ao ter acertado, ela teve a oportunidade de participar da brincadeira com ele e mais duas mulheres. Nesse momento ela participou da retirada da roupa do rapaz, junto com as outras mulheres, chegando a acariciá-lo finalizando com a sua masturbação.

O trio frequentou a casa em uma quinta-feira, dia conhecido pelo fluxo mais baixo e com um público bastante diversificado, inclusive com a abertura para os homens solteiros acessarem a casa. Após a dinâmica do quebra gelo, os três estavam mais animados. Um drinque aqui, uma dança ali, após as atividades na área da boate, os três começaram a circular pelos cômodos da casa. Especialmente os quartos, onde a quantidade de pessoas naquele dia era considerável. O combinado entre eles era que essa circulação seria feita com os três, juntos, para que eles não se perdessem, nem que acontecesse algo indesejado, principalmente com as meninas. Elas tinham receio de que ocorresse alguma situação onde elas se sentissem acuadas e que fizesse com que a noite não fosse agradável, apesar de já conhecerem o lema da casa de só fazer aquilo que lhe é autorizado a fazer, com o consentimento do outro. Mesmo assim, elas tinham receio, até mesmo de alguém assediá-las. Mas, como veremos daqui a pouco, o medo foi superado rapidamente.

Esses contratos íntimos não são só uma particularidade desse trio. Muitas pessoas mantêm entre si acordos não só na ida à casa de swing, mas em outros espaços, como as redes sociais de sexo, bem como nas interações com outras pessoas que venham a se envolver com eles. Os acordos têm a ver com o estabelecimento de parâmetros que são acordados entre todos os envolvidos e se articulam com as particularidades intersubjetivas, organizando limites e fronteiras. Aquilo que pode ou o que não pode regula as posturas de quem está se inserindo nas interações para o sexo.

O trio inicialmente não queria se envolver com ninguém, mas conhecer o lugar. Mas, se algo acontecesse que fosse entre eles. Após circularem dentro dos ambientes, já era de madrugada quando, ao passarem por um dos quartos, acabaram se deparando com o homem que havia participado de uma das dinâmicas com uma das mulheres no início da noite. Ao vê-lo, houve a aproximação de ambos os lados e o começo de uma troca de carícias. O homem também chegou perto, o que fez com que os quatro ficassem juntos no canto de um dos quartos. Ao olharem ao seu redor, não só perceberam que algumas pessoas os observavam, mas que era um número considerável de pessoas, que já estavam lotando a suíte. Boa parte deles fazia parte do grupo descrito aqui, de sujeitos que circulam dentro da casa. Os últimos que ainda restavam na casa, pois já era início da manhã de sexta. Eles eram formados em sua maioria por homens e boa parte deles se masturbava.

Muitos dos homens que olhavam tentaram participar e ir além da masturbação. Desejavam ser acariciados pelas mulheres e pediram a elas para participar, o que foi negado. Os quatro ficaram entre si e não permitiram que mais ninguém se integrasse a eles naquele final de noite, apesar de que, mesmo que não tenha havido o sexo penetrativo entre os demais, nem os toques ou as carícias entre os outros homens, houve de algum modo à participação de quem estava presente naquele quarto, ao estarem ao redor daquela cena.

Muitas vezes se coloca a participação em cenas, como em orgias, resumidas ao sexo onde acontece o contato físico e o ápice da relação, resumidos ao ato penetrativo, com ênfase na penetração heterossexual. No entanto, em uma situação como essa onde se configura o envolvimento e a interação entre várias pessoas, o fato de haver ou não uma penetração é algo que se torna secundário e não ajuda em nada no entendimento do que está envolvido nessa situação. Para os sujeitos, o valor dado a cada um desses gestos vai depender, mas o que pode ser percebido, no geral é que todos que estão na cena, incluindo os que observam, estão integrados aquela situação, pois, de algum modo, eles também interagem, ao se mostrarem ali dispostos a observar, se masturbando e estimulando os que estão em situação similar, ou os que estão envolvidos diretamente com o sexo. No caso, os quatro sujeitos do relato.

O primeiro ponto é que todos fazem parte do mesmo contexto. Em seu interior tem papéis diversificados. A troca de olhares e de provocações é um campo fértil na

percepção de como essa participação acontece, pois nem sempre o que observa deixa de ser protagonista daquela situação. Até porque ele pode não estar ali, fazendo sexo oral, por exemplo, mas estar “dirigindo” a ação sexual dos outros que tem oportunidade de fazê-lo. Portanto, o sexo penetrativo adquire uma dupla função em quem participa de uma situação como essa, onde podemos configurar como uma “suruba”²⁰. Ele intermedia dois tipos de desejos gerados a partir das experiências subjetivas diferentes: a do(a) que penetra ou de quem é penetrado(a) e de como, em ambos os casos, esses sujeitos percebem o papel de quem os observa; do outro, a reação subjetiva de quem está observando.

Resumir a sexualidade ao ato penetrativo, com ênfase no sexo heterossexual, restringiria muito mais do que pode permitir uma análise dos contextos onde esses sujeitos estão interagindo. Isso porque esta é só mais uma face de como os desejos envolvidos no sexo entre os sujeitos pode se revelar. Além do que essa interpretação acaba se articulando a dois pontos que precisam ser ultrapassados, tendo em vista que eles resumem um conjunto de subjetivações relativas ao desejo que vão muito além deles: o processo binário associado ao sexo hétero e a simplificação do desejo através do ato penetrativo.

Portanto, o ato de não haver penetração não retira da cena o potencial de prazer e de desejo em que os que estão inseridos de alguma forma partilham. O desejo pode ser partilhado sob múltiplos efeitos e o ato de observar também pode ser considerado como uma maneira de estimular o desejo. É o que aparentava estar presente dentro do contexto onde o trio descrito aqui e todos os outros personagens citados pareciam se colocar.

O outro caso que acompanhei durante a observação na casa foi com um casal. Ao contrário do trio que foi descrito, eles já eram frequentadores assíduos da casa e estavam nas festas quase que semanalmente, criando um vínculo de muito tempo com os gestores do estabelecimento. Nesse dia, o homem chegou um pouco mais cedo que a sua companheira, pois ela teve que resolver alguns compromissos antes de encontrá-lo. Eles já estavam juntos e eram inseridos no swing há muito

²⁰ Segundo os principais dicionários em língua portuguesa, suruba é sinônimo de sexo grupal. Não havendo nenhum tipo de classificação de como seria esse “sexo”, nem mesmo quantos sujeitos engloba a palavra “grupal”.

tempo. Ao esperar pela esposa, o homem se preparava para iniciar a noite com drinks e uma conversa que redundaria na entrevista para esta tese.

Conversa vai, conversa vem e depois de alguns minutos de bate papo, o homem recebe uma ligação da esposa, dizendo que estava a caminho da casa, mas que algo havia acontecido. Naquele instante ele ficou preocupado achando que algo de sério havia acontecido com ela na estrada. Algo realmente aconteceu, mas foi uma coisa que surpreendeu a todos que presenciaram a situação e os seus desdobramentos.

Ao atender a ligação, ela disse que estava parada em uma blitz, na principal avenida que dá acesso à casa de swing. Nesse lugar acontecia uma blitz policial que acabou abordando o seu carro. O mais surpreendente foi o motivo da ligação: a esposa ligava para o marido para perguntar sobre um dos colaboradores²¹ da casa e se ele conhecia algum dos policiais que estavam envolvidos na blitz, pois ela desejava sair e fazer sexo com aqueles policiais e convencê-los era um dos seus objetivos naquela ocasião. Ao chamar o colaborador, ele confirmou que conhecia um deles, o que viabilizou a aproximação da esposa com os homens que ela desejava sair. No fim, todos os envolvidos foram para o motel, onde ela fez sexo com quatro policiais da equipe que havia lhe abordado durante a blitz. Isso não só foi estimulado pelo seu companheiro ao telefone, mas também foi compartilhado por ela para ele, ao ligar para ele de dentro da suíte do motel e descrevendo, com riqueza de detalhes, tudo que estava acontecendo naquele instante.

Quem pôde presenciar aquele momento percebeu como o homem estava orgulhoso de sua companheira e como essa situação o estava estimulando. Aos gemidos da esposa e a descrição das posições e de como ela estava sendo envolvida pelos homens, o marido se excitava cada vez mais. Depois de mais de duas horas e de algum tempo após a esposa sair do motel eles se encontraram na casa. Questionei-a sobre a situação que havia ocorrido mais cedo, ela respondeu que aconteceu de repente. Ela estava saindo da blitz quando viu um grupo de policiais e pensou em fazer algo diferente do que já havia feito junto com o marido. Foi aí que pensou em convidar os homens para o motel, mas não sabia como fazer isso. Foi quando lembrou que um dos funcionários que fazia a segurança da casa

²¹ O colaborador que me refiro era policial militar e nas horas de folga trabalha fazendo a segurança da casa de swing.

também era policial militar. O seu contato poderia facilitar a saída proposta pela esposa, o que acabou acontecendo. Ela informou que tinha sido ótimo. Que entrar em contato com o segurança naquele momento foi o passaporte para viabilizar a ida dos homens ao motel. Segundo a esposa, tudo começou já dentro do carro. Ao saírem do local onde acontecia a blitz, as cinco pessoas já foram se acariciando dentro do carro. Um dos homens pegou a direção do carro, enquanto os outros três estavam juntos com a esposa.

No imaginário sexual de muitas pessoas a participação em uma orgia sempre é algo que se faz presente. Orgia enquanto um conjunto de práticas eróticas que não mantêm necessariamente um ordenamento, mas que se organizam por ser uma ação relacionada a um número considerável de pessoas. À rigor, a orgia – ou suruba, ou sexo grupal, como o seu sinônimo mais conhecido – se organiza através da forma em que um conjunto de relações reunidas, estando fora das composições já conhecidas (o sexo a dois, ou o ménage à trois por exemplo), mesmo que as incorporando. Nesse sentido, a orgia também pode ser vislumbrada como um componente inserido nas práticas eróticas subjetivas e por assim dizer, também podem ser investigadas e entendidas no interior desse imaginário de possibilidades inseridas na formação das subjetividades (MAFFESOLI, 2005).

Ao chegar à suíte do motel a esposa atendeu aos desejos dos homens e também realizou muitas das suas fantasias. Disse que a primeira coisa foi pedir para que todos se mantivessem fardados e só colocassem o pênis para fora. Além de dizer isso ao telefone durante o momento em que tudo acontecia, ela ainda confirmou tudo com riqueza de detalhes enquanto estava na casa de swing. Já na casa ela não descansou, queria continuar com as atividades junto com o marido. Passaram a noite juntos a um segundo casal que já os esperava na casa. Ao chegar, eles ficaram juntos e permaneceram assim até o final da noite.

Um terceiro e último caso também é de um casal. Casal jovem residente em outro estado que resolveram conhecer a casa pela primeira vez. Depois de um contato inicial através do telefone, eles contaram que foram até a casa a partir de algumas indicações vistas na internet. Resolveram ir, mesmo não tendo muita certeza aonde realmente se localizava o lugar. Disseram que houve certa dificuldade em encontrar a casa, pois era noite e eles não conheciam muito bem a cidade. Eles têm razão, pois não há nenhuma indicação como placas ou propagandas próximo a

rua onde fica localizado o estabelecimento. Para quem vai a casa pela primeira vez, as únicas instruções são o mapa que está disponível no endereço eletrônico e as indicações do promotor que fica responsável por receber os contatos telefônicos em noites de festa. Acabaram chegando até a rua, onde viram um grande fluxo de automóveis e deduziram que ali se localizava a casa. De fato era naquela rua mesmo.

Gostaram do lugar. Eles ficaram um pouco tímidos no início, principalmente a mulher, que não sabia o que encontrar dentro da casa. O fato de não saber o que encontrar; o desconhecido fazia com que ficasse insegura. Inclusive já haviam adiado a saída até a casa algumas vezes, até acontecer nessa noite. Esse receio também os alimentava, pois da mesma forma que não sabia o que iriam encontrar também tinham a impressão que o que eles desconheciam poderia ser bastante prazeroso e se eles não fariam nada que não tivesse realmente o interesse de fazer, podiam entrar ali e ver o que acontecia.

O desconhecimento do que havia ali parece que se agregava a ideia de segurança do casal, ao preferirem ficar em casa no fim de semana ao se deslocar para outra cidade e ir até o estabelecimento. Segurança relacionada à rotina conjugal e os afazeres da casa (eles poderiam fazer o jantar, tomar um vinho no sábado à noite e transarem antes de dormir), mas também de acabar encontrando alguém conhecido no lugar. Da mesma forma que isso os desestimulava em muitos momentos os provocava a tentar algo que fosse diferente do trivial. O desconhecido mantinha a todo o momento essa dupla função. Permitir e coibir as suas ações. O peso que definiu a decisão de ir foi à curiosidade que se mesclou ao desconhecido. Curiosidade estimulada pelo desejo de encontrar algo que os excitasse e fizesse ver, pelo menos temporariamente, algo que fosse além de sua rotina conjugal, afetiva e sexual.

Ao conversar com o casal percebia que já estavam mais adaptados ao clima do lugar. O encontro aconteceu no espaço da boate no interior da casa. A conversa ocorreu de maneira informal e entre uma cerveja e outra eles contaram um pouco as suas impressões do estabelecimento. Eles adoraram a recepção dos proprietários. Destacaram que ambos trataram de deixá-los bem à vontade, apresentando a casa para eles, já que haviam informado que era a sua primeira vez ali. Depois da apresentação e bastante conversa, eles se sentiram mais confortáveis.

Acompanharam os shows regados à cerveja e drinques e chegaram a ser paquerados por um casal, que se sentou ao seu lado. Disseram que o casal ficou olhando para eles boa parte da noite, mas eles não corresponderam, pois estavam ali para conhecer o ambiente e não para fazer nada naquele dia. Também ficaram excitados com os shows e as situações que viram dentro dos quartos. Afirmaram que em outras ocasiões não negariam em fazer sexo dentro da casa, pois estavam iniciando a sua entrada no mundo do swing. Isso estava acontecendo aos poucos e o saldo dessa iniciação era satisfatório para ambos.

Nos três casos destacados ficam claras as formas variadas de acesso e de como uma ida até uma casa de swing pode ser vislumbrada sobre olhares diferentes. A minha intenção foi a de demonstrar como o tema é multifacetado e como a forma dos sujeitos se relacionarem é diversa. Esses interesses são articulados por desejos, curiosidades, códigos morais, dentre outras questões que podem suscitar formas diversificadas de se relacionar com um mesmo evento. O que os aproxima? A curiosidade é algo que fomenta boa parte do interesse dessas pessoas. Do trio que viaja para conhecer a casa, até o casal iniciante que conhece o estabelecimento pela primeira vez. Ambos saem do ambiente das redes sociais e dos endereços eletrônicos especializados no tema para tentar vivenciar pessoalmente as práticas que muitas vezes só haviam lido ou ouvido falar.

Outra coisa que une a todos é a forma como o seu desejo se manifesta ao saírem para a casa de swing. Nos três casos, o impulso para irem até aquele local não está só reservado em “saber como é”, por assim dizer. O interesse dessas pessoas também reside no fato de que, de alguma maneira, eles também querem partilhar daquelas fantasias, seja em maior ou menor intensidade. Com exceção do casal que já está no swing há um tempo, as outras pessoas estavam conhecendo a casa naquelas ocasiões onde pude acompanhá-los e colher os seus depoimentos. Nos três casos, o interesse estava em se dispor a ver e fazer algo que foge do comum. Que foge daquilo que eles consideram rotineiro em termos de interação e de sexo. O casal experiente elevava esse “parâmetro”, indo além daquilo que já fizeram, estimulando as suas fantasias para além daquilo que já haviam experimentado.

São níveis de intensidade diferentes, mas todos demonstram essa tentativa em desafiar os seus próprios limites morais e sexuais, no interior de um conjunto de

relações que tragam, acima de tudo, segurança moral para que tudo isso seja realizado. O intuito não é ultrapassar os parâmetros da moralidade e instituir um conjunto de valores diferente. Do ponto de vista subjetivo, a tentativa é de se manter onde se está e ultrapassar isso na medida em que haja um conjunto de garantias de que os seus desejos podem ser realizados, sem o risco de haver nenhum tipo de dano que coloque em risco essa moralidade constituída através dos códigos conjugais, afetivos e sexuais.

3.2. Algumas trajetórias da rede de sexo off line

Nesse trecho irei discutir, através do depoimento de alguns informantes, a experiência desses sujeitos tendo como base os seus contatos para além das redes sociais de sexo, dando ênfase aqueles informantes que foram entrevistados pessoalmente, acompanhados em festas privadas, em motéis, fazendas e em suas casas; em passeios de férias regados por muito sexo. Ouvi-los sobre as suas trajetórias analisando como se configura a forma como conduzem essas interações com os demais aspectos de sua subjetividade e as redes de sexo ligadas ao swing. Inicio com dois depoimentos de pessoas que compõe a produção de parte dessa rede de sexo, no caso, uma casa de swing. Depois, dos demais personagens que consomem a rede de sexo off line.

3.2.1. Os produtores

3.2.1.1. Juju MF

A primeira coisa que a Juju fez questão de ressaltar é que, segundo a sua opinião e aquilo que é delimitado dentro de sua casa as travestis não fazem parte do swing. Para ilustrar isso ela informa que não é permitida a entrada de travestis na casa de swing da qual ela é a gerente/proprietária. Segundo ela, existiria uma regra: no mundo do swing, entre mulheres é aceito praticamente tudo; entre homens, isso é mais complicado. Existem homens que são bi, mas é uma coisa muito restrita. Em casa de swing eles não expõem esse lado. É mais entre quatro paredes. Em festas fechadas, em encontros com outro casal, mas em casas de swing não existiria isso.

As duas justificativas parecem reunir a demanda dos frequentadores do estabelecimento do qual ela é proprietária, pois não há nenhum tipo de motivo razoável que demonstre realmente que travestis não possam frequentar o espaço, ou mesmo homens não possam se tocar dentro da casa. Sendo preconceituosa ou não, machista ou não, a opinião da Juju parece ser pautada pela demanda atual do seu público frequentador e ela leva isso em conta.

Um pouco da história da Juju: ela é de Pernambuco, tem 30 anos. Morena, alta, olhos cor de mel, cabelos escuros, simpática e bem articulada. Diz ser viúva e possui uma filha. A sua entrada no negócio do swing aconteceu quando tinha 19 anos e estava no primeiro ano da Faculdade de Direito. Um professor viu o seu jeito extrovertido: muito brincalhona em sala, um dia ele resolveu avisar durante a chamada que queria falar com ela ao final da aula. Foi quando ele a abordou e disse que tinha um assunto importante para lhe falar. A convidou para administrar umas festas particulares que ele promovia. Ela o questionou que tipo de festa era essa, no que ele respondeu que eram festas de swing.

Rapidamente ela respondeu ao convite afirmando que adorava a swingueira (sinônimo de festividades, danças típicas, etc...), mas depois ele acabou explicando do que realmente se tratava o termo “swing”. Daí ele fez uma proposta arriscada: que dobraria a sua carga horária no estágio que ela fazia no curso de Direito, dobrando também a sua ajuda de custo, além de receber mais um salário mínimo para administrar as festas. Esse seria o combinado. Além do salário, ele pediu que ela não se envolvesse e que administrasse bem os eventos: o combinado era o de receber o dinheiro do pessoal para pagar as despesas da suíte; comprar as bebidas, as comidas e etc. Foi então que ela questionou sobre a participação do seu marido.

Com um ano e poucos meses de casada, o professor recomendou que ela falasse sobre a proposta para o marido. Foi quando ela envolveu o esposo fazendo uma contraproposta ao professor: que ao invés dela comprar as bebidas para levar para as festas promovidas nas suítes de motel, o esposo podia cuidar disso e vender na suíte as bebidas. O professor concordou, mas ainda faltava ela acertar tudo isso com o esposo, que em um primeiro momento fez um estardalhaço. No fim, ele disse que pensando bem havia achado interessante, e topou fazer parte.

Na primeira festa estiveram presentes mais de 16 casais. O dinheiro não conseguiu cobrir tudo aquilo que foi planejado, mas mesmo assim todos

consideraram um sucesso. Os casais gostaram, principalmente de como a festa foi organizada, sendo Juju bastante elogiada pelo seu professor. Muitos não só gostaram da organização da festa, mas da forma como a Juju interagia com eles. Não era só o como a festa havia sido feita, mas a forma de receber e de conduzir as pessoas ao longo da noite. Segundo ela, o jeito extrovertido se juntou as fantasias que ela começou a usar em cada festa. Vestia-se de fantasias, como a de chiquititas, bailarina e palhaça e isso foi um ponto que trouxe um ar lúdico para aquele evento.

As festas foram crescendo e chegaram ao ponto deles colocarem mais de 70 casais juntos em um só evento. Existia uma antiga casa chamada Delírios, que estava disponível. Juju conversou com o seu marido e propôs montar uma casa de swing. Ele achava que aquele não era o momento e eles continuaram fazendo as festas como de costume. Nesse meio tempo, um amigo próximo que possuía um restaurante intitulado Catedral²², resolveu criar uma casa de swing e a convidou para fazer algumas festas no espaço recém-formado. Após um ano de trabalho Juju saiu da Catedral, mas o esposo a repreende dizendo que eles deveriam ter ficado nas festas costumeiras e ela mais uma vez propõe a criação de um estabelecimento que fosse deles.

O nome Mistura Fina se originou dessa conversa. Como seria o nome? Juju sugeriu que o nome mistura fina fosse também uma referência ao masculino e feminino através das siglas da casa (MF). A junção das siglas constituiria a mistura. No logotipo da casa, as siglas vêm acompanhadas dos símbolos do masculino e do feminino. Hoje a casa tem um público que foi agregado das festas que a Juju já promovia com a ampliação de gente que vem do Brasil todo. A proprietária estima que tenha contato com um público contínuo cujo fluxo seria entre 700 a 1000 casais do Brasil inteiro. Com frequência de 10.000 a 12.000 casais que vão até a Mistura Fina ao ano. Essa soma é feita com pessoas que circulam o ano todo pela casa, entre os horários de funcionamento semanal, que são todas as quintas, sextas e sábados, com médias de 50 a 80 casais por noite.

Tendo em vista a rede de casais do Brasil todo que, ao longo dos anos, foi formada ao redor do MF, há algum tipo de história engraçada que pode ser contada?

²² A Catedral existe até hoje e é uma das casas de swing que funcionam na região metropolitana do Recife.

Juju afirma que não aconteceram brigas entre grupos de casais, mas entre marido e mulher. Ciúme é a principal motivação, principalmente oriundo das mulheres. Raras vezes viu isso da parte dos homens. A proprietária já presenciou cenas de sexo entre mulheres brancas com homens negros (inter-racial), mulheres que urinaram no rosto dos maridos; marido que discute com a esposa, porque ela só transou com oito homens e não com 12. Isso ela conta como um dado curioso que pode ser presenciado na rotina semanal da casa.

A MF também recebe um número considerável de casais das cidades e dos estados vizinhos, que a proprietária não soube enumerar em quantidades exatas. A pergunta veio a calhar, sobre a existência de casas de swing nas capitais ao redor, justamente para saber se em Pernambuco havia algum embaraço na abertura de estabelecimento como uma casa de swing. Isso foi questionado a Juju, se havia algum embaraço sobre casas como essa e se ela já havia passado por algo desse tipo. Segundo ela, em seu caso específico, não há nenhum tipo de problema. Ela explica isso ressaltando o que parece ser a aproximação com pessoas importantes do Estado. Ela não quis entrar em pormenores sobre isso.

Como fica a discrição e a identidade das pessoas em uma casa de swing aberta para o público? A localização da casa é discreta. Não há tanta exposição. Não há placas na casa onde acontecem as festas e tudo é feito através do site da casa e pelos contatos via bate-papo e telefone. Existe também uma cumplicidade entre os casais que frequentam a casa, o que aparenta, para os que não são conhecedores e iniciados no swing, uma mera festa em casa em um bairro da região metropolitana de Recife.

Essa colaboração também passa pela forma como a casa funciona. Esse clima de comunidade vem de casais que são mais próximos da administração da casa e que colaboram, inclusive financeiramente, para o bom andamento das festas. Vale ressaltar que propostas já foram feitas para que a proprietária abrisse filial do MF fora de Recife, especialmente em SP e no RJ.

Qual seria então o parâmetro utilizado para se estabelecer os dias de funcionamento e o público que poderia ou não frequentar a casa? Inicialmente, existe uma regra comum que o sábado, nas casas de swing, é reservado para festas onde só entram casais. Nos outros dias, a entrada de homens é permitida. Segundo Juju, dos casais que frequentam a casa em dias como as quintas e as sextas

gostam de ménage masculino. O sexo em si, segundo ela, não é feito na casa de swing e sim fora dali. Ela acha que isso não ocorre por causa da falta de privacidade que a casa tem e que os casais que curtem ménage masculino gostam de algo mais privativo (ainda mais privativo do que o que a casa já proporciona). Muitos também curtem outro homem e não se pronunciam na casa. É como se, segundo ela, houvesse certo “falso moralismo da parte desses casais”. Eles dizem que não curtem, mas, após as festas, saem com um homem que é escolhido dentro da casa e vão para os hotéis ou até mesmo para suas casas com ele.

A casa possui um ambiente agradável para o público. E o objetivo é justamente esse segundo a proprietária. Se sentir confortável e não haver nenhum tipo de obrigação em fazer nada que não queira. Além também de ser proibida a prostituição e o uso de drogas ilícitas. A prostituição não é algo permitido entre os frequentadores. A proprietária da casa também proíbe, mesmo considerando que muitas vezes isso pode ocorrer. Mas há sempre um acompanhamento e uma sensibilidade em identificar quais são as mulheres (principalmente as mulheres que atuam como acompanhantes), que estão ali com clientes.

E como há o contato com a rede de casais? Internet, telefone e algumas redes sociais, excetuando o Facebook. O site do MF é a principal ferramenta para esse contato. O contato é feito pelo mural de recados que ao longo dos dias é utilizado por todos que pretendem frequentar a casa durante os seus dias de funcionamento. O funcionamento não é ampliado para outros dias porque Recife não tem público, segundo Juju. Há parceiros que ajudam a casa e casais colaboradores que auxiliam, pois o custo da casa é muito alto.

Depois de 15 anos, se ela pudesse estabelecer o que foi aprendido administrando o swing? O reconhecimento dos casais que estão até hoje frequentando a casa e estão em parceira com a Juju. E que swing é aquilo onde tudo é permitido, mas ninguém é obrigado a fazer nada. Que o swing seria outra forma de conviver com o parceiro. É uma das alternativas para que o relacionamento não fique estático, monótono. Juju pretende trabalhar com o swing até os 40 anos. Depois, pretende atuar na área do Direito, que é a área que ela se graduou.

3.2.1.2. Casal Paulista 40

Como começou o interesse do Casal Paulista 40 pelo swing? Segundo o Paulista, tudo iniciou pela curiosidade. Ele viajava para a Argentina e outros países da América do Sul quando, conversando com outras pessoas sobre swing, foi achando tudo muito curioso. Isso foi chamando a sua atenção. Criando fantasias acerca do swing. Foi então que, em uma dessas voltas de viagem, ele e sua esposa resolveram colocar em prática essa fantasia. Começaram então a frequentar casas de swing em São Paulo. Demorou a irem a uma casa. A esposa ficava sempre inibida. Eles sempre passavam e não tinham coragem de entrar. Um belo dia deu certo, e eles entraram em uma casa de swing em São Paulo.

Segundo o Paulista, a maioria das pessoas que frequentam as casas e, especialmente a casa que ele é frequentador e ao mesmo tempo promove em Recife – Clube Privê Mistura Fina – são mais curiosos (segundo dados trazidos por ele, cerca de 60% dos que frequentam a casa que ele trabalha). Casais que vão a casa para realizar uma fantasia. Muitos vão para olhar, mas acabam ficando. O sexo seria algo que aconteceria esporadicamente, como continuidade dessa fantasia.

A maioria dos casais quer escolher as pessoas na casa. Muitas vezes as pessoas que se observa na casa não são as mesmas pessoas que se relaciona. Segundo ele, não se escolhe. Quem se escolheu já estaria do seu lado, que seria a esposa(o). O swing seria mais do que isso. É “algo de química”, em suas palavras. “De clima, de sensações. De passar por um recinto e acabar rolando uma carícia, uma brincadeira” (entrevista com o Casal Paulista 40).

Essa procura do Paulista, enquanto casal, já que ele também trabalha com o mundo do swing, começou há mais de nove anos. Eles continuaram frequentando casas, e logo que foram pra Recife já procuraram uma. Foi onde ele encontrou o MF. Eles frequentaram outras casas, mas não se sentiram tão bem lá quanto se sentiram ao conhecerem o MF. A adaptação para ele seria o ambiente que possibilita um clima mais agradável, educado e respeitoso. Algo relacionado à condução das regras de vivência no interior da casa.

Uma dificuldade que questionei durante a entrevista foi o enfrentamento que existe entre os homens solteiros, que talvez observem a casa de swing como algo semelhante a uma casa de massagem, onde supostamente as mulheres que estão

localizadas ali seriam mais fáceis, pois estariam disponíveis ao sexo, com a diferença de não ser o sexo pago. Parecidas com a visão que se tem sobre a prostituta. Para ele o respeito é importante quando o assunto é a presença do homem ou de quem quer que seja na interação dentro de uma casa de swing. “Nós não vamos dar nossa mulher pra qualquer um. Queremos respeito” (entrevista do Casal paulista⁴⁰).

Apesar de não ser um negócio, onde se compra o sexo, como em uma casa de massagem, a citação do Paulista demonstra outro tipo de visão. Apesar de não haver a compra do sexo há a troca de propriedades, tendo em vista que o marido entende que trocar parceiras significa dar a sua esposa a alguém, geralmente recebendo outra mulher em troca. Para além dessa afirmação, qual seria a condição da mulher nessas situações? Elas se colocam em papéis mais ativos? Como foram as experiências deles com outros casais? É sempre essa a lógica de oferecer as mulheres dentro do swing, ou há algo diferente disso? Não seria assim. Segundo ele, há uma palavra que ele sempre repete: química. Não há oferecimento de mulher, nem de homem também. Mudar é necessário, e a fantasia do swing proporcionaria isso.

Contraditório, mas expressivo de como as coisas funcionam na prática. Observei duas opiniões divergentes: a do marido swinger e a do promotor da casa de swing. De um lado, a afirmação pessoal de como ele vê o seu relacionamento no interior da prática; do outro, como podem ser percebidas essas variações nos outros casais que frequentam a casa que ele trabalha.

Além de praticar há mais de nove anos, o Casal Paulista trabalha com o swing há três anos. Tudo começou como uma brincadeira. Eles iam à casa todas as sextas-feiras. Havia uma brincadeira, onde eram escolhidos os presidentes do swing na casa e ele foi um dos eleitos. Ele e a esposa. Houve outra eleição e eles foram eleitos novamente. Depois, em certo dia, faltou um locutor na casa. A função do locutor seria a de um mestre de cerimônias, como nos bailes (MC). Função de animar a festa, falar com os convidados e realizar brincadeiras. Ele faz isso até hoje. Atua também como promotor da casa e, segundo ele, possui mais de 1500 contatos no swing. Afinidade de falar com o pessoal e ter proximidade. Criar um círculo de amizades com os casais. No fim, ele acaba unindo o útil ao agradável, ao trabalhar, consumir e estabelecer vínculos de afinidade no mundo do swing.

Ele já conheceu muitos casais que passaram pelo MF. Muitos deles foram uma vez e nunca mais voltaram. Outros frequentam a casa com assiduidade. Tudo é muito relativo para ele. Nesses três anos ele observa um crescimento do swing. Cada vez mais as pessoas estão “liberando as suas mentes”. Muito tempo atrás era tabu o swing. Hoje há mais abertura. Muita gente vai para as casas como abertura, mas também como forma de salvar os seus casamentos. Muita gente usa a casa de swing como um artifício para tentar desbloquear algo que está fechado em suas relações.

O casal em crise, por exemplo, ao adentrar no swing pode criar no relacionamento outra perspectiva. Apimentar o casamento, ter acesso a fantasias. Isso acaba trazendo outro olhar para o casal. Mas muitas vezes isso não é o suficiente. Paulista acha que isso é um remédio provisório, um paliativo. O que acaba acontecendo é que o casamento permanece do mesmo jeito. Swing tem de ter compatibilidade do casal. Tem de pensar juntos. Ambos vão realizar as suas fantasias, de maneiras particulares, mas ambos estão pensando nisso na mesma hora, no mesmo ambiente.

Cada vez mais casais estão tentando fazer isso. Por quê? Muitos casais locais? E das redondezas? De todos os cantos. Falando não só como praticante, mas também como pessoa que trabalha, ele diz que esse interesse nos últimos tempos se deve a base do swing que seria o casal.

A partir disso ocorrem as demais relações. Muitos casaram e ao longo da vida só tiveram aquele companheiro. Antes da vida em casal, eles nunca haviam experimentado sexo com outro homem, ou outra mulher. Esse desejo acaba sendo externado de alguma forma através do swing. Todo o mundo tem esses desejos e hoje todo mundo coloca pra fora isso. É melhor que seja assim do que a enrolação. Sair pra jogar bola com os amigos e ir pro motel namorar. No swing não seria assim. Ele se libera e ela também. Ela come o cara e o cara também come outra mulher (Entrevista com o Casal paulista 40).

A curiosidade também envolve como se configuram os casais em termos de classe social. Se fosse possível se estabelecer um recorte de classe no swing. No MF, segundo Paulista, existem todas as classes, mas o grupo que mais frequenta a casa são as classes C e B. Em geral são pessoas de classe média. A classe A até tem o desejo e o interesse, mas ainda não há uma frequência considerável. A classe

média tem condições de frequentar as casas. De viajar até outros lugares. São casais diferentes. Muitos têm estrutura. Possuem um poder aquisitivo que sustenta amplamente a vivência no swing.

Em termos de faixa etária também varia. Você tem pessoas de todas as idades que fazem o swing. Casais com faixa etária de 30 anos, de 50 anos. Varia também por dia na casa. Independente do dia a casa sempre recebe casais com faixa etária variada. A divulgação é feita, sobretudo pela internet. Conversas pelo MSN e através do próprio site. As pessoas veem o site, conversam pela internet e muitas vezes também entram em contato via telefone. A curiosidade leva a essa trajetória, que faz com que hoje eles tenham cerca de 1.500 contatos com pessoas que frequentam a casa de todo o Brasil.

Segundo ele, o contato e o boca a boca é o mais interessante. Principalmente porque o foco da casa não é a propaganda tradicional. Não está nos planos da casa. Entre outros motivos porque é muito custosa. Eles possuem uma casa de médio porte e fica difícil manter uma mídia em revistas, jornais e coisas do gênero, ao contrário de outros estados como em São Paulo, onde casa de swing, entre outros estabelecimentos de sexo, mantém propagandas mais agressivas em catálogos, revistas e outros tipos de suporte²³. Eles possuem uma frequência de 60, 80, 100 pessoas em dias com alto fluxo. Em São Paulo existem casas que comportam 300 pessoas em uma só noite, muitas vezes em dias de baixo fluxo como uma terça-feira. Isso faz com que se pense em uma mídia mais agressiva, pois ela pode dar resultados.

Por fim, além da regra da paquera e de aceitar ou não os convites, aceitar a aproximação, além de tudo isso também existiria alguma outra regra para o swing em situações ou em casas diferentes? Para o casal, além de participante como também administrador naquele contexto há sim diferença de regra. Cada aproximação estabeleceria um tipo de regra diferente.

²³ Exemplo do catálogo dos hotéis, que trás as várias atrações da cidade, além de uma sessão no fim do catálogo restrita a estabelecimento cujo tema é o sexo, incluindo aí as casas e os clubes de swing.

3.2.2. Os consumidores

3.2.2.1. C e K

O casal C e K foi um dos que acompanhei desde os primeiros passos da pesquisa, ainda no ano de 2008. Ambos são mulatos, 27 e 25 anos e quando eles foram entrevistados ainda não tinham filhos. Isso só aconteceu três anos depois, com a vinda da sua primeira filha. C tem estatura mediana, 1,75 metros de altura, simpático e comunicativo, trabalha no comércio diariamente, em uma loja de acessórios eletrônicos. K é uma mulata de corpo mignon, um pouco tímida, também trabalha no comércio, em uma franquía de cosméticos e perfumaria.

O casal mora em um bairro localizado na zona sul de João Pessoa tendo uma rotina de comerciários, com uma jornada de oito horas de trabalho ao dia, com momentos de folga durante as noites e nos fins de semana. Estão juntos há três anos, entre um breve namoro e o momento em que ambos resolveram morar embaixo do mesmo teto. Possuem uma renda média conjunta de cerca de R\$ 2.000,00 por mês. As conversas com o casal C e K possibilitaram acessar outros casais. Eles me colocaram em contato com pelo menos mais dois casais que acabaram sendo entrevistados para esta pesquisa (Casal T e BeB).

A nossa aproximação aconteceu em uma das salas de bate-papo do UOL. Estavam lá em busca de um contato para futuros encontros, de preferência com casais e homens. Queriam conversar pelo bate-papo e, se houvesse um entrosamento com casal ou homem solteiro, eles tentariam um encontro presencial e a partir daí o envolvimento sexual. Essa não foi a primeira vez que fizeram isso. Segundo C, eles já estão em busca de pessoas para encontros há mais de um ano. Um ano e meio, para ser mais preciso. Nesse período já conheceram muita gente e saíram com uma pequena parcela dessas pessoas. Já tiveram os dois tipos experiências, tanto com homens sozinhos, bem como com casais. Perguntei se já tiveram oportunidades de experimentar o sexo com pessoas do mesmo sexo, ponto que o C pessoalmente rechaçou de sua parte e a K também. Vale fazer a ressalva, que, no caso da K, ela nega que não quer ter relações com mulheres porque já ocorreu uma experiência com um dos casais, mas que não gostou. O C não quis

saber de nada disso. Disse que não houve oportunidade nem muito menos haverá, pois ele não tem esse interesse em outro homem.

Entre o casal, a K pareceu ser a mais tímida. Nos momentos em que o casal se permitiu conversar, ela geralmente falou pouco, quem falava mais era o C, muitas vezes falando pelos dois. A voz do casal sempre era feita pelo C. Isso ficava caracterizado quando perguntas foram feitas especificamente para ela, na medida em que ela retrucava informando que o que o C havia respondido era o que ela também achava. Quando isso não acontecia, outro tipo de resposta foi dada. Ao ser perguntado sobre alguma coisa, C respondia e a K confirmava, como se aquilo que ele dissesse também fosse a sua opinião. Isso se repetiu algumas vezes ao longo da entrevista. Por exemplo: no caso das suas preferências, ela concordou com a resposta de C de que não gostaria de se relacionar com outras mulheres, ponto que ele ressaltou explicando a experiência que K teve, motivo da não repetição da experiência.

Sobre as suas fantasias sexuais, além de procurar homens e casais para o sexo, os dois também gostavam de fazer sexo com outras pessoas pela internet. Essa modalidade de sexo entre os casais é muito comum, onde cada casal fica em frente a webcam se acariciando e fazendo toda a sorte de toques e provocações. Muitos acham isso uma forma de quebrar o gelo dos primeiros contatos e uma maneira de sentir o que vai ocorrer a partir disso, se a continuação do sexo só pela webcam, ou também um encontro pessoal, pois o sexo em frente a webcam revela antecipadamente uma empatia com aquele que está do outro lado. Muitas vezes, uma consequência é a aproximação e é aí que ocorre o encontro pessoal e o sexo.

C informou que eles já saíram, entre homens solteiros e casais, em mais de seis ocasiões. A maioria com casais (das seis, quatro vezes), e outras duas com homens sozinhos. Eles disseram que, no geral, as experiências foram boas, excetuando uma das saídas com um desses casais, onde eles tiveram nítida sensação de que foram tratados de maneira preconceituosa. Ambos são mulatos e concluíram que isso provocou a reação preconceituosa. Depois desse episódio se tornaram ainda mais rigorosos na escolha das pessoas com que vão fazer sexo, já que houve esse problema e o constrangimento em se ver em uma situação limite de preconceito.

Algumas pessoas que buscam sexo pela internet apontam esse mesmo problema. O preconceito não está só na etnia, mas na geração, nos referenciais estéticos e até em particularidades anatômicas. Ao conversar com muitas pessoas que frequentam salas de bate-papo e redes sociais de sexo, eles colocam tanto que já sofreram algum tipo de preconceito ou restrição, mas que também tem algumas características que eles desejam que sejam atendidas, ao encontrar alguém na internet. Muitos deles questionam as exigências estéticas encontradas nas salas de bate-papo e nas redes sociais. Boa parte das pessoas quer encontrar pessoas jovens e com uma aparência que remota aos estereótipos de beleza contemporâneos. Aqueles que não se incluem nisso ficam à margem das escolhas e passam a ser vistos como opções secundárias na lista dos possíveis encontros.

Alguns homens se queixam da preferência dos casais por outros casais e por mulheres solteiras. Quando resolvem abrir exceções para homens solteiros há um rigor muito forte naquilo que pode ou não ser feito. O que restringe a interação e faz com que, segundo eles, o ato em si não seja tão natural quanto eles esperam. Ao que parece natural significaria algo relacionado à espontaneidade do sexo. Ai fica a pergunta. O que quer dizer ser natural em termos sexuais? Se no sexo ensaiado e planejado nas redes de sexo as relações não seriam tão espontâneas assim fica a pergunta: até que ponto nas relações sexuais mais comuns há isso que as pessoas das redes de sexo chamam de um sexo espontâneo?

Ser espontâneo seria não estabelecer restrições sobre posições sexuais? Sobre fazer ou não sexo anal? Ser ou não autorizado a efetuar determinadas carícias na esposa? Mas até que ponto nos relacionamentos amorosos de qualquer que seja o sujeito esse tipo de negociação já não acontece normalmente? Isso não fica restrito aos bate-papos, nem as redes sociais, mas também está presente nas casas de swing, nas saunas, entre outros ambientes temáticos. A sexualidade moderna ou, dos discursos vinculados à disciplina (FOUCAULT, 1987) e ao controle (DELEUZE, 1992) não está no campo das liberalizações absolutas. Engana-se quem imagina que estar nesses lugares é ter o passaporte para a terra da fantasia e da luxúria. Muitos desses lugares e as situações presenciadas em seu interior, pouco tem desse tom supostamente libertário e luxuriante que um desavisado possa imaginar. Isso fica no campo do desejo e da imaginação.

Em termos de relação sexual eles disseram que gostavam do trivial, nada muito além do sexo oral, anal e vaginal. O anal só em certas ocasiões mais consideradas por eles como especiais, como em momentos onde eles estejam mais à vontade e a K se permita a isso, já que o sexo anal é algo negociado para que aconteça no binômio homem-que-penetra-mulher. Disseram que quem instigou a entrada no swing foi o C, que já tinha tido uma experiência com duas mulheres antes do casamento e queria repetir a prática mais uma vez, agora, com a K. Ela o chamou para conhecerem outros casais e homens; no caso dos homens, ela queria ter a experiência do ménage. Além disso, eles costumavam praticar com outros casais sexo no mesmo ambiente. Disse que olhar os outros transando no mesmo ambiente é algo que os chama muita atenção e que já fizeram isso muitas vezes. Tanto através da webcam, quanto pessoalmente. Quando acontece pessoalmente costumam fazer no motel. Algumas vezes também já foram à residência de outros casais. Principalmente, aqueles casais que já possuem certa proximidade.

Contaram também que nos últimos tempos tem pensado em organizar festas privadas com alguns casais. Como na Paraíba não existem casas especializadas, eles vem pensando nisso há um tempo. Junto com outros casais pensam em alugar um espaço, como uma granja ou suíte que comporte um número considerável de pessoas, ou mesmo aproveitar a casa de algum deles e fazer uma festa que tenha uma periodicidade. Isso vem sendo amadurecido entre eles nos últimos tempos.

Como foi dito, eles resolveram ter um filho. Depois de tomada a decisão eles se afastaram do swing e resolveram só voltar depois, quando tivessem outras oportunidades. De preferência, quando a filha já estivesse mais crescida.

3.2.2.2. Senhorita Mary

Conheci a *Senhorita Mary* através do Orkut. Lá ela mantinha um perfil homônimo a fim de conhecer pessoas. Acompanhei Mary ao longo de três anos através da rede social, assim como em conversas pelo MSN, telefone e realizando entrevistas pessoalmente.

A pessoa por trás do perfil intitulado *Senhorita Mary* é uma mulher, moradora da cidade de João Pessoa, 24 anos, universitária que estava nos últimos semestres de um curso na área de saúde. Estatura mediana, branca, com cabelos e olhos

castanhos. Nasceu no interior do Estado e veio para a capital estudar. Após a sua formatura, prestou concurso público em uma cidade do interior e foi aprovada, o que fez com que passasse uma temporada de alguns meses em um pequeno município do Estado. Com o objetivo de continuar se qualificando, conseguiu retornar à capital, João Pessoa, para realizar pós-graduação e atuar em outro cargo administrativo em sua área de atuação. Atualmente concluiu Mestrado e atua em cargo administrativo na capital da Paraíba.

No momento da aproximação, a Senhorita Mary tinha esse perfil e mantinha nele fotos onde mostrava imagens do seu corpo. Imagens com uma iluminação baixa, onde eram destacadas as suas curvas²⁴ – ela é uma mulher com quadris largos e seios volumosos – sempre de óculos escuros, cujo design fazia com que o seu rosto não pudesse ser identificado, tendo em vista as suas dimensões e o jeito como colocava em seu rosto.

Na descrição do perfil, falava de forma aberta sobre o que queria com o seu perfil. Descrescia-se fisicamente e informava dos seus hobbies e o mais importante: que gostaria de conhecer homens e mulheres para, segundo ela, “curtir a vida”. Em um primeiro momento, não havia nenhum tipo de descrição sobre sexo. A única pista de algumas das suas características é que gostaria de conhecer homens e mulheres, sem distinção de gênero com relação ao conhecimento de outras pessoas. Mas essa falta de distinção ultrapassa a aproximação relacional, já que também identificava em seu perfil, com o tipo de relacionamento que gostaria de ter, com a indicação de “homens e mulheres”, o que deixava claro que o interesse por homens e mulheres era afetivo e sexual.

Na primeira aproximação, ela rapidamente aceitou o convite de amizade. Algum tempo depois também a convidei para conversar. Primeiramente através do MSN, onde pude explicar os objetivos de estar buscando o contato com ela e a partir daí iniciamos um diálogo que perdurou durante um bom tempo. Nas conversas iniciais, ela sempre se mostrou muito simpática, receptiva a pesquisa e querendo desde o início estabelecer um contato que fosse o mais agradável possível para ambos. Em suma: realizar as entrevistas com a Senhorita Mary era sempre uma

²⁴ Infelizmente não tive oportunidades de fazer cópia das imagens do perfil no Orkut, o que faz com que a descrição sobre como o perfil era constituído seja necessário.

ocasião muito agradável. Muito educada, fazia questão de me deixar à vontade, conversando sobre tudo, muito além daquilo que era o objetivo inicial daquela conversa. Essa disponibilidade da fala foi um elemento muito importante para que eu pudesse ter um detalhamento sobre a sua vida e as opiniões da entrevistada.

A primeira questão que foi feita a Mary era sobre a sua presença com o perfil erótico no Orkut. Afinal, o que ela queria com o perfil? O interesse estava direcionado em conhecer homens e mulheres, sem distinção. No primeiro momento do nosso encontro, o foco dela eram casais. Estava saindo inclusive com um. Eles eram da região metropolitana de João Pessoa, na faixa etária de 40 anos e a tratavam como namorada. Não tive oportunidade de falar com eles, no entanto, o acompanhamento das informações foi repassado por Mary ao longo dos nossos primeiros contatos.

Ela se relacionou com esse primeiro casal durante seis meses. Nunca havia passado por essa situação. As suas experiências antes dessa com um casal se resumiam a relacionamentos amorosos com homens e/ou mulheres, mas nunca havia se relacionado com duas pessoas de um mesmo relacionamento simultaneamente. Isso para ela a princípio causava um impacto, pois não conseguia digerir muito bem, pelo menos ainda, essa situação. Os seus argumentos eram justificados, pois ela se sentia como a parte mais frágil daquela relação, o que a incomodava muito. Sempre dizia que, naquele tipo de situação, a sua presença sempre reservava um potencial sexual muito forte. Porém, esse potencial não se convertia também no lado afetivo. Em mais de uma situação ela deu o seguinte exemplo:

Eu adoro sair com o casal que me relaciono hoje, mas sempre fico pensando na seguinte situação: e se eu quiser sair para o cinema em um domingo à noite, será que a esposa permitiria que o seu companheiro fosse assistir a um filme comigo? E o Natal? E o réveillon? O mesmo vale para o inverso. Se um deles quiser fazer alguma dessas coisas, será que vão pensar em mim primeiro, ou vão se juntar e fazer todas essas coisas juntos? (Conversa com a Senhorita Mary, 03.05.2012).

Esse incômodo sempre se mostrava presente nessa relação, assim como nas outras que pude acompanhar da Senhorita Mary. Mesmo assim ela continuou tendo

esses relacionamentos, assim como algumas relações esporádicas durante um tempo considerável. Ponderava que a presença do casal era muito boa, assim como o sexo entre os três. Sempre teve atração por pessoas mais velhas que ela e via naquelas pessoas, que já tinham uma relação estável e uma vida tranquila, a possibilidade de agregar a tranquilidade emocional além de um bom sexo. E isso eles tinham de sobra. A impressão era que a sua busca pessoal nessas pessoas estava implicada na forma como foi conduzida a sua formação subjetiva em termos sexuais até aquele momento.

A Senhorita Mary perdeu o pai muito cedo. Ela nem lembrava direito do seu rosto, mas isso teve um impacto considerável em sua formação e na sua família, principalmente na convivência com a sua mãe, que variava do céu ao inferno. A ausência da presença do pai no seu convívio familiar impactava e quase sempre ao falar sobre isso ela demonstrou uma tristeza sem precedentes. Parecia sempre algo que ela falava sem muitos problemas, porém que era uma coisa que não tinha uma resolução. A possibilidade do que ele podia ter sido em sua vida a incomodava como a um fantasma cuja presença assusta e povoa os seus sonhos

Isso se articula ao fato de que Mary teve uma iniciação sexual bem no começo de sua adolescência. Aos 12 anos, quando morava no interior do Estado teve a sua primeira experiência sexual. Conhecia um rapaz que era o seu vizinho – mais velho que ela, fez questão de ressaltar isso – e em um dia à noite, depois de uma festa nessa cidade, pegou uma carona até próximo da sua residência. No fim do trajeto, se despedia do rapaz, quando ele resolveu lhe dar um beijo e esse beijo foi além. Em cima da moto os dois se acariciaram e foi a primeira vez que ela sentiu alguém tocando em seus seios e no seu sexo daquela forma. Ao contrário do que ela havia sentido antes, quando sua mãe lhe dava os cuidados em idades ainda infantis, assim como quando ela, já adolescente, tomava banho ou usava absorventes durante o período menstrual, jamais havia sentido algo do tipo.

O toque desse homem era diferente. Ele provocava nela um calor que ela nunca havia sentido. Os seus dedos a acariciavam e a invadiam, ao contrário dos outros toques que ela já estava acostumada. Ela jamais havia se masturbado e quando tinha contato com o seu sexo a forma e o efeito eram bastante diferentes. A invasão daqueles dedos gerava não só um calor que ela não conseguia descrever com precisão, mas uma sensação localizada nessas zonas que fazia descobrir que

ali se localizava não só um lugar a ser cuidado com higiene e disciplina aos períodos mensais, mas também, um lugar que fazia com que ela não conseguisse descrever tudo aquilo. Mas era, sem dúvida nenhuma, um lugar de prazer.

As carícias do homem se revezavam, entre os seus seios e o seu sexo, esse revezamento se fazia tendo como intermédio os beijos trocados entre eles e a baixa luminosidade, que os protegia e os ocultava de olhares que fizessem com que aquele momento não tivesse continuidade. As carícias tiveram prosseguimento ao ser continuada pelo homem, que guiava a Senhorita Mary com as suas mãos e o seu corpo. Foi nesse meio tempo que ele guiou as suas mãos ao seu sexo. Seu pênis estava ereto e aquilo também lhe causou surpresa, pois jamais soube que aquela parte do homem poderia alcançar um tamanho como aquele. Era grande, duro e pulsava por baixo da calça. Ao retirá-lo para fora da roupa, também sentiu a textura, diferente de tudo que já havia sentido, além de estar úmido, pois saía um líquido, semelhante o que ela sentia no meio de suas pernas.

Ao sentir aquele membro úmido em suas mãos, foi instada pelo homem a se abaixar e colocar o rosto próximo a ele. Entendeu que deveria colocá-lo na boca. Ela adorou a experiência, pois aquelas sensações convergiam, para ela, em encontrá-lo dentro de sua boca, que sugava e o acomodava quase que por inteiro. Foi aí que continuou a se acariciar, repetindo em si o que o homem já havia feito nela anteriormente. Sentiu a mesma sensação que havia sentido há poucos minutos, pois a sua mão também transmitia uma sensação muito boa em contato com a sua vagina. Ao acariciá-la com os dedos também se sentia mais confortável, pois sabia da intensidade e de como poderia explorar sem se machucar de algum modo.

O homem não lhe avisou, mas depois de alguns minutos ela sentiu um líquido quente que percorria abruptamente a sua garganta e inundava a sua boca. Ao retirar o pênis dele de dentro ele informou que havia terminado. O terminado que o homem queria dizer é que a ejaculação tinha acontecido e ela entendeu, a partir dali, que a relação que ela podia ter com um homem seria mediada por um ritual que tinha como conclusão o momento em que aquele líquido quente e viscoso saía de dentro do pênis. Ela achou isso estranho em um primeiro momento, mas se acostumou aos poucos. Aquele foi o primeiro de alguns encontros que eles tiveram.

Até a sua ida para João Pessoa passou por outras experiências sexuais. Dentre elas, o relacionamento com mulheres era algo comum no seu cotidiano.

Ainda em outra cidade que residiu antes de chegar a capital declarou que tinha tido dois relacionamentos esporádicos com colegas de turma do curso que fazia na cidade. Em ambos os casos não havia nenhum relacionamento sólido, mas, encontros esporádicos. A particularidade guardada em ambos os casos está no fato de que as duas mantinham relacionamentos amorosos com outras pessoas no momento em que houve a relação com Mary. Uma era noiva há cinco anos e a segunda tinha um namoro há um ano. No caso da segunda só aconteceu uma vez e não foi uma experiência agradável para Mary. Justificou dizendo que não havia interação e a sua amiga parece ter ficado travada, o que significava que a mulher parece não ter respondido a contento os estímulos que a Senhorita Mary fazia e esperava que fossem correspondidos de alguma forma. No caso da primeira colega que ela havia se relacionado, os encontros permaneceram acontecendo, mesmo quando ela se mudou para outra cidade e migrou o curso que fazia para a capital.

Esse relacionamento perdurou durante alguns anos. Sempre que ia até a cidade, elas ficavam juntas. Mantinham os seus relacionamentos em separado, mas sempre que se encontravam havia tudo envolvido: saudade, tesão, a “química”, como a Mary costuma dizer. Em uma oportunidade, ela pegou um de seus namorados de surpresa, pois foi com ele até a cidade que residia a sua amiga e, depois de uma longa noite de bares, danças e muita bebida, acabaram a noite os três em um motel da região. Os três inebriados após algumas doses, foram para o motel de táxi. Até ali brincavam como três amigos que se conheceram recentemente e se divertiam no final daquela noite.

Com o álcool embevecendo o seu raciocínio e as suas inibições interagiam sem problemas em assumir que queriam ir os três juntos ao motel. É importante destacar que algumas horas antes a Senhorita Mary havia informado da relação que mantinha com a sua amiga, mas essa declaração não implicava na saída dos três naquela noite para transar. Isso, na verdade, só acabou acontecendo depois que a noite foi se desenvolvendo e os desejos entre todos foram se desvelando. Depois de um tempo as brincadeiras foram acontecendo entre todos e palavras do tipo, “para onde vamos daqui? Vamos para o motel?”. Frases do tipo começaram a ser repetidas enquanto a diversão entre eles acontecia. O noivo da sua amiga foi para casa e os três ficaram sozinhos. No fim da festa pegaram o táxi que os levou ao motel.

Ao chegarem lá, o rapaz que namorava Mary resolveu tomar banho. Percebeu no gesto que seria uma chance de deixá-las a sós, o que poderia resultar em um momento íntimo, onde as duas pudessem ter mais tranquilidade em se aproximarem nas carícias e no sexo. Ele também queria isso, e sabia que deixá-las assim poderia facilitar que algo acontecesse, pois o momento entre as duas poderia suscitar as circunstâncias reproduzidas em outros momentos, onde as duas já haviam ficado juntas, sem a presença das pessoas com que se relacionavam em algum momento.

Tomou banho e ao encontrá-las no quarto tudo parecia da mesma forma. Ambas deitadas conversando amenidades. Parecia que o cansaço havia batido depois de uma noite toda de diversão, mas ele ainda queria ver as duas juntas. Depois de conversarem um pouco, ele resolveu permanecer na mesma estratégia e foi para o ambiente da banheira de hidromassagem. Depois de ligá-la, enchendo-a d'água e colocando sais de banho, alguns minutos depois as duas chegaram. Ambas estavam mais alegres e pareciam mais espertas depois do breve descanso na cama. O banho provocou ainda mais essa disposição e partiram rapidamente para a banheira.

Naquela situação, os três em uma banheira, seminus, depois de uma noite de muita diversão e cheios de desejo para ficarem todos juntos ali, aquele momento foi o ponto seminal para que o clima, que era de paquera até então, se transformasse em um momento de muito prazer para os três. Quem começou as carícias foi Mary, que resolveu iniciar beijando a amiga que retribuiu a aproximação. Os beijos evoluíram para carícias entre os seios e os sexos, que não podiam ser vistos, pois estavam encobertos pela água e pela espuma que a banheira e a hidromassagem ligada provocavam. Essa falta de visualização dos corpos foi relativizada, na medida em que o namorado foi convidado por Mary a também participar das carícias. Mesmo não vendo os corpos ele começava a senti-los em suas mãos e ao redor do seu corpo. Entre beijos, carícias e toques corporais, a cartografia dos corpos se escrevia. Mesmo que as águas os encobrissem parcialmente, a visualização deles poderia ser completada a partir dos outros sentidos, que se aguçavam a cada toque do corpo. Todos de olhos fechados, sentiam, ouviam, cheiravam e se deleitavam com o momento que estavam esperando que acontecesse já fazia algumas horas.

Tudo aconteceu entre carícias, beijos, toques e lambidas. Logo que acabou esse momento de carícias mútuas, elas se juntaram em se dedicar ao corpo dele. Resolveram se dedicar ao seu falo, e fizeram sexo oral além de o masturbarem. Mary estimulou que a sua amiga ficasse dedicada sozinha ao falo do seu namorado. Gostava de olhar o sexo e enquanto a cena do sexo oral acontecia, ela se masturbava no canto da banheira. Assim que resolveram terminar, o namorado e a sua colega foram ao seu encontro e retribuíram as carícias. Foram fazer uma posição ainda mais ousada, quando a colega fez sexo oral em Mary e o namorado ofereceu o seu sexo para que ela fizesse sexo oral nele. Os três se conectavam pelos sexos, pelos olhares e pelos gemidos que eram compartilhados naquela situação.

A troca de olhares mantinha um nível de intimidade entre os três, principalmente entre o casal de namorados. Aparentava que, guardadas as devidas proporções, havia ali um sinal de exclusividade entre eles. Apesar de compartilharem o conjunto de todas aquelas sensações, parecia que a troca de olhares entre os dois enamorados demonstrava a especificidades entre os dois que partilhavam um momento com uma amiga de um deles. Esse olhar marcava a aprovação dos gestos e da situação que se desenrolava. Ele estava no ato e, ainda mais, nos momentos em que a Senhorita Mary os observava juntos, alguns passos distante. Olhar de excitação e de aprovação, de concordância com o que estava ocorrendo.

Resolveram então se deslocar para a cama. Foi ali que a penetração ocorreu, mas durou pouco. O ato foi à continuidade e não o ponto principal daquela relação. O rapaz parecia voluntarioso e não aparentava que queria ter como o ápice daquele momento o seu orgasmo, ou mesmo a penetração como objetivo último. O que se percebia eram as carícias conjuntas que não foram desequilibradas por uma penetração que tomou de conta da cena do sexo. Isso só foi percebido quando Mary saia de cena voluntariamente e resolvia se colocar ao lado dos outros dois para observá-los interagindo. Antes que o namorado chegasse ao orgasmo ela olhava os dois à beira da cama e via, com tranquilidade, o seu namorado penetrar a sua amiga de longa data até gozar dentro dela. Talvez esse tenha sido o momento onde a penetração do homem tenha tido a maior atenção entre elas. Mas, o sexo não terminou com o orgasmo do namorado, pois elas continuaram juntas.

A ideia de que o sexo, mesmo ele sendo feito com mais de duas pessoas e a presença do homem como figura que orbita o maior número de estímulos e por onde são canalizadas as ações para o sexo, se deslocavam para as duas mulheres da cena. Talvez fosse por isso também que o pênis tomou uma proporção menor em termos de como ele foi colocado dentro dos níveis de importância dados as carícias entre os três. Ele estava descentralizado do roteiro comum e heteronormativo das relações amorosas mais comuns entre homem e mulheres e tomou um papel de correspondência parcial e de atenção com todos os outros canais de acesso ao contato e ao prazer. O seu papel mais comum foi descentralizado pelos olhares, carícias, e outros sentidos conferidos pelas presenças das duas outras mulheres que o ladeavam e que fizeram com que, pelo menos naquela noite, a dinâmica não girasse só em torno do falo e da sua centralidade, como é muito comum nos grupos sociais e nas relações amorosas heteronormativas.

Aquela cena foi finalizada com o estímulo entre as mulheres e o rapaz, que não parou de acariciá-las. Mas não necessariamente elas queriam ter o orgasmo. Não queriam e não podiam, pois o sol já raiava e todos ali estavam às vésperas de fazer as suas atividades no período da manhã. Mas isso não os impediu de se divertirem, e o objetivo não era e não parece ter sido o orgasmo. Nesse sentido, o orgasmo, não só para ele, mas para elas, estava em segundo plano e as carícias e o conjunto de ações que ocorriam ali tomava um ponto bem mais interessante do que a penetração masculina, ou mesmo o orgasmo que poderia envolver a situação. Essas carícias descentralizaram a presença dos sexos e equilibraram em um nível comum o acesso aos toques entre eles.

Após a relação com esse rapaz, Mary passou um tempo tendo aventuras sozinha, sem se comprometer seriamente com outras pessoas. Reforçou as conversas pela internet e manteve durante alguns meses duas relações: um sujeito que gostava de BDSM²⁵ e outra com uma crossdresser. Com o primeiro começou mantendo um diálogo no bate-papo, onde conversou sobre coisas banais, até que chegou a um ponto de aproximação entre os dois que as confissões foram acontecendo. Ele falou que sempre teve o desejo de se sentir dominado por uma

²⁵ Esta é a sigla que reúne um conjunto de fetiches que giram em torno do Bondage (amarracão, imobilização), Dominação, Sadismo e Masoquismo.

mulher; ela, de ser uma “dominatrix” de um servo obediente e que realizasse todos os seus desejos, inclusive os financeiros.

O seu fetiche era ter um homem aos seus pés, lhe presenteando, comprando o que ela quisesse, não querendo nada em troca. Ela chamou isso de dominação financeira. Essa dominação acontecia inicialmente pelo ponto de vista psicológico: a construção das interações entre eles era mediada por um desequilíbrio de forças que era organizada através da autoridade dela sobre ele. Isso se confirmava na medida em que ele fazia o que ela mandava, com foco na realização dos seus desejos convertidos em presentes e compras. Quase sempre recebia mimos semanais, como buquês de flores, que vinham sempre com um embrulho de presente. Ela adorava sapatos e ele a presenteava com os mais diversos tipos, sempre de saltos altos e com cores, texturas e estilos de salto diferentes.

Ao mesmo tempo ela manteve uma relação com uma crossdresser. Ela residia no Ceará. Conversavam com frequência pela internet e se encontraram pessoalmente em pouco mais de três ocasiões. Em todas elas uma coisa ficou marcada: a crossdresser sempre mantinha relações sexuais com a Sr.^a Mary, mas sempre ressaltando o interesse em ser penetrada por ela. A cada vez que viajava para encontrá-la trazia consigo duas malas. Uma com as roupas e outros utensílios e acessórios que iria utilizar ao longo de sua estadia e outra com os mais variados tipos de apetrechos eróticos. De géis a roupas de látex; de algemas a vibradores. Os que mais lhe chamavam a atenção eram os acessórios penetrativos, como os vibradores.

Ela gostava de fazer aquilo. Chegou a dizer em algumas conversas que era uma sensação estranha. O que a excitava era a cena: olhar aquela pessoa de quatro em sua frente, pronta para ter uma penetração anal. Completamente entregue ao seu falo. Quase sempre vestido com lingerie e vestidos. Bem maquiada e com saltos altos. A produção dela mexia com as fantasias de Mary. Povoava a sua imaginação a associação entre os papéis de homem, mulher, homem que se veste de mulher e que deseja ser penetrado por outra mulher.

Essa diversidade de desejos e de fantasias povoava a imaginação de Mary, como provavelmente também estava alimentando os interesses da *cross*. Em nenhum momento ela me informou maiores detalhes sobre ela, mas sempre dizia que ela adorava essas brincadeiras, que muitas vezes terminava com a ejaculação

dela ao ser penetrada. Prazer para ambos os lados. De um lado, o homem que se veste e que age como mulher em sua intimidade. Que quer ter a sua identidade de gênero provisoriamente embaralhada a partir dos jogos de fetiches privados e que tem os seus desejos sexuais realizados ao ter uma mulher que o penetre com um falo; ao mesmo tempo, a mulher que se “veste” com o falo e que penetra o homem que se performatiza enquanto mulher com um falo.

A brincadeira se dá não só em trocar papéis. Nesse caso, a brincadeira reside no embaralhamento dessas questões. Em não se ter bem definido que seria passivx ou ativx na relação sexual. Em como se tem prazer no interior da performatividade sexual dos dois. No fim, a mistura de sentidos, desejos, fetiches, papéis e identidades acaba revelando subjetividades que se organizam a partir da mediação dessa performatividade, articulada pelo momento reservado ao sexo e ao swing.

3.2.2.3. Casal Breno e Brenda

O casal Breno e Brenda tem 40 e 25 anos, respectivamente. Ambos possuem curso universitário. Ele empresário e ela autônoma. Ele é um homem bem cuidado, bronzeado e muito vaidoso. Ela, morena mignon, cabelos longos e um grande sorriso. Muito simpática, sempre costuma conversar durante horas pelo aplicativo de mensagens instantâneas MSN e se mostra bem articulada e comunicativa. Não são casados e sim amantes fixos um do outro há mais de cinco anos. Ele é casado e não quis entrar em detalhes sobre isso. Ela também é casada e parece encarar numa boa isso e diz que gosta da situação de ter um relacionamento onde mantém uma relação aberta com um homem que aceita uma relação mais liberal associada ao mundo do swing com a amante.

O contato com esse casal aconteceu pela internet, utilizando o MSN nas conversas. Aconteceram três conversas, além do acesso ao seu perfil no Orkut, recados, fotos e depoimentos. Casal mais direto, seu contato na internet era claro e objetivo: fizeram questão de esclarecer que, tendo empatia com casais, o contato é feito pelo Messenger e se houver afinidades, já marcam para ir ao motel e transar. Ambos se pronunciaram ser afim do exibicionismo (com várias fotos em seu álbum de Orkut. Imagens do casal em lugares públicos, como postos de gasolina, bares,

rodovias e praias, sempre em situações que envolvam poses sensuais em lugares com muita gente). Além do exibicionismo, gostam de manter contato com outros casais para sexo no mesmo ambiente e troca.

Disseram que não tem muita paciência para ficar conversando pela internet e que o seu intuito é se divertir e transar. Reclamam que muitos casais só ficam na conversa e, no fim, acaba não rolando o sexo. Gostam de tomar a iniciativa e fazer sexo. Trocam fotos com os casais interessados, conversam um pouco e dizem que se rolar proximidade vão para o motel sem maiores problemas. Muitas vezes já fazem isso da suíte do motel, quando o lugar possibilita o acesso à internet. Relataram que em mais de um encontro, já tiveram a oportunidade de entrar em contato com pessoas de dentro da suíte de motel mesmo e marcar encontros ali mesmo.

Quem propôs o sexo com outras pessoas foi Brenda. Segundo ela mesma, antes do relacionamento com Breno, já tinha tido outras experiências. Entre elas, sexo com mais de um homem, troca de casais e envolvimento com outras mulheres. Quando teve a oportunidade de conversar sobre isso com ele, não pestanejou. Ele foi solícito e foram atrás de outras pessoas que tivessem proximidade para propor as suas fantasias. Ninguém de suas famílias sabe que ambos fazem isso. No caso deles, a situação é um pouco mais delicada, tendo em vista que ambos são casados e não querem que isso seja revelado por motivos óbvios, já que são amantes e que cada um tem o seu relacionamento estável.

Dizem não sentirem ciúmes um do outro. Gostam mesmo é da “putaria”, como ambos significam o envolvimento com pessoas na internet para o swing. Costumam frequentar lugares como a praia naturista de Tambaba, onde encontram pessoas de todos os lugares. Lá dizem que a praia serve como um “quebra gelo”, que ajuda na aproximação de outros casais e na facilitação das conversas. Muitas vezes o sexo acontece lá mesmo, em lugares mais reservados da praia, como em uma formação rochosa ou algum tipo de barreira natural que possa encobri-los temporariamente. Isso é, quando não se deslocam para o motel ou hotel mais próximo. Relataram que não costumam frequentar casas de swing e que o contato geralmente é feito pela internet e depois saem para um motel da preferência de todos.

Concordaram no ponto, ao se considerarem práticos no quesito sexo com outras pessoas. Não gostam de pessoas consideradas “enrolões” que são aqueles

que só querem fazer com que o casal perca o seu tempo com conversas que não vão surtir nenhum efeito prático. Além disso, estabelecem as regras de maneira clara para a prática: bebem e não fumam. Não querem passar por situações que envolvam ciúmes com o casal que estão a fim de sair. Para eles, no sexo vale tudo, ou quase tudo, pois não consideram o sexo entre homens. Breno justificou que a Brenda curte, de vez em quando, umas carícias com outra menina, mas diz que não curte o mesmo com outro homem, no que ela concordou que não tem pretensões nem fantasias de vê-lo com outro homem.

Também não gostam de sair com pessoas solteiras, nem mulheres e especialmente homens. Justificaram dizendo que geralmente são esses os grupos onde mais existe o que eles chamam de aventureiros, especialmente entre os homens. No caso das mulheres, muitas delas estão ali para terem uma fantasia com outra mulher, o que não faz o gênero do casal. Quando muito, aceitam que um casal de namorados, ou mesmo de amigos ou amantes (como era também a situação deles) pudesse sair juntos, mas nunca solteiros. Pelo menos que esses solteiros trouxessem alguma companhia que viesse a formar com ele/ela algo a quatro.

O caso de Breno e Brenda é *sui generis*, pois o casal de amantes se tornou parceiros de aventuras sexuais no swing. Os amantes, com ênfase na condição da mulher como amante, já foram objeto em estudo das ciências humanas no Brasil (GOLDENBERG, 2009). O que se percebe é que ser amante guarda um conjunto de pontos importantes não só para se entender aspectos como a infidelidade, mas também em como isso se articula a ideia de casamento nos dias atuais. Ter uma amante não é só ter condições para isso. Afinal de contas, muitas vezes não se tem só uma amante para o sexo, mesmo que existam casos que são assim, mas ter uma amante, ao mesmo tempo em que é ser “a outra”, também demanda manter um capital afetivo e sexual, sobretudo, que em tal forma de se relacionar não é só sustentada pelos afetos, mas também em se prover a amante de capitais simbólicos, além de financeiros (casa, mesada, cartões e etc).

Elas seriam a reserva afetiva e sexual longe das esposas e que dialogam, nesse sentido, com o casamento e a esposa (matriz). Em muitos aspectos a amante também pode ser considerada como a personagem que está incluída em uma economia sexual do casamento, mediante a sua participação enquanto um sujeito que possibilita com que muitas fantasias desejadas pelo marido – e, porque não

dizer, por ela mesma – se tornem realidade. Isso se configura através da seguinte frase bem conhecida que diz: “ele faz e tem comigo aquilo que ele não tem em casa, com a mulher dele”. Isso significa, entre outras coisas, que a amante pode oferecer coisas que o marido não teria com a sua esposa. Os afetos fora do casamento são um ponto a ser destacado, mas, acima de tudo, o sexo.

Apesar dessas considerações de caráter teórico, especialmente as de caráter simbólico que ligam a amante a obtenção de ganhos de toda ordem, sobretudo financeiros, quero chamar atenção que isso não foi visto no caso do Breno e Brenda. Aparentemente, o vínculo do casal se dá por intermédio dos seus desejos partilhados através do encontro com outras pessoas interessadas em sexo, mas não percebi algo que resvale nos vínculos de estereotipia colocados mais acima.

Experimentar outro tipo de performatividade sexual com a amante, fora das amarras do casamento enquanto instituição vinculada a um processo de normatização dos comportamentos e dos desejos é um tópico importante no debate sobre infidelidade e casamento. Ser um casal de amantes e poder vivenciar essa performatividade ao extremo, envolvendo aí o casal, não só em algo fora do comum (a relação fora do casamento), mas também leva isso às últimas instâncias ao se tornarem, além de um casal de amantes, parceiros no swing.

Existe aí dois tipos de interação acontecendo ao mesmo tempo. De um lado o estatuto de amantes, tendo um envolvimento fora de seus relacionamentos conjugais, e do outro, a parceria dos amantes que os levaram a outras experiências que estão fora, inclusive, da própria vivência comum entre eles, já que eles estão fora da monogamia, até mesmo na relação enquanto amantes. Nesse sentido, eles são o fora, do fora, do fora da norma das conjugalidades. Que estabelecem e restabelecem como as formas de interações devem ser seguidas, mesmo quando elas já estão fora da norma, como no caso da infidelidade conjugal.

Na medida em que o casal se torna não só amantes, mas também parceiros em procurar outras pessoas para o sexo, eles podem se relacionar duplamente. De um lado, em um primeiro nível de performatividade, são parceiros em um relacionamento fora de seus casamentos. Do outro, também são parceiros que procuram o swing. Sem dúvida nenhuma, em ambos os casos eles possuem pontos que os fazem estar juntos, mas o conjunto de fatores que os constituem enquanto casal muda, na medida em que há relações afetivas, sexuais, psicológicas, sociais,

e em cada uma dessas experiências algum aspecto os faz agir de formas diferentes. Ou seja, o fato de terem performatividades variadas torna cada uma das ações específicas em si mesmas.

É importante pontuar essas considerações para que não se caia na vala comum de achar tudo “farinha do mesmo saco” quando se trata de infidelidade. Existem nuances e camadas de ações que fazem com que nem todas as atitudes sejam consideradas como iguais. Entender isso perpassa não só problematizar esses planos de experiências, mas observá-los como coisas diferentes, que devem ser vislumbradas através do entendimento de suas complexidades.

Alguns meses depois das conversas que foram estabelecidas o perfil do casal foi excluído e não houve mais contatos com eles. Houve a tentativa de manter algum diálogo via e-mail, mas não houve nenhum tipo de retorno. Nenhuma justificativa do cancelamento do perfil do Orkut foi dada, nem se o casal retornou a rede social com outro perfil e com outro nome de identificação. Não houve até então outros registros de conversas, muito menos de contatos com o casal em outras redes sociais (leia-se, Sexlog e CRS).

3.2.2.4. Casal hedo

O *casal hedo* tem como integrantes Edu e Karine, ambos 25 anos, moradores da cidade de João Pessoa, na Paraíba. Ambos são advogados. Eles não são casados e mantêm um relacionamento há três anos. Não possuem filhos. Edu é branco, alto e tem cabelos castanhos; Karine é morena, tem estatura mediana e olhos claros. Ele se vangloria de ter um membro avantajado e que a Karine adora isso. Ela tem um corpo mignon e um sorriso cativante.

O casal foi acompanhado ao longo de dois anos em várias conversas diferentes, além da ida a encontros e festas de swing. Nesses encontros expuseram as suas experiências, o que estava dando certo e errado em sua inserção nas redes do sexo relativas ao mundo do swing. Logo no início, três anos antes, um casal jovem foi entrevistado. Ambos começavam a entrar em contato com outros casais, e puderam contribuir com este trabalho até 2012, quando tiveram outras experiências e também resolveram parar um pouco com os contatos com outras pessoas fora da relação.

Em 2009 o casal hedonista começava a ter os primeiros contatos com pessoas que curtem o sexo liberal. Segundo Edu o interesse partiu dele. Ele contou que gostaria de trazer outras pessoas para o relacionamento, e que já tinha tido oportunidades de colocar isso para Karine em outras ocasiões, o que infelizmente não amadureceu para algo mais concreto. Explicou que no início não aconteceu por resistência de Karine. Coisas relacionadas ao ciúme e ao receio de sua namorada. Essa ideia fixa nunca saiu da cabeça dele. Sempre fantasiava fazendo sexo com outras mulheres e participando de orgias com sua namorada. Ele sempre se masturbava pensando em situações que simulassem o sexo com outras pessoas. O sexo com a sua namorada era ótimo, sem reclamações. O fato de pensar em outras pessoas não entrava em confronto com o desejo que sentia por Karine, mas ele pensava muito em experimentar experiências como essas junto com ela.

A construção dessas fantasias é variada. Isso é estabelecido através do processo de subjetivação que todos nós passamos ao longo da nossa existência. Para Edu, esse interesse começou antes mesmo de seu relacionamento com Karine, pois informou que já tinha vivenciado fetiches eróticos em outras situações, como o sexo com mais de uma mulher e com mais de um homem, o voyeurismo e o exibicionismo. Confidenciou que, em outros relacionamentos, manteve sempre um caso fora da relação. Expressou com ar reflexivo que sente um desejo absurdo em se relacionar com mais de uma pessoa. E que isso sempre o incomoda em todos os relacionamentos que ele já teve até hoje, até porque boa parte das mulheres que ele já se relacionou não dava abertura para que algo assim pudesse acontecer sem problemas entre as partes.

Perguntei se já havia tentado estabelecer um relacionamento com alguém que entendesse o seu lado, e que pudesse construir com ele um relacionamento a três, ou quatro pessoas. Informou que isso só aconteceu uma vez, em uma das ocasiões em que ele e Karine se separaram. Durante três meses ele teve um relacionamento com outra garota onde a fidelidade era relativizada, na medida em que ambos ficassem cientes sobre o que o outro parceiro desejava. Isso foi bom até o segundo mês, quando aconteceu a primeira “traição”. Segundo ele, o acordo era que sempre que houvesse uma oportunidade de ficar com alguém, o outro deveria ser avisado antes, para não haver nenhum tipo de constrangimento. A traição aconteceu nesse sentido, pois a namorada anterior não o informou do encontro

antes que se consumasse. Isso, entre outros pontos, aos poucos, acabou fazendo com que eles se afastassem e a primeira experiência em uma espécie de “relacionamento liberal” de Edu não fosse bem sucedida.

Passados mais de um ano das primeiras tentativas em entrar nas redes de sexo, ele me disse que Karine já via isso de outra forma. Percebendo a possibilidade de se ver fazendo sexo com outras pessoas, inclusive com outras mulheres. Isso não foi um empreendimento fácil. Aos poucos, Karine foi se sentindo segura para se aventurar. Ao mesmo tempo, muito disso se deve ao fato de que o relacionamento também se tornava mais maduro. Ambos se sentiam mais tranquilos, com relação a qualquer tipo de atitude que viesse a colocar em xeque os seus afetos.

Isso foi um ponto muito importante para o casal. Sentirem-se seguros consigo mesmos, em torno de seus afetos e como isso poderia ser abalado por encontros com outras pessoas. O intervalo de um ano entre a primeira tentativa e o momento em que ambos decidiram investir nessas fantasias foi essencial. No início, para quebrar o gelo, resolveram tirar fotos sensuais. Essa ação foi relevante por dois fatores: inicialmente as fotos começaram a fazer parte dos fetiches do casal. O registro fotográfico do sexo entre eles passou a ser comum. Roupas, fantasias e posições eram registradas com frequência.

O casal adora transar e registrar, em fotos e vídeos, o que fazem. Essas imagens também serviram como uma espécie de “cartão de visitas” do casal, nos contatos que começaram a manter pela internet. Esses dois pontos, o fetiche em se registrar em fotos sensuais, (o fetiche como instrumento dialógico da gestão do sexo entre o casal) e os contatos com pessoas através da internet sintetiza os primeiros passos de Edu e Karine no sexo que envolve outras pessoas em seu relacionamento.

Seja em casa ou em motéis, sempre levavam uma câmera para registrar os momentos íntimos entre quatro paredes. Essa atitude, segundo Eduardo, possibilitou um melhor contato com outros casais, tendo em vista que eles também criaram um perfil nas redes sociais, onde publicavam as fotos. Após isso, resolveram usar os programas de mensagens instantâneas como o Messenger para conversar com as pessoas. Esses contatos fizeram com que a curiosidade do casal aumentasse ainda mais, com o interesse de ambos nas conversas e em como isso influenciou em suas fantasias. Ele disse que chegaram a fazer sexo em frente a webcam, na presença

de outras pessoas, que também transavam com eles. Isso fez com que eles se aproximassem bastante de outros casais e construíssem uma amizade com dois ou três casais que se mostravam mais dispostos a um diálogo mais aprazível.

O contato com outras pessoas para o sexo pela internet passa por um conjunto de condições para o bom andamento da interação. Quase sempre as pessoas que não seguem isso passam por impedimentos dos mais variados. Categorias como “fake”, por exemplo, são construídas mediante a interação entre aqueles sujeitos que se adequam às demandas das redes na qual estão vinculadas e outros, que não se adequam ou tentam burlar isso de alguma forma. Em alguns casos, se passando por outras pessoas, ou tentando enganar com outras fotos, vídeos e informações pessoais as demais pessoas que estão nas redes de sexo disponíveis para contato.

Portanto, as fotos não são só um dado relativo ao fetiche sexual, mas pode se tornar também uma estratégia interativa para articular pessoas interessadas. As imagens reúnem em si mesmas o fator agregador para efeitos de aproximação entre as pessoas. O sexo e as imagens sensuais de personagens em situações das mais diversas pode potencializar o nível de interação. Sendo assim, aquilo que quer ser ressaltado com as imagens, as intenções e os desejos dos personagens que se inserem no sexo podem ser retratados, se instituindo como pontos no elo entre as pessoas que estão inseridas em redes sociais de sexo.

Edu ressalta que a educação, simpatia e inteligência são pontos relevantes para eles se relacionarem com alguém pela internet. Além disso, inicialmente, não queriam encontrar nem muito menos conhecer ninguém que só estivesse disposto a fazer sexo pelo sexo. Isso significa dizer que eles desejam ir além de relação sexual em si. Antes do sexo e depois do sexo desejam encontrar pessoas que tenham coisas em comum com eles. Isso ficou claro na forma de se relacionar e os contatos que mantiveram com outros perfis pela internet.

As conversas que eles estabelecem através do contato do Casal hedo passam inicialmente por uma conversa aberta, sem troca de fotos e conversas sobre sexo. Esse primeiro momento se dá de forma muito introdutória, no sentido de conhecer o outro através das informações mais gerais sobre si. Nome, profissão, o que gosta de fazer no tempo livre, aonde mora, hobbies, além de amenidades do dia a dia acerca da política, economia, dentre outros pontos.

Essa conversa pode enveredar para algo mais “quente”, na medida em que há empatia do casal com quem estiver sendo contatado. Muitas vezes a conversa fica por ai mesmo, pois já nesse início eles percebem que não dá para continuar com o contato. A definição se a conversa continuará ou não fica a cargo de como essa primeira aproximação ocorre. Para eles, não interessam pessoas mal educadas, que desejam o sexo rápido e que querem o contato só para trocar fotos sensuais ou fazer sexo pela webcam.

Ambos concordaram que só sairiam com pessoas que primeiro tivessem um contato através de uma conversa preliminar e só depois que surgisse algum tipo de simpatia é que se chega a cogitar a possibilidade de algo mais íntimo. Ter uma amizade e poder manter um vínculo era um de seus objetivos. Uma das condições de ambos os lados era não só poder sair para fazer sexo com essas pessoas, mas ter algo a mais depois que o prazer passasse e a excitação tivesse um fim. Queriam criar um vínculo que ultrapassasse o enlace sexual e que pudesse permanecer, mesmo que o sexo não acontecesse. Esse era o ideal dos dois, apesar de muitos casais desejarem a princípio algo mais físico – o sexo em si – do que fazer amigos para sair e badalar por ai.

Acompanhando panoramicamente o casal, em perspectiva a outros personagens dessa pesquisa, seus pensamentos parecem ser um pouco dissonantes da opinião da maioria das outras pessoas. Eles querem ter um vínculo pessoal com essas pessoas. Que o contato não seja pura e simplesmente para o sexo, mas que uma ou outra hora possam se falar para discutir problemas familiares, afetivos e também sexuais. Pelo que foi entendido, esse foi o antídoto, mas simultaneamente o veneno do qual o casal provou com essas experiências.

Isso porque, algumas das características destacadas aqui, principalmente a que diz respeito à relação de empatia do casal, que vai além do impulso para o sexo e que tem relação com questões de simpatia por características sociais, familiares e afetivas, também fez com que houvesse rugas relacionadas ao fato de não ter podido passar desse passo. Ou seja, todos acabaram virando “irmãos”, para usar uma referência que o casal Edu e Karine usa para significar o fato de não poderem sair para transar, pois já tinham se tornado afetivamente “íntimos” das pessoas que conheceram pela internet, que não conseguiam marcar nenhum tipo de encontro que redundasse em uma relação sexual.

Esse impedimento tornou muitas relações construídas pelo casal ao longo do tempo em que permaneceram nas redes sociais, um empecilho para irem além de uma mera conversa. A proximidade atrapalhou a desenvoltura para chegarem ao sexo propriamente dito. A aproximação e os afetos construídos ao longo do tempo fizeram com que o casal acabasse misturando sexo e afeto de uma maneira onde o primeiro era limitado pelo segundo, em um beco sem saída, onde eles não conseguiram sair de jeito nenhum.

Sua incapacidade de ir além ficou resumida nas amizades que construíram ao longo do tempo. Esses contatos não se prolongaram para uma relação de sexo, pois ambos vivenciaram um contato que passou da superficialidade para um nível de intimidade onde o sexo não era mais autorizado. Serem irmãos significava justamente isso. Possuir algumas limitações morais que não permitiam o vínculo além das conversas e das palavras de afeto trocadas.

Eles tiveram experiências com um total de três casais. Segundo os relatos, o primeiro deles também foi à primeira experiência sexual no swing dos dois. Eles se encontraram duas vezes e já na segunda foram ao motel. Na primeira vez se encontraram em um bar bastante conhecido na capital da Paraíba. Conversaram amenidades. Riram, tomaram cerveja e foram embora para casa. Não houve nenhuma menção em fazer nada referente a sexo. Essa opção foi comum e todos gostaram da primeira aproximação.

Já no segundo encontro a coisa foi bem diferente. Ao encontrarem o mesmo casal partiram logo para o motel. Edu e Karine de carro, e os outros, de moto. Encontraram-se na suíte combinada. Começaram com um brinde que representou o momento em que “se quebraria o gelo”. Isso significa que as suas reações estavam centradas em ultrapassar a timidez para irem para o sexo.

Depois, as mulheres começaram a se fotografar. Brincaram com o fato de a suíte ser temática, com imagens e aparelhos que lembravam práticas sadomasoquistas e tiraram algumas fotos em posições que retratavam de alguma forma a submissão. Uma presa em uma gaiola. A outra, em uma espécie de apoio que prendia as mãos e o pescoço, algo semelhante ao dispositivo utilizado nos aparelhos de decapitação parecidos com a guilhotina. Depois de muitas fotos e alguns drinques resolveram partir para o sexo.

Todos que estavam ali se tocavam. Ficaram os quatro na cama do motel, até que rolou carícias a quatro. As meninas se beijaram, e foi a primeira vez que Karine beijou uma mulher, segundo ela mesma. A penumbra do quarto reservou os momentos esperados por Edu havia muito tempo. Para Karine foi algo diferente, poder desfrutar do beijo de outra garota. Em determinado momento o Eduardo, naquela penumbra, começou a sentir que alguém, além de Karine e da outra mulher, estava acariciando o seu membro. Como as mulheres estavam juntas a se acariciavam, deduziu que isso veio do outro homem. Ele disse que encarou normalmente as carícias do homem do outro casal. Estava tudo inserido naquele clima de excitação, disse. Um masturbou o outro. Uma transou com a outra. Todos acabaram gozando bastante.

Para Karine foi uma experiência comum. Disse que o beijo em outra mulher foi natural e não houve nada de especial. Ficou com tesão, beijou, as carícias aconteceram, mas destacou que não havia gostado do namorado ter penetrado a outra mulher²⁶. Ele disse que havia penetrado a outra moça no momento em que estava em êxtase. Ele não havia se segurado e o marido o estimulou a penetrar a esposa guiando seu pênis até ela. “Estava tudo escuro e rolou muita coisa”, disse ele a ela, como forma de evitar que acontecessem mais problemas além do que já tinha ocorrido até então.

Os conflitos conjugais prosseguiram. Ela justificou dizendo que isso não estava no que foi combinado por eles antes do encontro com o casal. Antes de ir sempre conversavam sobre o que queriam naquela situação e o que poderia rolar ou não. Penetrar a esposa e ser acariciado pelo outro homem não estava no script. Mesmo assim, as coisas continuaram bem e eles disseram que ainda saíram com esse primeiro casal outras vezes. Resolveram levar em conta que os pontos positivos foram mais importantes que os negativos. Isso os forçou a avaliar que a saída não foi algo tão ruim assim.

No segundo encontro sexual, o clima foi mais agradável e não houve aquele início mais tímido. Todos se divertiram dançando, bebendo e conversando amenidades. O pontapé para o sexo partiu das mulheres: depois de um longo show

²⁶ Edu não só foi acariciado pelo marido, mas também foi estimulado por ele a penetrar a outra mulher. Quando ele disse isso a Karine ele não digeriu totalmente, pois o acordo era que não houvesse penetração entre os casais.

de strip-tease, dentro e fora da suíte, elas resolveram tirar toda a roupa e tomar banho de banheira²⁷. Foi ali que começaram as carícias entre elas. Os beijos, as fotos e as carícias, culminando no sexo oral entre os casais.

Os quatro foram para a grande cama que estava disponível na suíte. A Karine com o Edu e o Casal360. Transaram no mesmo ambiente, mas em pouco tempo a Sra 360 retirou o pênis do Edu da vagina da Karine e resolveu fazer sexo oral. O seu companheiro observava tudo, falando coisas que não podiam ser entendidas, mas que a excitavam mais ainda. Nesse momento a Karine começou a desfalecer. Com sintomas de sonolência, parecia que ia desmaiar. Foi aí que o Edu resolveu colocá-la no chuveiro, pois parecia que o excesso de bebida estava fazendo os seus efeitos colaterais. O velho “porre”.

O álcool influencia muito a relação das pessoas com o sexo. A bebida, o drinque, o bar se coloca como um personagem fundamental na aproximação e na interação dos demais personagens dessa cena. A referência da noção de personagem em relação a coisas como a bebida e ao bar, por exemplo, tem a ver com a articulação estabelecida por LATOUR (2012), onde os seres actantes são parte essencial da relação entre os demais personagens que se estabelecem em uma relação interativa. Quando essas coisas marcam uma presença tão constante que interferem e modificam na forma como há a interação, eles também são personagens relevantes no interior de uma relação entre outros personagens.

Sendo assim, a forma que se pensa a presença das redes de sexo, os objetos, e tudo aquilo que faz parte, de alguma maneira, da interação entre as pessoas, também está sendo considerada parte dessa interação. E da interação desses objetos enquanto personagens que modificam aquela experiência. Os bares e a bebida são alguns deles. Para boa parte das pessoas, as bebidas são um meio de se desinibir. Ficar mais relaxado, mais solto para falar e fazer coisas que normalmente demoraria mais para acontecer. Seja nas casas de swing, nas festas, ou mesmo em um encontro informal em um bar, as bebidas e os drinques tem um papel fundamental de participação na interação para o sexo.

²⁷ A suíte do quarto onde os casais estavam mantinha, em um de seus cômodos, uma espécie de janela envidraçada, onde os frequentadores poderiam apreciar shows de strip-tease e de simulação de sexo. Esse serviço era reservado para alguns quartos de um determinado motel da grande João Pessoa – PB.

Ao deixá-la no chuveiro, Edu acompanhou Karine durante um tempo, mas teve que voltar ao quarto para pegar água. Ele tomou um susto ao voltar, pois Karine estava deitada no chão onde se localizava o chuveiro sem se mexer, bem abaixo do chuveiro ligado. Ao chegar perto ela recobrava aos poucos a consciência. Balbuciava alguma coisa. Ele a enxugou e colocou-a pra dormir na cama. A mesma cama onde o Casal360 continuava transando. Enquanto cuidava de Karine ele permanecia observando o casal. Excitado, ele não parava de olhar, trocando olhares com o casal, que também se excitava com a sua presença.

Após o término da transa do Casal360, os rapazes resolveram sentar-se um pouco e conversar enquanto descansavam. Nesse momento pude falar sobre tudo aquilo que aconteceu com os dois. Enquanto conversavam sobre sexo e assuntos do cotidiano, o Sr. 360 falou algo que será abordado por mim mais tarde, que é o fato de também participar de aventuras sozinho, com casais e homens que curtam outros homens. Ele informou que a sua esposa não sabia disso, mas que, quando há abertura com as pessoas e certo tipo de intimidade, além de se sentir excitado com outro homem, ele usa de estratégias, na maioria das vezes, bem discretas segundo ele mesmo, pois não deseja afastar os casais, mas aproximar essas pessoas de forma a poder encontrá-los sem grandes problemas. Esse assunto será abordado outras vezes em outras trajetórias. Especialmente, no trecho onde será abordado o Casal360.

Ao acordarem, os casais voltaram a transar. Dessa vez, Sr. 360 também participou junto com Karine e Edu. Para ela foi uma experiência diferente e nova, haja vista que jamais havia feito sexo com dois homens antes. Apesar de ter sido rápido ela gostou. O Edu também gostou, pois o momento onde os três estavam juntos foi muito bom, se excitando em ver a Karine com mais um homem. Ele esperava que não acontecesse com outro homem. Até porque Karine já havia manifestado o desejo de outra menina ou de sexo em um mesmo ambiente, e não com mais um homem. No fim isso acabou acontecendo com naturalidade. Ela chegou a chamá-lo para participar da transa, o que foi atendido rapidamente, pois o Sr. 360 sempre se sentiu atraído por ela. Entre outras coisas, por ela ser uma mulher com um perfil que o atrai e preferir mulheres de cabelos escuros.

Com os outros dois casais que Karine e Edu conheceram foi diferente. As duas últimas experiências do casal acabaram não finalizando em um encontro

sexual. No máximo o que ocorreu foi um papo mais sensual, mas nada de sexo. Com esse segundo, Karine e Edu saíram três ou quatro vezes, mas nunca rolou sexo. A opinião deles diverge sobre o envolvimento com esse casal. Ficaram tão amigos que os viam como irmãos, palavras de Karine. Edu diz que não foi bem assim e que, da parte dele, até que teria acontecido o sexo. O Edu tentou criar algumas situações que ocasionassem um ambiente mais sensual, mas todas foram mal sucedidas.

Nesse jogo de troca de acusações que se formou, Edu cita que Karine não mostrou a iniciativa necessária para ocorrer o sexo, como foi no caso do primeiro casal. Justificou que considerava a mulher do outro casal feia e ele também, além do fato de terem ficado muito amigos. A amizade e o fato de nela não conter algo a mais que possibilitasse o sexo foi o fator culminante para que não ocorresse a relação sexual que tanto o Edu, especialmente, almejava.

Dá para perceber claramente o que a Karine quer dizer com amizade. Separar a amizade do sexo é algo muito comum em certos sujeitos. É como se no cerne da experiência de se ter alguém para contar como amigo, não houvesse o conjunto de aspectos necessários para que alguém também tenha uma relação sexual com o outro. Essa mistura não fica muito clara no relacionamento de muitas pessoas, apesar de que também se deve ressaltar o fato de que muitas pessoas, partindo das novas configurações familiares, conjugais e de relacionamentos, conseguem estabelecer vínculos bastante frugais que articulam amizade e sexo. O chamado sexo sem compromisso por alguns, ou mesmo a amizade colorida, se configuram como aspectos múltiplos dos mesmos efeitos destacados. De um lado, novas formas de organizar os relacionamentos e os afetos. Do outro, outra configuração moral em como lidar com os afetos e as amizades em tempos onde o casamento não se tornou o único lugar onde se manifesta a economia sexual e afetiva das subjetividades.

Segundo Edu, a gota d'água de tudo foi quando os quatro foram para uma praia de naturismo e Karine acabou ficando inibida. Edu viu o fato de irem para a praia como uma última tentativa para criar um clima que propiciasse o sexo. Foi uma situação constrangedora para todo o mundo, principalmente para Edu, pois ele se sentiu culpado por ter colocado Karine em uma situação embaraçosa e ao mesmo tempo não obteve nenhuma vantagem.

Ao verificar um caso como esse se tem a sensação que tudo não passa de uma disputa, de um jogo. Onde o outro deve ser convencido a atender o desejo de si e não algo que possa ser acordado e que o desejo de todos possa ser compreendido, dialogado e, algumas vezes, realizado. A sensação é a de que, nesse jogo, os membros da relação não passam de um objeto. De um fator que possa propiciar a realização dos seus objetivos. Nesse caso, parece que Edu sempre está usando a Karine como moeda de troca na mediação e facilitação dos seus desejos.

Depois do episódio na praia foram deixando de se encontrar com outras pessoas e até a suposta amizade com esse último casal acabou não sendo preservada. Segundo Edu, logo depois disso o outro casal teve uma crise profunda no seu relacionamento e acabaram se separando, acontecimento que fez com que eles mantivessem contato com ambos, só que de formas separadas e relativamente distantes. Esse contato acabou virando algo superficial. E foi assim que aconteceu com o terceiro e último contato que eles tiveram com pessoas do swing.

Ainda assim, após essas três experiências eles não se afastaram em definitivo do contato com pessoas na internet. Destacam que esses contatos continuaram a ser feitos. Permaneceram produzindo fotos eróticas e conversando com pessoas através do MSN, mas nunca mais eles saíram com ninguém. As fotos e as conversas acabam sendo uma espécie de combustível para as fantasias do casal, mas os encontros com outros sujeitos já não fazem parte dos seus interesses. Pelo menos é o que eles informam e fazem questão de ressaltar.

Não dá para saber até que ponto isso de fato deixou de ser algo que realmente ambos não almejam. Pelas reações iniciais de Edu, em algumas situações nas quais foi instado a falar sobre as tentativas de encontrar pessoas e o investimento em criar situações para o sexo, esse conjunto de fatores mostra que ele é alguém que não desiste fácil das coisas. Talvez o fato de ambos confirmarem que não estão mais investindo em ninguém, não esconda o desejo de fantasiar com outras pessoas. Isso pode ficar guardado, adormecido, intocado, mas até que ponto? Será que em algum momento isso deixaria de ser uma mera fantasia para se tornar algo almejado por algum deles sem necessariamente depender do outro para realizá-lo?

A mudança entre eles é marcante. Ela se mostra desinteressada e ele, desmotivado, contou. Disse que no início ela parecia mais empolgada com essas fantasias, chegando ao ponto de ir a alguns encontros sem a presença dele. As coisas mudaram. Tiveram dois encontros onde ele não pode comparecer, pois estava em outros compromissos. Não havia nenhum tipo de impedimento entre os dois e ambos poderiam conhecer pessoas que fossem do seu interesse. Foi o que aconteceu nesses dois encontros.

O primeiro foi com uma mulher. Eles haviam concordado que seria interessante ela encontrar a mulher que haviam conversado pelo bate-papo, sem a presença dele. Isso serviria para ser uma forma de desinibir Karine, já que Edu sempre foi muito expansivo e quase sempre era dos dois o que mais se comunicava. Já que ele não estaria por perto, ela teria a oportunidade de se expressar com alguém estranho e sendo uma mulher, fonte de interesse de ambos. Combinaram que ela poderia até fazer sexo, se assim desejasse, mas a mulher acabou não comparecendo.

Esse detalhe que autoriza a ambos de poderem sair e encontrar com outras pessoas conhecidas pela internet, podendo até ocasionar algo além de só uma conversa inicial chama atenção por um detalhe: a autorização é dada pelo homem, para que ela se encontre com outra mulher e não com outro homem. A pergunta que não cala é se esse combinado valeria para outros tipos de situações, como um encontro com dois homens, ou com um casal que demonstrasse interesse em conhecê-los e transar, já no primeiro encontro? Esses detalhes não podem ser esquecidos, tendo em vista que esse acordo aparenta ter basicamente três aspectos básicos que não podem ser deixados de lado.

O primeiro deles é que o encontro marcado é com outra mulher. Esse marcador de gênero é importante, pois mostra que não é com qualquer um que Karine está se encontrando. É com alguém, supostamente, parecida com ela. Parecida em gênero e em desejos. Essa aproximação foi possibilitada a partir de algumas conversas pela internet. Troca de fotos e telefonemas.

O segundo ponto se deve ao desejo do outro, que nesse caso é o próprio Edu. Ele também tinha o desejo de uma segunda mulher e observá-la com o sua namorada seria algo muito interessante. Ter a possibilidade de concretizar algo desse tipo fez com que acordos como esse ocorressem sem maiores problemas. O

terceiro e último aspecto reside no fato de que não havia muito interesse em outras experiências entre casais. Karine chegou a se encontrar sozinha com outro casal. Ela foi ao sair do trabalho, em um lugar localizado próximo de onde ela trabalhava e o casal aproveitou para conhecê-la. Da mesma forma do encontro com a garota, este segundo não acabou levando a nada além de uma conversa animada.

Edu e Karine continuaram juntos depois disso tudo. Não se aproximaram mais do mundo do swing, nem pela internet, nem fora dela. Não pensam mais nessa possibilidade. Ele diz que continua com a fantasia em outros casais, homens e mulheres em seu relacionamento, mas diz que se sente inibido para propor algo nesse sentido. Além do mais, por tudo que já havia acontecido durante o tempo em que se inseriram na experiência com o swing, ela não guardava boas lembranças e a sua prioridade agora era outra. Seu relacionamento estava em crise e ela queria pensar em outras perspectivas, como o casamento e havia resistências da parte dele em dar esse passo.

3.2.2.5. Casal RJ

O Casalrj é formado por Janduir e Andreia. Ele tem 47 anos e ela, 29. Janduir nasceu no Rio de Janeiro e Andreia, em João Pessoa. Ambos são casados e residem no estado do Rio de Janeiro, mais especificamente, na cidade de Niterói. Ele é advogado de uma multinacional e cruza, todos os dias, a ponte Rio-Niterói, para trabalhar no centro da capital do Estado. Ela é empresária, proprietária de um serviço de Buffet que vende o que é conhecido como “kit festas”, que é um pacote de serviços para quem quer fazer um aniversário, sem maiores complicações. Comidas, bebidas, estrutura, dentre outras opções estão incorporadas no pacote.

Andreia morava em João Pessoa quando mais nova e depois de alguns anos trabalhando na capital, resolveu se mudar para o Rio e viver na casa de parentes que viviam no Sudeste. Com a ajuda desses parentes que já residiam na cidade, começou a trabalhar com eventos e logo depois montou uma empresa que cuida de festas. É casada com Janduir há cinco anos.

Segundo Andreia, o interesse pelo swing começou quando o marido dela confessou que gostava de ser voyeur. Janduir sempre gostou de observar a mulher vestida com lingerie, aproveitando para fotografá-la e filmá-la. Seu voyeurismo,

segundo Andréia, transformou-se no desejo em vê-la com outros homens e realizar um ménage à trois. Logo no início, Janduir gostou da ideia de outro homem. Andreia declarou que quem teve primeiro o ímpeto de falar em trazer outro homem para a relação foi ela e o marido aceito de bom grado. O seu voyeurismo em observar a esposa com alguém bateu mais forte. Aquele interesse em tirar fotos, filmar o sexo entre os dois foi além, no sentido de envolvê-los com outras pessoas. Foi assim que tudo começou.

No início, Andreia ficou um pouco ressabiada por conta do ciúme do companheiro. Algo que não conseguia administrar bem, mesmo antes de pensarem na possibilidade de realizar as suas fantasias. Esse ponto, o ciúme elevado da parte do marido, sempre foi algo complicado de se administrar no relacionamento entre os dois. Brigas e outros problemas gerados por isso sempre vieram à baila vez ou outra. Por isso o receio de que isso pudesse ser uma motivação grave e pudesse rebater na entrada do casal em experiências relacionadas ao ménage, e a implicação de envolver uma terceira pessoa nessas circunstâncias.

É por isso que, sendo o ciúme um ponto delicado que tornava a possibilidade dessas novas experiências para o casal, que partiram na tentativa de convidar alguém que fosse próximo ao casal o bastante e que topasse a fantasia de fazer sexo a três. A decisão que eles consideraram mais acertada foi essa, já que talvez alguém desconhecido afluísse ainda mais o ciúme de Janduir. Mesmo assim era um tiro no escuro, pois conhecer o homem não faria dele alguém mais autorizado em participar do sexo com o casal. Muito pelo contrário. Eles corriam o risco de, se escolhessem alguém que fosse próximo e que Andreia achasse atraente, por exemplo, o ciúme do marido poderia aflorar talvez com mais força.

Escolheram um amigo em comum do casal. O rapaz topou rapidamente. Sempre achou Andreia muito bonita. Ela é loira, alta, tem com corpo bem torneado, cultivado por muita academia, está sempre bronzeada e maquiada, e se considerava muito vaidosa. O homem que convidaram trabalhava com Janduir e a aproximação do casal foi um pouco estranha no começo. Eles conversaram bastante antes de irem para a cama. Depois de muita conversa regada a chope resolveram marcar um dia para ir ao motel os três juntos.

Lá, o rapaz se sentiu à vontade e foi logo tirando a roupa e aproveitando a piscina enorme que eles tinham à disposição na suíte. Pessoalmente eles adoraram

a desinibição do rapaz, pois isso proporcionou para eles uma maneira de fazer com que tudo fluísse de uma forma onde todos pudessem aproveitar a ocasião sem restrições. Isso foi muito apreciado por Janduir, que já preparava a câmera para registrar toda a situação que começava a se formar no momento em que entraram no quarto e o rapaz foi logo tirando toda a roupa e pulando na piscina.

Ele havia trazido a sua câmera, acompanhada de um tripé, para que pudesse ter liberdade de fixar a câmera em algum lugar ou posição favorável e participar ativamente do sexo. Além da câmera filmadora ele também levou para a suíte uma câmera fotográfica e acessórios eróticos, como vibradores, óleos, lingerie e muita camisinha. Esse aparato já fazia parte da rotina do casal. Seja dentro ou fora de casa, eles costumavam usar o “kit sexo” com muita frequência. O que demandava uma dedicação especial da parte do Janduir e a admiração da Andreia.

Nesse primeiro encontro tudo foi fluindo entre os três. O Janduir filmando no começo e a Andreia junto com o rapaz. Após o Janduir entrar, ela foi provando um pouco de dois homens ao mesmo tempo pela primeira vez. Andreia confessou que esse início não foi tão bom. Entre outros motivos alegou que doeu em certas posições que fizeram. O rapaz que convidaram era bem dotado e pareceu não ter muito trato, tanto com o seu sexo, quanto em escutar as reclamações da Andreia.

Janduir não sentiu tanto ciúme como esperava e achou que o ato de acompanhar a esposa com outro homem foi muito mais excitante do que um elemento causador de ciúme. Essa primeira vez foi boa para que o casal soubesse o que queria a partir de agora e em um novo encontro que pudesse ocorrer. Pensaram em continuar procurando homens, que poderia ser um conhecido ou não e que fosse escolhido pela esposa, com anuência do marido. Isso foi estabelecido após essa primeira experiência.

O papel de Andreia e a sua presença enquanto personagem central no jogo da procura por um segundo homem para o ménage imprimiu a sua marca como a personagem ativa e influenciadora dos desejos do casal. Dela partiam o desejo do marido pelo voyeurismo e o papel de estabelecer quem podia ou não compartilhar de todos os fetiches. Isso ficou muito claro em algumas situações expostas ao longo da sua trajetória.

A escolha de um segundo homem para uma segunda experiência foi bem mais rápida. Dessa vez o primeiro contato se iniciou através de um bate-papo. O

casal havia acessado um bate-papo na internet e contatou alguns homens, até que acabaram escolhendo um que mais chamou a atenção da esposa. Ele tinha um bom papo, parecia ser educado e bem afeiçoado. Eles não buscavam prioritariamente homens somente bonitos, ou, que obedecessem aos parâmetros de beleza atuais. Se tivesse um bom papo, fosse educado, higiênico, ele já ganhava a atenção e foi isso que aconteceu nessa ocasião.

Ao encontrar o rapaz, aconteceu logo uma aproximação rápida e foram as vias de fato. Dessa vez a coisa fluiu bem mais do que da primeira vez. Não doeu nada, foi divertido e o Janduir não só observou como participou do sexo com o outro homem e a esposa. A partir daí eles não tiveram mais dúvidas se queriam deixar de fazer o ménage. O questionamento do início foi deixado de lado, apesar do ciúme ainda ser presente, mas não ser algo que impedia, ou mesmo incomodava o casal. Essa mudança fez com que planejassem aventuras ainda mais ousadas. Entre elas, uma envolvia as férias que se aproximavam.

Eles resolveram se organizar para passar as férias de janeiro no Nordeste. Queriam aproveitar as férias escolares do filho, junto com a economia que haviam feito ao longo do ano e a folga que Janduir conseguiu no escritório e visitar os familiares da Andreia na Paraíba. Mas, antes disso resolveram usar a internet para uma ação ousada, que tentava articular o momento das férias unindo a isso o desejo de praticar o ménage masculino. Foi então que, usando um perfil erótico criado no Orkut eles estabeleceram na descrição do perfil qual era o seu objetivo na rede social:

Oi gente. Este perfil é do casalrj. Ele foi criado para selecionar homens da Paraíba para passar as férias conosco aproveitando as praias e o sol dessa terra linda. Homens que curtem ménage masculino, estamos esperando vocês! Nos adicionem que informaremos os próximos passos ("quem sou eu?" do perfil casalrj no Orkut).

Foi a partir desse contato no Orkut que essa pesquisa se cruzou com a trajetória do casal Andreia e Janduir. Foi mantido um contato inicial pela internet, tanto pela rede social, como por e-mail e finalmente alguns contatos telefônicos e logo que eles viajaram para passar as férias de janeiro em João Pessoa estabeleceram a proximidade necessária para o acompanhamento do casal durante esse período. Boa parte dos registros para esta pesquisa se deram nesse momento.

Publicado o perfil, eles foram procurados por mais de sessenta homens da Paraíba dispostos a compartilhar de suas férias. Os que fossem selecionados deveriam atender a alguns critérios: enviar fotos de rosto por e-mail junto com uma descrição de si (ocupação, quem é, de onde vem, idade, entre outros dados); ter disponibilidade no mês de janeiro, inclusive para viagens; deixar ser fotografado e filmado pelo casal; ser higiênico e educado. Foram selecionados quatro homens, de idades variadas, entre 18 e 25 anos, eles eram de níveis sociais dos mais variados e se encontrariam com o casal paulatinamente, logo depois que eles desembarcassem em João Pessoa.

Nos primeiros dias eles iniciaram os contatos com os quatro rapazes. Eles tentaram encontrar os quatro, mas, no fim, acabaram passando o mês inteiro só com um dos rapazes. Os outros três, ou não corresponderam ao contato depois que o casal desembarcou na cidade, ou, depois que se encontraram pessoalmente, acabaram não agradando ao casal. Tive oportunidade de acompanhar alguns encontros do casal com esse rapaz.

Para o casal, o rapaz que os acompanhou durante o mês de férias foi a melhor opção, pois esteve com eles ao longo do mês de janeiro da maneira que ficou combinado antes, quando se iniciou o contato através da rede social. Eles se encontraram logo na primeira semana de janeiro e já foram para o motel. Marcaram com ele perto de sua residência e foram para uma ampla suíte de um motel da capital. Lá tomaram cerveja, vestiram roupas de banho e foram para a piscina. Ficaram conversando longamente na área descoberta da suíte, até que o tema sexo foi colocado. Depois disso ele imperou. Almoçaram juntos e depois de muita conversa sobre as fantasias de todos resolveram entrar para o quarto e tirar algumas fotos da Andreia e do rapaz juntos.

Entre uma pose e outra, uma posição entre os dois que simulasse a relação sexual, o clima foi esquentando entre o homem e Andreia. Beijaram-se e Andreia se desdobrava para dar atenção ao rapaz e ao marido ao mesmo tempo. Janduir estava próximo e via tudo como quem assistia a um filme na TV. Fiz às vezes de ajudante de filmagem do marido. Ele olhava com atenção e pedia coisas para que ambos fizessem. Primeiro, quis que o rapaz tirasse o roupão da esposa devagar e observasse o corpo dela com cuidado. Andreia pediu que ele a beijasse mais uma vez antes de acariciar os seus seios, que estavam com marcas do sol que adorava

tomar e que era um de seus orgulhos. Achava-se mais sensual por ter o seu corpo marcado com o biquíni de sol. Fazia questão de ressaltar isso em fotos e nas preliminares do sexo, onde o momento de tirar a roupa e estar de lingerie para ela era o momento chave para demonstrar toda a sua sensualidade marcada através de códigos bastante feminilizados nos moldes de referenciais estéticos configurados na cultura contemporânea brasileira: muitas curvas, bronze cultivado com muito esmero. Sempre usava vestidos e lingeries que ressaltassem essas características.

Esse conteúdo feminilizante na Andreia fica marcado em seu corpo e em suas palavras. Já desde os primeiros contatos na rede social, até o momento em que houve o contato pessoal ao longo do mês de janeiro, a percepção de alguém com uma visão de mulher que se autodeclara como “popozuda”, por exemplo, ficava não só inscrita no que dizia, mas também no seu corpo. Ao falar sobre si sempre ressaltava a mulher batalhadora que sempre foi. Mãe bem jovem teve que trabalhar para prover o seu filho. Mãe solteira, que trabalhou e teve vários tipos de experiências em funções na área de serviços, até o momento em que resolveu profissionalizar a hábito de cozinhar e fazer doces e salgados, criando a ideia de fazer comidas para festas. Nisso agregou uma equipe que cuidava da estrutura das festas, o que denominou de “kit festa”, um conceito onde o interesse do consumidor em fazer a festa é atendido pela equipe com o diferencial da contratação de um pacote de serviços que faz com que o cliente não se preocupe com nenhum detalhe, a não ser com a celebração por si só. A empresa cuidaria do resto.

A mulher batalhadora, que possui uma carta de clientes que abrange escolas, famílias e instituições públicas, também cuida do seu filho. Leva-o na escola e está sempre presente para cuidar pessoalmente para que nada lhe falte. Ela também está ao lado do marido, Janduir, que também tem uma agenda repleta de compromissos semanais, que fazem com que os dois só se vejam pela manhã e no fim da noite. Finalmente ainda se apresenta outra faceta de Andreia. Aquela que ela denomina de “mulher cachorra”, ou, de “mulher potranca”, que se explica por um conjunto de aspectos que estão relacionados à personalidade, o estilo e a atitude da mulher que, segundo Andreia, estão incorporados ao seu modo de vida.

O perfil de potranca e cachorra parecem se associar a um conjunto de comportamentos, entre eles sexuais. Palavras bastante utilizadas nos anos 2000, cantadas por artistas do funk carioca que traduziram em suas músicas, o que era ser

uma mulher potranca. Um modelo estético feminino, cujo conteúdo sexual despontava no uso de roupas, maquiagens, danças e outros gestos. No caso da entrevistada, isso parece ser articulado a outro conjunto de características relacionadas ao desempenho profissional de Andreia e o valor da autonomia feminina.

Nas palavras dela, a mulher potranca seria aquela que tem atitude com relação aos seus desejos e não fica esperando, passivamente, a sua fonte de interesse procurar para ir à busca do que lhe interessa. Gosta de usar roupas justas e decotadas, que possam assim dar ênfase as curvas do seu corpo rigorosamente produzido por muito exercício. Mas não é um corpo qualquer. É um corpo desejado, pois será esculpido para ser o corpo da mulher potranca: coxas grossas, seios fartos e quadril largo. Tudo isso acompanhado por um bronzado mantido periodicamente.

Mulher multifuncional. Ao se tornar mulher potranca, da mesma forma que flerta na subversão do papel das mulheres, em termos sexuais e de posição social, também reafirma e resignifica a visão que se tem de mulher potranca, pois, no caso de Andreia, apesar de ser alguém que não está submetida financeiramente a outro homem, nem espera ele vir ao seu encontro para sentir prazer, não consegue se desvencilhar do significado associado a suas características corporais, que relacionando as suas particularidades anatômicas as compara com a de um animal. Andreia parece integrar esse significado para si, assumindo que se sente valorizada por terem um corpo desejado, da mesma forma que é bem sucedida. Sendo assim, pega para si a visão da mulher como objeto e de certo modo assumem isso como uma escolha, e não como uma imposição.

Ao ver a situação que se formava, Janduir ligou a câmera. Enquanto a esposa e o rapaz transavam, Janduir registrou tudo. Passaram a tarde inteira no quarto. No início da noite, deixaram o rapaz em sua casa e foram para o hotel. Dois dias depois tornaram a se encontrar, dessa vez foram para a praia, onde passaram toda a tarde juntos. Lá aproveitaram o mar e os bares da praia. Tive oportunidade de ir à praia com eles. Foi um momento interessante para conversar um pouco mais e foi aí que Andreia abordou um pouco mais o fato do Janduir ser ciumento. Relatou que ele já estava demonstrando durante a estadia deles na cidade um comportamento de quem estava com ciúmes dela e daquelas situações que estavam ocorrendo desde o dia em que chegaram.

Ela disse que em certos momentos Janduir ficou com ciúme deles, pois justificou que, em situações diferentes, ela dava mais atenção ao rapaz do que a ele mesmo. O que causou um mal-estar entre eles, pois Andreia argumentava que isso não havia acontecido e que, nos momentos em que ele havia identificado, na verdade foram as horas onde os três estavam juntos fazendo sexo. Nesse dia, além dos três, o casal também levou o seu filho e a mãe de Janduir (ambos também vieram passar férias em João Pessoa). Ela confidenciou que acha que a mãe dele desconfiava de algo de diferente na presença daquele rapaz com eles, mas até aquele momento não havia dito nada.

Ainda saíram mais uma vez com o mesmo rapaz e foram para outro motel, onde ficaram durante um dia inteiro. Dessa vez, eles trouxeram para a suíte todo o seu aparato de lingerie e acessórios, como cordas, algemas, lubrificantes, preservativos, faixas para amarrar nos olhos e todos os equipamentos de imagem que tinham trazido na viagem. Transaram em todas as dependências do quarto. Da cama a piscina, não ficou um lugar sem eles transarem e registrarem tudo. Saíram já era manhã, depois de fazer dupla penetração, muito sexo oral e anal. Ela disse que adorou amarrá-lo e transar com o rapaz com os olhos vendados. Esse registro seria visto repetidas vezes por eles no conforto de sua casa. Assistir depois era algo tão bom quanto ter participado. Era um exercício que o casal adorava, pois possibilitava que eles pudessem remontar em suas fantasias tudo que havia sido vivenciado. No conforto de seu quarto podiam repetir quantas vezes quisessem aquele filme, podendo recapitular aquilo passado em uma nova ressignificação de suas fantasias a dois.

O rapaz escolhido para passar as férias com o casal demonstrou que estava com receio de conhecê-los pessoalmente no início. Naquela circunstância, ele era a figura mais suscetível, a parte fraca na coisa toda. Estava só, conhecendo duas pessoas de fora, que, apesar de ter conversado ao longo de três meses via e-mail e telefone, de certa maneira, elas continuavam a ser distantes para ele. No jogo da conquista e da aproximação, o casal obtinha vantagem. Eles que ditavam as regras do jogo e o rapaz, ao ser escolhido, estava aceitando essas regras de bom grado.

Apesar da preocupação com serem desconhecidos no início a aproximação ocorreu de forma leve e eles tiveram momentos que todos consideraram como muito agradáveis. Ele só não gostou muito de estar com todos da família em muitos

momentos, quando, na verdade, havia sido acordado antecipadamente que os encontros só aconteceriam com o casal e não com a sogra e o filho. Ele achou que isso foi uma quebra dos acordos firmados durante as suas conversas pela internet.

Também achou exagerado o fato de, no fim da viagem do casal, eles terem ficado chateados com ele, pois não foi até o seu hotel se despedir antes do retorno ao Rio. Reclamou que eles não compreendiam que ele também tinha os seus compromissos e não pode comparecer no último dia de férias deles em sua cidade, justamente por causa disso. Por outro lado, havia se interessado na proximidade com eles, construindo um vínculo, tendo sido até convidado mais de uma vez a passar férias na casa do casal no Rio e ser uma espécie de “amante fixo” para a esposa. Nas palavras do próprio Janduir, “enquanto eu estou no trabalho você dá conta da Andreia. Quando chegar, a gente continua a festa”.

Chamou atenção esses pontos de queixa do rapaz. Não só por ser a parte mais fraca na negociação para o sexo, mas também pela quebra de alguns dos acordos feitos anteriormente. Em muitas situações que pude acompanhar a sua postura era marcada por uma mistura de empolgação e de constrangimento. Em certos momentos parecia que estava se divertindo com todos, inclusive, com o filho do casal, mas havia outros momentos onde parecia distante. A explicação talvez resida no fato de ser o pária naquele lugar, apesar de todos os esforços do casal de sempre deixá-lo à vontade e de lhe oferecer tudo do bom e do melhor.

Isso pareceu ser um sentimento pessoal e não tinha a ver com as oportunidades que estavam sendo dadas ali. Ele se sentia assim. Talvez o fato de ter percebido a insegurança de Janduir e o seu ciúme da Andreia; talvez o fato deles não terem tido a sensibilidade de respeitar as suas vontades e de compreender que ele também tinha compromisso e não estava de férias como eles. Talvez até questões econômicas e financeiras. Sem dúvidas, alguns desses pontos devem ter influenciado no comportamento variável que o homem adotou quando compartilhou da presença do casal Janduir e Andreia durante as suas férias de janeiro.

3.2.2.6. Casal 360

O *casal360* era formado inicialmente por C e R. Ele loiro, estatura e peso medianos, 29 anos, natural do Rio de Janeiro; ela, 24 anos, morena mediana, natural de João Pessoa. Isso é inicialmente, pois o *casal360* terá várias configurações ao longo dessa pesquisa. Isso porque eu tive a oportunidade de acompanhar um dos cônjuges, no caso R, entre três dos seus relacionamentos. Ao longo de cinco anos ele casou com três pessoas diferentes, com a particularidade de que, com todas elas, ele partilhou a intenção de trazer a parceira daquele momento para o mundo do swing.

Tudo começou com a primeira C que já foi descrita aqui (primeira C, pois as duas esposas posteriores também serão identificadas nas redes de sexo pelo apelido de “C”). Os primeiros contatos foram feitos pelo bate-papo. Nesse momento, ainda no ano de 2008, os contatos para o sexo eram feitos por salas de bate-papos em sites de grande circulação nacional como Terra, o UOL, o IG, dentre outros. O contato com a pesquisa se deu no bate-papo do UOL, na sala de João Pessoa. Lá eles procuravam outros casais, para conversarem pela rede e talvez praticarem sexo virtual.

Após essa primeira aproximação iniciou-se uma conversa pelo Messenger que perdurou por um bom tempo. Lá, o casal, pode contar com mais tranquilidade um pouco de si. Foi a partir daí que o contato se iniciou. Ele trabalha com serviços em uma empresa de manutenção de climatizadores de ar e eletrodomésticos; ela trabalha nos negócios da família, em uma empresa de aluguel de carros. Moram juntos acompanhados da mãe de C e não possuem filhos. R é um jovem extrovertido, bonito e muito simpático. Fluente nas palavras gosta de conversar sobre tudo. Já C é mais tímida e precisa que seja bastante provocada para ser mais ativa durante os momentos em que tivemos para conversar sobre a sua trajetória. Entre outras coisas, ela gosta de festas e de viajar com o marido.

Nos contatos que mantinham gostavam de sair com casais de preferência. Com esses casais pretendiam que rolasse quase tudo. Troca de parceiros, sexo no mesmo ambiente, bi feminino, desde que houvesse entrosamento necessário para que tudo isso acontecesse. O bi masculino não está incluído entre as práticas, apesar de que, em conversas individuais com R, ele tenha confessado o interesse,

mas isso não acontecia em consonância nem muito menos na frente da parceira. Será abordado mais para frente a saída do R com outros homens.

Em suas primeiras experiências, o casal só fez sexo no mesmo ambiente. Segundo eles, ainda se acostumavam com a ideia. Quem instigou para que entrassem no swing foi o R, que sempre foi interessado em novas experiências quando a palavra é sexo. C topou e iniciaram com sexo pela webcam e fotos eróticas compartilhadas em redes sociais. Depois surgiu a possibilidade de sexo no mesmo ambiente. As primeiras experiências de troca só vieram no segundo casamento (com a segunda C). Segundo eles, o que aconteceu até então foi sexo no mesmo ambiente, carícias entre os casais e o bi feminino, além das vivências do R com outros homens casados fora do circuito do swing.

Questionei algumas vezes sobre o que eles mais gostavam nessas situações. O casal gostava do clima de sedução. Da paquera que, vez ou outra rola entre as pessoas. Para eles, esse clima se espalha pelo casamento – a conhecida máxima de que o swing apimentaria a relação – fazendo com que eles pensassem em trazer esses desejos para os momentos em que estão a sós, na intimidade do seu quarto. Relembrar e provocar essas fantasias só faria potencializar, ainda mais, os seus desejos.

Mas há ciúme? Segundo eles sempre aparece, principalmente da parte de C, mas, segundo R, muitas vezes a atitude de distanciamentos que C adota em alguns casos quando sai com casais não significa ciúmes e sim outra coisa. Do que se tratava então? Ele respondeu que era uma mistura de timidez, com falta de empatia com casais. Fatalmente quando isso ocorria C ficava mais fechada e não interagía tanto.

As oportunidades foram se tornando cada vez menores e isso estava ligado com o fato do casamento passar por estremecimentos. Isso levou alguns meses depois à separação. Foi nesse meio tempo, entre o relacionamento com a primeira e a segunda C, que houve um espaço para abordar a relação de R com outros homens.

O relacionamento com a segunda C pareceu ser diferente. Diferente na forma e nos efeitos. Essa C era diferente. Era loira e parecia ser mais determinada em seus objetivos de vida. Enquanto a primeira C parecia ser mais mimada, pois administrava os negócios da família e passava boa parte do seu tempo em casa e,

de vez em quando, ia até as empresas administradas pelo pai, a segunda C não vinha de uma família com grandes posses, o que fazia com que ela tivesse que trabalhar desde cedo. Ela também nasceu no Rio de Janeiro e veio muito cedo morar na Paraíba. Sempre trabalhou no comércio e estava trabalhando fazia um ano em uma franquía de cosméticos. Gostava do que fazia. Já havia se tornado gerente em pouco tempo de atuação. Sempre se achou dedicada, batendo metas e superando as dificuldades iniciais no novo emprego com muita dedicação e treinamento.

C tinha 24 anos, carioca, branca, loira, com olhos cor de mel aparentava sempre muita simpatia, me recepcionando sempre com um belo sorriso no rosto. Durante as nossas conversas sempre se mostrou disponível para responder aquilo que fosse pedido. Esse comportamento simpático também estava na relação que mantinha com os casais e pessoas interessadas em sexo.

Segundo ela, a aproximação com R aconteceu muito antes. Eles se conheciam desde crianças, por intermédio de primos em comum que foram morar fora do Rio. Ela chegou mais tarde em João Pessoa e acabou tendo um relacionamento rápido com R ainda quando eram adolescentes. Voltaram a se encontrar depois da separação de R do primeiro relacionamento. Ele trabalhando em uma empresa de refrigeração e ela, na rede de cosméticos.

Eles voltaram a se encontrar e logo iniciaram um namoro. Com pouco mais de quatro meses já foram morar juntos. Ele alugou um apartamento em um bairro central da cidade e dividiam as tarefas diárias entre si. Quando ela estava em casa durante a manhã fazia as tarefas domésticas; ele fazia o mesmo durante a tarde. Nos finais de semana tinham oportunidades de passar mais tempo juntos, já que, durante a semana, se viam mais durante o turno da noite. Na maioria dos casos era nos finais de semana que os encontros com os contatos da internet ocorriam. R disse que boa parte dos contatos acontecia durante a semana e os encontros eram marcados nos finais de semana. De preferência as sextas e sábados. O domingo não era escolhido por ser um dia proibitivo para eles, já que ambos trabalhavam no outro dia, e sair à noite ficava complicado. A não ser que fosse um programa de dia, como uma praia pela manhã, ou um passeio no fim da tarde.

Esses encontros no domingo quase sempre acabavam sendo só um passeio, sem grandes objetivos sexuais. O fato de trabalharem no outro dia pesava muito,

pois associavam ter as relações sexuais com outras pessoas, ao fato de terem que sair e passar mais tempo, ir para um bar ou a uma boate, tomar alguns drinques e ir para um motel. Isso demandava tempo e eles achavam melhor as sexta e sábados, pois poderiam sair sem a preocupação de trabalharem no outro dia. Mesmo assim, em algumas situações, C também não podia nos fins de semana, como era o caso de alguns sábados por conta da escala no trabalho, mas isso era uma exceção, em boa parte dos sábados eles também podiam sair sem atropelos.

Geralmente o casal usou três formas de entrar em contato com pessoas afim de sexo: o bate papo do UOL, um perfil no Orkut e outro no Sexlog. Nos perfis do Orkut e do Sexlog o perfil é o mesmo: são imagens semelhantes e um texto de apresentação que diz o seguinte:

Oi pessoal. Nós somos o casal360. Somos jovens (24 e 25 anos) bonitos, loiros e de bem com a vida. Queremos conhecer casais (de preferência) para sexo no mesmo ambiente e, eventualmente, troca de casais. Vamos conversar. Nos adicionem como amigos e quem sabe isso acabe levando a momentos de muito prazer. R e C. ("Quem sou eu" do perfil do casal360 no Orkut).

Esse trecho estava publicado na "capa" do perfil do casal no Orkut e na descrição biográfica do Sexlog. No bate-papo eles usavam só o nickname "Casal360". Na medida em que acontecia um diálogo com outro casal acontecia também o compartilhamento das informações contidas na descrição acima. São dois suportes diferentes. Se nas redes sociais o espaço e o tempo reservado para falar de si são maiores, no bate-papo o tempo é reduzido, assim como o espaço. Na criação de um perfil em uma rede social o espaço reservado para falar sobre si é bem maior. Lá se pode falar sobre a sua biografia, sobre os seus dotes físicos e as suas preferências, mesmo antes de pronunciar uma só palavra com quem quer que seja. Ou seja, antes de conhecer alguém, o outro já tem acesso há algumas informações básicas sobre você. A conversa posterior só irá aprofundar essas impressões que porventura ocorram nesse momento de aproximação.

Ao contrário do bate papo. Nesse espaço, a primeira impressão se dá pelo apelido. É nesse pequeno espaço frasal que se investem os cuidados para o que se quer demonstrar ao espectador. Nesse caso, não existe nenhuma relação entre o apelido do casal e os seus desejos na rede. Na medida em que a conversa vai acontecendo, os dois lados tem oportunidades de se conhecer. E é aí que acontece

a partilha das informações de ambos. Sua vida, suas características físicas, suas fantasias e desejos.

Conversei com o casal ao longo de um ano. Eu os entrevistei em várias ocasiões via MSN, telefone e pessoalmente. Ao contrário de seu primeiro casamento, com a segunda C, não tive oportunidade de acompanhá-los em suas aventuras sexuais. Fiquei restrito aos relatos detalhados do casal e dos registros que eles fizeram, como o caso das fotos que eles tiravam quando era possível fazer imagens das transas que aconteceram nesse período.

Durante esse meio tempo, eles tiveram mais de cinco encontros. Todos eles com outros casais. Boa parte dessas pessoas foi encontrada pelas vias já relatadas. A aproximação mantinha a mesma particularidade do relacionamento anterior mantido por R: um primeiro contato através da internet, com alguns momentos reservados para conversa entre os envolvidos e logo depois, se houvesse realmente a empatia, a organização de um encontro pessoal. Se nesse encontro tudo aquilo que foi conversado fosse confirmado, a tradução de todo esse trajeto se convertia em uma ida ao motel.

Sobre o assunto das saídas esporádicas de R com alguns homens. Depois de algumas conversas e alguns encontros fiquei muito próximo ao casal de forma que eles, especialmente ele, se sentisse aberto em dizer determinadas coisas. Foi o que aconteceu sobre as saídas sem o conhecimento de C. Esse assunto apareceu quando falava sobre as saídas com outras pessoas, inclusive com outros casais e foi quando ele informou que já haviam ocorrido carícias com outro homem que faz parte de um casal que eles saíram (no caso, o casal hedo, que havia saído com eles quatro vezes e também informaram o envolvimento com o casal360 e o caso das carícias entre o Edu – Casal hedo – e R – casal360).

A sua atração por homens começou há mais tempo. Aos 17 anos se sentiu atraído com uma situação que aconteceu com ele em um bar. Quando estava no banheiro, ao cruzar com outro homem que saía do banheiro os dois acabaram cruzando os olhares. O homem saía do banheiro enquanto ele estava entrando. Ao sentir que o olhar foi correspondido, logo depois, o rapaz retornou ao banheiro e ficou em um mictório que ficava localizado ao lado do que estava R. Foi quando o homem o encarou mais uma vez e ficou a observar o seu sexo. Logo após terminar a utilização do mictório R foi até o espaço das torneiras e mais uma vez trocou

olhares através do espelho. Os olhares se entrecruzaram e o homem entrou em um dos sanitários cercados. Foi aí que ele criou coragem e também entrou. Ambos se acariciaram se masturbando até gozarem.

Segundo R, ambos gozaram e nunca mais se viram. Ele nunca soube quem era e qual era o seu nome, mas aquilo o marcou e ele sempre quis de alguma forma repetir aquele tipo de relação, que parecia emocionante e sexualmente sedutora. Isso fez com que ele tentasse repetir algo do gênero em seus relacionamentos. Vale salientar que as suas companheiras jamais souberam das suas cantadas a outros homens, nem mesmo que ele havia tido experiências do tipo antes dos relacionamentos. Tudo ficava oculto em seus desejos impronunciáveis.

Antes mesmo de acontecer alguma coisa com os casais que já tinham saído, ele também usava o bate papo com o objetivo de encontrar outros homens com o mesmo interesse. Para ele era muito simples: conhecer alguém que tivesse afim de algo esporádico e rápido. Que pudesse ir ao seu apartamento, se masturbar mutuamente, esfregar seus sexos um no outro e irem embora. Com os casais que saíam era um pouco mais complexo. Esse assunto só viria à tona se ele sentisse que havia alguma abertura para tocar no assunto. Era assim que as coisas aconteciam.

Mas o que seria isso que ele chamou de “abertura”? Mais proximidade entre os envolvidos? Mais “intimidade”? A oportunidade de terem saído algumas vezes juntos e isso fazer com que se criem situações que proporcionem a possibilidade de tentar uma carícia mais ousada, um toque no outro rapaz? Tudo depende da situação com a pessoa com que ele já tinha se envolvido. No caso do casal hedo aconteceu no momento em que eles começaram a transar. Da parte de R não houve nada planejado. Ao estarem todos na cama, ele teve o impulso de acariciar o pênis do Edu, no que foi correspondido.

Em outro caso, com o casal K e M, essa aproximação aconteceu durante as conversas que tinham pelo MSN. Ao longo das conversas que tinham quase diariamente sobre fantasias, sexo e desejos que trocavam entre si e as suas companheiras, R provocou M quando começou a trocar fotos. As imagens traziam cenas dele e de C fazendo sexo. A provocação acontecia quando ele perguntava a M o que ele pensava em fazer com a C ao ver aquelas fotos. Ao longo da conversa o clima ia esquentando e R começava a se masturbar pensando no que M lhe dizia.

Ele disse isso a M, o que também foi correspondido por ele. Foi então que R perguntou se poderia olhá-lo penetrar a C e se podia ajudar na penetração do seu pênis na vagina da sua companheira, no que ele aceitou. A partir daí a sua conversa também envolvia carícias entre os dois. Masturbação simultânea, auxílio à esposa em fazer sexo oral e penetração.

Para eles a conversa via internet era algo corriqueiro, assim como as conversas que envolviam sexo. Como em muitos casos comuns entre homens, as conversas sobre sexo envolve compartilhamento das experiências que ambos possuem em seus relacionamentos, com detalhes apurados sobre posições, desempenhos quase sempre ligados com a quantidade de gozadas que cada um teve naquele dia, pois a quantidade de orgasmos é algo que importa muito nesses diálogos. Fazer a parceira gozar também é algo a ser ponderado, pois não basta gozar três, quatro, cinco vezes, mas fazer a esposa gozar, pelo menos uma vez. Isso daria um tom de qualidade ao sexo, pois, na medida em que o homem se satisfaz ao gozar várias vezes, o desafio é também fazer com que ela também goze. Portanto, não basta gozar, mas também se deveria fazer quem está do lado gozar.

Esse discurso fica ainda mais detalhado, na medida em que as conversas incluem também fotos e vídeos. Esse costume masculino de compartilhar as suas fantasias com os amigos fica ainda mais rico ao utilizar ferramentas como os programas de mensagens instantâneas e os aplicativos para bate papo e compartilhamento de outros arquivos via *smartphones*. Os diálogos se tornam menos textuais e são acrescidos de imagens que podem ser das pessoas que participam da conversa, ou mesmo em imagens encontradas em sites de busca que representem aquilo que está sendo partilhado. Isso serve para vídeos e outros arquivos. Em um período com este tipo de mudanças nas relações entre os sujeitos à forma como se configuram as relações sexuais mantém um diálogo contínuo com esses meios digitais e o registro do sexo se torna algo cada vez mais comum entre as pessoas.

Portanto, a experiência de R está em trocar carícias com outros homens fora dos olhos da sua companheira. Carícias que aos olhos dela seriam consideradas sinal de homossexualidade. Apesar disso há certa autorização da parte dela em aceitar outros tipos de toque. Aqueles que são considerados como mais leves, entre eles carícias, que envolvam o pênis e a vagina de sua companheira. Tocar

isoladamente outro homem não seria visto por ela com bons olhos; não teria problema tocá-lo sendo intermediado pelo envolvimento dela.

Interessante perceber como essas fronteiras entre o que pode ou o que não pode; o que é considerado hétero ou homo pode ser borrado na medida em que as circunstâncias que são vividas permitem que isso aconteça. Essas categorizações que em um primeiro momento parecem ser tão rígidas devem ser compreendidas dentro de um quadro que envolve o desejo e os acordos, formais e informais, que esses sujeitos fazem em algum momento. O seu desejo é determinante quando querem realizar as suas fantasias mais secretas, mesmo que pra isso seja necessário relativizar a forma como fazem sexo com a sua companheira e uma terceira pessoa, como também alimentar as fantasias que são e podem ser realizadas sem a sua anuência.

Nas conversas, R sempre ressaltou o seu fascínio pelo pênis. Ao desejar outro homem deixa sempre claro que deseja se masturbar junto com o outro. Juntar os dois pênis. Juntar as duas mãos ao redor do pênis e manipulá-los, até gozarem; Tirar o pênis da vagina de sua companheira e acariciá-lo; segurar o membro nas mãos enquanto ela faz sexo oral e assim por diante. A centralidade do falo no nosso cotidiano e a forma como ele é cultuado por homens e mulheres pode ser vislumbrado sobre várias formas. Somos uma sociedade onde, ao celebrar uma vitória, construímos monumentos que marcam esse momento. E o que construímos? Falos.

Os grandes obeliscos são uma das representações do poder enquanto fálico. Essa sociedade se manifesta através de gestos e ações, quase sempre relacionadas a atitudes fálicas, como a coragem, a proatividade e a objetividade, em contrapartida ao estereótipo que liga a emoção, o cuidado e o sentimento a uma identidade feminina. Portanto, essa sociedade falocêntrica também está representada na forma como nos relacionamos em termos sexuais. O sexo também reflete um pouco isso. A forma como a centralidade do pênis está direcionada nas relações sexuais, não importa com quem sejam, mostra um pouco isso. Seja com R, ou mesmo com outro entrevistado como Pauzudo, a sua relação com outros homens se dá via relação direta com o seu membro sexual, tocando, manipulando, lambendo e acariciando a região erógena que mais chama atenção deles. No caso do

Paузudo, ele chega a ressaltar que não é gay, e que esta ali porque tem tesão naquela situação e no pênis do outro homem. Com R isso não foi mencionado, mas ele demonstrou que se atraía sexualmente por outro homem, e, principalmente por seu membro, e que mantêm uma atração sexual, física e afetiva por sua esposa.

O ato de juntar os dois pênis em um só e acariciá-los conjuntamente até gozar é a junção da masturbação coletiva, com que muitos homens estão habituados, desde os primeiros momentos da adolescência, do olhar e da reflexividade masculina sobre o pênis alheio - na observação do banheiro público, observar como quem não quer nada o pênis de quem está do lado no mictório, o que fica conhecido popularmente como a "manjada" - e as sensações proporcionadas por tal carícia. Esse desejo da masturbação, que pode ser coletivo na variação de ser exercido na união dos dois membros, assim como no compartilhamento das carícias em comum entre dois ou três homens, tem o objetivo comum de levá-los ao orgasmo associado à ejaculação e da ação de expelir o sêmen. Acrescente-se a isso a presença da mulher e vai se perceber a visão não só do pênis e do prazer que ele pode proporcionar, mas também a forma e o efeito disso no contato com a vagina. Nesse caso, o ato sexual em si não está relacionado só à manipulação do membro, mas como o membro interage com o outro sexo. Nesse caso, penetrando e trazendo consigo as marcas daquele momento: os fluidos, os cheiros e a imagem do pênis que penetra a vagina.

Com a terceira C o contato foi restrito. As nossas conversas foram feitas pela internet. Depois que R se separou da segunda C ele passou um tempo longe dos contatos da internet. Justificou o distanciamento com o fato de a separação ter sido surpreendente para todos, o que fez com que eles tivessem que enfrentar um processo de alguns meses de transição, com mudanças e coisas do gênero. Depois de muito tempo voltamos a conversar. Foi quando ele informou que havia se separado e que estava solteiro. Alguns meses se passaram até que ele começou um novo relacionamento.

A sua companheira era alguns anos mais nova que ele - na época de nossas conversas, ela tinha vinte e três anos, enquanto ele, 32 - e que começaram o relacionamento pelo contato em comum com outra amiga do casal. Ela tinha 23 anos, universitária, estatura baixa, com olhos e cabelos castanhos. Com pouco mais

de três meses de relacionamentos eles foram morar juntos no mesmo apartamento que R dividiu com a segunda C. Lá se mantiveram durante um bom tempo.

R informou que havia mencionado a companheira que gostava de swing e que mantinha contato com pessoas do meio pela internet. Não houve resistência da parte dela. Sempre gostou de homens e mulheres desde muito cedo. Namorou com homens e mulheres desde adolescente e não via nenhum problema em levar esse desejo para o seu relacionamento com R. Isso foi confirmado por ela, que contou de maneira muito tranquila as suas outras aventuras afetivas e sexuais antes do relacionamento com o atual companheiro.

Não pude perceber se o critério para o relacionamento com a nova C por parte de R passou por sua suposta abertura para um relacionamento com outras mulheres, isso porque ele não informou em nenhum momento alguma informação que deixasse claro isso. Ao mesmo tempo, olhando de maneira retrospectiva as suas outras experiências durante os últimos anos, nenhuma delas tinha como prioridade o relacionamento com uma segunda mulher. Muito pelo contrário. Em outras ocasiões, preferiu o sexo no mesmo ambiente com outros casais e o ménage com mais um homem, mas também não abolia a possibilidade de outra mulher. No fim das contas, ele não tinha problemas com arranjos diversos quando o assunto era sexo, mas o sexo com mais de uma mulher não foi a sua prioridade, o que não justificaria, nesse sentido, a escolha por um relacionamento com alguém que quisesse diretamente manter um relacionamento com outras mulheres.

Os procedimentos de “iniciação” da nova C foram os mesmos de antes. Fotos sensuais com o companheiro e o bate papo corriqueiro. Eles fizeram isso uma dezena de vezes antes dos primeiros encontros. Ela simpatizou com o relacionamento com outras mulheres. Nos vários encontros que eles já mantiveram com outros casais e amigas dela, o relacionamento com outras mulheres foi prioridade. Como já disse, ela se relaciona sexualmente com outras mulheres desde sempre e o relacionamento com R só veio a impulsionar esse interesse.

Ao contrário de outros casais, onde o homem estimula o interesse da sua companheira pelas outras pessoas, no caso dessa terceira C, o interesse por outras mulheres partiu dela mesma. A sua atração por outras meninas foi buscada desde o

início do empreendimento dos dois em sua busca por prazer. Encontraram casais e mulheres solteiras com interesse em manter um relacionamento com outro casal. Saíram com meia dúzia de casais e mais meia dúzia de mulheres solteiras. C gostou de todas as experiências, não tinha do que se queixar. Não destacou nada que tivesse comprometido alguma dessas experiências, mesmo sabendo que uma coisa ou outra incomodasse. Não quis destacar nenhum momento mais delicado, pois tudo que passaram até agora sempre encobriu qualquer momento constrangedor.

Confidenciou que quando o assunto é sexo ela gosta de um pouco de tudo, com atenção especial para todos os detalhes do sexo entre mulheres. Adora carícias de mulheres. Sexo oral também. Aponta que o toque feminino é diferente, mais delicado. É como se a boca, o corpo, os dedos e outras partes do corpo tivessem peculiaridades na hora da transa. Adora sexo oral, principalmente, o sexo oral que faz e que recebe de outras mulheres. Nos últimos tempos, depois das experiências junto com R, vem conjugando o interesse pelo toque feminino com o toque afetuoso de seu amante principal. Diz que vive o melhor de dois mundos: de um lado o seu companheiro e amigo de todas as horas; do outro, o tesão que sente em ser chupada por outra mulher.

Destacou que o momento com outros casais também foi interessante. Nunca havia pensado em ficar com dois homens ao mesmo tempo na cama. Achou interessante essa oportunidade que teve com o seu marido. Ter dois homens compartilhando do seu corpo nunca foi o seu desejo inicial, mas foi bom e que continuaria fazendo se fosse possível. De uma maneira ou de outra, ainda prefere o toque de outra mulher.

É preciso justificar que algumas vezes as palavras utilizadas aqui sobre a terceira C estão no passado, ou na possibilidade de uma continuidade de algo no futuro. Gostaria de justificar alguns desses depoimentos, pois alguns deles foram mantidos durante a gravidez de C. Durante esse período eles preferiram parar com as aventuras com outras pessoas. Justificaram pelo fato de C ter uma gravidez de risco, ficando com algumas limitações físicas. Questionei se tinha algo a ver com a gravidez propriamente dita, mas ela destacou que não tinha a ver, e sim com o problema da gravidez de risco que manteve durante metade do período gestacional.

3.2.2.7. Casal L e L

L e L formam um casal residente em Campina Grande, cidade localizada a 130 km da capital da Paraíba. São casados há dez anos e tem uma filha. Ele tem trinta anos e é professor de História. Ela tem vinte e oito anos e trabalha como comerciária. Eles começaram a procurar outras pessoas para sexo há três anos. O interesse começou quando algumas vezes assistiam “filmes pornô”, provocando o interesse em ter mais alguém junto com eles. A partir daí eles foram se aprofundando sobre o tema e procurando maneiras de encontrar pessoas que partilhassem do mesmo interesse.

O casal achou a proposta de desenvolver a pesquisa muito interessante e logo que foram convidados se dispuseram em participar, oferecendo o seu depoimento. Consideraram que realmente não é nada fácil participar de um projeto como esse, pois muita gente não se dispõe a falar a respeito de algo supostamente tão pessoal. No entanto, eles acreditam que às vezes é necessário que uma pessoa que se interesse em se aprofundar nesse tema para esclarecer um pouco sobre esse mundo.

Não é raro pessoas justificarem a sua tentativa de busca por aventuras sexuais a partir da inspiração em filmes ou em situações presenciadas através da sua trajetória. A indústria do sexo e da pornografia está inserida na vida das pessoas que consomem sexo e fantasias. A influência de filmes, revistas e marcas de acessórios, ou seja, do discurso sobre o sexo que está inserido nesses contextos, interage de maneira marcante com esses sujeitos. Entre as fantasias que povoam as consciências até o impulso na busca em realizá-las, hoje esse caminho está cada vez mais facilitado pelas ferramentas disponíveis, sobretudo nas mídias digitais atualmente.

A oportunidade foi potencializada, pois L não tinha tido, até então, uma experiência sexual com outro parceiro além de L. O que fazia com que houvesse outra fantasia, que era o fato de poder sair com outro homem além de seu companheiro, quando isso jamais aconteceu antes. Eles começaram a procurar

utilizando a internet para isso. Aos poucos foram vendo e se interessando em proporcionar momentos onde poderiam realizar as suas fantasias.

Para eles, o swing influencia bastante e de maneira construtiva para a cumplicidade entre eles. Nas experiências relacionadas ao swing, além da troca de casal, gostam de praticar o ménage masculino, feminino, com atenção especial ao ménage feminino, pois a L gosta bastante de se relacionar com mulheres. O episódio dos filmes que abriu caminho para o casal iniciar as aventuras partiu do L. Ele buscou convencê-la. Considera que, na grande maioria dos casos, sempre são os homens que se interessam mais e buscam convencer as suas parceiras.

Essas opiniões muitas vezes vêm repletas de preconceitos, de essencialismos que, no fundo, reafirmam diferenças e caracterizam estereótipos de gênero, geralmente definidos por marcadores sexuais. Nesse caso citado, muito disso pode ser ressaltado. O convencimento para o sexo com outras pessoas fora do casamento não pode ser resumido como uma tarefa preponderante feita pelos homens. Sempre há uma variação nesse interesse e quem parte para fazer os convites e trazer o outro nessa busca. Tudo depende das experiências pessoais que cada um já teve, além dos desejos alimentados durante a sua relação conjugal. Somado a esses dois pontos se destaca a abertura conjugal para manifestar essas fantasias.

L já havia tido outra experiência onde saiu com duas mulheres. A L só teve a ele como parceiro até então. O que os impulsionou foi o fato de poder praticar o voyeurismo, ambos gostam de se exhibir e de ver outras pessoas fazendo sexo. Sentem-se bem em saber que muitas pessoas acessam o seu perfil no Sexlog, e quanto mais eles recebem comentários em suas fotos, convites para aventuras sexuais das mais diversas, se sentem bem e que estão no caminho certo para os seus objetivos.

Havia o fato da L se considerar bissexual e como isso se relaciona com as descobertas do casal em torno do sexo. Para eles isso aconteceu naturalmente. Logo no primeiro encontro ela já se relacionou com outra mulher. Ela não se sente menos mulher ou totalmente atraída por mulheres, apenas se sente à vontade em ficar com meninas sem que isso comprometa a sua feminilidade ou o seu desejo por homens, sem falar que os meninos adoram vê-las, assim como demonstra ter

gostado também. Revelou que gosta de vê-los olhando para elas enquanto se beijam e se acariciam.

Para além da estereotipia, em imaginar que lésbicas não podem ser femininas, eles fazem uma divisão interessante entre casais considerados liberais e casais swingers. Essa diferença se dá no quesito participação. Ou seja, em como se relacionam com os seus contatos e se a não participação de alguns deles impossibilita que algo ocorra. Para eles, o casal liberal é aquele em que há a possibilidade de se relacionarem com outras pessoas fora do relacionamento e sem a participação do companheiro. Já como casais swingers, eles só tem algum tipo de encontro se ambos participarem e concordarem em dar apoio um ao outro.

Qual é o percurso que eles fazem para conhecer pessoas? Esse questionamento se torna importante, haja vista que a região onde vivem não possui um estabelecimento próximo de swing onde possam frequentar. Isso não é problema para eles. Inicialmente usam ferramentas de bate-papo pela internet como o MSN e depois tentam estabelecer uma conversa pelo telefone, algo mais próximo e que caracteriza a possibilidade de um encontro mais íntimo. Finalmente marcam um jantar para conhecimento real. Geralmente é assim que eles fazem e se acontecer o interesse, um segundo encontro já com o objetivo de saírem para o sexo, mas isso não é regra geral. Tudo depende do clima criado, da afinidade entre eles e também da reciprocidade daqueles que estão conhecendo.

Mesmo se considerando como exibicionistas e também se sentirem voyeurs, L e L demonstram que tem alguns limites em suas fantasias. Eles tomam cuidados onde, como e com quem fazem isso. Eles dizem que, por exemplo, “alguns casais tem tara em ficar com pessoas totalmente desconhecidas como: frentista de posto de combustível, policial, um andarilho na rua, prostitutas e etc. Esse não é o nosso caso” (Entrevista com o casal L e L). Apesar de serem exibicionistas, eles não querem se envolver com todo o mundo. Há certos limites que eles revelam como algo que nenhum dos dois está disposto a participar. Isso faz parte de uma das regras que o casal segue ao pé da letra.

O direcionamento do casal tem uma atenção para o ménage. A aproximação com meninas merece o foco, principalmente da L, como já coloquei anteriormente. A forma como eles se relacionam com pessoas solteiras também é diferente. O modo como eles se aproximam passa por outro tipo de filtro. O que eles destacam como

diferente entre solteiros e pessoas comprometidas é o fato de que, aparentemente, pessoas solteiras serem menos complicadas no momento em que há o momento de aproximação a três. Nessa relação, os casais que se relacionam passam por um filtro mais denso, onde a interação se coloca de forma mais lenta. A conversa flui mais rápida a três, assim como a relação interpessoal. O roteiro é o mesmo que eles seguem com os casais. A interação se dá entre internet, telefones trocados e encontros pessoais que podem redundar em sexo.

O Sexlog tem um impacto importante no contato entre essas pessoas. Boa parte delas foi encontrada na rede social de sexo, ressaltando somente duas pessoas que o casal saiu sem ter sido contatado pela rede. Eles também usam o Capital Real Swinger (CRS) e acreditam que é outra rede de sexo que é ainda mais restrita que o Sexlog, o que faz com que se evite ainda mais o aparecimento do que eles classificam como “espertalhões”, que seriam aqueles perfis, considerados falsos – “fake”, na linguagem utilizada na rede – onde o usuário não se identifica de maneira adequada e que quer só brincar com os interessados em aventuras sexuais. Geralmente esses perfis são considerados à margem da interação, por serem quase sempre relacionados a pessoas que não estão interessadas nos propósitos que as redes de sexo proporcionam aos seus usuários.

Em geral, as redes sociais de sexo já possuem elementos tecnológicos para burlar este tipo de perfil, o que fica reservado ao espaço dos bate-papos *on line* como lugar mais comum de se encontrar os chamados “fakes”. Lugar aberto e onde muitas pessoas que se vinculam às redes sociais evitam participar, pois lá é mais comum encontrar pessoas de todo o tipo, inclusive aquelas mal intencionadas. No fim, as redes sociais de sexo são um ambiente mais segmentado e, supostamente, mais seguro para a interação desses sujeitos.

A família do casal não sabe que eles participam dessas redes de sexo. Como uma prática que ainda não é facilmente entendida por quem está olhando de fora, o casal prefere se reservar e não dizer isso para ninguém mais próximo. Essa reserva faz com que o casal mantenha cuidados em como se aproximar das pessoas que desejam sair. Assim eles evitam muitos problemas e o fato de poderem protagonizar algum tipo de mal estar. Mas isso não faz deles pessoas que nunca passaram por nenhuma situação constrangedora: nunca foram os protagonistas de nenhuma

confusão envolvendo pessoas que conhecem pela internet, mas já presenciaram algumas.

Com destaque para duas delas, em que um rapaz, que por não estar bem no momento do sexo, resolveu colocar a culpa na L. O “estar bem” significa que o rapaz que estava com L acabou broxando, e isso foi motivo para uma pequena situação desagradável, pois o homem não via nenhum motivo em si para que isso acontecesse e sim na parceira L, que não entendeu nada do que estava acontecendo. Mesmo assim eles acreditam que o homem acabou se sentindo inibido pela presença de outro homem naquela situação. Ele não estava relaxado e parecia nervoso com toda aquela situação. Isso parece que respingou na atuação do rapaz junto a L, que não gostou nada do que aconteceu. Outra situação constrangedora aconteceu com um casal, que tratou a L de forma preconceituosa. Segundo L, por ser mulata foi discriminada pelo marido do casal que eles saíram.

Interações marcantes para o casal ocorreram com outras mulheres. Para eles sempre foi um contato simples, mesmo que muitos casais ressaltem que as interações com mulheres sozinhas sempre são coisa rara nas redes de sexo. Eles acreditam que o fato de terem se aproximado de algumas tem a ver com a sorte de terem conhecido mulheres que tinham perfis que buscavam casais e que geralmente eram casadas, interagindo com os casais sem a anuência dos seus companheiros. Eles já saíram com duas que mantêm perfis no Sexlog.

Lamentam elas terem que sair sem a anuência dos maridos, mas infelizmente percebem que determinados maridos não veem o desejo de suas esposas como prioridade e acabam não correspondendo, isso faz com que eles possam realizá-los. No fim, isso acaba sendo uma justificativa moral para o fato de haver uma alguém que não tem a anuência do seu parceiro em participar de sexo com outro casal.

Nesse sentido, o fato da esposa estar sozinha poderia suscitar incômodo, mas a não correspondência aos seus desejos, o detalhe de que o marido, direta ou indiretamente, não estar envolvido com a interação entre os três e, finalmente, os personagens que se relacionam na rede social possuírem marcadores muito claros de sua atuação e quais são os seus objetivos na rede, faz com que ninguém seja enganado sobre quem são e o que desejam ali naquele espaço.

3.2.2.8. Casal V e C

O casal V e C tem um relacionamento há sete anos. Ele tem trinta e sete anos, com formação na área de Administração. Trabalham com gestão na área de saúde na cidade aonde vivem – Campina Grande, cidade no interior da Paraíba; V tem 31 anos, com formação na área da Enfermagem, também atua em gestão no município. Não possuem filhos. Preferem não ter até a V chegar próximo aos trinta e cinco anos de idade. Justificam essa decisão, por acharem que ter um filho restringe bastante à liberdade do casal e eles desejam aproveitar o máximo possível a vida a dois.

O contato com o casal aconteceu logo no início do trabalho para encontrar pessoas dispostas a serem entrevistadas. Ainda no Orkut, houve o acesso ao perfil que o casal mantinha na rede social e, após uma breve troca de mensagens, eles se dispuseram a disponibilizar os seus contatos no MSN para uma conversa inicial e, quem sabe, uma entrevista mais longa. Foi o que aconteceu. Logo depois desse primeiro contato o casal pode falar em pouco mais de cinco encontros um pouco de tudo. Das questões mais comuns de qualquer casal, até as suas fantasias; das angústias de ambos, até as adversidades passadas no ambiente de trabalho. Dos medos passando pelos desafios profissionais. Nesses mais de cinco encontros pude conhecer bastante e entender esse casal que se dispôs a colaborar desde o início do empreendimento deste projeto.

A aproximação começou aos poucos. Eles foram adicionados através do Orkut e uma mensagem foi enviada para o seu perfil dizendo que havia visto o perfil deles no Orkut e gostaria de conversar. Que sabia que eles não gostavam de conversar com homens sozinhos, isso ficava claro no perfil e nos seus interesses no Orkut, mas o motivo que me fez contatá-los eu considerava diferente, pois estava desenvolvendo uma pesquisa, já havia adicionado alguns casais e gostaria de contar com a participação deles.

Eles então pediram algumas identificações, como telefones e e-mails, além do perfil mantido pelo Orkut para assegurar que não se tratava de ninguém que se aventurava se aproveitando deles. Quiseram saber quantos casais já tinham sido entrevistados e quanto tempo faltava para concluir a pesquisa. Trocaram telefones e

e-mails. Depois disso, naquele dia mesmo aconteceu à primeira de várias conversas.

A sigla V e C são apelidos utilizados em seus perfis nas redes sociais que são vinculados. Eles se conheceram há pouco mais de sete anos em uma festa entre amigos. Brincaram que não foi em nenhuma suruba e sim em uma festa de amigos em comum em um clube onde um deles aniversariava. Ficaram noivos um ano e meio antes de casarem. Nesse meio tempo tiveram uma relação legal com rotina de faculdade e balada durante os finais de semana, vínculos familiares fortes; trabalho e assim por diante. Suas famílias tem uma formação religiosa sólida, vinculada à igreja católica. Eles tiveram um casamento civil e outro religioso e estão juntos há sete anos.

Possuem uma renda familiar total em torno de cinco mil reais. Moram sozinhos, na região do centro da cidade. Iniciaram a procura de outras pessoas para o swing a partir do momento em que resolveram “apimentar a sua relação”. Iniciaram apenas fazendo contatos virtuais. Conversando com casais que compartilhavam fantasias, como sexo pela webcam. Esse início proporcionou uma melhora no desejo que havia entre eles e, segundo o casal, aumentou ainda mais questões como a cumplicidade entre eles, a lealdade, o sexo mais frequente e de qualidade.

C e V participam do swing há pouco mais de um ano. Nesse período já tiveram em torno de oito experiências, com pessoas que conheceram através das redes sociais. Entre essas experiências estão o sexo virtual, o sexo no mesmo ambiente com outras pessoas, além da troca de casais. Essa última experiência aconteceu uma única vez. Eles não se relacionam somente com casais da região, na verdade a primeira experiência do casal foi fora do estado, em uma casa de swing no Rio de Janeiro, pois V, por cautela, não queria *a priori* se relacionar com casais do Estado aonde residem. A justificativa era o medo de encontrar alguém conhecido, mas, quando descobriram que se tratava do que consideram como uma “sociedade” de amigos verdadeiros e cúmplices, decidiram conhecer casais da mesma região que residem e tem sido ótimo. “Sociedade” associada à compressão de um grupo fechado que preza pelo sigilo de identidade dos seus participantes.

A ideia de adentrar no mundo do swing foi sugestão de C, que, logo depois, ganhou a aceitação quase que imediata de V. Ela absorveu a ideia rapidamente percebendo como isso fez bem a relação do casal. Mesmo assim, houve um pouco

de desconfiança da parte da V no início. O seu envolvimento nesse mundo virtual era tão somente para entender a lógica do swing. Dentro dessa curiosidade ela acabou se envolvendo com pessoas maravilhosas e criando bons vínculos. Isso foi surpreendente para ela, que nunca se imaginou praticando swing. Apesar disso, ela ainda se considera bastante seletiva. Aparentemente, o casal, principalmente V, reproduz um pouco daquela visão do desconhecido com algo associado ao crime, ao medo e como algo negativo. Talvez isso revele um pouco da surpresa que ela trás ao perceber que o que foi encontrado não estava associado a nada disso.

Quando C propôs o swing para V, o que chamou atenção dela foi a curiosidade em entender como pode um homem sentir prazer em ver sua esposa fazendo sexo com outro cara e vice-versa. A princípio ela ficou com muita raiva e receio de adentrar no swing. C havia recebido um convite no Orkut pessoal de um casale mostrou a V e ela acabou ficando nervosa. Foi quando ele propôs em criarem um Orkut e um contato no MSN para descobrirem, juntos, quem os teria convidado. Nesse meio do caminho eles acabaram conversando com pessoas e V, principalmente, parecia que estava passando por sessões e mais sessões de entrevistas. Ela justifica isso porque achava o cúmulo tudo o que era relacionado ao sexo fora do casamento. Com o contato mais aprofundado, ela foi percebendo a lógica e foi gostando do que encontrou.

A princípio achei complicado tudo isso, muito novo para mim que havia casado virgem e meu esposo havia tido alguns envolvimento com outras mulheres fora do casamento. Não ménage, mas relacionamentos individuais. Eu havia perdido toda a confiança nele e achava que jamais confiaria novamente. Mas é impressionante, pois esse meio (o swing) me fez confiar plenamente nele, e hoje não vejo nenhum motivo dele me trair fora do casamento, porque hoje realizamos nossas fantasias juntos. Não há barreiras e conversamos abertamente. Dizemos um ao outro por quem sentimos desejos. Isso é muito bom para nós. Antes eramos muito fechados nesse sentido e hoje somos mais felizes e mais realizados. Temos muito tesão, muito fogo mesmo. Sexo para nós é algo maravilhoso. Confiamos mais um no outro e não sentimos ciúmes (Entrevista com o casal C e V).

A visão e a sensibilidade em explicitar, de maneira clara, todos os sentimentos relacionados com o seu casamento e em como isso estava implicado com o sua entrada no swing foi algo muito importante. Ter tido esse depoimento dela fez com que muitos outros fatores fossem revelados, que no depoimento de seu

companheiro não havia aparecido. A partir daquilo que ela disse fica esclarecido o porquê do receio em adentrar nas aventuras sexuais propostas por C. O seu envolvimento com ele não era fácil. Nunca foi. E isso ficou comprovado pelo seu relacionamento com outras pessoas e o consequente enfraquecimento dos laços entre eles. Ao fazer contato com casais, a reação de V foi semelhante – é bem provável – a forma como reagiu quando soube das traições do marido. Isso foi sendo modificado, na medida em que esses desejos foram mexendo com as suas fantasias, da mesma forma que ela começou a enxergar que talvez isso também pudesse ser um vínculo relevante para aproximá-los e foi o que ela fez.

Parece que quando C ressalta como a inserção do casal no swing melhorou a sua vida, provavelmente ele está se referindo ao fato da cumplicidade relatada no início. Da cumplicidade, da empatia e do tesão renovado que ter se inserido em novas experiências, proporcionou a trajetória de ambos. O swing com fins terapêuticos.

Não houve nenhum tipo de experiência que o casal se arrependa de ter feito. Todas as que eles vivenciaram parecem ter sido maravilhosas, até aqueles detalhes mais pitorescos. Um dos exemplos foi um casal que eles saíram em que o cheiro que exalava da mulher não era muito agradável. Mesmo assim se tratava de um casal considerado por eles como maravilhoso e que isso foi só um detalhe que se tornou secundário. Apesar de não terem tido muitos casos constrangedores, o casal mantém algumas restrições.

Para poder conhecer pessoalmente outro casal, eles precedem esse encontro com um bom tempo de contatos via internet. É imprescindível o uso da webcam e a troca de números de telefone para, então, selecionarem com quem querem sair, a partir do contato pessoal. Para eles, a tal “química” entre todos, só se completa com o contato físico, daí pode ocorrer uma vez perdida, que um detalhe, tipo um cheiro, pode vir a diminuir o tesão entre todos os envolvidos.

O que pode e o que não pode para o casal? Para V, sempre ter um pouco de ciúmes é importante, mas sempre procuram serem abertos um com o outro. Não há regras, mas eles têm os seus limites. Por exemplo, eles não gostam de sexo grupal. Além disso, coisas muito vulgares, como sair com muitos casais para fazer sexo. Eles acham que isso é banal e sem valor. Acima de tudo, ali, naquele momento,

existem pessoas com sentimentos, valores e culturas diversas. Nem todos acreditam nisso e é aí que eles entram.

Será que eles construiriam algumas amizades? O casal não se sente bem em apenas praticar sexo, sem antes construir uma boa relação de confiança. Sem dúvida, todas as pessoas com as quais eles se envolveram são amigos, até porque, segundo C e V, para chegarem ao ato sexual eles fazem questão de construir um vínculo. Eles não desejam o sexo pelo sexo, isso eles já tem em casa e se consideram felizes e realizados. O swing seria um meio para apimentar a sua relação, se eles não estiverem convictos do que querem não irão adiante. Isso é um ponto que eles acreditam.

E no cotidiano do casal, onde fica reservado o swing? Para eles, não seria uma prioridade, apesar de que, no início, eles ficarem muito ligados por ser algo muito novo em sua relação. Atualmente eles veem de uma maneira mais serena. Sempre acessam as redes sociais para dar uma olhada em quem está *on line* e se for possível bater um papo, mas eles sabem controlar bem isso durante o dia. Ao longo de suas rotinas o swing não existiria, pois estariam envolvidos nas suas obrigações e nos seus trabalhos. As noites e principalmente os fins de semanas são usados para contatar as pessoas. É também uma maneira de relaxarem da rotina semanal. Fazer isso nas redes sociais proporciona prazeres e até o fato de estabelecerem uma boa conversa faz bem, sem necessariamente priorizarem o sexo.

E as pessoas com as quais eles se envolvem pensam como eles. De forma geral, muita gente acredita que esse tempo de relação virtual para afinar os gostos de cada um é bom. Por outro lado, boa parte do círculo de amizades do casal não sabe que eles procuram pessoas para aventuras sexuais, com exceção de uma amiga de V que viu uma conversa deles e só soube de duas experiências do casal. Ela acabou ficando chocada. Por isso, mais um motivo para deixar as coisas como estão. Eles não falam sobre detalhes de outros encontros, até para não chocar pessoas de fora. Sempre existe um olhar preconceituoso e sempre buscam adaptar os seus discursos a partir das conveniências do casal, sobretudo os que nunca praticaram as fantasias que eles partilham com outras pessoas.

Após esse tempo tendo experiências no swing, o casal julga que a sua relação está cada vez mais sólida. Apesar de terem passado por momentos

delicados. Nos últimos tempos estão afastados do meio. Para eles isso está sendo uma fase. Acabaram deixando aquela euforia de lado e atualmente estão dedicados um ao outro. Mesmo assim faz falta, principalmente para a vida sexual. Quando estão no meio, eles consideram que ficam o tempo todo cheios de tesão. Sempre ressaltam que foi uma fase gostosa. Não que tenham deixado o meio, apenas considera que amadureceram.

V consegue entender quando C tem ciúmes quando ela prefere pessoas solteiras. Eles conheceram muitas pessoas legais, pois, nesse meio, se estabelecem relações de muita intimidade. Coisa que para ter no meio “preto e branco” – que é como eles consideram as relações fora do swing – leva anos e ainda não se chega à intimidade que se chega no “colorido”. Eles construíram muitos amigos. E em um dos finais de semana em que eles foram entrevistados estavam viajando para a capital do Rio Grande do Norte, para se encontrar com um grupo de casais amigos. Ficaram o tempo todo com amigos do meio, sem rolar sexo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de terminar, algumas coisas precisam ser ditas. Para concluir este trabalho é importante reafirmar alguns pontos e ao mesmo tempo tentar estabelecer uma síntese analítica sobre os principais tópicos abordados ao longo do texto. Destaco aspectos relacionados ao que foi abordado nessa pesquisa e que estão ligadas diretamente as teses principais, ou seja: as relações sexuais como instrumento interpretativo dos comportamentos e das relações entre os sujeitos que interagem entre si. A ideia básica da relação entre relações sexuais como relações sociais, ou a percepção das relações sexuais como relações sociais.

O outro seria a visão do swing não só como um fetiche, ou como a realização de um desejo, representado quase sempre pela troca de parceiros entre dois ou mais casais. A experiência trazida através dessa pesquisa me fez perceber que o swing praticado no Brasil vai muito além dessa tradução comum que se dá ao swing. O *swing à brasileira* abarca um conjunto de práticas, de gestos e de atitudes que conjugam em um só sentido, um conjunto de desejos, práticas sexuais e interesses subjetivos que vão muito além da troca de casais e do envolvimento restrito as uniões estáveis que são perpassadas por interesses afetivos e patrimoniais, por isso o envolvimento com outras interações, sobretudo entre pessoas solteiras ou que estejam namorando ou se unem para participar das interações sexuais. Esses aspectos se reúnem e se articulam nisso que chamei ao longo do texto de rede do sexo. Rede que se conecta ao swing como explicado.

Pois bem, para fazer algumas dessas sínteses sobre o que já foi dito vou iniciar falando sobre as conjugalidades.

4.1. Conjugalidade e as suas implicações na rede de sexo na qual o swing se articula

Um dos pontos importantes e perceptíveis durante o campo foi à quantidade de casais envolvidos no swing e também o quantitativo de sujeitos que se vinculam a uma relação conjugal e se dispõem a participar de redes de sexo que envolve o swing. Como disse, apesar do swing no Brasil não se limitar aos casais casados e heterossexuais, ainda há uma forte presença, considerando o seu número

hegemônico no quantitativo de participantes nas redes *on line* e *off line* que pesquisei. Isso não significa que estive falando aqui do swing somente enquanto troca de parceiros. Nem todos os casais vão até uma casa de swing só para trocar de parceiros ou mesmo estão na rede social de sexo para isso. Isso só é percepção de que boa parte dos perfis, assim como a participação nos espaços específicos para o swing (estabelecimentos, como casas, clubes e festas privadas) tem como maior parte do seu público, casais.

Dito isso, é importante considerar como as conjugalidades estão envolvidas com as relações articuladas nessas redes de sexo nas quais o swing se insere. Um dos pontos são justamente as relações de gênero envoltas ao swing. Um primeiro questionamento feito durante as conversas com os informantes que formavam casais era de quem havia partido o interesse em fazer parte do swing. Aparentemente tive a impressão inicial de que havia um equilíbrio entre homens e mulheres. Essa foi a impressão no início. Como não entrevistei só casais e incluí informantes também solteiros, não lembrava que realmente havia um desequilíbrio importante no quesito busca pelo swing. Desequilíbrio que pendeu para a busca do lado dos homens, que justificaram o interesse sob vários motivos.

Entre essas motivações, duas se destacaram: a ideia de apimentar a relação. No geral, o perfil dos casais entrevistados variou entre os seguintes aspectos. Casais na faixa dos trinta anos, com filhos (média de um filho) ambos trabalhando, com renda na faixa dos 2.000,00 a 3.000,00 reais por mês. Casados, mas sem necessariamente serem casados em contratos formais, com média de cinco anos de união estável. Alguns relatavam ainda um tempo considerável de relacionamento antes de resolverem morar juntos. Algo em torno de dois a cinco anos.

Talvez possa ser imaginado que apimentar o relacionamento seja perpassado por um longo tempo de relacionamento, ou que a rotina ou mesmo as atividades relativas à conjugalidade possam ser afetadas somente em um longo tempo. Não é bem assim. A rotina conjugal não está diretamente relacionada ao tempo nem a periodicidade, mas a dinâmica dos relacionamentos. A forma de condução dos relacionamentos ocasiona um conjunto de atitudes que tornam o relacionamento esse momento complexo da vida dos sujeitos. E é nessa convivência e no caráter relativo à como no relacionamento amoroso se dá a relação com os desejos é que reside a compreensão do significado do que será “apimentar o relacionamento”.

Duas implicações podem ser apreciadas quando se pensa no ato de “apimentar” uma relação. Uma se ligaria aos desejos individuais que podem ser recriados e aparecer ao longo do tempo e o outro reside no ato de apimentar enquanto estímulo ao relacionamento. Nesse caso, o apimentar não pode ser visto de forma oculta, como um gesto relativo a uma suposta salvação de uma relação em frangalhos, ou mesmo a possibilidade de resolução de problemas conjugais causados por coisas diversas. Apimentar também significa pautar o relacionamento conjugal dos seus desejos e colocar essa vivência à prova diante das possibilidades que possam ser encontradas nesse sentido.

A primeira possibilidade se articula ao desejo do sujeito inserido no casamento. Esse sujeito desejante leva as suas fantasias para o cônjuge, tendo maior liberdade para expor os seus interesses íntimos sem ser recriminado. O fato da recriminação vai variar em causas e circunstâncias adversas que fazem com que muitas vezes o casal necessite mudar os seus hábitos e costumes sexuais. Foi o caso do casal⁷⁰ que, quando estavam em uma situação delicada como uma gravidez que demandava cuidados, ao se verem impedidos da vontade de transarem usando da penetração tiveram que dar ênfase a práticas como a masturbação, que já fazia parte das práticas feitas pelo casal, mas agora ela tomava um papel principal nas relações deles durante o período da gestação. Além da masturbação incluíram a penetração masculina, com objetos e vibradores, que eram estimulados pelas fantasias de ambos com o estímulo dos filmes pornográficos.

A vontade de realizar o desejo de ser penetrado pelo pênis foi estimulada pela situação pela qual eles passaram durante alguns meses. Após o período de gestação ter passado, isso foi potencializado. Eles não só faziam entre si a penetração masculina, mas marcavam encontro com outras pessoas interessadas na prática.

Por outro lado, existe o “apimentar” tendo como ponto básico a relação conjugal. “Apimentar” a relação seria trazer para dentro do relacionamento experiências das mais diversas, com o intuito de modificar a dinâmica conjugal e/ou sexual fazendo com que o casamento seja um lugar também de partilha dessas experiências junto com o cônjuge. Isso é muito comum e faz com que o swing seja matéria popular entre os casais hoje. A partilha dos desejos junto com a forma de

trazer para o relacionamento fantasias das mais diversas (incluídas, nesse caso, no swing).

Esse ato de “apimentar” o relacionamento quase sempre partiu do marido, que trouxe o interesse para o seu relacionamento. Muitos motivos podem ser destacados com relação a isso, dentre eles a abertura para propor esse tipo de acordo sexual com a esposa, além do fato de poder manifestar os seus desejos dentro do casamento e poder realizá-los - na medida do possível, já que deve haver concordância, inclusive daqueles que irão participar dessa experiência com o casal - existe ainda o dado de que esses maridos possuem o interesse de poderem incluir na dinâmica conjugal os seus interesses pessoais em termos de sexo, sem necessariamente passarem por um constrangimento, podendo encontrar ou não guarida na medida em que esses acordos íntimos são organizados de forma a estabelecer contratos individuais e coletivos dentro da relação.

Ou seja, o casamento como instância dialogal entre duas pessoas permitiria a possibilidade de se pensar nesses empreendimentos que colocam à prova os desejos dos seus participantes, na medida em que permite a manifestação dessas fantasias não só como interesse individual de uma das partes, mas de ideal de partilha que serve de substância aglutinadora dos sujeitos como interesse comum.

Mas esse interesse de partilhar os seus desejos parte dos maridos e esse dado mostra muito da configuração de gênero dentro das relações conjugais. Esses desejos muitas vezes são justificados por eles como sendo algo que já vivenciaram em outros momentos, com outras parceiras, por exemplo, e que desejam trazer mais uma vez para essa outra relação. Da mesma forma, o papel do marido no interesse pelo swing também se dá na escolha de como a experiência vai ser concebida e praticada. Isso significa a participação dele na escolha de quem pode ou não pode participar e de como será essa participação.

Muitas vezes, em participações onde aparentemente a mulher demonstra importância e certo grau de escolha, esse ponto precisa ser visto de forma mais clara, pois isso pode parecer uma abertura relativa à participação do homem no casamento, tendo em vista o grau de escolha e de submissão das mulheres casadas às ordens dos seus cônjuges. Nesse caso, aquela mulher que aparentemente diz escolher as pessoas que o casal irá praticar o swing deve ser vistas com mais cuidado, sob pena de se cometer algum tipo de erro meramente relacionado a uma

avaliação crítica superficial desse processo conjugal heterocentrado na figura do homem enquanto ser que organiza os desejos e centraliza a forma como eles podem ser manifestados.

Apesar de muitas mulheres dizerem que a escolha de quem elas levam para a cama passar por uma decisão de sua parte, isso não significa, como conclusão, que há um papel decisivo nas escolhas exercidas pelas esposas diante do casamento. Isso precisa ser relativizado no sentido de que há em muitos casos realmente uma escolha, ou uma participação no processo de condução, seleção, conquista e produção de ações e atividades em prol do swing para o casal. Com isso quero dizer todo o tipo de comportamentos tidos pelos sujeitos inseridos na relação conjugal em prol da realização e acima de tudo do interesse em exercer seus desejos junto a outras pessoas que desejam sair.

As esposas em muitos casos exercem um papel decisivo. Mas como esse papel decisivo é organizado? Pensar isso revela que formas há uma decisão da esposa e qual seria o nível de interferência, se ela ocorre de alguma maneira, do marido nesse tipo de atitude. O que na verdade eu encontrei não correspondeu totalmente a essa total liberdade de ação das esposas e nesse caso um nível relevante de interferência dos maridos nas escolhas do casal, mesmo quando havia uma centralidade nas decisões para o swing das esposas dentro das relações conjugais.

Um exemplo: casal RJ. Nas nossas conversas ela informava que todos os rapazes que foram pré-selecionados para passarem férias com eles no Nordeste passaram pelo seu crivo. Pois bem, mesmo que isso seja um dado relevante e que demonstre um nível considerável de representação da importância das mulheres nas escolhas conjugais do casal dentro de uma relação, isso não revela totalmente se esse tipo de importância pode ser “regulado” anteriormente pelo seu marido por exemplo. Isso fica claro quando, ao mencionar o processo de escolha dos homens que passariam as férias com o casal, antes mesmo de ela poder definir quais seriam os escolhidos, aqueles que foram pré-selecionados e que atenderem aos requisitos que foram pedidos na rede social, todos eles de algum modo não passaram somente pelo olhar da esposa, mas também do marido. Até porque os requisitos foram formulados por ambos e o perfil era gerido pelos dois. Na medida em que a dinâmica da rotina conjugal permitia, eles se revezavam em acessarem a rede

social. O que fazia com que os dois participassem ativamente do processo de envolvimento com os outros perfis, e não somente a esposa, apesar do grau de decisão dela ser relevante e deles fazerem questão de ressaltar isso algumas vezes durante os nossos encontros.

Isso fica explícito ao acompanhar como se processa a dinâmica das aproximações com o casal. Ambos acompanham a seleção dos seus parceiros. Depois de um número razoável de homens selecionados, a esposa tem autonomia em escolher entre os oito ou dez selecionados, três ou quatro para se encontrarem pessoalmente. Isso ainda não certifica que haverá algum envolvimento sexual, mas que há o interesse em tê-lo, o que será ou não confirmado durante a conversa estabelecida pessoalmente com a presença dos rapazes e do casal, e não só da esposa separadamente, o que demonstra novamente que as decisões não são tidas somente pela esposa, mas que até pode passar por um nível de relevância maior de sua parte, chegando a ser a opinião que orienta as escolhas do casal perante o swing. Mesmo assim ainda há aí uma regulação, seja ela mínima possível do seu companheiro, que não está alheio e que também participa ativamente das escolhas de quem vai ter ou não algum envolvimento sexual com eles.

Ainda sobre a atitude de ir para o swing associada à ação disso servir como forma de “apimentar” o relacionamento, eu tive a oportunidade de acompanhar um caso interessante nesse sentido. O casal V e C que já eram praticantes há algum tempo, aproximadamente cinco anos, e que, a V ao ser questionada sobre o início do seu relacionamento com o swing disse o seguinte:

A princípio achei complicado tudo isso, muito novo para mim que havia casado virgem e meu esposo havia tido alguns envolvimento com outras mulheres fora do casamento. Não ménage, mas relacionamentos individuais. Eu havia perdido toda a confiança nele e achava que jamais confiaria novamente. Mas é impressionante, pois esse meio (o swing) me fez confiar plenamente nele, e hoje não vejo nenhum motivo dele me trair fora do casamento, porque hoje realizamos nossas fantasias juntos. Não há barreiras e conversamos abertamente. Dizemos um ao outro por quem sentimos desejos. Isso é muito bom para nós. Antes eramos muito fechados nesse sentido e hoje somos mais felizes e mais realizados. Temos muito tesão, muito fogo mesmo. Sexo para nós é algo maravilhoso. Confiamos mais um no outro e não sentimos ciúmes (Casal C e V).

Ora, ao ver este depoimento nos deparamos com alguém que foi impulsionada por, entre outros sentimentos, o medo. O receio de que o seu marido continuasse fazendo fora do relacionamento àquilo que poderia ter feito dentro, se a esposa tivesse concordado com o seu desejo. Aparenta-se ao que foi percebido entre os casais swingers cariocas, na opção entre fazer sexo fora do casamento ou dentro, com o consentimento do seu cônjuge. A infidelidade consentida, ou traição consentida, como analisou a pesquisa de Weid (2008).

A pesquisada, mais de uma vez deixou claro, que o seu interesse em participar das fantasias estimuladas pelo seu marido tinha como propósito agregar a prática essa outra característica da condição do casal que ela trouxe acima. Se isso não foi algo planejado por ela, também atingiu um propósito de sua condução da vida conjugal, quando articulou ao swing a possibilidade de regular (pelo menos naquele instante em que o casal, através de um contrato íntimo de fidelidade a si e de liberação sexual na partilha do sexo com outras pessoas) com quem e como o casal deve estabelecer as relações sexuais com outras pessoas além deles próprios. Esse “contrato de infidelidade” no sentido de ser um acordo informal e controlado entre os cônjuges, com o intuito de estabelecer uma condução moral, por mais estranha que essa palavra pareça dentro desse contexto, ao comportamento dentro do swing. Ou seja, ambos podem sair com os outros sujeitos, desde que atendam aquilo que foi combinado anteriormente.

Há aqueles que saem desses roteiros, mas eles são a minoria nos casos que acompanhei durante este levantamento. Dois casos chamam a atenção: o do Casal360 e do Casal hedo. Nos dois casos, pude acompanhar pessoas que demonstraram exemplos de tentativas de fuga disto que estou chamando de regulação conjugal, que seria justamente o fato de haver essa série de acordos íntimos internos do casal diante do swing. No caso dos dois casais, ambos trouxeram casos onde um e o outro passou por situações que fugiam dessa regulação.

O Sr. 360 me confidenciou que adorava sair com homens que se posicionassem a favor de manter aventuras fora do círculo de relacionamento entre os casais. Em mais de uma ocasião ele saiu com outros maridos sozinho, sempre que havia a abertura necessária, adquirida através do tempo de convivência e aproximação. Isso estava fora daquilo que havia sido combinado entre o casal.

Parece que isso também estava fora do que os outros casais combinavam entre si, pelo que ele me informou durante as nossas conversas. Mesmo assim, o que fica claro é que nem sempre essa espécie de contrato informal para o swing acontece como o planejado.

Não acontecer como o planejado foi também o caso do Casal hedo. Justamente quando eles saíram com o Casal 360, o primeiro casal que saíram em sua experiência na rede de sexo, houve algo que foi além do que foi combinado entre eles. O casal acordou que só haveria o sexo entre si. Na verdade não foi isso o que aconteceu. Como já relatei na trajetória do casal, nas redes *off line*, o encontro sexual com o Casal 360 foi bem mais além do que foi planejado. Os maridos acariciaram as esposas uns dos outros e as esposas fizeram o mesmo. Além disso, ainda houve carícias entre elas e eles isoladamente. Nada foi feito às escondidas (mesmo que tudo tivesse sido feito às escuras) e, pelo menos da parte do Casal hedo, isso foi conversado posteriormente.

Pelo que eles contaram não houve nenhum tipo de problema com relação ao que houve a mais daquilo que havia sido proposto. Não houve indisposição de nenhum dos lados, o que fez com que ambos pudessem refletir sobre como eles poderiam pensar os próximos passos em outras situações semelhantes. Mesmo assim, não se pode deixar de considerar que houve um momento de reflexão entre eles, que mesmo que não tenha sido um instante constrangedor - pelo menos aparentemente - mas foi um momento onde o intuito era que pudessem colocar as coisas “nos trilhos”, o que eu poderia chamar de um momento de readequação às ações planejadas e o que poderia ser feito a partir de então.

Portanto, de um jeito ou de outro, aquela situação não passou alheia ao casal e precisou ser motivo de pauta de uma conversa entre eles, mesmo que tenha havido a tentativa de deixá-la o mais leve e informal possível, mas o assunto foi pautado. De um lado ou de outro, seja no caso do Casal hedo ou do 360, se vê dois casos de situações onde essas regras foram provisoriamente moldadas ao interesse da dupla ou desviadas provisoriamente pelo desejo individual. Em ambos os casos se tem a visão de que ainda resta à força do desejo e da prática em si do prazer como potências que se chocam em torno desses acordos, que só demonstram o seu nível de sucesso na medida em que se colocam à prova por sob essas

escaramuças, que são da ordem de outra coisa muito além da moral e das convenções e que estão na ordem do desejo e do prazer de si e do outro.

4.2. O erótico como transgressor

O swing como expressão da sexualidade e do desejo, também é uma forma de se sentir ultrapassando algum tipo de barreira. Transgredir seria a palavra mais adequada. O significado tem vários sentidos. Dentre eles, o fato de que, estando inseridos na rede de sexo que se articula ao swing, esses sujeitos dialogam com um conjunto de linguagens que tornam a sua vivência no swing como uma relação ocasional e perene. Apesar disso, a transgressão permanece sendo algo importante, tendo em vista a forma de dialogar com essas linguagens. Quando falo de linguagens estou me referindo ao conjunto de canais de comunicação já relatados por mim nas outras partes deste trabalho, leia-se a casa de swing - ou, as festas de swing - e a rede social de sexo e de swing on line - com atenção específica ao Sexlog.

Nesses ambientes, o erótico se manifesta de várias formas: das roupas e dos comportamentos sexuais relatados nas festas, até as fotos e a sua configuração nas redes sociais. Como já disse na análise desses espaços²⁸, há sempre um diálogo que é mantido com um discurso pornográfico e performático das relações sexuais. De um lado, o discurso pornográfico sempre aparece na forma como esses sujeitos se relacionam, principalmente nas redes sociais de sexo pela internet. Nas redes sociais, a forma mais comum de comunicação mantida se dá nas imagens publicadas. Quando essas pessoas fazem isso, elas querem transmitir nas imagens todo o conjunto de significados que podem fazer com que o maior número de pessoas se aproxime dos objetivos pretendidos com aquele perfil. Para fazer isso, eles lançam mão da estratégia de se utilizar de imagens com um conteúdo bastante sexual: geralmente esses perfis mostram pessoas com corpos nus, em posições sexuais (quando não aparecem fazendo o sexo propriamente dito).

Da mesma forma, o roteiro sexual desses personagens *off line* segue uma trajetória que dialoga com a pornografia, no sentido de ser uma performance que

²⁸ Para uma análise aprofundada sobre as redes sociais de sexo e swing on line e off line ler as partes dois e três deste trabalho.

mantém um diálogo próximo com essa linguagem. Roupas, posições e corpos que tem como objetivo o desempenho dos sujeitos em torno do sexo e do prazer. Corpos bronzeados, com roupas e que estimulam as partes do corpo como os seios, as pernas, o bumbum e o sexo. Corpos depilados, higiênicos. Limpos e sem pelos. Esse mesmo padrão é exigido aos que vão se relacionar com essas pessoas. Higiene, não ser fumante nem usar drogas ilícitas, além de beber socialmente. Esses são alguns exemplos de características esperadas.

A transgressão não reside só na estética, mas na forma de experimentar esses espaços. O swing se torna transgressor, na medida em que essa suposta válvula de escape é usada como algo que aparenta estar fora da norma (do casamento, da moral, mesmo estando inseridos nela de alguma forma). Nesse caso, a vivência no swing como acompanhei aparenta ser uma fuga ocasional, um momento frugal que cada pessoa, cada perfil nas redes sociais, aproveita naquele momento de folga da rotina diária. Não mais que isso. Não há fuga da realidade, nem outro modo de vida. Só percebi em um ou dois casos, nos informantes que acompanhei pontos que pudessem ressaltar um *lifestyle* relacionado ao swing. Na maioria dos casos o que vi foram pessoas que criam possibilidades de se aventurar e desfrutar de momentos diversos do seu cotidiano.

O *swing à brasileira* como analisei não tem o ideal de se tornar, como em alguns lugares do mundo, como em algumas comunidades na França ou nos Estados Unidos, uma comunidade, um *lifestyle*; no Brasil, em geral, a vivência swinger é esporádica e regulada pelas outras atividades que os seus participantes tem no dia a dia. São professores, advogadas, administradores, funcionários públicos e empresárias, que possuem as suas obrigações cotidianas e em determinados momentos da sua semana, mantém contatos com outras pessoas interessadas em sexo. Para isso, as redes sociais viabilizam uma rede de contato mais hábil e que pode gerar uma aproximação mais imediata, levando em contato a sua facilidade de contato por ser portátil (funciona em todos os dispositivos, inclusive nos móveis) e rápida (o acesso a conexões rápidas de internet se torna cada vez mais popular nos círculos que consomem sexo pela internet).

Fora das redes *on line* esse fenômeno também é perceptível. Na rede de sexo *off line*, os contatos também são esporádicos, quase sempre relegados às noites e, na maioria dos casos, aos finais de semana. Boa parte dos informantes

justifica dizendo que isso faz parte da sua forma de se comunicar com as outras pessoas. Como o swing se relaciona com os momentos de lazer, os contatos e o comparecimento em estabelecimentos ou em eventos temáticos, reserva uma parte do tempo dessas pessoas. Quando vão às festas e casas, as pessoas reservam parte do final de semana para isso. Não é para menos que os estabelecimentos já se adequaram a essa demanda, e criam programações semanais que contemplam quintas, sextas e sábados, com festas temáticas aos domingos.

Especificamente a quinta foi incluída, por se tratar de um dia voltado para o público que quer conhecer o meio. Geralmente jovens universitários e casais jovens com pouco tempo de relacionamento. É o que os empresários do ramo chamam de “quintas universitárias”. Momento reservado para as “baladas liberais”, em contrapartida aos outros dias. A grande diferença, como já foi discutida na parte três deste trabalho, está no público e no comportamento desse público nas casas de swing. São quase sempre curiosos, que veem a oportunidade de desfrutar de um lugar reservado para sair com os amigos e esporadicamente fazer sexo. Público caracterizado por pessoas solteiras, que não tem frequência na participação no swing, nem *on line*, nem *off line*.

Como disse, a estética e a forma de lidar com a rede de sexo dialoga com um discurso pornográfico, que tem como ponto básico a encenação das relações sexuais e da forma de demonstrá-las. Mas, para, além disso, a busca é de uma estética específica, que mesmo que dialogue com essa estética pornô, ligada a indústria cultural e ao mercado cinematográfico, tende a produzir um conteúdo pontual, o que será conhecido por “amador”. Ele se torna o registro dos sujeitos que participam do swing (rede de sexo *on line* e *off line*), mas que mantém como ponto principal a exclusividade. O conteúdo “amador” se torna o registro daquilo que é considerado “original” pelos que consomem o sexo através dessa rede de swing.

É um conteúdo produzido e consumido pelos seus praticantes. Tem como ponto principal a originalidade, sendo algo criado para aquela plataforma, com a participação daqueles que consomem esse material, pedindo posições, fantasias e outras opções que podem ser realizadas por quem tem um perfil. São lingerie enviadas pelo correio para serem fotografadas e publicadas; comentários pedindo posições sexuais ou comportamentos sexuais específicos para serem encenados. A

originalidade reside na forma, na exclusividade e na interação entre quem produz e quem consome essas imagens.

Outro ponto importante é se pode ser caracterizado um perfil comum das pessoas que fazem parte a essas redes de swing. De maneira geral, o que posso dizer sobre os informantes que participaram da pesquisa e que são pessoas jovens, entre 24 e 35 anos, com um nível de escolaridade elevado, onde boa parte está cursando ou possui nível superior, profissionais que variam nas mais diversas áreas, indo do funcionalismo público a profissões liberais como advogados e médicos. Em termos financeiros são pessoas que tem condições de manter um estilo de vida que pode consumir o swing nas suas mais diversas facetas. Desde viagens, para frequentar estabelecimentos especializados, até a frequência em motéis e festas. Além disso, o acesso a bens de consumo como computadores, tablets e smartphones, para o contato com os perfis na rede.

As pessoas solteiras variam no mesmo espectro. Entraram no swing há pouco tempo, e não tiveram muitas experiências sexuais. A entrada no swing tem como justificativa a curiosidade em saber como são essas práticas e de que formas podem contribuir com o prazer de outras pessoas que pretendem conhecer através desses encontros. Poucos já tiveram alguma experiência utilizando os perfis do Sexlog e usam a rede com a esperança de que isso ocorra o mais breve possível. Muitos deles demonstram que há uma resistência a pessoas solteiras, com a ressalva das mulheres solteiras, que são um pouco mais procuradas, principalmente por casais.

Entre os casais, a maioria mantém um relacionamento há pouco tempo. São de famílias com poder aquisitivo médio, com possibilidades de possuir bens de consumo e de manter um modo de vida que proporciona a manutenção de um comportamento permissível ao swing. Ou seja, a frequência nas festas, nos estabelecimentos, o acesso às redes, pagando assinaturas e preenchendo os seus perfis com as informações desejadas, inclusive com o que há de mais importante nas redes: as imagens.

4.3. Práticas sexuais e identidades sexuais

A relação entre práticas sexuais e identidades sexuais nesse estudo segue os contornos já destacados sobre a tese principal do swing enquanto um espaço que proporciona um conjunto de modificações importantes e que precisam ser mais uma vez ressaltadas aqui nas considerações finais. Isso porque as implicações dessa análise estão diretamente relacionadas com o *como* essa relação entre práticas e identidades sexuais podem ser apreciadas nesse contexto, bem como em vários outros que possam se assemelhar.

O swing como um evento, cujas possibilidades de desdobramentos sobre a sexualidade dos seus sujeitos participantes já foram apreciadas aqui, torna o momento de sua inserção, plataforma de criação de um conjunto de subjetividades que só podem ser percebidas em seu interior. A inserção pelo swing, palavra guarda-chuva para significar o conjunto de ações sexuais relativas às fantasias de sujeitos nas suas mais diversas configurações (solteiros, casais, garotas e garotos de programa, travestis, crossdressers, transsexuais) possibilita, em determinadas situações, posicionamentos que fazem com que a relação entre práticas e identidades sexuais sejam embaralhadas.

A relativização de práticas e identidades em um só tempo. Ajuda a pensar melhor sobre essas coisas utilizar alguns trechos das observações e dos depoimentos coletados junto aos informantes. Vamos a eles:

(caso 1) “adoro dar prazer ao meu marido. Ele fica louco quando me vê beijando outra mulher. Ele adora me ver transando com as minhas amigas. Não que eu curta isso desde sempre, mas aqui eu gosto e não teria coragem nem interesse em fazer fora”;

(caso 2) “nós temos a fantasia de sair com outro casal e uma terceira pessoa, de preferência uma mulher. O passivo tem interesse em trazer uma mulher para o nosso relacionamento e seria bom provar essa nova experiência”;

(caso 3) “adoro ver os casais me desejando. O marido pede pra eu comer a esposa e fica desejando o meu cacete. Quando vejo ele começa a acariciar meu saco e eu

não perco tempo. Pincelo o meu pau na porta da bundinha dele. Ele adora e a esposa também”.

Esses são alguns exemplos que foram acompanhados durante a pesquisa. Essas pessoas têm as suas vidas, filhos, casamentos, trabalhos e, quando chega o final de semana ou o final do expediente, saem para encontrar alguém e se divertir. Aparentemente, elas lidam muito bem com os seus desejos e podem incluir nas relações sexuais outras tantas coisas. Do casal que o marido sai com outros homens fora do roteiro do swing; dos tantos casais onde as esposas ficam com outras mulheres e consideram que não fariam isso fora daquela situação; do casal de homens que estão procurando uma mulher para ménage; até o macho-alfa que sai com casais e transa com os dois.

Para esses sujeitos não há problema nenhum em fazer isso. Aparentemente, a ideia é de fazer do swing um campo onde possa se pautar o desejo e o interesse no outro, para além das identidades sexuais e práticas sexuais. Mesmo assim é importante considerar que no swing não há uma liberação absoluta das identidades sexuais. Ainda há uma relação intensa entre o sexo e a identidade subjetiva, mesmo que isso seja relativamente embaralhado em determinados momentos já explicados aqui. Não há mudanças, mas sim relativização. Essa relativização é vista pelos praticantes como ação sexual, relacionada ao desejo e ao prazer, muito mais do que qualquer tipo de preocupação identitária ou política. Não foi percebida essa identificação, muito pelo contrário.

Foi interessante perceber em como esse embaralhar entre identidades, sexo e práticas foi sendo construído e reconstruído. Preconceitos, resistências, afirmação e reafirmação de identidades outras que fazem com que os desejos desses sujeitos não possam ser enquadrados simplesmente pelas suas identidades, mas que as suas práticas sexuais tem algo muito mais ligado ao seu desejo. Isso só pode ser vislumbrado justamente pelo território que o swing proporciona.

Um caso interessante nesse ponto: Casal HH. Eles são o caso 2 que relatei dois parágrafos atrás. Casal HxH tem o interesse por casais, de preferência HxM e pessoas solteiras, no caso, mulheres. Eles vivem uma relação que classificam como “de lealdade e não de fidelidade”. Lidam de forma tranquila com esses desejos e não veem nenhum problema em incluir uma mulher em seu relacionamento, pois um

deles já se relacionou com mulheres e gostaria de trazer isso para a vida dos dois. O outro topou, achando curioso o fato de que, apesar de viverem em uma relação homoafetiva, quererem uma terceira pessoa, no caso, uma mulher, como mais um ator de suas fantasias.

Aparentemente poderia ser estranho, mas isso pode soar tão estranho como um casal, heterossexual, desejar outra mulher no seu relacionamento. Ou outro homem. Por que é estranho e se assemelha ao que o Casal HH faz? Pois, no caso do casal hétero eles também estariam ultrapassando as fronteiras dos desejos do casal, no sentido de ir além do desejo mútuo e dos códigos associados à fidelidade, pois há o interesse em uma terceira pessoa. E se for uma mulher que se interessa por outra mulher ainda pior! Como resolver isso? Percebendo que essas contradições superficiais escondem todas as nossas idiossincrasias e como o nosso desejo não precisa de justificativas. Que ele vai além das convenções e nos mostra como elas nos servem de muito pouco quando queremos desenvolver algo que foge dessas diferenças morais e sociais.

Mesmo assim é importante entender tais contradições e pensar em que caminho ela se encontra na ordem dos nossos desejos. Vi tais diferenças nesse casal. Havia uma presença muito forte do primeiro relacionamento de um deles. Essa presença fazia com que houvesse reflexos em sua relação. O fato de ter tido uma relação considerada possessiva antes desse relacionamento recente fez com que hoje eles vissem com outros olhos um relacionamento a dois.

A ideia de diferenciar lealdade de fidelidade é um desses pontos. Lealdade no sentido de se relacionarem um com o outro sem cobranças, punições ou algo que pudesse pressupor possessão. Apesar de tudo isso eles se autoneomaram no mundo swinger como Ativo e Passivo e usam esses papéis sexuais sem problemas, pois aparenta que os nomes não se projetam sobre o posicionamento na relação. Não percebi também até que ponto isso não era uma ironia, pois ambos pareciam gostar dessa brincadeira com as palavras durante as nossas conversas, mas não deixou de ser inusitado pensar em um casal e as suas ironias e contradições enquanto uma ferramenta de crítica aos velhos e aos seus próprios relacionamentos.

Mas o Casal HH é uma exceção. Isso porque encontrei poucos casais homoafetivos, além de ser um assunto bastante delicado no meio swinger. Refiro-

me a relação entre homens. Percebi que é proibitivo falar sobre isso, mas que muitos fazem. Parece que o fato de não se dizer torna o não dito possibilidade de interesse. Como se no interior do swing não se falar, se criar o tabu fizesse com que se recriassem desejos outros, fantasias outras que não podem ser vivenciadas ali, mas que podem acontecer em outros momentos, em outras instâncias longe dos olhos de quem não deseja ver. Isso é um pouco do que acontece com práticas que fazem com que homens se relacionem com homens, que se contratem os serviços pagos para o sexo.

Percebi isso de várias formas. Desde o depoimento dos administradores da casa de swing, que informaram que não era estimulada a entrada de travestis, nem de prostituição na casa, além da relação entre homens. Tudo isso foi justificado tendo como apoio o fato do público frequentador não se interessar por essas pessoas. Da mesma forma, pude conversar com maridos que passaram por situações desagradáveis por terem como um de seus interesses outros homens. Inclusive já foram “desconvidados” de eventos por gostarem de sair para transar o com um homem.

Parece que as contradições não ficam reservadas só para as diferenças sexuais, mas outros problemas sociais muitas vezes são resgatados nos depoimentos desses informantes, como é o caso de muitos problemas identificados com relação à higiene e com o preconceito racial, geracional e de gênero. Esse assunto apareceu quando os sujeitos foram perguntados sobre se já haviam passado por algum tipo de constrangimento durante as suas saídas com outras pessoas.

Um casal disse que havia parado de se relacionar com outro por conta do cheiro que ambos exalavam durante a relação sexual. Isso fez com que eles não quisessem mais fazer sexo com eles, o que foi motivo de constrangimento; dois casais passaram por situações de preconceito racial explícito quando, em uma festa privada, outro casal não quis sair com eles por serem negros. Com o segundo casal foi parecido. Um casal conversou um tempo com eles, mas acabaram não transando, o que depois de muita insistência do marido ele acabou descobrindo a motivação. Eles queriam sair só com ele e não com a esposa, pelo motivo dela ser “moreninha”.

Algumas pessoas relataram situações vexatórias, onde mulheres eram obrigadas pelos maridos a terem relações sexuais. Isso era feito em gestos e palavras, quando já estavam em uma festa e o marido tentava, a todo custo, convencer a esposa a sair com alguém que ele desejava. Ou em momentos em que eles já estavam transando e a esposa não queria mais, queria parar e era assediada a se manter ali para que o cônjuge pudesse continuar o que estava fazendo, pois a sua saída provocaria um mal estar.

Além disso, havia um preconceito geracional muito forte. Quando me refiro ao preconceito geracional quero dizer a resistência a pessoas mais velhas. Identifiquei que isso tem a ver com a relação entre geração e estética. Você pode até ser mais velho, mas o seu corpo não pode aparentar essa velhice. Isso é um pressuposto fundamental em muitos perfis pesquisados na rede Sexlog. Ser considerado “feio”, “barrigudo”, “fumante” e “velho demais”. Não é coincidência o fato de que boa parte das pessoas que acompanhei na pesquisa serem muito jovens.

O perfil nas redes *on* e *off line* é de um público de pouca idade, não só pelo motivo da geração e da estética. Também há algo relacionado aos objetivos desses públicos, que aparentam ser diferentes. Para pessoas mais velhas e que possuem muito tempo como frequentadores dessas redes, os ideais sobre o que buscam e como procederem para isso é diferente dos usuários mais jovens. Para os casais, uma coisa que marca é a forma de se aproximar. Para os casais mais velhos, há objetividade na aproximação. Eles querem o sexo, conversam um pouco e vão para o motel; para os casais mais jovens e com menos experiência no swing há o ciúme latente e a insegurança. Inicialmente são grupos que não se aproximam por esses motivos. Posteriormente essa separação também será mantida pelas características geracionais que os dois têm resguardadas entre si.

Como disse, você pode até ser mais velho, mas deve demonstrar ser vigoroso e ter uma estética que boa parte desses perfis conjuga como sendo da juventude. É a reprodução daquela ideia de que o velho é o feio, o menos ágil, o assexuado. Um dos casais teve uma experiência com outro casal onde o marido era mais velho, em contrapartida à esposa, na mesma faixa etária do casal. Eles foram para o motel, mas só se relacionaram efetivamente com a esposa. O marido teve um papel de coadjuvante no sexo, assumindo muito mais um papel de espectador do que de participante. Vale salientar que o seu desempenho sexual não foi comprovado e que

esse atestado de que ele não seria desejado naquele momento se deu por ser esteticamente indesejado, pois, nas palavras do casal ele era “barrigudo, peludo e feio, enquanto ela era linda” (Casal 360).

Outra particularidade observada foi o estímulo ao sexo entre mulheres. Principalmente observado entre os casais e os perfis de mulheres que acompanhei. A procura é bem mais alta nas redes sociais e existem até festas nas casas de swing que estimulam a sua presença. Como expliquei no capítulo 3, em determinados dias da programação semanal das casas, as mulheres não pagam nada e o casal que vem acompanhado de uma ainda recebe bonificações da casa, como a entrada revertida em consumação. Em comparação com os homens sozinhos, que são menos procurados e desestimulados a frequentarem as festas e estabelecimentos especializados. Nas casas de swing, os dias para eles são a ocasião considerada com baixa frequência na semana: a quinta-feira. Nos outros dias, quando é permitida a sua presença, o valor pago para o seu ingresso é bem maior do que o valor que é pago pelos casais, chegando a ser quatro ou cinco vezes maior.

As redes sociais seguem o mesmo caminho. Os perfis de mulheres solteiras tem uma grande audiência, principalmente de casais que buscam um terceiro elemento no seu casamento e querem incluir uma segunda mulher em suas fantasias sexuais. Tive oportunidade de acompanhar uma delas e perceber um pouco do que ela pensava sobre isso. De maneira lúcida, a Senhorita Mary disse que adorava sair com casais, pois vivia ali o melhor de dois mundos: gostava de homens e mulheres e tinha a oportunidade de associar as suas duas preferências quando o assunto era sexo. No entanto, mantinha ressalvas quando o assunto eram as afetividades e as implicações com os casais que já havia se relacionado.

Uma delas ficou sintetizada no seguinte comentário:

Adoro sair e conviver com eles. Tenho uma ótima relação, sabe. Vivemos em uma lua de mel já faz seis meses. Adoro o filho deles e me sinto uma tia do menino. A nossa relação também é incrível na cama. Adoro ter os dois ali, me comendo. É bom em todos os sentidos, mas tem hora que paro e penso: e se eu quiser ir para um cinema? E se eu quiser viajar? Será que os dois vão comigo? E se eu quiser só com um deles. O outro vai permitir que isso aconteça? Até que ponto eles podem atender aos meus desejos fora da cama? (Sr^a Mary).

Essa passagem demonstra um pouco das diversas questões enfrentadas por quem está nas redes sociais e acaba se questionando sobre até onde vai o sexo e o desejo e onde estão os afetos. Como saber quando se deseja o outro e quando isso se transforma em mais um relacionamento de amizade, sem nenhuma intenção sexual? O Casal hedo também trouxe um pouco desses questionamentos. Sua passagem no swing foi curta, mas cheia de questões desse estilo. Em duas ocasiões eles perceberam que a proximidade com as outras pessoas foi tão forte em termos sentimentais e pouco sexuais, que não conseguiam mais sair daquele labirinto. O marido queria consumir o sexo, mas nem ele nem ela sabiam como fazê-lo, pois havia, nas palavras dele, “se tornado irmãos”.

4.4. Roteiros sexuais e estereótipos

Neste trabalho, como foram percebidos os roteiros sexuais? A todo o momento eu tentei enxergar nas pessoas que acompanhei entrevistando, em festas, em sua rotina em casa, coisas que formassem um mosaico de informações que demonstrasse de alguma forma o que esses sujeitos pensavam sobre a sua vida sexual. Não me limitei a pensar em um foco, como o swing, mas, em perceber quais eram as ligações possíveis que formavam essa costura que forma a rede de sexo dedicada ao swing. Portanto, a ideia não era fazer a história de vida dessas pessoas, mas por quais meios elas chegaram até ali e o que me podiam dizer sobre isso. Além do mais tudo isso foi sendo montado, como disse, as escutando, mas também observando. Observar na sua classificação mais comum. Olhar o outro. Acompanhar os seus gestos, como falavam. As suas palavras, mas também os seus silêncios. Quem falava o quê e que era autorizado ou não em dizer determinadas coisas. Observar os seus comportamentos nos locais de sociabilidades do swing.

No fim, chego a isso que estou chamando de caleidoscópio, que nada mais é do que um conjunto complexo que se articula a memórias, registros de campo, observações e questões analíticas feitas através da relação que tentei estabelecer entre enfoques históricos, sociais e psicológicos que a carga de informações dos meus informantes me proporcionou ao longo do tempo. Ao formar isso cheguei a esta síntese, inspirado na teoria dos roteiros de Gagnon (2006) salientando que não segui plenamente todos os seus aspectos, tentando ter muito mais como inspiração

nos pontos mais básicos já relatados e tentando seguir o que o campo me dizia e aquilo que eram as minhas diretrizes básicas durante o procedimento de formação da proposta base de pesquisa. A relação entre esse conjunto de fatores gerou este trabalho e os resultados que dele fazem parte.

Para perceber e formar esse quadro/mosaico/roteiro dessas trajetórias eu acompanhei aquilo que ouvi durante esse tempo de pesquisa. Depois tudo foi colocado no papel e um retrato sexual dessas pessoas foi desenhado, sempre no sentido de não fazer um juízo de valor das suas ações, mas de perceber como as suas trajetórias mantêm implicações com movimentos mais complexos como a cultura, os códigos morais, os preconceitos e questões como fidelidade, desejo, prazer, limites pessoais e histórias de vida. Portanto, o fotograma sobre esses informantes não deixa de ser uma visão provisória e específica dessas relações sociais em uma rede de sexo. No caso, em como a particularidade de estarem inseridos de alguma forma no swing faz com que esse regime de coisas passe a ser percebido e praticado por esse conjunto de pessoas que participaram desse trabalho.

De forma geral é preciso deixar claro que algumas ações só puderam ser observadas por causa das circunstâncias que as encerravam. É o caso da própria rede de sexo. Sem ela, muitas reações desses sujeitos não poderiam ser vistas como acompanhei durante esse tempo. A busca pelo outro e pelo prazer que o outro pode proporcionar foi algo sempre almejado. Não havia momento que isso não fosse destacado. Cada um da sua forma tentava ir atrás dessas demandas. Nem todos conseguiram e isso não foi motivo de desistências.

Conversei com pessoas que jamais tinham tido, dentro do swing, nenhuma experiência. Isso não era motivo de descontentamento, pois só o contato com o outro e a oportunidade de poder se expor ali para que todos pudessem vê-lo, já trazia algum tipo de sensação prazerosa. Por isso também que um dos pontos básicos de quando abordei determinadas relações sexuais entre os atores dessa pesquisa não estavam no momento relacionado a quem protagonizava a ação e as interações sexuais. Parti da ideia de que, quem tem a ação sobre as interações sexuais é quem está de alguma forma, agindo naquela cena. Seja como espectador, observando, seja como protagonista, agindo enquanto ator naquele contexto.

No entanto, achei que isso não contemplava o regime de gestos percebidos nessas situações e que não se pode falar em espectadores, protagonista e coadjuvantes quando todos de formas diferentes estão interagindo ali naquele espaço. Portanto, o meu interesse de entender as interações sobre o sexo entre as pessoas que foram acompanhadas durante a pesquisa não foi de fazer uma categorização, ou mesmo uma hierarquia, mas de perceber primeiro quais eram as ações tomadas nesse meio em termos de como eram encarados pontos como o prazer e o sexo entre essas pessoas. Depois entender se realmente havia essas categorizações e hierarquias. Finalmente, traçar essa trama constituída pelo resultado dessas análises.

Nesse sentido, ao acompanhar esses contextos, percebi que há realmente uma relação íntima entre todos que estão inseridos nessas redes. Mesmo aqueles que ainda não foram contemplados com uma saída esporádica, ou, o sujeito que só teve promessas e propostas, eles também tem prazer com tudo isso. As festas, os estabelecimentos e as redes sociais de sexo proporcionam uma relação íntima entre interação e conteúdo de forma que, mesmo que você não consiga se encontrar com alguém, mesmo que não se consiga uma companhia em uma festa, se tem ali conteúdo necessário para que se tenha o máximo de prazer. Isso porque esses espaços são lugares de interação, mas também de geração de conteúdo. De conteúdo erótico que é consumido e retroalimentado por esses mesmos sujeitos, o que eu já havia mencionado quando falei da relação íntima desses sujeitos com a indústria pornográfica e sua vinculação a um conteúdo gerado por eles mesmos a partir desse filtro chamado genericamente de “amador”.

Esse conteúdo seria configurado como tudo aquilo que gere prazer, seja para quem produz ou para quem consome. Isso vai de fotos e vídeos que podem ser visualizados em redes como o Sexlog, até as performances sexuais que são vistas nas festas realizadas em eventos em lugares privados como as casas de swing e as suítes de motel. Não importa como o sujeito esteja. Em qual posição ele se configura nesses espaços, o que importa é que se ele está produzindo ou consumindo ele está tendo prazer, que é o que todos procuram.

Também se encontram alguns estereótipos nesses espaços. Em muitos momentos me deparei com situações que me fizeram pensar em padrões de comportamento muito semelhantes a determinados tipos comuns que vemos no

nosso cotidiano. O macho-alfa, por exemplo, encarado pelo Pauzudo. Há coisa mais estereotipada do que você se apelidar em uma rede social de sexo de Pauzudo? Não é no diminutivo que ele se nomeia, mas no aumentativo, com referência direta ao seu sexo. Além disso, o seu comportamento de macho com h maiúsculo que sai com todos e com todas e que coloca o seu pênis em qualquer lugar que seja possível a penetração demonstra um pouco sobre o que ele quer dizer no final das contas com o apelido de Pauzudo.

Também acompanhei o casal que gostava de reproduzir o papel do corno e da puta. Nos dois casos, essa caracterização estava envolvida nos seus comportamentos sexuais com os homens que saíam e faziam parte dos papéis que desenvolviam no interior dessas relações. O que deu para perceber é que havia uma brincadeira com esses estereótipos, mas que, no fim das contas, não havia um olhar crítico das partes sobre esses papéis, pois eles serviam como “personagens” que eram vestidos como fantasias sexuais e “autorizadas” por ambos os lados para que acontecessem naquelas circunstâncias. No entanto, as suas visões sobre o homem traído ou sobre a mulher que trai o homem fora do casamento não eram questionadas. A estereotipia servia como prazer e não como questionamento crítico das convenções.

No fim, tudo leva ao sexo. Mas não só a relação sexual propriamente dita. O intuito não só é perceber o sexo em si mesmo, mas “como” se chega à relação sexual e “como” essa relação se configura, articulada a variados roteiros sexuais que giram em torno de aspectos externos (culturais), internos e intrapsíquico, isto é, as fantasias individuais e o “relacional” que residiriam nas interações entre os vários sujeitos. Descobrir esse “como” faz com que, aos poucos, a força de linguagem utilizada de ser só o sexo comece a ficar um pouco borrada, no sentido de perder o seu significado enquanto redutora e esvaziadora de qualquer problematização sobre o sexo e, acima de tudo, em como as relações sexuais estão inseridas e podem manter um movimento de atração e distanciamento de questões como o desejo, a sexualidade, as relações entre as pessoas, o casamento, entre outros fatores que interagem com aspectos mais gerais como as investigações de gênero, os estudos sobre o sexo e os dilemas historicamente colocados sobre a nossa sexualidade e os usos que fazemos sobre ela.

4.5. Relação entre mercado e sexo

Há um diálogo forte entre o mercado e sexo. Como já expliquei, esse diálogo é mantido entre a indústria pornográfica, o discurso sexual vigente e a performatividade através dos personagens que constituem essa rede de sexo estudada aqui. O conteúdo produzido e consumido se caracteriza por esse discurso do original e da exclusividade sexual encerrada na ideia do amador. E já existem empresas que exploram as potencialidades desses discursos. Os lugares de pesquisa que analisei aqui são alguns deles. Essas demandas de consumo e demandas de mercado ficam caracterizadas especificamente pelo caso das casas de swing e das redes sociais de sexo pela internet, como analisei nas partes três e dois deste trabalho.

Esse tipo de produto só veio a se desenvolver no Brasil, pelo menos nas últimas duas décadas. Com o incremento da internet as opções variaram e se havia ainda algum receio de poder se aventurar e tentar encontrar alguém interessado em sexo, as possibilidades se multiplicaram com o advento dela. Salas de bate-papo, aplicativos de conversas instantâneas, até as redes sociais e finalmente a portabilidade desse aplicativo a partir dos dispositivos móveis. Tudo isso hoje está próximo de todos nós através de um simples clique no celular.

É importante salientar que esses produtos não são simplesmente uma resposta ao público que pede por tecnologias que os aproximem e que façam ter mais encontros e mais prazer. Da mesma forma que o comportamento dessas pessoas dialoga com desdobramentos mais gerais, esses produtos também refletem esses discursos. A sexualidade encenada pela indústria pornográfica, assim como as visões estéticas, de liberalização sexual dos sujeitos e a sua maximização em torno de resultados sexuais e em termos de prazer estão na ordem do dia dessas ferramentas. Na verdade é um movimento de retroalimentação. Enquanto há uma demanda que tenta identificar possibilidades de corresponder ao que é dito e permitido fazer em termos sexuais, há um conjunto de dispositivos que tentam estimular a maximizar esses desejos.

Esse mercado nada mais é do que uma parte dentro desse conjunto de técnicas que tem como ponto básico dialogar com as subjetividades em torno dos interesses que constituam uma sexualidade dinâmica, higiênica e performativa, no

sentido dos resultados esperados, como o prazer, por exemplo, e acrítica, no sentido de não ser questionadora de processos subjetivos que possibilitem fazer do sexo ferramenta de resistência a processos de regulação e controle, sendo muito mais reafirmadora e constitutiva de um discurso sexual considerado saudável e pretendido por muitas pessoas. Um dos fatores é a geração de processos de positivação que criam subjetividades que agregam as suas adjetivações valores como os de liberdade sexual, experiência com o sexo e busca da felicidade individual. Essa mesma força que impulsiona e que torna esses movimentos subjetivos positivados também não deixam de reafirmar o casamento, independente de qual seja a configuração conjugal em seu interior, os códigos morais e os procedimentos que inventam, cotidianamente, o que se considera um comportamento normal e anormal em torno dos dispositivos sociais existentes.

5. REFERÊNCIAS

BARTELL, G. D. Group sex among the mid-Americans. *J. Sex Res.* 6: 113-130. EUA, 1970.

BARTELL, Gilbert. *Amor em grupo. O testemunho visual de um cientista sobre o amor grupal, o 'american way of swinging'*. Rio de Janeiro: Artenova, 1971.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004

Berquó E (coord). *Comportamento sexual da população brasileira e percepções do HIV/AIDS*. Ministério da Saúde, Série Avaliação, nº 4, Brasília, 2000.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. São Paulo: Bertrand, 2003.

BOZON, Michel. *Sexualidade e conjugalidade - a redefinição das relações de gênero na França contemporânea* In: *Cad. Pagu*, nº 20, 2003. p. 131-56.

BRAZ, Camilo Albuquerque de. *À meia luz: uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculinos*. Tese apresentada ao Programa de Doutorado em Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP. Campinas: UNICAMP, 2010.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.1)* São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DELEUZE, Gilles. *Post-scriptum sobre as sociedades de controle* In: DELEUZE, Gilles. *Conversações: 1972-1990*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p. 219-226.

DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira; FÍGARI, Carlos Eduardo. Prazeres dissidentes. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

FACCHINI, Regina & MACHADO, Sarah Rossetti. Do sadomasoquismo erótico ao bdsm: discursos de legitimação, direitos sexuais e convenções sociais sobre gênero e sexualidade no contexto brasileiro pós-redemocratização. Trabalho apresentado no Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos). Florianópolis, 2013.

FERREIRA, Ricardo Franklin; CALVOSO, Genilda Garcia; GONZALES, Carlos Batista Lopes. Caminhos da pesquisa e a contemporaneidade In: Psicol. Reflex. Crit., Porto Alegre, v. 15, n. 2, 2002. p. 243-50.

FONSECA MGP, Castilho EA. Os casos de AIDS entre usuários de drogas injetáveis. Brasil, 1980-1997. Boletim Epidemiológico - AIDS, X (2): 6-14, SE 23 a 35, 1997.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1999a.

_____. Vigiar e punir. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

_____. A arqueologia do saber. Petrópolis: Vozes, 1972.

FRY, Peter. Para inglês ver. Identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

GAGNON, John H. Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GILMARTIN, B. G. Sexual deviance and social networks: A study of social, family, and marital interaction patterns among co-marital sex participants. In Smith, J. R., and Smith, L. G. (eds.), *Beyond Monogamy: Recent Studies of Sexual Alternatives in Marriage*, Johns Hopkins Press, Baltimore, 1974.

GOLDENBERG, Miriam. A outra: a amante do homem casado. São Paulo: Bestbolso, 2009.

HUMPREYS, Laud. *Tearoom Trade. Impersonal sex in public places*. Chicago: Aldine publishing company, 1970.

JENKS, Richard J. A comparative study of swingers and nonswingers: Attitudes and beliefs. *Lifestyles: J. Chang. Patterns. EUA*, 1985.

_____. Fear of AIDS among swingers. *Ann. Sex Res. EUA*, 1992.

_____. *Swinging: A Review of the Literature*. Archives of Sexual Behavior, Vol. 27, No. 5. EUA: Plenum Publishing, 1998, p. 507-521.

KUBRICK, Stanley. De olhos bem fechados. EUA, 1999.

LEITE JÚNIOR, J. Tudo muito além de sua imaginação - sexualidade, entretenimento e pornografia bizarra. In: 29 ANPOCS, 2005. Caxambu, 2005.

LEITE JÚNIOR, Jorge. Das maravilhas e prodígios sexuais: a pornografia “bizarra” como entretenimento. São Paulo: Annablume, 2006.

LATOUR, Bruno. Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator-Rede. São Paulo: EDUSC, 2012.

PALSON, C., and Palson. Swinging in wedlock. *Society* 9: 28-37. EUA, 1972.

MANFFESOLI, Michel. A sombra de Dionísio. Porto Alegre: Zouk, 2005.

MEINERZ, Nádia Elisa. Um olhar sexual na investigação etnográfica: notas sobre trabalho de campo e sexualidade In: BONETTI, Alinne. Entre saias-justas e jogos de cintura. Rio Grande do Sul: EDUNISC, 2007, s/p.

PELÚCIO, Larissa. Abjeção e desejo: um etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids. São Paulo: Annablume, 2009.

PELÚCIO, Larissa & CERVI, Mariana. Infidelidades.com: a economia dos afetos e tensões das conjugalidades contemporâneas em um site que vende traição sigilosa. Trabalho apresentado no Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos). Florianópolis, 2013.

PRECIADO, Beatriz. Manifiesto contra-sexual. Madrid: Opera Prima, 2002.

SILVEIRA, Raphael Moraes da. "Tudo é permitido..." - Um breve olhar etnográfico do empoderamento feminino e convenções de mercado em um clube de swing. Trabalho apresentado no Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos). Florianópolis, 2013.

SINGLY, François de. Sociologia da família contemporânea. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

VASCONCELOS, Edson. O sexo e a cidade: notas sobre as sexualidades e a vivência no swing. Caderno Espaço Feminino. v. 25, nº2. Uberlândia: UFU, 2012. p. 192-204.

VIEIRA, Samella dos Santos. Etnografias nas noites de swing: performances de gênero e sexualidade na troca de casais. Trabalho apresentado no Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos). Florianópolis, 2013.

WALSHOK, M. L. The emergence of middle-class deviant subcultures: The case of swingers. *Soc. Probl.* 18: 488-495. EUA, 1971.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Brasília: Editora UnB, 2000.

WEID, Olivia van der. *Adultério consentido: gênero, corpo e sexualidade na prática do swing*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

ZAGO, Luís Felipe. *Os meninos – Corpo, gênero e sexualidade em e através de um site de relacionamentos*. 2013. 331 f. Tese (Doutorado em Educação) -Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013

APÊNDICE

APÊNDICE
Roteiro de pesquisa semiestruturado²⁹

Roteiro da entrevista com o membro do casal

Informações sócio demográficas:

Nome;
Sexo;
Ano de nascimento;
Local de moradia;
Ocupação;
Escolaridade;
Renda aproximada;
Parceria;
Nº de filhos.

Descoberta para o swing:

*Desde quando o (a) senhor (a) é swinger?
Como descobriu o swing?
O que pensou ao acessar as primeiras informações sobre a temática?
Tinha conhecimentos sobre o swing antes de ter uma relação estável?
Que conhecimentos eram esses e como os adquiriu?
Mudou o que você pensava sobre o swing? Se sim, o que e por quê?*

Relacionamento a dois:

*Como vocês se conheceram?
Quem apresentou o swing?
O swing trouxe algum tipo de mudança em seu relacionamento? Poderia falar sobre isso?
Poderia falar sobre o que representa o cotidiano do swing em sua vida?
Que tipo de canais utiliza para entrar em contato com outros swingers?
Participa de alguma comunidade virtual?
Já participou de alguma relação com casal onde o seu parceiro (a) não estava presente? Ele (a) sabia da sua participação?
Como é a relação de vocês?
Mudou alguma coisa depois do swing? Se sim, o que foi?
Já foi a alguma casa de swing? Se sim, o que achou?
O senhor (a) já se sentiu atraído (a) por alguém fora do swing? Em que situação isso ocorreu?
Já se apaixonou por alguém com que você fez swing?*

Cotidiano, conjugalidade e swing:

²⁹ Este Roteiro de entrevista foi baseado em material análogo utilizado pelo projeto *Casais soro-discordantes no Estado da Paraíba*, vinculado ao **GRUPESSC** – Grupo de Pesquisa em Saúde, Sociedade e Cultura e coordenado pelos professores Artur Perrusi, Monica Franch e Maria de Fátima Araújo.

Com quem o senhor (a) mora atualmente?
Como é conviver no cotidiano com o swing? Quem na sua casa sabe do swing?
Como e por que contou para essas pessoas? O que elas dizem sobre o swing?
E o restante da sua família, quem sabe que é swinger?
Seus amigos sabem que você pratica o swing? Por quê?
No seu trabalho, alguém sabe que o (a) senhor (a) é swinger? Tem alguma religião? Frequenta?

Vida afetivo-sexual:

O senhor (a) sozinho(a) já teve algum tipo de relação com outro casal? Informou ao parceiro(a)? Quando e como? Como foi a reação dele(a)? Essa pessoa também já teve? Mantém algum tipo de relação? Como é essa relação?
Como, quando e aonde conheceu seu (sua) atual parceiro(a)?
Como define sua relação com seu parceiro (a)? O que representa o (a) seu (sua) parceiro (a) em sua vida?
De quem partiu o interesse no swing? Como foi contar para essa pessoa sobre o swing? (Caso se aplique) Qual foi a reação do seu (sua) parceiro (a) ao saber do swing?
O relacionamento mudou após o conhecimento do swing? Se sim, em que e por quê?
Como é essa questão da confiança, agora? E a fidelidade?
O que representa se relacionar com outro casal/ com mais um homem/ ou, com mais uma mulher?
Nas outras relações, já havia acontecido algo parecido?
Como é a sua relação com a família do seu parceiro?
A família do seu parceiro sabe que o senhor (a) pratica o swing? Se sim, como ficaram sabendo? Alguma vez eles já teceram comentários sobre esse fato?
Alguma vez o senhor (a) e seu (sua) parceiro (a) pensaram em romper a relação por conta de algum problema relacionado ao swing? (Caso sim, de quem partiu a intenção e por quê?)
O swing mudou alguma coisa em seu relacionamento sexual? Caso sim, o quê?
Que tipos de carinho o senhor (a) gosta de receber e fazer quando namora?
Faz isso com seu parceiro?
O senhor (a) e seu (sua) parceiro (a) fazem sexo com que frequência? Poderia descrever que tipo de contatos sexuais vocês têm? Praticam sexo oral? Praticam sexo anal?
O que mais gosta de fazer com seu (sua) parceiro (a)?
O que mais gosta de fazer quando está com praticando o swing?
Há alguma prática sexual da qual o senhor (a) goste de fazer especialmente quando está no swing?
Há alguma prática proibida para o senhor(a) no swing?
Quando seu (sua) parceiro (a) está com outra (o) mulher (homem), existe algo de especial que o senhor (a) peça para que ele (a) faça? Existe alguma restrição?
O senhor (a) já sentiu medo de alguma situação?
O que o senhor (a) acha do uso de preservativos? O senhor (a) e seu (sua) parceiro (a) usam preservativos? Caso sim: em todas as relações? O senhor (a) e seu (sua) parceiro utilizavam preservativo antes do swing? Se não, como foi passar a usar a camisinha?

Roteiro da entrevista com casal

Há quanto tempo vocês se conhecem?

Como é a rotina do casal?

Para vocês, o que é o swing?

Porque você acha que seu (sua) parceiro (a) te contou sobre o swing?

Qual foi sua reação?

O que mudou na rotina de vocês?

Vocês enfrentam alguma dificuldade em relação ao relacionamento por este motivo?

Frequentam casas de swing? Já foram a algum tipo de evento?